

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO  
MULTIDISCIPLINAR**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS  
POPULARES**

**TESE**

**“O luxo e o lixo”: juventude negra... em meio à cobiça, ao  
silenciamento e à violência**

**Joanna de Ângelis Lima Roberto**

**2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**“O LUXO E O LIXO”: JUVENTUDE NEGRA... EM MEIO À COBIÇA,  
AO SILENCIAMENTO E À VIOLÊNCIA**

**JOANNA DE ÂNGELIS LIMA ROBERTO**

*Sob a orientação do Professor Doutor*  
**Aloisio Jorge de Jesus Monteiro**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutora em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ

Junho de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R639" Roberto, Joanna de Ângelis Lima , 1982-  
"O luxo e o lixo": juventude negra... em meio à  
cobiça, ao silenciamento e à violência / Joanna de  
Ângelis Lima Roberto. - Seropédica; Nova Iguaçu, 2022.  
183 f.: il.

Orientador: Aloisio Jorge de Jesus Monteiro.  
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação,  
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2022.

1. Violência. 2. Juventude Negra. 3.  
Silenciamento. 4. Macaé. 5. Educação. I. Monteiro,  
Aloisio Jorge de Jesus , 1957-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 867/2022 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 22083.046936/2022-23

Serapédica-RJ, 01 de agosto de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

JOANNA DE ANGELIS LIMA ROBERTO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 21/06/2022

Membros da banca:

ALOISIO JORGE DE JESUS MONTEIRO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

RODRIGO LEMA DEL RIO MARTINS . Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

MARCELINO EUZÉBIO RODRIGUES. Dr. CPIL (Examinador Externo à Instituição).

MONICA REGINA FERREIRA LINS . Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

*Documento não acessível publicamente*

*(Assinado digitalmente em 02/08/2022 12:25)*  
ALOISIO JORGE DE JESUS MONTEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.20)  
Matrícula: 362746

*(Assinado digitalmente em 01/08/2022 22:41)*  
RAMOFLY BICALHO DOS SANTOS  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.20)  
Matrícula: 142676

*(Assinado digitalmente em 01/08/2022 18:05)*  
RODRIGO LEMA DEL RIO MARTINS  
PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.16)  
Matrícula: 189841

*(Assinado digitalmente em 13/08/2022 11:14)*  
MONICA REGINA FERREIRA LINS  
ASSISTENTE TÉCNICO  
CPF: 696.216.407-90

*(Assinado digitalmente em 14/08/2022 18:58)*  
MARCELINO EUZÉBIO RODRIGUES  
ASSISTENTE TÉCNICO  
CPF: 611.875.817-82

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sigas.ufrrj.br/publicdocumentos/index.jsp> informando seu número 867, ano: 2022, tipo: TERMO, data de emissão: 01/08/2022 e o código de verificação: a38ca33101

## **DEDICATÓRIA**

À minha maior produção, Maurício, e às minhas alunas e alunos que muito contribuíram para a minha chegada até aqui. Sem essas trocas que a Educação possibilita, esta tese não seria possível.

## **AGRADECIMENTOS**

Com esses 40 anos na caminhada da vida, tenho o sentimento de gratidão vivo em meu ser. Gratidão à vida e à possibilidade de chegar a esse tão sonhado Doutorado.

Agradeço primeiramente a Deus e a esses companheiros espirituais que me assistem, me amparam e me fortalecem, por meio da nossa Família Represa.

Agradeço à minha mãe Noemí e ao meu pai George, pela dádiva de terem aceitado a difícil tarefa de me educar, dando-me a oportunidade desta encarnação.

Agradeço ao meu irmão George, que foi companheiro de muitas horas, e ao meu irmãozinho Georgius Gabriel, por ser esse presente em nossas vidas.

Ao meu amigo, companheiro e agora marido Sandro, por me apoiar e me dar suporte para conseguir concluir mais este sonho.

Ao meu amor, Maurício, por ter aceitado reencarnar através de mim.

A toda a equipe gestora do Colégio Municipal Botafogo, Luiziana, Flávia e Greyce, pelo apoio e por aceitar e permitir esta pesquisa. Com carinho à Greyce pelas trocas e pela interlocução com algumas entrevistadas e entrevistados. À Roselene, que, de forma incansável, replicava meus pedidos para o preenchimento do formulário da pesquisa ao corpo docente.

Ao Corpo Docente, que prontamente aceitou participar. E não vou fazer agradecimentos nominais para não correr o risco de ser injusta e deixar de agradecer a alguém.

À minha eterna orientanda e orientadora, brincadeiras à parte, amiga Aline Moura, que iniciou na Graduação esta tarefa de escrita ao meu lado e que tantas vezes sonhamos com esse momento juntas, entre apresentações de trabalhos e viagens, perrengues e alegrias.

Às minhas companheiras de PPGEduc, nas viagens, nos trabalhos, nas publicações, Marluce Oliveira, Ana Paula Fernandes, Sandra Cruz e Eliane Cruz.

Às companheiras e companheiros de GPMC, que agradeço pelo acolhimento e pelas trocas. Agradeço a todas e todos, em especial, à Monica e ao Luiz.

Agradeço ao professor Ahyas Siss, por ter partilhado comigo a primeira etapa desta caminhada no mestrado.

Ao meu eterno mestre Aloísio Monteiro, que viu não só minha formação, mas também a transformação da menina que chegou à UFRRJ fazendo Educação Física e, hoje, participa deste grande momento como meu orientador do Doutorado.

Às minhas amigas e amigos, às minhas alunas e alunos que fazem de mim o que sou, auxiliando cotidianamente na minha construção como pessoa, educadora e pesquisadora.

Às minhas entrevistadas e entrevistados, que, com muito carinho e com suas falas e escrevivências, contribuíram para esta tese.

À secretária do PPGeduc, Renata, pela paciência e auxílio de sempre.

Tenho muito a agradecer, a todas e todos, que me transpassaram durante essa trajetória, contribuindo cada um da sua forma e de seu jeitinho especial. Esta tese é nossa!

Gratidão , Gratidão, Gratidão!

## RESUMO

ROBERTO, Joanna de Ângelis Lima. **O luxo e o lixo: juventude negra... em meio à cobiça, ao silenciamento e à violência.** 2022. 183p. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ, 2022.

Pesquisas têm mostrado, por vezes consecutivas, que as maiores vítimas da violência são os jovens negros do sexo masculino. Nosso trabalho nasce e se consolida com base nesses dados, em consonância com a realidade dos moradores de uma comunidade em Macaé. Uma cidade rica, conhecida como a “Capital Nacional do Petróleo”, banhada pelo Oceano Atlântico, tem destaque nacional, com desenvolvimento em sua estrutura e grandes investimentos na cidade, movimentando grande fluxo de imigrantes e pessoas não residentes, uma cidade promissora, que, por conta desse petróleo, cria empregos direta e indiretamente na economia da região, além de ser dona de uma beleza inquestionável. No entanto, existe um enorme grupo de excluídos, que vive à margem do progresso da cidade, ficando apenas com os resíduos dessas riquezas e formando uma sociedade extremamente desigual, ou seja, uns vivendo o luxo, enquanto outros vivem do lixo, como uma juventude negra que sobrevive à violência em meio à cobiça dos donos da cidade e ao silenciamento cotidiano. Pensando como questão de estudo as ausências do Estado e a violência criada a partir destas, o intuito da presente tese é apresentar um debate sobre a forma como as ausências do Estado, no que se refere aos direitos básicos garantidos pela Constituição, influenciam o processo de violência instituída, analisando, ainda, os processos de construção e reconfiguração dessa condição de violência no cotidiano da juventude negra, bem como apresentar as brechas em que essas juventudes fazem suas intervenções e tentam de alguma maneira compensar essa ausência, observando qual é o lugar dessa juventude nesse contexto. Na fundamentação teórica da tese trabalhamos com cinco categorias centrais: desigualdade; decolonialidade; racismo; violência; e juventudes. Trazemos para a perspectiva teórica os autores da Modernidade/colonialidade que nos amparam por meio da pedagogia decolonial. Como metodologia, utilizamos entrevistas semiestruturadas com ex-alunas e ex-alunos, professoras, professores e funcionárias da escola que são moradoras da comunidade.

**Palavras-chave:** Juventude negra, violência, silenciamento.

## ABSTRACT

ROBERTO, Joanna de Ângelis Lima. **O luxury and garbage: black youth... in the middle of greed, silence and violence.** 2022. 183 p. Thesis (Doctorate in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

Research has repeatedly shown that the biggest victims of violence are young black males. The work is born and reinforced based on this data in line with the reality of the residents of a community in Macaé. A Rich City, known as the “National Capital of Oil”, bathed by the Atlantic Ocean, in which has national highlights, with development in its structure and large investments in the city, moving a large flow of immigrants and non-residents, a promissory city, in view of the fact of this oil; it creates direct and indirect jobs in the economy of the region, besides being unquestionable in its beauty. Nonetheless, there is a group of excluded people, who live on the border of the progress of the city, only keeping the enormous results of wealth, forming an extremely unequal society, that is, while ones live off the garbage, like a black youth who survives violence amidst the greed of the city's owners and the daily silencing. Thinking as a matter of study the absences of the State and the violence created starting from them, the main goal of this thesis is to present a debate of how the absence of the State regarding to the basic rights guaranteed by the constitution, how they influence in the process of instituted violence, also analyzing the processes of construction and reconfiguration of this condition of violence in the daily life of black youth, as well as presenting the gaps in which these youths as they make their interventions and try somehow to compensate for this absence, observing where is the place of this youth in this context. In the theoretical foundation of the thesis, we work with five central categories: inequality; decoloniality; racism; violence and youth. We bring to the theoretical perspective the authors of Modernity/coloniality that support us through decolonial Pedagogy. As a methodology, we used semi-structured interviews with former students; teachers and school employees who live in the community.

**Keywords:** Black youth, violence, silencing.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Quando uma pessoa deixa de ser jovem?	38
Gráfico 2:	Pergunta 6: Você já sofreu algum tipo de agressão dentro da sala de aula?	65
Gráfico 3:	Pergunta 6.1: Em caso afirmativo, quais foram elas?	65
Gráfico 4:	Questão 9: Você acha que, hoje em dia, a escola pode administrar problemas relacionados à violência?	87

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Interseccionalidade ou eixos de subordinação	31
Figura 2:	Mapa da localização de Macaé no estado do Rio de Janeiro	41
Figura 3:	Igreja de Sant'Anna	43
Figura 4:	Sociedade Musical Nova Aurora	44
Figura 5:	Lyra dos Conspiradores	45
Figura 6:	Apresentação dos Bois Pintadinhos na quadra da escola	52
Figura 7:	Casa de chapa	60
Figura 8:	Casa de táboas	61
Figura 9:	<i>Prints</i> de informações sobre a comunidade nas redes sociais	75
Figura 10:	Símbolo do Movimento Negro de Mulheres	83
Figura 11 –	Frase 2 : Você é uficiente	83
Figura 12:	Frase 8: Boas energias hoje e sempre	84
Figura 13:	Frase 16: Acredite em você mesmo	84
Figura 14:	Desabafo1	86
Figura 15:	Desabafo 2	86
Figura 16:	Mensagem de terror	115
Figura 17:	Linhas de ônibus suspensas	119
Figura 18:	Bairro da Glória	120
Figura 19:	Frota de ônibus regularizada	121
Figura 20:	Foto da quadra em 2018	135
Figura 21:	Foto atual da quadra	136

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Você se considera: adolescente, jovem ou adulto?	38
Tabela 2:	Pergunta 6.2: Você prestou queixa ou tomou alguma providência pelo fato?	66
Tabela 3:	Sexo dos agressores	67
Tabela 4:	Fatores que contribuem para a existência da violência na escola	68
Tabela 5:	As consequências da violência na escola	87
Tabela 6:	Para você, a solução passa pelo papel do professor?	89
Tabela 7:	Insultos/agressões	144
Tabela 8:	Sofreram preconceito, mas não descreveram	146

## LISTA DE SIGLAS

Cemeaes	Centro Especializado ao Escolar
CETEP	Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante
CMB	Colégio Municipal Botafogo
EF	Ensino Fundamental
EI	Educação Infantil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
EMART	Escola Municipal de Artes Maria José Guedes
FeMASS -	Faculdade Miguel Ângelo da Silva Santos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LIECAM	Liga Independente das Entidades Carnavalescas de Macaé
MOACIRZÃO	Estádio Municipal Dr. Claudio Moacyr de Azevedo
PIB	Produto Interno Bruto
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEMDS DH	Secretaria de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos e Acessibilidade.
SINPRO	Sindicato dos Professores
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	14
<b>1 CONSTRUINDO CAMINHOS, SITUANDO O PROBLEMA</b>	23
1.1 Primeiros passos	23
1.2 Arrancando as correntes pós-coloniais	25
1.3 De que violência falamos	32
1.4 Sobre a “exceção” de ser jovem, preto e periférico	35
<b>2 MACAÉ: A PRINCESINHA DO PETRÓLEO</b>	41
2.1 Um passeio por Macaé: história, formação e cultura	42
2.2 A Educação em Macaé e o colégio pesquisado	48
2.2.1 O Colégio Municipal Botafogo	50
<b>3 ENTRE “LUXOS” E “LIXOS” NO CORAÇÃO DA FAVELA: ESCREVINHAR PARA NÃO SILENCIAR</b>	55
3.1 Caminhos trilhados	62
3.2 O formulário: alinhavando falas e pensamentos à teoria	63
3.3 Retalhos diários: as escrevivências de cada dia	93
3.3.1 Encontros e desencontros de 2022	102
3.4 Trabalho sobre o filme <i>Mãos talentosas</i>	142
3.5 As escrevivências para além das ausências	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	156
<b>REFERÊNCIAS</b>	162
<b>ANEXOS</b>	169
<b>Anexo A</b> – Educação em Macaé em números	170
<b>Anexo B</b> – Relatório de matriculados do CMB	172
<b>Anexo C</b> – Formulário do Corpo Docente	174
<b>Anexo D</b> – Entrevista com a defensora pública de São Paulo Daniela Skromov	179
<b>Anexo E</b> – Roteiro de entrevista para os atores da <i>web-série</i>	182
<b>Anexo F</b> – Roteiro de entrevista para os ex-alunos	183

## INTRODUÇÃO

Todo o processo de uma pesquisa deve ser prazeroso, de forma que, sem o prazer, não haverá a identidade de quem a traçou. No decorrer desses meses, tenho experimentado, além dos prazeres da escrita, também suas dores, vivido e rememorado os caminhos percorridos em que, além de flores, encontramos duros espinhos e pedras. Com as flores, ficam o perfume e os enfeites da estrada. Com os espinhos, delicadamente aparo as diversas arestas. E, com pedras, construo escadas e pontes para alcançar os objetivos e transpassar os obstáculos. Dentro das memórias, uma recente é a epígrafe da minha dissertação: uma frase de Madre Teresa de Calcutá, que tem muito a ver com minha trajetória e é como me vejo no momento atual: “Por vezes, sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

De fato, eu seria menor ou pior se não fossem as minhas construções diárias como educadora negra, e, por intermédio dos jovens, meus alunos e minhas alunas, que vivem em meio à violência, que me construo. Ouvir que não sei o que eles passam, que não sinto o que eles sentem, que venho de um lugar diferente, que minha história não é nem um pouco parecida com as histórias deles, acaba distanciando-me dessa realidade, e é por esse fato que digo que minhas alunas e alunos contribuíram e contribuem para que eu não me contentasse em ficar apenas com minha graduação em Educação Física, que fosse buscar mais, para que pudesse compreendê-los e ajudá-los e, com esse percurso, construindo-me a cada dia no que sou.

Lembro-me de ter iniciado minha dissertação com a seguinte frase: “Mulher, negra, professora e pesquisadora”, logo em seguida, relato como fui me construindo ao longo dos meus 31 anos, na época, em meio às interferências e às influências. No segundo parágrafo, inicio assim: “Filha de mãe branca e pai negro”. Falo das minhas identidades para justificar o porquê de falar sobre “Educadoras negras: construções docentes, de raça e de gênero”. Sim, por muitos, não sou vista como negra, mas é assim que me declaro, pois minha trajetória deu-me a oportunidade de reconhecer-me como tal.

No entanto, o meu reconhecimento não me basta em alguns espaços e momentos, pois o meu tom de pele nem sempre “joga” a meu favor. E, se digo que não joga a meu favor, é pelo fato de nem sempre ter o direito do “lugar de fala” em todos os ambientes em que se debate a temática negra. Em alguns, sinto-me no não lugar de fala, o que me afastou da minha primeira sujeita da pesquisa, que acredito ter sido eu mesma, e não as quatro educadoras negras entrevistadas para minha dissertação.

Mas sou educadora negra e, como educadora negra, sou sensível à causa negra, não que as não negras não deveriam ser ou não sejam, mas foi por meio do meu reconhecimento que adquiri essa sensibilidade, formando, junto a outras educadoras negras, a base da pirâmide educacional. Somos a maioria na educação, no entanto, o prestígio e o reconhecimento salarial não chegam à grande parte dessa base. Falar de mulher negra na sociedade brasileira é bastante doloroso, pois é falar de um sofrimento que não é qualquer mulher que sofre, mas a que sente na pele o que é ser negra.

Hoje preciso novamente explicar por que quero tratar do tema “violências e juventudes negra em Macaé”, se não sou mais jovem e não moro em uma comunidade/favela<sup>1</sup> violenta de Macaé. Embora seja moradora da Baixada Fluminense, local bastante violento, basta ler o livro do Professor José Cláudio Souza Alves, *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*, não estou na constante linha de frente como meus alunos. E já que a Baixada é tão violenta, por que não estudar a baixada?

Como professora do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, e da prefeitura de Macaé, uma cidade litorânea do estado do Rio de Janeiro, atuo na educação básica. Em ambos os casos, atendo crianças e jovens de bairros periféricos e com um poder aquisitivo reduzido, mas são cidades com características totalmente diferentes, que nem cabe comparação.

Nova Iguaçu, com 796.257 habitantes no último censo, a maior cidade da baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, apenas a 28 km da capital, conhecida como a “Capital da Baixada”, sendo a mais antiga, de onde surgiram as outras cidades da Baixada. Possuidora de grande centro comercial e financeiro, com grandes indústrias, principalmente nos ramos de cosméticos, de alimentos e siderúrgico, com um PIB de 20.625,93 reais.

Macaé, uma cidade na Região Norte Fluminense, banhada pelo Oceano Atlântico, com 206.728 habitantes, a “Capital do Petróleo” e também conhecida como a Princesinha do Petróleo. Tem destaque nacional, com desenvolvimento em sua estrutura e grandes investimentos na cidade, movimentando grande fluxo de imigrantes e pessoas não residentes, “aparece como uma cidade promissora, que, por conta deste petróleo, potencializa a criação de empregos diretos e indiretos na economia da região” (OLIVEIRA, 2005, p.169), além de ser dona de uma beleza inquestionável e com um PIB invejável, de 73.412,55 reais.

---

<sup>1</sup> Mais à frente, entraremos no debate conceitual sobre os termos comunidade e favela.

Para justificar a pesquisa na cidade de Macaé, e não na cidade de Nova Iguaçu, podemos, primeiramente, pensar na diferença da população habitacional e a relação do PIB dessas cidades. Nova Iguaçu tem mais que o triplo de habitantes de Macaé, que tem mais que o triplo do PIB de Nova Iguaçu. Isto é, existe muita pobreza em ambas as cidades, mas, em Macaé, a relação de habitantes/PIB nos faz perceber que existe um enorme grupo de excluídos, que vive à margem do progresso da cidade, ficando apenas com os resíduos dessas riquezas e formando uma sociedade extremamente desigual, ou seja, uns vivendo o “Luxo”, enquanto outros vivem do “Lixo”, em meio à “Cobiça”, ao “Silenciamento” e à “Violência” cotidiana. Logo, essa desigualdade justifica o recorte da pesquisa, que apresenta o discurso da parte excluída dessa sociedade, que vem a ser a juventude negra em Macaé.

Durante esse processo de construção e pela busca desta pesquisa, aproximei-me mais dessas e desses jovens da comunidade/favela em que trabalho na cidade de Macaé e me tornei uma “sujeita implicada” (MARTINS FILHO; NARVAI, 2013) na pesquisa. Por conseguinte, vejo, e com isso sofro, não a dor deles, mas a dor que acho que sofrem, pois percebo como são tratados, muitas vezes, como marginais e, por isso, sofrem como os marginais sofrem. Digo marginais por serem marginalizados, por estarem à margem oposta, à margem do território que podem ocupar, sendo vistos como os Outros também pela pedagogia e pelas políticas socioeducativas, “mas, passíveis de serem aproximados por pontes ou pinguelas” (ARROYO, 2012) feitas por meio da Educação.

Quando olhamos do ponto de vista do sistema dominante é que essas crianças são “deficientes”, “carentes”, “marginais”. É que o sistema precisa criar uma ideologia da marginalidade para justificar as suas leis ou as suas injustiças e seu aparato policial-militar. É o sistema quem fabrica os marginais através das suas instituições. Precisa primeiro dizer que as pessoas são marginais para depois poder tratá-las com seus cassetetes. (LEAL, 1988, p. 28).

Pretendo, por meio de uma fala simples e mais suave possível, discorrer sobre essas dores de uma forma que possa ser entendida pelos “sujeitos” intrínsecos à pesquisa. Sujeitas e sujeitos cuja escrevivência<sup>2</sup> mais importa no momento, protagonistas não só da educação, mas também deste trabalho.

Quando apresentei minha pesquisa em uma disciplina, como um trabalho desta, ninguém conhecia o lado de Macaé que me propunha a estudar. Conheciam apenas a fama de Princesinha do Petróleo, do “Ouro Negro”, mas não o descaso com a população negra

---

<sup>2</sup> Conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>.

favelada, bem como, com as/os jovens negras e negros, que deveriam ser os verdadeiros “Ouros Negros” dessa cidade e foco de investimento, não o oposto, tendo precarizado suas formas de sobreviver desde a infância e sendo vistos como violentos, perigosos, o que reafirma o pensamento abissal (ARROYO, 2014). Mesmo sendo berço cultural de personalidades, no entanto, aplica poucos investimentos em alguns setores administrativos que são subalternizados de forma irrefutável, arremessando-os no descaso social, cultural e econômico.

Trago uma metáfora no título deste trabalho para nos fazer pensar nos lixos que são produzidos no meio de tanto luxo. *O luxo e o lixo: juventude negra... em meio à cobiça, ao silenciamento e à violência*, foi inspirado no carnaval de 1989, que parecia despolitizado e, neste ano, lembrado, em uma homenagem ao famoso e saudoso carnavalesco Joãozinho Trinta,<sup>3</sup> considerado por muitos como o maior desfile do carnaval da “Deusa da Passarela”. A mídia, contando sua história, fez o seguinte destaque: “Beija-flor: do luxo ao lixo, bilha a comunidade da Baixada na avenida” (GARDO; OLIVEIRA; AMAZONAS, 2015),<sup>4</sup> ao falar do surpreendente enredo “Ratos e urubus, larguem a minha fantasia” e ao expor o lixo e a miséria do Brasil, apresentando no sambódromo seus carros e alas repletos de lixo, compostos por “mendigos, bêbados e menores carentes de Nilópolis”,<sup>5</sup> além do seu famoso “Cristo mendigo”, que causou polêmica e fez dele um carnaval proibido, gerando ação judicial pela Igreja Católica e sendo a imagem proibida pela Justiça. A alegoria passou pelo desfile coberta por um saco de lixo preto com a epígrafe “Mesmo proibido, olhai por nós”. Mesmo com o vice-campeonato, esse desfile ficou para a história. Tinha apenas 7 anos à época, e ele hoje me faz pensar como a exclusão, ou seja, a falsa inclusão, compromete não só os desfiles de carnaval, mas também nossas escolas, transformando nosso público em lixo, trapo descartável, resto, e desvalorizando o preto pobre em favor do preto nobre.

Partindo do exposto, faz-se uma “inclusão” para negar uma possível exclusão na cidade “Princesinha do Petróleo”; há exclusão de negros onde o negro petróleo vale como ouro, realizando-se uma “coisificação” e um menosprezo dessa juventude pobre. Esse negro da realeza, petróleo, provém de restos de matérias orgânicas (restos de animais e vegetais) empurradas para as camadas mais profundas e em condições de pressão e temperatura elevadíssimas. E, na ausência do oxigênio, leva milhões de anos para ser formado, o que faz

<sup>3</sup> João Clemente Jorge Trinta, artista plástico e carnavalesco (23/11/1933-17/12/2011). Disponível em:

<sup>4</sup> <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/beija-flor-do-luxo-ao-lixo-brilha-comunidade-da-baixada-na-avenida-15172161#ixzz655ZEcVeYstest>.

<sup>5</sup> Onde fica localizada a Escola de Samba. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/arquivo/quem-nao-seguiu-o-mendigo-joaozinho-beija-flor/>.

dele tão valioso e um recurso esgotável, diferentemente da juventude negra, que nunca se esgotará, apesar do abandono a que muitas vezes é relegada. O petróleo com alto valor econômico para a sociedade, onde a juventude negra que, por décadas, teve seu valor diminuído devido ao histórico colonial e às estruturas racistas persistentes no âmago do nosso país.

Então, por que nossos jovens negros que também vivem sobre temperaturas quentíssimas e pressões elevadíssimas dessa sociedade não são valorizados da mesma forma? Por não levarem milhões de anos para serem formados e, por isso, serem substituíveis? Por não serem negros da realeza? Por não trazerem retornos de altos lucros para os donos dessa princesinha? Ou por terem tantos potenciais quanto o petróleo, e isso ser um motivo de preocupação em uma possível quebra na manutenção do *status quo*, intensificando essa aversão, fazendo deles excluídos e tendo suas vidas, culturas e sonhos invisibilizados?

Elucidamos que, aqui, “excluídos” são entendidos na visão de Arroyo (2009). Sendo um termo que passou a ser utilizado com mais frequência após o neoliberalismo, afirma-se que, se existe excluído, é por que se pode incluir, ou seja, “a exclusão como o princípio para entender sua produção e as políticas inclusivas como remédio. As pedagogias de inclusão, participação são inventadas do lado dos incluídos para incluir os excluídos” (ARROYO, 2012)

Tendo em vista a realidade das/dos jovens que me proponho a estudar, em sua maioria, negra/o, moradoras e moradores de uma comunidade/favela, vizinhos do tráfico, o que já é normal para eles, além de presenciarem e muitos vivenciarem o grande número de casos de gravidez precoce, o elevado índice de morte de jovens pela violência, a interrupção das aulas por causa das trocas de tiro, os alagamentos, os preconceitos e as discriminações, a violência doméstica e o abandono, trazemos a seguinte questão de estudo: Em que dimensões as ausências do Estado constroem a violência no cotidiano da juventude negra na periferia de Macaé?

Com o intuito de discutir esse problema, o objetivo desta tese é promover um debate sobre a forma como as ausências do Estado, no que se refere aos direitos básicos garantidos pela Constituição, influenciam o processo de violência instituída, analisando, ainda, os processos de construção e de reconfiguração dessa condição de violência no cotidiano da juventude negra, bem como apresentar as brechas em que essas juventudes fazem suas intervenções e tentam, de alguma maneira, compensar essa ausência, observando qual é o lugar dessa juventude nesse contexto.

Para dar conta do objetivo proposto, a metodologia desta pesquisa vem tratar das questões teórico-metodológicas, e, nesse sentido, foi importante considerar como questões teórico-conceituais, a análise de alguns conceitos como “juventude”, “violência”, “racismo” e “decolonialidade”.

Para a elaboração desta investigação, foi aplicada a abordagem quantitativa, visto que utilizamos como instrumentos de coleta de dados a análise documental e dos dados, além de utilizarmos a abordagem qualitativa, em razão das narrativas obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com as alunas e os alunos, bem como ex-alunos, questionário por meio de formulário com os professores e o diário de bordo da professora/pesquisadora.

É quantitativa devido à utilização e à interpretação dos dados da pesquisa do Programa Macaé Cidadão 2001-2003. Tínhamos o intuito de apresentar dados recentes, o que não foi possível. Fizemos uma busca por esses dados de 2017 a 2019, indo a todos os setores para onde nos enviaram, sem sucesso. A finalidade maior da obtenção desses dados era podermos contribuir, pensando políticas públicas para as juventudes da comunidade/favela estudada.

E, para tanto, é preciso ter em mente a contribuição do conceito de Regina Novaes (2011), de que, em se tratando de “políticas públicas de juventude”, descreve que, quando esta vem “no singular, a primeira palavra que vem à cabeça é ‘educação’”, o que seria a política pública por excelência. No entanto, quando se utilizam no plural, políticas públicas, “a educação não perde sua importância inquestionável, mas já não pode ser a única responsável do Estado. É só no plural que se constrói este singular ‘sujeito de direito’”. Elas podem ser classificadas como universais, atrativas e específicas, em que as universais, básicas ou estruturais são “as que dizem respeito à demanda de distribuição e à universalização do acesso que deveriam contemplar todos os cidadãos, até mesmo os jovens”. As atrativas, preferenciais, ou por afinidade “são dirigidas a um público definido (por critério de renda, ocupações, etc.)”, referem-se às dimensões societárias. E as específicas “(ou exclusivamente para jovens), aquelas que se destinam apenas a grupos etários entre 15 e 29 anos e são desenhadas de acordo com as características e demandas do segmento juvenil que foi definido como ‘público alvo’” (NOVAES, 2011, p. 346-347, apud, RAMOS, 2012).

Também é qualitativa por ser esta diversa e flexível, não se utilizando de regras rígidas e podendo ser aplicável em diversos casos. Tem como principal característica o fato de seguir os princípios da tradição “compreensiva” ou “interpretativa” (ALVES-MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 1999).

A investigação inicialmente se dá por meio de uma pesquisa bibliográfica de forma interdisciplinar, num âmbito histórico, cultural, político, social e educacional, no intuito de buscar um aprofundamento teórico sobre a temática em questão.

Pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122).

Quanto às sujeitas e aos sujeitos da pesquisa, a princípio, pensamos em professoras e professores, alunas e alunos, do Colégio Municipal Botafogo a partir de agora C.M.B, localizado no setor verde, onde trabalho, que é formado pelos bairros Aroeira, Malvinas, Botafogo, Virgem Santa, Horto, Jardim Santo Antônio, tem uma população total de 29.660 habitantes, segundo dados publicados em 2015, sendo 14.608 homens e 15.052 mulheres, segundo setor com a maior população negra 63,3%, em que 43,9 % desse total de habitantes ganha entre 1 e 2 salários mínimos. Macaé tem o total de onze (11) setores administrativos, de acordo com a Lei Complementar n.º 214/2012, na qual essa divisão do município em setores “tem a finalidade de descentralizar a administração pública, de forma a melhor atender aos diferentes problemas locais” (GUEDES, 2015, p. 10).

No entanto, devido às múltiplas adversidades encontradas no caminho da pesquisa, incluindo problemas de saúde da pesquisadora, uma gravidez, constantes invasões na comunidade e a pandemia de Covid-19, não obtivemos sucesso na busca pelas alunas e alunos que haviam aceitado o convite de conceder entrevista para nossa pesquisa. Tendo em vista que, nesses dois anos de pandemia, deixaram de ser alunas e alunos da escola.

Houve o retorno parcial às aulas presenciais no mês de julho de 2021, sem a obrigatoriedade das alunas e dos alunos, além de algumas professoras e professores afastados pelo Decreto n.º 085/2021, que mantinha em casa, em *home office*, pessoas com comorbidades e as mães de filhos com idade inferior a seis anos. Outro decreto posterior mantinha em casa as servidoras afastadas com licença aleitamento durante a pandemia e funcionários com comorbidade até o fim do estado de calamidade no Rio de Janeiro. Meu retorno às aulas presenciais se deu em fevereiro de 2022, o que iria impulsionar as entrevistas se não fossem algumas aulas suspensas devido à violência no bairro.

Tivemos o grato reencontro com apenas uma de nossas ex-alunas, hoje aluna do CAP Funemac,<sup>6</sup> que nos forneceu suas falas com muito carinho. Com o intuito de minimizar os danos na pesquisa, realizamos entrevistas, no retorno às aulas presenciais, com duas moradoras que são funcionárias da escola, três ex-alunas e um ex-aluno com histórias exitosas, uma estagiária de Matemática, que também é moradora, além de um ex-aluno e uma ex-aluna que se envolveram em um projeto de *web-série*.

A partir da análise das entrevistas que foram realizadas no período de pico da pandemia, entre 18 de junho e 20 de julho de 2020, por meio de formulário com professoras e professores, utilizamos também as narrativas coletadas de alunas e alunos e análises das fichas de ocorrências individuais, durante o ano letivo de 2019, que compreende os meses de fevereiro a dezembro de 2019, no Colégio Municipal Botafogo.

Segundo o filósofo Benjamin (1994, p. 205), a narrativa “é uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Com base nisso, captar as impressões, experiências, representações e opiniões dessas alunas e alunos.

Dessa forma, acredita-se que, por meio da narrativa, exista a promoção dos discursos dos sujeitos que são atores das suas próprias histórias e experiências, cuja função será a desconstrução e a construção da própria experiência numa relação dialógica em torno de uma cumplicidade de dupla descoberta e, paralelamente a isso, descobre-se no outro e os fenômenos revelam-se em nós.

E, discorrendo sobre narração, Monteiro (2005) afirma que essas trajetórias relacionam-se com o que Benjamin “define como ‘escovar a história a contrapelo’”. São para ele imperativos metodológicos de quem procura entender a forma de uma cultura plural, fundada na rede complexa das diferenças e das relações sociais dinâmicas”.

Para delinear o caminho que será percorrido durante a leitura desta tese, penso ser importante apontar o direcionamento dos capítulos.

No capítulo 1, “Construindo caminhos, situando o problema”, trataremos um pouco da discussão conceitual de juventude, violência e racismo, entrelaçados aos conceitos de favela/comunidade, que igualmente carecem de elucidação por meio dos principais autores que contribuem para a produção desta tese.

---

<sup>6</sup> Colégio de Aplicação da Prefeitura.

No capítulo 2, “Macaé: a Princesinha do Petróleo”, pretendemos trabalhar com a apresentação do município de Macaé, sua formação histórica, passando pelas personalidades da cidade e sua importância cultural. Para isso, enfatizo três pontos que julguei importantes para este momento da pesquisa: a história do Boi Pintadinho; a fundação da Sociedade Musical Nova Aurora e Lyra dos conspiradores; e a Escola Municipal de Artes Maria José Guedes (EMART), incluindo o “boom” do petróleo e suas questões socioeconômicas. Abordamos a questão da educação, seus dados e o colégio pesquisado.

No capítulo 3, “Entre ‘luxos e lixos’ no coração da favela: escrevinhar para não silenciar” elucida os caminhos transcorridos na pesquisa. Trata do encontro entre a teoria desta pesquisa e as vozes das sujeitas e dos sujeitos pesquisados, assim como das ausências do Estado para com a comunidade pesquisada. Trazemos os caminhos trilhados, o que desejamos e o que foi possível, os relatos apresentados no Diário de Bordo desta professora/pesquisadora, um trabalho desenvolvido com as turmas e as “escrevivências para além das ausências” por meio das falas das sujeitas e dos sujeitos entrevistados.

Trazemos, por último, as Considerações finais, que, em nosso ponto de vista, é mais uma pausa para tomar um fôlego para continuar a pesquisa que teve apenas um pontapé inicial.

Com o cuidado de manter o anonimato das entrevistadas e dos entrevistados, pois tenho-me preocupado com a possível identificação desses jovens, o que lhes causaria muitos problemas e o que me causa bastante aflição, tenho refletido em como me aproximar sem que isso possa trazer complicações para os/as eles. Suas narrativas tão enriquecedoras para meu trabalho não podem ser um ponto sensível à sua permanência e à sobrevivência em sua comunidade/favela. Minha intenção nunca foi e nunca será prejudicar essa juventude nem, como eles dizem, “dedurar” ou “Xnoviar”,<sup>7</sup> mas, sim, poder compartilhar suas falas e, juntos, pensarmos formas de mudar a situação em que vivem.

---

<sup>7</sup> Pessoa X9, que entrega os outros, delação.

# 1 CONSTRUINDO CAMINHOS, SITUANDO O PROBLEMA

## 1.1 Primeiros passos

*Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo. (Paulo Freire)*

Como educadora e apaixonada pela educação, acredito que ela seja a salvação de muitas vidas, pois a mim salvou. Salvou da dor de não ser aceita em muitos locais e ser malvista em outros. Minha história, apesar de ter cicatrizes, não chega perto da história dessa juventude negra, moradora, em sua maioria, em comunidades/favelas, que tem o tráfico como vizinho, e assim cresceram, vivenciando casos de violência na rua, em casa, na escola etc.

Impedidos de uma vida menos sufocante ou menos ameaçada, precisando trabalhar, mas tendo um marcador de violência em sua pele, seguem sendo rejeitados em muitos postos de trabalho, simplesmente por causa de seu comprovante de residência, por vezes, tendo que aceitar o emprego que lhes resta, “a firma”<sup>8</sup>.

A desumanização como política no precarizar vidas (ARROYO, 2020, p. 19) faz parte de um projeto de Estado que nos leva a acreditar ser normal ver jovens ameaçados colocados como criminosos, e não como vítimas. Somos alertados, mas também questionados por Arroyo (2020, p. 20):

Aprofundar como educadores esses seletivos modos, representações em nossa história e com destaque no presente de decretar-nos síntese do humano único e os Outros os in-humanos. [...] Com que humano se tem identificado o pensamento pedagógico em nossa história social, política, cultural, pedagógica? Que coletivos étnicos, raciais, de gênero, classe são reconhecidos como símbolos dos humanos da Nação e de Deus acima de todos e de tudo? Toda identificação-reconhecimento do Nós humano veio acompanhada do não reconhecimento dos Outros como humanos de sua segregação como in-humanos. Nos tempos de Estado de Direito tentamos superar essas dicotomias abissais de Nós humanos e os Outros inumanos. Em tempos de políticas de criminalização esses abismos são repostos. Em tempos em que a humanização e a desumanização, sobretudo, são assumidas como políticas.

Perante a Constituição, somos todos iguais e temos os mesmos direitos. Trabalhamos com essa ideia principalmente em nossas escolas, com o “princípio da igualdade”, que, segundo Silvério (2003, p.120), rege “todas as sociedades democráticas ou em via de democratização”. Entretanto, atualmente, tem sido mais um “obstáculo às mudanças do que

---

<sup>8</sup> Como se referem ao tráfico.

operado no sentido de propiciar tratamento diferenciado a quem a sociedade tem tratado desigualmente”, por desconsiderar um fator importante de diferenciação na educação, o “capital cultural” (BOURDIEU, 1966, In. NOGUEIRA; CATANI, 2008)<sup>9</sup>”.

Comparato (1998), autor que discute o conceito de “princípio da igualdade”, relata a importância de observarmos “a distinção entre diferenças sociais e desigualdades sociais, para continuarmos falando do princípio da igualdade” (p.47). Sendo assim, quando falamos de diferenças sociais, referimo-nos “às diferenças que têm como base natural ou, então, são produto de uma construção cultural”, logo, desigualdades, “dizem respeito não às diferenças naturais ou culturais, mas a um juízo de superioridade e inferioridade entre grupos sociais, entre camadas sociais, entre classes sociais” (COMPARATO, 1998, p.47). Sendo assim, “a desigualdade social não é criada pela natureza, ela é criada pelo homem, numa relação constante de força, de dominação e de exploração” (COMPARATO, 1998, p.48).

Silvério (2003, p. 222) crê “que as desigualdades são produto de uma complexa trama entre os planos econômicos, políticos e cultura” e que, em nosso país, “existiu e existe uma tentativa, de parcela significativa dos setores dominantes, de negar a importância da raça como fator gerador de desigualdades sociais”. Sendo assim, tal princípio tem funcionado mais como ameaça à vida, por não proporcionar não apenas a igualdade, mas também a equidade tão necessária à preservação destes que têm seus direitos dilacerados ao longo da história.

Segundo Arroyo (2019), essas ameaças passam a vigorar como violências que geram um círculo vicioso, causando novas violências para legitimar as anteriores. A insensibilidade e o desprezo por vidas ameaçadas e perdidas geram uma desumanização a quem sofre, fazendo desses seres outros, seres sem direito à vida. “Cria-se uma cultura de estado de violência, apoiado pela mídia para legitimar as violências contra suspeitos ou decretados violentos porque pobres, favelados, negros (p.21)”. Criam-se autoimagens nas infâncias, logo, nas juventudes pretas e pobres, “as violências de imagens de ameaçadores extermináveis” (ARROYO, 2019, p.21).

Dessa maneira, observamos que “um certo capital cultural e um certo ethos<sup>10</sup>” valorizados pela sociedade, que diferenciam nossas e nossos jovens pretas e pretos, pobres e favelados, dos que não são. Essa “criança da favela”, e aqui acrescento a juventude, que “é ativa e criativa por natureza, viva”, nos bancos escolares, se “transforma em elemento

---

<sup>9</sup> Ver Bourdieu, 1966, In. NOGUEIRA e CATANI, 2008 (orgs), p.41-42. Esta obra é uma coletânea de textos de Bourdieu organizada por Nogueira e Catani.

<sup>10</sup> BOURDIEU, 1966, In. NOGUEIRA e CATANI, 2008, p. 41-42.

passivo, espectador e ouvinte de um professor onisciente, que pertence a outra classe social”, moldando-a assim “à imagem da classe dominante”. (LEAL, 1988, p. 36-37).

Sendo assim, as juventudes subalternizadas em todas as instâncias, pela sociedade e, conseqüentemente, pela escola, onde deveriam ter outro tipo de tratamento, talvez por não questionarmos a “responsabilidade da escola na perpetuação das desigualdades sociais”<sup>11</sup>, são subalternizadas em seus saberes, que são desvalorizados em detrimento dos saberes canônicos.

Respondendo a Arroyo (2019), utilizamos as categorias de análise Pedagogia Decolonial e Racismo Epistêmico, em que buscamos “sulear” nossa referência teórica. Ou seja, nesse contexto, o presente trabalho se movimenta na direção do suporte dos intelectuais decoloniais, na perspectiva teórica da “Modernidade/Colonialidade”, como Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres e Arturo Escobar.

## 1.2. Arrancando as correntes pós-coloniais

*Uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita, é uma civilização decadente.*

*Uma civilização que prefere fechar os olhos aos seus problemas mais cruciais é uma civilização enferma.*

*Uma civilização que trapaceia com seus princípios é uma civilização moribunda... (Aimé Césaire, 1978, p. 13)*

Os traços que podemos identificar, que regem o mundo no momento atual, estão embasados no poder, e este vem revestido de conceitos antiquíssimos, que só ratificam a necessidade do nosso estudo. Conceitos que nos movem de forma basilar, justificando nossas escolhas acadêmicas, bem como intelectuais orgânicos<sup>12</sup> que somos.

Compreendendo a violência como um fenômeno multicausal discute ainda o racismo como a macrocausa dessa situação, fruto da ideia de raça que se construiu desde os tempos coloniais no Brasil. Raça e racismo se tornaram ideias e práticas ainda mais complexas após a abolição da escravatura possibilitando a política de branqueamento. Elas fazem parte da estrutura de desigualdade vivida pela população negra brasileira. (GOMES; LABORNE, 2018, p. 1).

---

<sup>11</sup> Op..cit., p. 53.

<sup>12</sup> Ver Gramsci (1891-1937).

O colonialismo que imperou no Brasil-colônia ainda nos deixa reflexos nos dias de hoje, como bem demonstrado por Gomes e Laborne (2018). Como dito por Cesáire (1978, p. 23-24), “a colonização desumaniza”, ele continua, “mesmo o homem mais civilizado!”. Afirma que “a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem indígena”, e aqui reiteramos, aos africanos escravizados, justifica esse desprezo limpando suas consciências e alegando serem estes animais. “Para dar boa consciência se habitua a ver no outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal, tende objetivamente a transformar-se, ele próprio, em animal”.

Tendo em vista que raça surge com a experiência do colonialismo, que para Frantz Fanon (2008) nos deixa como herança uma “alienação colonial” devido aos traumas psíquicos causados por essa experiência histórica, em que o sujeito negro é visto e moldado aos olhos do sujeito branco.

‘Mamãe, olhe o preto, estou com medo!’ Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. [...] Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós... (p. 105-106).

Visando aumentar o grau de complexidade e buscando trazer para o centro do palco os atores principais que encenam esse *Drama Cotidiano*, importante se faz trazer aqui o conceito de Raça, como um conceito de construção sociológica, cunhado nas ciências sociais e humanas, que auxilia na análise de um sistema social, e não no sentido que lhe é investido pelas ciências naturais. Sendo assim, “raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica”, ou seja, “por trás da raça há contingências, conflitos, poder e decisão” (Hall, 2006).

Em uma sociedade na qual você é colonizado para ser negro ou negra, não basta ser, tem que se dizer como é. Como Fanon dizia que queria ser um homem entre os outros homens e não um homem estigmatizado, “queria ser homem, nada mais do que um homem” (2008, p. 106). Quando se fala de um homem branco, só se fala “que ele é um homem, no entanto se é negro, torna-se necessário dizer que é negro. Se uma mulher é bonita, deduz-se que ela é branca, pois, se for negra, é claro que o substantivo mulher virá acompanhado do adjetivo negra.

Quem eram então esses homens que, através dos séculos, uma selvageria insuperável arrancava de seu país, de seus deuses, de suas famílias? [...]

Eles sabiam construir casas, administrar impérios, organizar cidades, cultivar os campos, fundir os minerais, tecer o algodão, forjar o ferro [...] Sua religião era bela, feita de misteriosos contactos com o fundador da cidade. Seus costumes agradáveis, baseados na solidariedade, na benevolência, no respeito aos idosos.

[...]

Tinham ciência? Claro, mas eles a tinham para protegê-los do medo, grandes mitos onde a mais refinada das observações e a mais ousada das imaginações se equilibravam e se fundiam. Tinham arte? Eles tinham sua magnífica estatuária, onde a emoção humana nunca explode tão ferozmente a ponto de deixar de organizar, segundo as obsessivas leis do ritmo, uma matéria destinada a captar, para redistribuí-las, as forças mais secretas do universo [...] (CESAIRE<sup>13</sup>, 1978, apud FANON, 2008, p. 119).

Em um pós-colonialismo frágil, em que a elite com a visão colonizadora, continua alimentando a colonização do saber, ou colonialismo epistêmico, reproduzindo essa visão europeia, afirmar-se decolonial é muito mais do que utilizar mais um conceito, é levar para a sala de aula uma visão outra, uma visão não domesticada pelos colonizadores, que não deixam de nos colonizar.

Entre colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. (CESAIRE, 1978, apud FANON, 2008, p.25).

Mas o que mudou nos dias de hoje? Simplesmente, nada. As pressões, o desprezo, a desconfiança pelo povo pobre e preto só aumentam, continuamos sendo usurpados em nossos direitos, pela arrogância e violados em nossa integridade pela polícia. Nossa “colônia” apenas mudou de mão para que as elites descerebradas continuem manipulando-nos, fazendo de nós uma massa aviltada, sobrevivendo, em uma economia dependente.

Em linhas gerais, a noção de decolonialidade faz “referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista”. O mote epistemológico desse grupo é “o questionamento da geopolítica do conhecimento, entendida como estratégia modular da modernidade”, isto é, questiona os conhecimentos e paradigmas tidos como verdades universais que invisibilizou e ainda invisibiliza e silencia os sujeitos que produzem ‘outros’ saberes, “conhecimentos e histórias” (OLIVEIRA, 2018, p. 95-96).

Na medida em que forma educandos e educadores dentro dessa racionalidade de violência epistêmica reproduz a desumanização e a opressão, reforçando a tendência de colonizar a consciência do outro. Assim, o que se reafirma na escola é o não lugar dos sujeitos racializados no mundo, um profundo processo de “negação ontológica, epistêmica e cosmogônico-

---

<sup>13</sup> Aimé Césaire, introdução ao livro de Victor Schoelcher, *Esclavage et colonisation*, p. 7-8. (Nota de rodapé na obra de FANON, 2008, p. 119).

espiritual” (WALSH, 2009, p. 27). E se “sem lugar a consciência e a subjetividade do ser humano são inconcebíveis” (GRAÚNA, 2013, p. 10), logo são induzidos não só a aceitar como legítima e natural sua submissão epistêmica, o seu não lugar, como igualmente aceitam, e por vezes, desejam o lugar do enunciador/opressor. (LEMOS, 2017, p.67).

A *pedagogia decolonial* pretende “expressar o colonialismo que construiu a desumanização dirigida aos subalternizados pela modernidade europeia e pensar na possibilidade de crítica teórica à geopolítica do conhecimento” (OLIVEIRA, 2018, p. 101). O porquê do decolonial e não descolonial?

Segundo Oliveira (2018, p. 101-102),

Decolonizar significaria, então, no campo da educação, uma práxis com base numa insurgência educativa propositiva – portanto não somente denunciativa –, por isso o prefixo “DE” e não “DES” – em que o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas, culturais e de pensamento. Em outras palavras, a construção de uma noção e visão pedagógicas que se projeta muito além dos processos de ensino e transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as organizações dos movimentos sociais. DEcolonizar na educação é construir outras pedagogias além da hegemônica. DEScolonizar é apenas denunciar as amarras coloniais e não constituir outras formas de pensar e produzir conhecimento.

O conceito de racismo é pedra fundamental para esta tese, de modo que, se observamos as narrativas das/dos entrevistadas/entrevistados, veremos que a palavra racismo faz circular todo o resto e todos os demais conceitos. Mesmo quando falamos de juventude, pensamos em uma juventude que vive e tem uma vida baseada em racismos, diversos deles.

Um dos conceitos caros a nossa pesquisa, embasado na linha decolonial de pensamento, é o Racismo Epistêmico. Este acontece, por exemplo, quando não se admite nenhuma “outra epistemologia como espaço de produção de pensamento crítico nem científico”. Ou seja,

Se a colonialidade operou a inferioridade de grupos humanos não europeus do ponto de vista da produção da divisão racial do trabalho, do salário, da produção cultural e dos conhecimentos, foi necessário operar também a negação de faculdades cognitivas nos sujeitos racializados. [...] Isto é, a operação teórica que, por meio da tradição de pensamento e pensadores ocidentais, privilegiou a afirmação de estes serem os únicos com capacidade de acesso à universidade e à verdade. (OLIVEIRA, 2018, p. 99).

O Racismo Epistêmico faz negar que os europeus encontraram em África grandes reinos e impérios, que “os africanos conheciam a metalurgia e fundiam o ferro” na Cultura

Nok, entre os séculos X a.C. e III d.C.; as grandes arquiteturas construídas pelos africanos, como o Obelisco da Cidade de Axum, com 21 metros e uma igreja esculpida na rocha, sem cimento e sem tijolos, (ambos na Etiópia, séc. XIII); as grandes muralhas de Zimbábwe, séc. XI (OLIVEIRA, 2016).<sup>14</sup> Para edificar essas construções, eram necessários conhecimentos matemáticos, mas todas essas belezas não ouvimos na escola, não ouvimos falar sobre as embarcações construídas pela primitiva engenharia naval dos antigos egípcios. Tive esse conhecimento quando assisti à palestra do Professor Luiz Fernandes de Oliveira, em 2016, ouvimos apenas as misérias relacionadas a algumas nações africanas.

Esquecemos o que dizia Paulo Freire (2018, p. 128), que somos “seres transformadores e criadores” e, assim sendo, “em nossas permanentes relações com a realidade”, produzimos, “não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, concepções”. Ou seja, por meio do Racismo Epistêmico, construímos nossas escolas e decidimos os saberes que serão “reproduzidos” por ela, Surgindo assim o Racismo Institucional.

No documento de realização do Geledés,<sup>15</sup> intitulado *Racismo institucional: uma abordagem conceitual*, encontramos a seguinte definição de Racismo Institucional, também conhecido como sistêmico, que atua “de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial”. Isto é,

Compreenderemos o racismo institucional, também denominado racismo sistêmico, como mecanismo estrutural que garante a exclusão seletiva dos grupos racialmente subordinados – negr@s, indígenas, cigan@s, para citar a realidade latino-americana e brasileira da diáspora africana – atuando como alavanca importante da exclusão diferenciada de diferentes sujeit@s nestes grupos. Trata-se da forma estratégica como o racismo garante a apropriação dos resultados positivos da produção de riquezas pelos segmentos raciais privilegiados na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda a manter a fragmentação da distribuição destes resultados no seu interior. (GELEDÉS, 2016, p. 17).

E acrescenta,

<sup>14</sup> Palestra Professor Luiz Fernandes de Oliveira para Aula 5. Título: Cultura Afro-Brasileira e indígena na Educação do Sesc: Possibilidades e desafio para o Educador. Aula com o Professor Luiz Fernandes de Oliveira (UFRRJ) e a professora Mailsa Passos (UERJ). Duração: 02:14:02. Edição: KFU; Direção: Marcos Maria; versão: Master; Gravado em: 01/08/2016; Finalizado em: 24/08/2016.

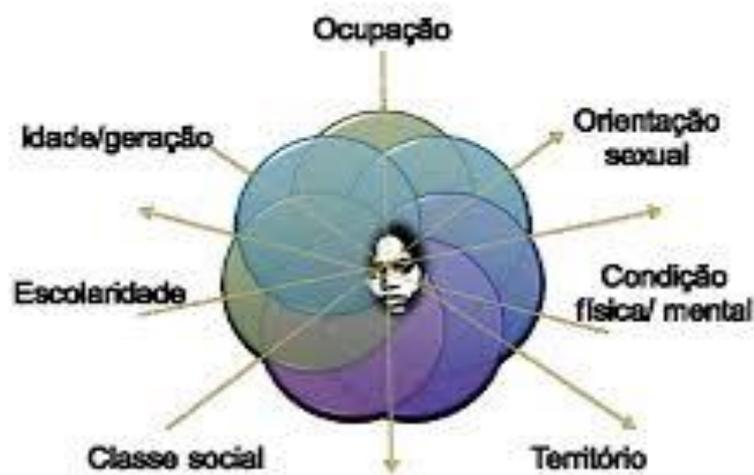
<sup>15</sup> GELEDÉS, 2016. Realização: Geledés – Instituto da Mulher Negra, Coordenação: Geledés – Instituto da Mulher Negra e Cfemea – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Consultoria e Redação: Jurema Werneck. <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>

Dizendo de outro modo, o racismo institucional é um modo de subordinar o direito e a democracia às necessidades do racismo, fazendo com que os primeiros inexistam ou existam de forma precária, diante de barreiras interpostas na vivência dos grupos e indivíduos aprisionados pelos esquemas de subordinação deste último. (GELEDÉS, 2016, p. 18).

No site fala da importância de fornecer barreiras a esse Racismo Institucional, que privilegia a hegemonia branca, em que a heteronormatividade vigora, apadrinhando homens em detrimento de mulheres, heterossexuais em detrimento dos LGBTQIA+ e, quando se trata de questões raciais, a ordem é bem explícita, na qual os homens brancos estão no ápice da pirâmide, e as mulheres negras estão no último estrato, ou seja, na base. Ainda do estudo do Geledés (2016):

Chamaremos aqui a este fenômeno de hierarquização de gênero a partir da raça como racismo patriarcal heteronormativo. A partir dele, a pirâmide social vai permitir a mulheres brancas maior mobilidade social, em especial as heterossexuais, colocando-se superiormente a homens e mulheres negr@s e, em muitos casos, a lésbicas, gays, travestis e transexuais dos diferentes grupos raciais.

Por intermédio da figura representando alguns eixos de subordinação ou interseccionalidades, mostrando a participação “da construção da inferiorização de umas e do privilégio de outras”:



**Figura 1:** Interseccionalidades ou eixos de subordinação (GELEDÉS, 2016, p.16)

Nessa construção das inferiorizações, que é um projeto de Estado, violenta-se e, quanto mais eixos de subordinação, maior o grau de violência, se é que existe uma violência

“mais violenta” que outras. Por saber que a dor é subjetiva, cada um recebe e sente a violência de uma forma.

Percebem-se tipos diferentes de violências e grupos específicos que sofrem essas violências. Em sua maioria, grupos de minorias políticas são os mais vitimados, como mulheres, negros, LGBTQIA+, portadores de deficiências, nacionalidades diferentes etc. Desse modo, aprofundaremos um pouco mais o conceito de Violência e seus tipos, utilizando como suporte teórico autoras e autores como: P. Bourdieu, W. Benjamin, Hannah Arendt, Alba Zaluar, Marilena Chauí, Sposito, Jayme Paviani, bem como as referências destes.

A violência, que é um assunto muito falado atualmente, está nos jornais, nos noticiários, no nosso dia a dia. Alguns a vivem na pele em todos os minutos, outros menos, mas todos somos abalados pelos seus reflexos. Os jovens com quem trabalho sentem-na tanto que nem a percebem, pois já foi banalizada, tornou-se normal, companheira de todas as horas. Por isso, é tão difícil falar sobre violência com eles. Ela não existe, não incomoda. Eles não sabem diferenciar a violência da agressividade, conceitos tão próximos e tão ligados. Mas será que nós sabemos? Será que existe diferença entre agressividade e violência? O que é a violência?

### **1.3 De que violência falamos?**

Segundo Arendt (2001), quando se eleva a meditação sobre temas como política e história, não se pode ignorar o “enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas, e à primeira vista é bastante surpreendente que a violência tenha sido objeto de consideração” (p16). Por vezes, a violência era caracterizada como fato corriqueiro, sem merecer a devida atenção; em outras vezes, vista como continuação da política, como fenômeno marginal, ou até mesmo como, na visão de Engels (p.17), “aceleradora do desenvolvimento econômico” ( ARENT, 2001 , p 16-17).

Marilena Chauí (2017) diz que nos acostumamos “a identificar a violência e a criminalidade”. Todavia, ao buscar o dicionário, mostra-nos que seu sentido também é polissêmico, que não “possui apenas a dimensão física, mas também a psíquica e simbólica” (p. 35).

Violência, segundo o dicionário *online* de Português:

substantivo feminino. Qualidade ou caráter de violento, do que age com força, ímpeto. Ação violenta, agressiva, que faz uso da força bruta: cometer violências.

[Jurídico] Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, que obriga essa pessoa a fazer o que lhe é imposto: violência física, violência psicológica.

Ato de crueldade, de perversidade, de tirania: regime de violência. Ato de oprimir, de sujeitar alguém a fazer alguma coisa pelo uso da força; opressão, tirania: violência contra a mulher. Ato ou efeito de violentar, de violar, de praticar estupro. Etimologia (origem da palavra *violência*).

Do latim *violentia*.ae, “qualidade de violento”<sup>16</sup>. (Dicionário *online* de Português).

E agressividade significa:

Substantivo feminino. Tendência a atacar, a provocar. Psicologia: Forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem. (Dicionário *online* de Português)

Carvalho (2016) utiliza o conceito de Agressividade do psiquiatra estadunidense Friedrich Hacker (1914-1989):

Agressividade é algo próprio da natureza animal (inclui-se aí a espécie humana) e conclui que, a seu modo, cada ser é agressivo dadas algumas circunstâncias: pode-se expressar agressividade sendo irônico, apresentando humor, desprezo, dentre outros. Já a violência, para o autor, dá-se no exato momento em que se rompe o limiar da alteridade, fazendo uso da força física, impondo-se sobre o mais frágil. O autor coloca que toda a estrutura social é constituída e permeada por agressividade, com suas leis e instituições, o que favorece o convívio social e reprime o que ele chama de tendências autodestrutivas, colocando o esporte como o melhor exemplo de agressividade sem violência. A agressividade seria a mola propulsora que leva a humanidade a evoluir, desta forma difere categoricamente de violência, que tem em Arendt, possivelmente, sua melhor definição. Ao fazer a análise e crítica de determinados pontos da filosofia platônica, Arendt coloca que a violência está diretamente vinculada ao ato de *fazer, fabricar e produzir* e, logo, identifica a violência com o ato de *matar e violar* (ARENDR, 2002). Portanto, violência não identificaria qualquer ato coativo, mas apenas aquele que opera ou age, no caso das relações sociais, sobre o corpo físico de outrem, matando-o, violando-o, enfim, parece descrever apenas o uso efetivo dos implementos denunciando, assim, o caráter instrumental da violência. (ARENDR, 2001 apud CARVALHO, 2016, p. 136).

Conforme Jayme Paviani (2016),<sup>17</sup> o conceito de violência varia de acordo com o tempo e o espaço, “segundo os padrões culturais de cada grupo ou época, e são ilustradas pelas dificuldades semânticas do conceito”, e ressalta que “a linguagem usada para falar da

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/violencia/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

<sup>17</sup> Professor de Ética no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Caxias do Sul.

violência pode estar revestida de pressupostos ideológicos”. No entanto, define a violência de duas formas: ela pode ser natural ou artificial. Da violência natural ninguém está livre, “ela é própria de todos os seres humanos”. No caso da artificial, “a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros”. O termo violência vem do latim *violentia*, que expressa o ato de violar outrem ou de se violar.

Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética. (PAVIANI, 2016, p. 8).

Zaluar (1996), em seu livro *Da revolta ao crime S.A.*, rico em detalhes, descreve três modelos de violência, quais sejam a ordem tribal, a ordem senhorial e a ordem pública, perpassando por muitas histórias, além de dar um enfoque na violência no Brasil e seus quatro tempos. Ela se preocupa em mostrar que “não há sociedade e nem cultura sem regras”, fazendo uma análise desde as sociedades primitivas até os dias de hoje e ressaltando a situação do Brasil e “os limites e os equívocos da associação entre a pobreza e a criminalidade”. Quando se trata da Ordem Pública, Zaluar (1996) faz referência a uma “violência do Estado contra a violência de todos”, ponto sensível do tema desta tese: falar do Estado. Introduz-se, então, ao tema a questão da formação do Estado, modernidade, industrialização, a criação de “novas classes sociais, novos conflitos, novos modos de preveni-los e solucioná-los” (ZALUAR, 1996, p. 37). A família perde seu poder totalizador, “associações voluntárias congregando por diferentes motivos” passam a integrar a vida das pessoas, ou seja,

Vários desses grupos, formados independentemente do parentesco com ou da posição social, mas com “espírito de corpo”, é que disputam coletivamente entre si, às vezes com violência. A violência individual é da responsabilidade de quem cometeu o ato. É ele que será punido caso a violência constitua um crime. (ZALUAR, 1996, p. 38).

Com a propriedade de bens individual, há a expansão de mercado e, com a possibilidade de negociação de trabalho, dinheiro e propriedades, surgem também mercadorias “roubáveis individualmente”. Por meio dessa liberdade econômica, há o surgimento de uma “arena de lutas: a das liberdades políticas, constituídas a partir da ideia de direitos individuais do cidadão. Surgindo os estados-nação como conhecemos hoje e o mundo transformou-se rapidamente” (ZALUAR, 1996, p. 38), as conquistas de direitos de cidadania,

que foram longas lutas, entre eles, os direitos civis e políticos. Este último, as mulheres só adquiriram após a luta das sufragistas no século XX, no entanto, em momentos diferentes nos diversos países, e direitos sociais em meados do século XX, que é de suma importância no caso desta tese, pois conferem

ao Estado a obrigação de diminuir as desigualdades advindas do funcionamento do mercado, protegendo os mais fracos e os mais pobres (MARSHALL, 1964). Os direitos à aposentadoria no trabalho, à educação, ao atendimento gratuito num serviço de saúde, à habitação, à segurança e à paz são os que se implantaram em alguns países através de várias políticas públicas, nem sempre eficazes. Mesmo assim, as condições de vida dos trabalhadores pobres melhoraram muito em relação ao século XIX. (ZALUAR, 1996, p. 41-42).

Com o intuito de “assegurar a paz” e “demandas coletivas de segurança, o Estado moderno foi criado para exercer o que se chamou de ‘monopólio de violência legítima’”, ou seja, o Estado, por meio de um maior poder de fogo, passa a deliberar sobre os conflitos e reivindicar o cumprimento de deliberações judiciais. Logo, “atrás desse poder está a ameaça do uso da força para fazê-la cumprir” (ZALUAR, 1996, p43-44) .

Para Chauí (2017), os micropoderes despóticos que estão presentes em toda a sociedade, “partindo da família, propaga para a” escola, o hospital, as relações de trabalho etc., passando pelo comportamento social nas ruas, além do tratamento dado aos cidadãos por meio da “burocracia estatal e vem cristalizar-se nas instituições públicas e no desprezo do mercado pelos direitos do consumidor” (p. 43). Vendo como regra da sociabilidade brasileira essa violência policial, que é apenas mais um dos casos desse despotismo estruturando toda essa sociedade

Em nome do combate ao crime, entram nas favelas, perseguem e matam pessoas, desrespeitam direitos civis e humanos, espalhando um clima de guerra e terror, sem que ninguém tenha direito de defesa. As técnicas usadas vão desde as experiências adquiridas pelo aparato militar ao combate à “subversão”: [...], aniquilamento (tortura, matança etc.) até estratégias muito antigas que serviram às práticas de extermínio usadas pelos colonizadores europeus: jogar uns irmãos contra os outros, umas tribos contra as outras, favelados oprimidos contra favelados oprimidos. (LEAL, 1988, p. 82).

Destarte, vamos além de como o conceito de Estado de Exceção<sup>18</sup> foi criado, pois precisamos entender, segundo Arroyo (2019), utilizando Benjamin (1942), quando disse que esse conceito tornou-se regra. Nos tempos atuais, em que “decretar vidas de pobres e negros,

---

<sup>18</sup> Para maior aprofundamento no estudo sobre Estado de Exceção, ver AGAMBEN (2004).

ameaçadas, extermináveis não é um acidente histórico, é um lembrar que ‘para os oprimidos’, o Estado de exceção sempre foi regra” (ARROYO, 2019, p. 153). Regra essa vivida pela juventude aqui pesquisada.

Por isso muitos estudiosos do assunto dizem que o Estado tem uma dupla face: uma para servir e para garantir direitos a todos os cidadãos, possibilitando a crítica, o diálogo e a negociação; outra para dominar e controlar os subalternos que não têm a mesma capacidade de se defender que os poderosos, assim como sugar os contribuintes, ou seja, os que pagam impostos e mantêm o Estado em funcionamento. De um lado, o Estado democrático, instância da lei e da justiça; o outro, o Estado burocrático, instância do controle e do poder policial.

Quando o uso desse poder acumulado em qualquer órgão do Estado é excessivo, injusto ou arbitrário, chama-se a isso *violência institucional*<sup>19</sup>. (ZALUAR, 1996, p. 45, grifo meu).

#### 1.4 Sobre a “exceção” de ser jovem, preto e periférico

Violência e racismo, conceitos naturalmente e intimamente ligados se interseccionam com o conceito de juventude no doloroso diálogo cotidiano da pesquisa e dos pesquisados e pesquisadas. A juventude, por exemplo, é um conceito que, por si só, já passa por uma construção violenta, uma vez que sua conjuntura histórica e social tem sido compreendida como um período na vida que é marcado por certa inconstância associada a determinados problemas sociais. Ou seja, se não conseguem ultrapassar esses problemas, são denominados “irresponsáveis ou desinteressados”, diferentemente dos adultos, que têm inúmeras responsabilidades e à medida que vão adquirindo essa responsabilidade, os jovens alcançam o “estatuto de adultos” (PAIS, 2003).

Utilizamos nesta tese o conceito de “juventude” por ser uma categoria sociológica e por anunciar um processo de preparação dos indivíduos para a execução de seu papel como adulto na sociedade, e não o conceito de “adolescência”, por ser um processo biológico que ocorre entre 12 e 18 anos. A aprovação da “Lei n.º 12.852, em agosto de 2013, institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, estabelece no 1.º parágrafo do 1.º artigo, que são considerados jovens as pessoas entre 15 e 29 anos de idade” (WASELFISZ, 2014).

Mas definir juventude não é tarefa fácil, pois não existe uma única juventude. Este é um termo plural, existindo diversos fatores que influenciam e instituem as diferenças, como a

---

<sup>19</sup> Abordaremos o assunto no próximo capítulo.

influência da classe e se é rural ou urbana. Sendo rural, existem diferenças entre o filho de fazendeiros e os filhos de camponeses. Sendo urbana, se vive no “asfalto” e os que vivem em “favelas” de grandes cidades. E de onde é esse asfalto? Do centro da cidade ou de uma periferia? Trabalham ou apenas estudam? Quanto ao estado civil? Todas essas diferenças fazem a heterogeneidade dos termos (PAIS, 2003, p. 42).

Para Pais (2003, p. 37), “uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Por diversas vezes, tem-se referido “à juventude enquanto um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida”, propondo que ela seja vista “em torno de dois eixos semânticos: como aparente *unidade* (quando referida a uma fase de vida) e como *diversidade* (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)” (PAIS, 2003, p. 37).

Dayrell (2003 apud FERREIRA; OSWALD; CHAVES, 2015) expõe que as imagens que produzimos acerca da juventude prejudicam a nossa forma de compreender os jovens, utilizando modelos preconcebidos na sociedade, que precisam ser questionados. Essa concepção relaciona-se a uma ideia de negatividade, pois o jovem é visto como aquilo que ainda não é. Visão esta presente em nossas instituições que têm a proposta de preparar o jovem para o “vir a ser”, ou seja, o adulto do futuro; negligenciando ou deixando para o segundo plano o jovem no presente, com suas diversas questões existenciais.

Um exemplo dessa imagem negativa, que vive sendo ratificada no cotidiano, é quando jovens negros e negras, de baixa renda ou com uniforme de escolas públicas, são seguidos em lojas por seguranças, por causa do estereótipo de “mal elemento” construído no imaginário social.

Ainda segundo Dayrell (2003 apud FERREIRA; OSWALD; CHAVES, 2015), “juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos”. A juventude é vista como um tempo permitido para errar, experimentar, ser irresponsável, coisa que não se pode quando adulto. Ultimamente, tem percebido outra tendência, a de ver o jovem apenas com o apelo à cultura, “como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais”, paralelamente à imagem de a juventude ser o momento de crise, permeada por conflitos de autoestima e personalidade, sendo também um momento de maior divergência com a família,

havendo um afastamento (DAYRELL, 2003 apud FERREIRA; OSWALD; CHAVES, 2015, p. 156).

Com a presença dessa possível crise, apontada por estudiosos, podemos perceber uma maior dificuldade de interlocução com instituições socializadoras, como a família, a escola e a religião, havendo uma disputa de espaço com as mídias, por meio de opiniões, formas de comportamentos e atitudes, muitas vezes, não aceitas nas instituições mencionadas.

Canclini (2005 apud OSWALD, 2009, p. 122) diz que, “ao perguntar o que significa, hoje, ser jovem, verificamos que a sociedade que responde ser o futuro incerto ou não saber como construí-lo está dizendo aos jovens não apenas que há pouco lugar para eles. Está respondendo a si mesma que tem pouca capacidade de rejuvenescer-se, de escutar os que poderiam mudá-la”.

Helena Abramo (2016), em seu artigo baseado na pesquisa Agenda Juventude Brasil<sup>20</sup>, traz alguns questionamentos a jovens, classificados pelo critério etário, com a pretensão de conhecer o que estes pensam. Quanto à pergunta: “Você se considera: adolescente, jovem ou adulto? Concluiu-se que 55% dos entrevistados se consideram adolescentes ou jovens “e uma parcela significativa (45%) não se identifica com essa designação, considerando-se já adulto”, sendo divididos da seguinte forma da Tabela 1.

**Tabela1:** Você se considera: adolescente, jovem ou adulto?

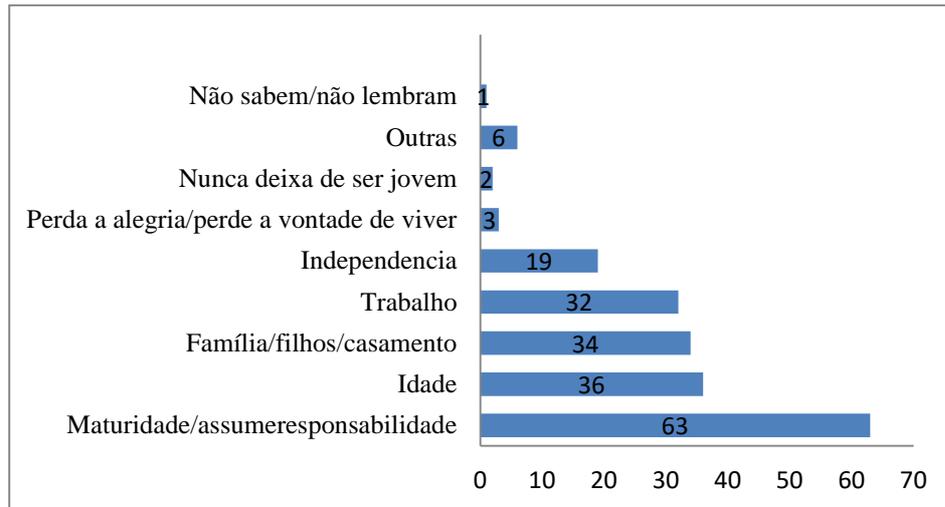
	TOTAL	15 a17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
PESO	100%	20%	47%	33%
ADOLESCENTE	23	72	14	3
JOVEM	32	24	43	24
ADULTO/A	45	4	43	73

Fonte: SNJ. Agenda Juventude Brasil, 2013(ABRAMO, 2016, p. 22).

“O sentido de tais noções é dado menos pela idade do que pela situação vivida, principalmente em relação à situação familiar e às cargas de responsabilidades e margens de liberdade que elas indicam” (ABRAMO, 2016, p.22). Podemos perceber melhor esse fato na Tabela 2, com a pergunta aberta: Quando uma pessoa deixa de ser jovem?

**Gráfico 1:** Quando uma pessoa deixa de ser jovem?

<sup>20</sup> SNJ. Agenda Juventude Brasil (2013).



Fonte: ABRAMO, 2016, p. 22.

Ou seja, para a maioria dos entrevistados, deixa-se de ser jovem quando se assume responsabilidade.

Associadas a essa assunção de maiores responsabilidades estão a constituição da família, o peso do trabalho e os encargos financeiros, que nem sempre aparecem como elementos negativos, porque também significam independência, liberdade e autonomia, cuja falta é percebida como o lado negativo de ser adolescente. Entre a adolescência e a idade adulta, a juventude aparece justamente como o período no qual esses conteúdos assumem pesos relativos. (ABRAMO, 2016, p. 24).

Os jovens, como qualquer cidadão, são sujeitos de direitos e deveres, e é bem comum ouvirmos principalmente nas escolas que os direitos todos sabem, mas os deveres ninguém conhece. Que reivindicam direitos, mas antes não cumprem seus deveres. Mas o que é direito? E por que falar de sujeitos de direitos? Por que sujeitos?

Utilizando sujeitos, sem, no entanto, ter ao menos refletido sobre a palavra “sujeito”, que, para Foucault, em *O sujeito e o Poder* (2009), no qual busca estudar o poder e as questões do sujeito, dizendo que “é uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos”, além de nos trazer “dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito ao outro através do controle e da dependência, e ligado à sua própria identidade através de uma consciência ou do autoconhecimento”. Sendo que, para ele, “ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e sujeita” (p. 278). Nem de longe o objetivo desta pesquisa era querer subjugar ou sujeitar alguém, mas trazer o autoconhecimento, a criação permanente de si, ou seja, sujeitos de si, sujeitos ativos que têm direitos e deveres.

Segundo o *Estatuto da Juventude* (Lei n.º 12.852/2013), no título “Dos Direitos e das Políticas Públicas de Juventude”, no capítulo II – “Dos Direitos dos Jovens”, temos 11 seções falando sobre os direitos do jovem:

- I – Do Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil
- II – Do Direito à Educação
- III – Do Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda
- IV – Do Direito à Diversidade e à Igualdade
- V – Do Direito à Saúde
- VI – Do Direito à Cultura
- VII – Do Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão
- VIII – Do Direito ao Desporto e ao Lazer
- IX – Do Direito ao Território e à Mobilidade
- X – Do Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente
- XI – Do Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça. (Brasil, 2013)

Marilena Chauí (2017) adverte que direito é diferente de necessidade ou carência, interesses e privilégios, em que “necessidade ou carência é algo particular ou específico”, bem como o interesse, e que “tendem a ser conflitantes porque exprimem as especificidades de diferentes grupos e classes sociais” (p. 34).

Um direito, porém, ao contrário de necessidades, carências e interesses, não é particular e específico, mas geral e universal, válido para todos os indivíduos, grupos e classes sociais. Assim, por exemplo, a carência de água e de comida manifesta algo mais profundo: o *direito à vida* [grifo meu]. A carência de moradia ou de transporte também manifesta algo mais profundo: o *direito a boas condições de vida* [grifo meu]. Da mesma maneira, o interesse, por exemplo, dos estudantes exprime algo mais profundo: o *direito à educação e à informação* [grifo meu]. Em outras palavras, se tomarmos as diferentes carências e os diferentes interesses veremos que sob eles estão pressupostos direitos. Diversamente de necessidades, carências e interesses, que pressupõem direitos ainda não concretizados, o *privilégio* [grifo da autora] é o que se opõe ao direito: justamente por sua universalidade, um direito se opõe ao *privilégio* [grifo da autora], pois este é sempre particular e nunca pode universalizar-se, de maneira que onde há privilégio não pode haver direitos. (CHAUÍ, 2017, p. 34-35).

O conceito de juventude com o qual trabalhamos não fica restrito à idade, de 15 aos 29 anos, pois acreditamos que nossas crianças que vivem nesse contexto social amadurecem de forma que não é a idade que restringe sua categoria social. Encontramos muitas mães, em sua maioria, mães solo, muitos trabalham para ajudar em casa, inclusive, alguns trabalham na “firma”<sup>21</sup>. Casar, para algumas jovens, é uma forma de construir sua própria família e evitar,

<sup>21</sup> Como chamam o tráfico.

assim, ter a responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos para os pais trabalharem, necessitando faltar aula quando um desses fica doente.

E, quando se trata de uma juventude negra, o termo vem recheado de atravessamentos e cunhado pela dor de também ser negra nesse país. Por saber que o racismo dói apenas na pele de quem sente, muitos ainda o negam, silenciando os que tentam denunciar.

## 2 MACAÉ: A PRINCESINHA DO PETRÓLEO

Macaé fica localizada no estado do Rio de Janeiro, a 180 km da capital, apresenta uma área total de 1.216 quilômetros quadrados, tendo como divisão: ao norte, os municípios de Quissamã, Carapebus e Conceição de Macabu; para o sul, Rio das Ostras e Casimiro de Abreu; a Oeste, Trajano de Moraes e Nova Friburgo; e, a Leste, o Oceano Atlântico. Com um território vasto e coberto abundantemente pela natureza, com rios, mar e lagoas, contando com 23 quilômetros de extensão de litoral.<sup>22</sup>



**Figura 2:** Mapa da localização de Macaé no estado do Rio de Janeiro

As belezas naturais de Macaé, uma cidade por muitos conhecida apenas pela extração do petróleo, possui praias, rios, lagos e muito verde. O site Clique Diário publicou, em 07 de janeiro de 2019, que suas belezas naturais “ganham destaque nacional e internacional pelo Ministério do Turismo” e foi reconhecida “como destino turístico na página Visit Brasil, no Facebook. A divulgação foi registrada em inglês e espanhol e mostra o litoral de Macaé” (PORTO FILHO, 2019).

Tem a famosa Praia dos Cavaleiros, muito popular, mas também a Praia do Pecado, muito frequentada por surfistas. Separada pelo oceano por uma faixa de areia, temos a Lagoa de Imboassica, utilizada para a prática de esportes náuticos e *kitesurf* e sua orla, para caminhadas e passeios de bicicleta. Não podemos deixar de mencionar as incomparáveis praias do Arquipélago de Santana, que “forma alguns dos cenários mais bonitos de Macaé. Formado pelas ilhas do Francês, Santana e Ilhote Sul, é área de proteção ambiental e local de desova de várias espécies de aves marinhas migratórias” (CHEMIN, 2016).

As serras macaenses, formadas pelos distritos de Cachoeiros de Macaé, Córrego do Ouro, Trapiche, Glicério, Frade e Sana, ótimas alternativas para quem procura contato com a

<sup>22</sup> Site da Prefeitura Municipal de Macaé. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br/cidade/conteudo/titulo/nossas-praias>.

natureza, para a práticas de ecoturismo e muita aventura. “Rios, quedas d’água, cachoeiras, e mirantes de tirar o fôlego, além de clima ameno e vegetação exuberante no meio da Mata Atlântica preservada (OLIVA, 2017)”. Quantas cachoeiras cristalinas: no, Sana destacamos a cachoeira do Escorrega, que forma uma linda piscina natural; em Glicério, a do Roncador, o Poço da Ciriaca e a Cachoeira de Glicério; no Frade, a Cachoeira do Arranchadouro; no Córrego do Ouro, a Fortuna e do Salto; e, na Bicuda, a da Lage (FILHO, 2019).

Em relação à área de esporte e lazer, a cidade conta com o estádio municipal Dr. Claudio Moacyr de Azevedo – o MOACIRZÃO –, onde acontecem jogos do Campeonato Estadual e Brasileiro de Futebol. O município também é sede, a cada dois anos, da Feira Brasil Offshore e da Conferência Internacional da Indústria de Petróleo e Gás, classificado mundialmente como o terceiro maior evento do setor, realizado no Centro de Convenções Jornalista Roberto Marinho, o segundo maior do Estado.

## **2.1 Um passeio por Macaé: história, formação e cultura**

Quando comecei a pesquisa, não imaginava o quão denso seria esse trabalho. Quanto mais pesquiso mais me impressiono com tantas possibilidades, nessa cidade tão linda, cultural e rica em todos os sentidos. Conversando com colegas moradores de Macaé, foram-me relatadas muitas curiosidades, lendas incríveis, mitos e fatos reais que, distorcidos, tornaram-se fascinantes, que muito contribuiriam para que eu pudesse conhecer e valorizar a cultura da cidade. Vamos começar do início, expondo o que encontrei nessas pesquisas.

Foi “a partir da primeira metade do século XVI, por volta de 1534, que os portugueses fizeram as primeiras tentativas de povoamento nas terras, onde, mais tarde, se estabeleceria o município de Macaé”, antes ocupada, em sua maioria, por povos indígenas (PEREIRA, 2016, p. 12). O atual município de Macaé fazia parte da capitania de São Tomé e sua extensão ia do Rio Itabapoana ao Rio Macaé, sendo batizada de Macanhé. Duas aldeias rivais foram encontradas pelos primeiros colonos: os Tamoios e os Goitacás.

Em 1580, iniciou-se seu povoamento. À época, Portugal se encontrava sob o domínio da Espanha. Datam de 1634 os registros da chegada dos jesuítas a Macaé, e, com o objetivo de evitar possíveis invasões, criou-se uma aldeia indígena, catequizada por eles. Às margens do rio Macaé e próximo ao Morro de Sant’Anna, foi criada uma fazenda agrícola, a qual, anos depois, ficou conhecida como Fazenda de Macaé ou Fazenda do Sant’Anna. Na base do morro, além de açúcar, era produzida grande quantidade de farinha de mandioca e extraía-se

madeira para a construção naval e edificações, e, no alto do morro, foi construído um colégio. Ao lado, uma capela e um pequeno cemitério.

Pereira (2016) conta-nos que os jesuítas edificaram esse colégio anexo à capela sob a invocação de Santa Ana, sendo esta parte do patrimônio dos Jesuítas, que, após sua expulsão, tiveram um campista e um carioca como proprietários.

Os religiosos cientes das dificuldades de se obter mão de obra para exploração de terras tão vastas enxergaram na escravidão a única saída. Inicialmente, utilizaram o trabalho dos indígenas, que não aceitaram a fé cristã e foram capturados, por meio da guerra justa. Posteriormente, outra forma utilizada por eles foi o trabalho dos africanos, que, segundo a tradição da Igreja, eram “naturalmente escravos”, legitimando assim essa condição. Com isso, a vinda do africano resolveu o problema de escassez de mão de obra, como também, contribuiu para criar um ponto de convergência entre escravidão e moral cristã. (PEREIRA, 2016, p. 17).



**Figura 3:** Igreja de Sant'Anna

Inclusive, existe uma lenda muito contada na cidade, que conheci em conversa com pesquisadora Tatiana Pereira, a lenda de Sant'Anna, que tem ligação com a história da Igreja de Sant'Anna, que, segundo alguns moradores, era a padroeira da cidade, antes de São João.

Conta a lenda que a Imagem de Sant'Anna foi encontrada por pescadores, numa das Ilhas do Arquipélago, que inclusive dá o nome ao local. A Imagem foi trazida para o povoado e teria sido colocada no Altar Mor da Capela dos Jesuítas, só que, misteriosamente, no dia seguinte, ela havia desaparecido. Dias se passaram e conseguiram encontrá-la e, novamente, ela passou a permanecer na capela. Esse estranho sumiço aconteceu várias outras vezes e, na terceira, os devotos chegaram à conclusão que a Santa sentia saudade da ilha, que do Altar da Capela podia ser facilmente vista. O fato mexeu tanto com o povoado, que juntos decidiram reedificar o templo, modificando a fachada frontal para uma lateral e, assim, a visão da Santa não mais veria o mar e o arquipélago, de onde veio. (ABRANTES, 2016c).

A data da fundação da Vila de São João de Macaé é dia 29 de julho de 1813, após D. João VI ter atendido ao pedido da alteração do *status* de arraial para vila, por parte dos habitantes. Sendo assim, a Vila de São João de Macaé foi fundada e era composta pelos distritos de São João Batista (atual Macaé), São José do Barreto, Carapebus, Quissamã, Conceição de Macabu, Cachoeiras de Macaé, Frade e Sana.<sup>23</sup> À época, estava longe de ser a atual “Capital Nacional do Petróleo”, no entanto uma característica perdura até hoje: “a sedução de migrantes e imigrantes para o trabalho e prosperidade” (JÚNIOR COSTA, 2013).

Em 1846, a Vila de Macaé passa à condição de Cidade. Com a expansão da produção açucareira e cafeeira, o Porto de São João da Barra não comportava mais o movimento, iniciando-se, então, em 1872, a construção do canal Campos-Macaé, com 109 km.<sup>24</sup> No entanto, a ideia do canal havia nascido muito antes disso. Segundo Penha, (2014) a ideia que estava adormecida desde os fins do século XVIII voltou a ganhar ânimo “nas primeiras legislaturas, despertando por completo na década de 1840”. Mesmo contando como apoio financeiro da administração da Província, o canal só veio a ser finalizado quase trinta anos depois do início das escavações (PENHA, 2014, p. 76).

No entanto, o porto entrou em decadência com a construção da estrada de ferro Macaé-Campos em 1875, trazendo, mais tarde, os trilhos da Estrada de Ferro Leopoldina.

Contudo, na cidade de Macaé, também se produzia música. Em 1873, foi criada a Sociedade Musical Nova Aurora, a primeira Banda Musical de Macaé, que teve músicos ilustres como Benedito Lacerda, que foi instrumentista, compositor e regente.<sup>25</sup>



**Figura 4:** Sociedade Musical Nova Aurora

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.cmmacaerj.gov.br/camara/historia/>.

<sup>24</sup> MF RURAL. Macaé - Rio de Janeiro - Informações sobre a Cidade. Disponível em: <https://www.mfrural.com.br/mobile/cidade/macaerj.aspx>. Acesso em: 27 fev. 2019.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/sociedade-musical-nova-aurora>.

A Sociedade Musical Nova Aurora ainda inspirou a fundação de outro grupo, conhecido como a Lyra dos Conspiradores. A Sociedade Musical Beneficente da Lyra dos Conspiradores foi fundada em 25 de dezembro de 1882 por músicos abolicionistas, sendo eles: Luiz Francisco Quaresma, Cândido de Freitas, Coutinho, Alfredo Amaral, Antônio José de Carvalho Torres, José Cyriaco e Joaquim Roza. Segundo Lauro “Reizinho”, a Lyra, que não tinha a palavra conspiradores, “está casada com a História do Brasil, sempre pela evolução moral e espiritual de todos através da música!” Apesar de ter sido fundada especificamente para lutar contra a escravidão, eles se transformaram em músicos, em uma banda com negros e , com muito orgulho, desfilavam, provando que todos eram iguais.<sup>26</sup> “Além de tocar, a banda escondia escravos fugidos e vendia alforrias” (Secretaria de Estado de Cultura, 2019).



**Figura 5:** Lyra dos Conspiradores  
Foto de Cris Isidoro/Diadorim Ideias<sup>27</sup>.

Dom Pedro acreditava que existia uma entidade macaense que conspirava contra a monarquia. Mandou uma mensagem para a casa Imperial para sinalizar isso e os diretores da Lyra, em resposta, disseram que existia um segredo em relação à criação de uma nova sociedade musical, diferente da Nova Aurora e, como o foco era música, eles iriam precisar de uma lira. Juntando tudo isso, o nome foi criado.

Nos anos seguintes, a Lyra realizou um forte movimento no sentido de ir contra a toda e qualquer manifestação que sinalizasse fatos relacionados à escravidão.

Além da parte musical, que era uma fonte de mensagens em resposta a estas atrocidades, reuniões secretas dos abolicionistas aconteciam na sede da Lyra.

<sup>26</sup> Macaé - A Lyra dos Conspiradores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mgu0JXZ2Gvk>.

<sup>27</sup> Secretaria de Estado de Cultura. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/sociedade-musical-lyra-dos-conspiradores#prettyPhoto>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Cinco anos depois de sua fundação, uma sede oficial foi conquistada, afirmando o potencial do grupo e todo o movimento de resistência à escravidão. Constantemente o local era alvo de invasões e até confrontos físicos aconteciam.

Todas as ações que prezavam pela integridade dos negros eram realizadas com muito empenho, chegando ao ponto de alguns integrantes se passarem por senhores de engenho, onde compravam os escravos mais velhos e, após isso, cartas de alforria eram entregues.

Depois de tantos embates, de tantas tentativas em diminuir aquela triste realidade, a abolição aconteceu e, a partir disso, o grupo passou a concentrar seus esforços no desenvolvimento musical da Lyra. Mal podiam imaginar que, muito em breve, a música iria avançar de forma tão grandiosa e de lá até hoje a casa continua a ser uma referência para músicos de toda a região e país. (ABRANTES, 2016b).

É fato que Macaé foi berço de diversas personalidades ilustres no mundo da política, da cultura e da música, mas, poucos sabem que Washington Luis, o décimo terceiro presidente do Brasil, era macaense (BORGALO, 2010). Como também: Benedito Lacerda, Músico; Ângela Maria (nome artístico de Abelim Maria da Cunha), cantora, compositora e atriz; Elisa Queiroz (Maria Elisa Moreira Queiroz), artista plástica; Mônica<sup>28</sup> Martelli (Mônica Garcia Assis), atriz, dramaturga, cronista e apresentadora; e Myrthes Gomes de Campos, uma advogada, tendo sido a primeira mulher no Brasil a exercer essa profissão. Ingressou na carreira pública e, em 1910, ocupou o cargo de delegada fiscal no Ministério da Justiça e Negócios.

Temos representantes na literatura, como: Godofredo Tinoco, Antônio Alvarez Parada, Alberto Figueiredo Pimentel, Henrique de Vasconcellos, Luiz Reid, Agenor Caldas, entre outros.

No segmento de teatro e cinema, Macaé tem bastante afinidade, já que peças teatrais, saraus, cafés e livrarias viviam lotados. Podemos destacar o Teatro Santa Isabel, que foi inaugurado em 1866 e foi o palco para apresentações únicas, com artistas de renome internacional. Ir ao Santa Isabel era um programa muito comum, que fazia parte do cotidiano do macaense. Mas, depois da Segunda Guerra Mundial, o teatro saiu um pouco de cena, e os cinemas vieram para brilhar. O Teatro Santa Isabel passou a levar a palavra Cine em primeiro lugar, e, na década de 30, a construção do Cine Teatro Taboada foi um marco para a cultura local, e se tornou o símbolo da vida cultural macaense entre as décadas de 50 e 60. Em 1927, o Cine Brasil foi inaugurado e, três anos depois, o Cine Teatro Glória, no distrito de Glicério, contemplou os moradores da localidade.

Nas artes plásticas, o nome que homenageia as atuais galerias do Centro Macaé de Cultura, tiveram como inspiração o pintor Hindemburgo Olive, membro da Academia Macaense de letras e que foi uma peça importante nesta vertente cultural. Podemos destacar também o cartunista e ilustrador Alvaro Marins, mais conhecido como Seth, que criou um documento

---

<sup>28</sup> Filha da ex-secretária de Educação e irmã do atual secretário de Educação.

especial onde os costumes e paisagens da cidade entre os anos 30 e 40 foram registrados de uma forma surpreendente. (ABRANTES, 2016a).

Entretanto, Macaé, na década de 1970, ainda conservava seu aspecto rural com 60.318 habitantes. Produtora de cana-de-açúcar, café, mandioca, banana, feijão, batata-doce, laranja, tomate, milho, arroz e abacaxi, sofre mudanças com o anúncio pela Petrobras, em 1974, durante crise mundial provocada pela guerra no Oriente Médio, da descoberta da Bacia de Campos, “a oitenta milhas da costa, na direção do Farol de São Tomé” (COSTA, 2007, p. 63).

O município, a partir da década de 1980, galgou o título de Capital Nacional do Petróleo, por ter uma base da Petrobras, empresa estatal fundada em 1953 pelo presidente do país à época, Getúlio Vargas, o que trouxe enormes mudanças nos campos econômico e cultural devido à imensa onda de indivíduos de diversas partes do mundo e do país, visando ao aumento de demanda de mão de obra qualificada no município, com salários bastante atraentes.

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), todos os tipos de vínculos de trabalho cresceram de forma intensa na primeira década do século XXI, com mais destaque para os empregos com carteira assinada, que, entre 2000 e 2010, aumentaram 134,6%.

Segundo Pose (2013), em meados da primeira década do século XXI, mais de 400 empresas fornecedoras de produtos e serviços em atividades offshore estavam estabelecidas em Macaé. Recentemente, o município já contava com cerca de 1.140 empresas fornecedoras dos mais diversos produtos e serviços, voltados para toda a cadeia offshore e onshore. (SEMDS DH, 2020, p. 19).

Todavia, junto a essa onda de pessoas especializadas, surgem também pessoas desqualificadas para tal serviço com expectativas de encontrar emprego, fazendo com que a cidade sofresse esse “impacto gerado pela alta concentração populacional no seu centro urbano. Esta concentração, fruto de um processo de urbanização acelerado” (SEMDS DH, 2020, p. 19), fez surgirem vários bairros sem infraestrutura em sua periferia, “ocupando áreas de preservação ambiental”, fazendo com que essa parte populacional se tornasse marginalizada e aumentando o número de favelas/comunidades na cidade.

Sendo as primeiras ocupações irregulares as que ocorreram “junto à foz do rio Macaé, em área de manguezal: inicialmente as comunidades de Nova Holanda, Malvinas e Botafogo; e, posteriormente, Ilha Colônia Leocádia e Nova Esperança” (SEMDS DH, 2020, p. 19). Porém, a maior ocupação “se deu no Lagomar, junto ao Parque Nacional da Restinga de

Jurubatiba, tornando-se o bairro mais populoso do município, sem muita infraestrutura para suportar tamanho crescimento (SEMDSHD, 2020, p. 19). A estimativa populacional do IBGE para o ano de 2020 na cidade é de 261.501 habitantes.

A inaptidão governamental, ou falta de uma política pública para criação de moradias populares, reformar o sistema de transporte público, assim como reforçar a segurança na cidade, também colabora para a falta de qualidade de vida da maior parte da população Macaense.<sup>29</sup>

Indispensável lembrar que, onde não há a presença do Estado, abrem-se brechas para o poder paralelo atuar.

## 2.2 A Educação em Macaé e o colégio pesquisado

Em pesquisa no site da Prefeitura de Macaé e documento fornecido pela Coordenadoria da Supervisão de Ensino, encontramos uma cidade possuidora de uma rede municipal que conta com cerca de 40.829<sup>30</sup> alunos, sendo 10.165 nas modalidades Educação Infantil (E.I.); 27.944 no Ensino Fundamental Regular (E.F); 688 no Ensino Médio Regular (E.M.); e 2.032 na Educação de Jovens e Adultos (EJA), da qual 1.863 encontram-se no E.F e 169, no E.M. A Secretaria de Educação oferece ainda cursos gratuitos aos seus profissionais, “ministrados no Centro de Formação Professora Carolina Garcia e no Centro de Educação Tecnológica e Profissionalizante (CETEP)”. No contraturno escolar, são ofertadas aos alunos atividades de Educação Física, tendo foco na psicomotricidade solo e aquática, natação, dança e futebol, entre outras; nas áreas de psicologia, fonoaudiologia, acompanhamento pedagógico, em quatro unidades do Centro Especializado ao Escolar (Cemeaes).

Destaca-se, ainda, por ter um

modelo integrado que alia a Educação Básica ao Ensino Superior, consolidando Macaé como Cidade do Saber e do Conhecimento. Com três Instituições de Ensino Superior (IES) funcionando no mesmo espaço, com 18 cursos de graduação e seis de mestrado e doutorado, a Cidade Universitária é referência na região e em Macaé.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.mfrural.com.br/mobile/cidade/macaee-rj.aspx>. Acesso em: 28 fev. 2019.

<sup>30</sup> Fonte: E-cidade, período de apuração 01/08/2021 a 06/08/2021. Anexo A.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.macaee.rj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/crescimento-economico>. Acesso em: 26 maio 2021.

Essa Cidade Universitária, que é mantida pela prefeitura, abriga a Faculdade Miguel Ângelo da Silva Santos (FeMASS), que é pública, municipal e oferece cursos como: Sistemas de Informação, Administração, Engenharia de Produção e Licenciatura em Matemática; a Universidade Federal Fluminense (UFF) com os cursos: Direito, Administração e Ciências Contábeis; e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Medicina, Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Obstetrícia, Engenharias Civil, de Produção e Mecânica, Química e Ciências Biológicas – sendo estes dois últimos bacharelado e licenciatura.

Imperioso assinalar a existência da Escola Municipal de Artes Maria José Guedes (EMART) vinculada à Secretaria de Cultura, atualmente, com os cursos livres de teatro para adolescentes de 13 aos 16 anos, teatro para adultos, pintura, desenho, musicalização infantil; cursos técnicos profissionalizantes em artes dramáticas com ênfase em montagem de espetáculo e profissionalizante em interpretação musical, com habilitação em instrumento ou canto, Curso Básico de Música, Coral da Cidade de Macaé e Coro da Câmara. Teve seu início com o Curso Técnico em Artes Cênicas, com ênfase em Montagem de espetáculos.

Conheci sua existência ao realizar a pesquisa para esta tese. Trabalhando em Macaé desde 2010, não tinha o conhecimento dessa escola, como muitos colegas e alunos também não o têm, que foi criada em 2003 pela Lei n.º 2.426/2003, recebendo “o nome da artista e grande incentivadora das artes nos anos 60 e 80” (Prefeitura Municipal de Macaé, 2019). Tendo sua regulamentação em 2004, pelo Decreto n.º 183/2004, incluída no Cadastro Nacional de Cursos Técnicos do Ministério da Educação (CNCT) e, ao mesmo tempo, sendo criado o Conservatório Macaé de Música, hoje denominado Curso de Música da EMART.

Em 2005, a EMART ganhou uma sede definitiva em dois andares do Centro Macaé de Cultura. São duas salas/auditório, com capacidade para 60 pessoas cada, com aulas de teatro, teoria e ensaio do coral. Além disso, o espaço ganhou um estúdio com bateria, onde são dadas aulas de prática de conjunto. São dez novas salas para aulas dos mais diversos instrumentos: piano, teclado, violino, violão, trombone, flauta transversa, saxofone, guitarra, baixo e canto. (Prefeitura Municipal de Macaé, 2019).<sup>32</sup>

### 2.2.1 O Colégio Municipal Botafogo

---

32 Prefeitura Municipal de Macaé. Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em: <http://www.macaee.rj.gov.br/cultura/conteudo/titulo/escola-municipal-de-artes-maria-jose-guedes-emart>. Acesso em: 10 abr. 2019. Alguns editais e resultados podem ser acompanhados na Página do Facebook, em <https://www.facebook.com/secretariadeculturademacaee/>.

O Colégio Municipal Botafogo, como escola pública dessa rede de ensino, funcionou durante 15 anos em uma Associação de Moradores, até ser construído o novo prédio, às margens do canal Virgem Santa, que faz divisa entre as Malvinas e o Botafogo, inaugurado dia 12 de fevereiro de 2004.

A equipe que escreveu o Projeto Político Pedagógico do Colégio Municipal Botafogo relata não ter sido fácil o início no novo local, pois, anteriormente, atendiam apenas ao Ensino Fundamental I, e passaram a atender da Educação Infantil ao Ensino Médio (EJA).

Saímos de uma escola de 04 salas para uma com 15 salas, tínhamos 250 alunos e logo no primeiro ano dobramos esse número. Foram três anos de muitas experiências que não pareceram surtir efeito e estávamos perto de formar a primeira turma de 9.º ano em 2007. (PPP, 2018-2020).

Hoje, novembro de 2021, a escola possui 34 turmas, divididas nos três turnos, distribuídas em 13 salas de aula, com quase 1.000 alunos, ofertando o Ensino Fundamental II regular e a modalidade EJA. Estão distribuídos da seguinte forma: no Ensino Fundamental II regular, são 778 matrículas efetivadas do total de vagas de 829, sendo que 51 ainda estão disponíveis; na EJA, foram efetivadas 196 matrículas, do total de 295 vagas, restando 99 disponíveis e totalizando 974 alunos em todos os turnos.<sup>33</sup> No prédio, conta-se com acessibilidade, sala Recursos Multifuncionais, onde funcionava também o Clube do Xadrez, sala de informática, sala de vídeo, sala de leitura, sala de música, um pátio descoberto, que funciona como quadra para as aulas de Educação Física e refeitório.

Com a demanda de vagas para o Ensino Fundamental II nos bairros do entorno, o Colégio Municipal Botafogo veio, ao longo dos anos, abrindo novas turmas de 6.º ao 9.º Ano de Escolaridade (Fundamental II), e, conseqüentemente, diminuindo as turmas de 1.º ao 5.º Ano de Escolaridade (Fundamental I), até serem extintas neste ano de 2018. Nossa escola passou a atender somente o Ensino Fundamental II, EJA diurna (Ciclos IV e V) e EJA noturna (Ciclos I ao V). (PPP, 2018-2020. p. 18).

Macaé tem uma história muito ligada à cultura, e, no Colégio Botafogo, não seria diferente. O primeiro contato que tive com a escola foi em 2011, para dar aulas no Projeto de Dança no lugar de um professor que saiu. Fiquei encantada com a sala. Com espelho e barra, um sonho dentro da comunidade que não tinha o contato com as danças clássicas. Em 2012, levei minha matrícula para a escola para continuar o projeto. Na escola, fervilhavam projetos

---

<sup>33</sup> Relatório de alunos matriculados no sistema Macaé E-Cidade. Exercício: 2021 23/11/2021 12:21:11- Anexo B.

de Dança, Capoeira, Xadrez e Judô. Era um desafio ensinar balé<sup>34</sup> e jazz, algo tão distante da cultura da comunidade, em que minhas alunas não tinham paciência nem para ouvir as músicas que eu propunha nas coreografias. Negociava com elas: se fizessem todos os exercícios que eu propusesse, elas poderiam colocar as músicas que quisessem. Desse modo, conseguia dar as aulas e, assim, elas estavam no projeto porque queriam. Era muito mais fácil do que hoje. Hoje tenho que negociar para dar aula de uma disciplina obrigatória: Educação Física. Se fizerem todas as atividades que planejei, deixo jogar futebol no final.

O Clube de Xadrez acontecia em parceria com a sala de recursos multifuncionais e surgiu como “uma ferramenta para atender com maior foco, alunos da educação especial com altas-habilidades ou superdotação, que se estende para todos os alunos da escola” (PPP, 2018-2022, p. 45), tornando-se relevante meio para a inclusão, de modo que permite a participação de todos. Iniciou-se em 2016 o Projeto de Educação Musical, “através de aulas de música nas modalidades: canto solo e coral; violão; teclado e flauta doce” (PPP, 2018-2022, p. 46). Esses projetos extra-classe terminaram com o início da pandemia.

De um importante Projeto da escola intitulado “GENTILEZA GERA GENTILEZA”, decidiu-se que o mesmo, a partir da reformulação deste Projeto Político Pedagógico, passará a ser o LEMA DA NOSSA ESCOLA. Dessa forma, a partir do ano de 2018, este lema sempre embasará as ações pedagógicas e todos os projetos de trabalho. (PPP, 2018-2020, p.34).

O colégio, em sua ação pedagógica, por meio de projetos, traz os projetos: o Carnaval; Cultura Indígena; Educação Ambiental; Literarte; e Africanidade. O projeto Carnaval é o que mais se aproxima da nossa tese quanto ao seu objetivo, por ter surgido da urgência de atrelar as ações pedagógicas do Colégio ao intuito de auxiliar alunos, educadores e demais funcionários no trabalho da compreensão dos valores humanos e ampliando os debates sobre o tema “Violência e escola” juntos, galgando uma alternativa “para uma boa convivência em grupo” (PPP, 2018-2020, p.34). Lembrando que o colégio fica localizado em uma periferia bastante violenta do município, contudo, no PPP, ratifica-se “o fato de estar numa periferia violenta não significa que a escola na sua essência pode ser classificada como tal” (PPP, 2018-2020). Mas, de fato, a violência rodeia a escola e, por vezes, vivencia seus reflexos. Mesmo com seus projetos, fica bastante difícil intervir positivamente na vida desses que sobrevivem, apesar dessa ambiência negativa.

Quando pensamos no Brasil, ou no povo brasileiro, quase sempre nos vem a imagem de um povo alegre e dançante. O carnaval é um grande exemplo

---

<sup>34</sup> A modalidade de dança vinculada ao projeto na escola era o ballet clássico.

disso. É uma manifestação popular que ocorre de diferentes formas em várias regiões do país, dependendo do contexto histórico e sociocultural de cada lugar.

O Carnaval é cultura, é história, é miscigenação, é respeito às diferenças! (PPP, 2018-2020, p.34).

O forte desse projeto é o “Boi Pintadinho”, pois, em Macaé, também é possível acompanhar uma das maiores expressões culturais do “Boi”, que completou 100 anos em 2010, a farra dos “Bois Pintadinhos”, em Macaé, que inicia sempre um mês antes do carnaval.

O Carnaval na cidade é realizado pela Liga Independente das Entidades Carnavalescas de Macaé (Liecarn), tendo como parceira a Prefeitura. Os bairros recebem o concurso do Boi, com as categorias Mirim e Adulto (FERNANDES, 2010). São 90 bois pelos bairros, os mais conhecidos e tradicionais “Bois Pintadinhos” são: Ladeira, no Morro de Santana; Taradão, no Visconde, que tem como símbolo um boi de braços cruzados; Suave veneno, na Nova Holanda; Rei da Barra.com, na Barra de Macaé, cujo símbolo é uma coroa de rei; Falcão, no Miramar; Bob Marley, na Aroeira, que traz as cores do Bob Marley como símbolo; Matosão, na Nova Macaé; e Catalunyha, no Novo Botafogo.<sup>35</sup>



**Figura 6:** Apresentação dos Bois Pintadinhos na quadra da escola

Nas escolas, podemos observar, nessa época, muitas homenagens aos bois e competições belíssimas. No entanto, como começou a história do Boi pintadinho?

Buscamos, então, a pesquisa dos autores Silva Júnior et al. (2017), que trata da questão da educação musical e a história do Boi, em que, por meio da história oral, localizaram a gênese desse folguedo “com os africanos e caboclos, entretanto, a história dessa cultura no Brasil leva a crer que, como em outras regiões, esta festividade esteja ligada ao

<sup>35</sup> Blog *Movimento Cultural Boi Pintadinho de Macaé*. Disponível em: <http://boispintadinhosdemacaé.blogspot.com/p/historia.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

cultivo da cana de açúcar”. Os autores ressaltam a existência de variantes e ressignificações em outras regiões ou até sua inexistência. A lenda mais comum é a história de morte e ressurreição do Boi no Norte e no Nordeste: “Boi Bumba”, no Norte, e “Bumba-meu-Boi”, no Nordeste.

O núcleo de suas tramas é a morte de um boi precioso pertencente a um rico fazendeiro por um vaqueiro Pai Francisco, ou nego Chico premido pelo desejo de sua mulher grávida de comer a língua do dito boi. Essa “traição” ao amo, que é ao mesmo tempo “lealdade” à esposa, provoca um terrível impasse quando descoberta. Um médico e um padre tentam a ressurreição do bicho, finalmente obtida por um Pagé. Aí, então, nos dizem essas narrativas, “o grupo todo celebra em festa”. (SILVA, 2010 apud SILVA JÚNIOR et al., 2017, p. 3-4).

O Boi tornou-se uma típica tradição em bairros de periferia, envolvendo toda a comunidade. São confeccionados grandes bois pelos artesãos, e os menores, pelos jovens e pelas crianças, “que pedem dinheiro nas esquinas para financiar a construção do ‘Boi’ da sua própria rua” (SILVA, 2010 apud SILVA JÚNIOR et al., 2017). Em campos, o Boi recebe o mesmo nome, mas, em Quissamã, recebe o nome de “Boi Malhadinho”.

Os autores enfatizam a importância da manifestação cultural do Boi Pintadinho, o que ratifica a importância do Projeto Carnaval no Colégio como um elemento de representação cultural, resistência e “uma resposta, em nível simbólico”, à invisibilidade social que essas periferias sofrem pelo poder público dessa cidade tão rica, devido à extração do “ouro negro”, sobrevivendo “às transformações urbano/culturais geradas pela vinda da Petrobras para o município” (SILVA, 2010 apud SILVA JÚNIOR et al., 2017).

Em Agosto, no mês do Folclore, tem festa Cultural no Colégio, e, em 2019, tive a oportunidade, por meio de pesquisa dos alunos, de conhecer mais de Macaé, por exposições e até peça teatral. Conheci lendas lindíssimas que representam histórias da cidade, como as lendas: da Noiva da Ponte, do Papa Lambida, do Motta Coqueiro; e a “Porquinha de Tamanco”, “Biquinha do Amor”, “João Girá” e “Vinagre”, que, em 2012, depois de serem pesquisadas, passaram a fazer parte do projeto do DVD, utilizado para visitas guiadas do Solar dos Mellos<sup>36</sup> (BORDALO, 2012).

Na escola, ouço muito falarem sobre o “Boi Pintadinho”. Essa cultura do boi é bem forte, principalmente nas comunidades. Os alunos faltam, muitas vezes, às aulas por não conseguirem acordar cedo, pois, no dia anterior, ficaram “atrás do Boi”, como dizem. Mas, Macaé não é só “Bois Pintadinhos”, como vimos, tem muito mais de cultura e muitos

<sup>36</sup> Museu da Cidade de Macaé, criado em 26 de março de 2004, pela Lei n.º 2.463/2004.

representantes em Macaé. Mas será que nossa juventude pobre e preta de comunidade frequenta ou ao menos sabe da existência desses lugares? Será que existe uma Macaé para a juventude preta e pobre e outra para os mais abastados da cidade?

### 3 ENTRE “LUXOS E LIXOS” NO CORAÇÃO DA FAVELA: ESCREVINHAR PARA NÃO SILENCIAR

Importante ressaltar que, em nenhum momento, estamos comparando nosso local e nossa juventude com lixo, pelo contrário, para nós e em nossa tese, a ideia é mostrar que são nossos luxos, e, assim, precisa ser valorizada. Nossa juventude, que nos brinda com seu vigor e com sua criatividade, o superar tantas adversidades e continuar vivendo, apesar dos “lixos” deixados em seu caminho ou de fizeram do caminho dela “lixos”.

A favela produz mais cultura em 10 anos do que algumas comunidades produziram em milênios [...] Quero dizer que o super processo de repressão usado pelo Estado a serviço das classes dominantes vai exigir uma superprodução cultural – verdadeiro escudo de resistência, verdadeiro halo de vida, expressão de luta primordial pela sobrevivência dos novos humilhados e ofendidos, os pés-descalços [...] (LEAL, 1988, p. 49).

Neste momento da tese, trazemos o cotidiano e as falas desses que, para nós, são tão caros e que nos fizeram querer realizar esse valoroso trabalho, que só assim o é por essa juventude. Traremos entrevistas com funcionárias, moradoras e moradores e ex-alunas e ex-alunos de nossa escola.

O processo dessa escrita muito me desafiou. Por vezes, pensei em parar ou mudar a pesquisa, no entanto, o sentimento e a necessidade de pôr fim a uma angústia me rondava, além dos companheiros e companheiras do grupo de pesquisa, GPMC, que me incentivaram a não desistir. Era necessário tornar viva essa “escrevivência”, por meio dessa pesquisadora que não deixou de ser professora.

Trazer aqui os compilados de anos de trabalho com esses jovens pode parecer fácil, mas não é. O envolvimento acaba emperrando o meu escrevinhar, debruçando-me por muitas noites com afeição e empatia nos relatos, fotos e trabalhos desenvolvidos com as/os jovens da escola pesquisada.

Todavia, nossas escrevivências não existem apenas para incomodar, mais para, por meio desse incômodo, permutar a situação de incômodo. Fazer doer também é sua função, pois, por meio dessa dor, fazemos um movimento de auxílio para essa permuta. Parafraseando Conceição Evaristo, quando ela diz que “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”,<sup>37</sup> penso eu que estamos trabalhando por uma equidade social, que, se não a conseguirmos totalmente, ao menos iniciamos a luta.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>.

Nesse processo de escrita, que teve diversos momentos e interrupções, mudanças no cronograma e na pesquisa em si, Pandemia, com quarentena de mais de um ano, houve muitas perdas que serão irreparáveis, não apenas perdas materiais, como de emprego, grande parcela da população entregue ao descaso e à fome por parte dessas tão faladas ausências do Estado. O que menos importa nesse terrível quadro que atravessamos de 2020 a 2022 é minha pesquisa, tendo em vista que a situação da juventude pesquisada piorou, e muito.

No início da pandemia, amigos e amigas, colegas de trabalho, entraram em contato, relatando as dificuldades que nossos alunos e alunas estavam atravessando. Muitos realmente frequentam a escola para comer, e eles não tinham mais esse porto seguro, estavam entregues à fome, dessa vez, totalmente entregues.

Junto a um ex-aluno,<sup>38</sup> agora presidente da associação, fizemos campanhas que perduraram enquanto a prefeitura não disponibilizasse o auxílio prometido aos responsáveis das alunas e dos alunos. Mas isso não basta. O que deve ser feito, efetivamente, são políticas públicas para que não dependam de assistencialismos.

A pandemia da Covid-19 fez emergirem desigualdades que já existiam, mas não eram divulgadas tão amplamente. Ela fez exteriorizar o melhor das pessoas, por meio de campanhas, e o pior das pessoas, pelo aumento dessas desigualdades. Além disso, anunciou que a diferença e as desigualdades são ratificadas e sancionadas pelo Estado.

A melhor maneira que encontrei de iniciar esse capítulo foi narrando como cheguei finalmente ao meu tema de pesquisa do doutoramento. Debatendo o tema “Luta x Briga” em sala de aula, com uma turma pequena de 8.º ano, que apresentava distorção série-idade,<sup>39</sup> alunos faltosos e poucas meninas, conversamos sobre os conceitos do tema e ingressamos na questão da violência. Perguntei o que achavam que era violência. Fiquei muito impactada com a resposta de um aluno, que, a princípio, era para mim um dos melhores alunos da turma, sempre o mais participativo, gostava muito de esportes e, por isso, amava as aulas práticas de Educação Física. Vou transcrever um pouco do nosso diálogo.

Aluno L: “Para mim, violência é ter que vim estudar!”

Eu: Como assim?

Aluno L: Ser obrigado a vim pra escola, pra mim é violência! Não gosto de estudar.

---

<sup>38</sup> Seria um dos nossos entrevistados. Mas, devido aos acontecimentos na comunidade, ficou impossibilitado de nos dar entrevista.

<sup>39</sup> Alunos com distorção série-idade são aqueles que já passaram da idade de estar naquela série (ano), mas que não podem estar na EJA por ainda não terem a idade mínima, que é 15anos na data da matrícula.

Eu: Então, a educação ou o que você aprende na escola não são importantes para você?

Aluno L: Não!! O que preciso aprender aprendo na rua!

Eu: Mas o que você sonha para o futuro?

Nesse momento, o restante da turma se pronunciou e começou a dizer o que queriam ser. Deveríamos ter, no máximo, 10 alunos nesse dia. Diziam que queriam trabalhar na firma, de moto-táxi. Alguns ainda não tinham pensado nisso. Apenas uma aluna disse sonhar em ser médica, mas não sabia o passo a passo para isso. Então, coloquei uma linha no quadro e comecei a colocar os anos de escolaridade, graduação, pós-graduação etc. Disse que meu sonho era conseguir fazer meu doutorado, que tinha iniciado à época. Alguns me questionaram para que tanto estudo para ser professora e, principalmente, ali. Essa única aluna, VT,<sup>40</sup> emocionou-se e me agradeceu pelo esclarecimento e disse que ia fazer de tudo para seguir esses passos.

Necessário dizer que a aluna VT é criada pela tia, que já tem muitos filhos, perdeu a mãe muito cedo, e o pai pouca a visitava. Menina sensível, carinhosa e muito sonhadora, mas com muitas dificuldades de aprendizado.

Ele continuou:

Aluno L: Para que tudo isso, pra morrer logo ali na frente???

Eu: Morrer? Por quê? Você não tem escolhas? Tenho certeza que seus pais sonham o melhor para você!

Aluno L: Tia, a realidade é essa aqui mesmo! Moro aqui e quero trabalhar na firma! Não penso em fazer outra coisa não!

Fiquei arrasada, pensando que não tinha valido de nada tudo aquilo. Eram alunos meus há mais de 2 anos, e o que eu fiz por eles? Questionava-me. Ficar apenas impactada não mudaria a vida desses alunos e alunas. Então, busquei ajuda para conhecer melhor a vida dessa juventude. Fui à comunidade/favela conhecer a realidade de perto. Encontrei o que a definição em si de favela nos faz imaginar que iríamos encontrar.

Nas palavras de Freire (2008, p.100), na definição do poder público, a favela é vista pelos “aspectos prioritariamente ocupacionais, estruturais e legais, sendo o termo utilizado para denominar espaços que se caracterizam pela ‘precariedade’, ‘irregularidade’ e desconformidade”, isto é, desenvolve-se explicitamente por uma “virtualidade negativa”. É

---

<sup>40</sup> Voltaremos a falar com VT, mais à frente na tese, nas entrevistas.

também definida por ser um espaço popular indesejável, conhecido pelas ausências, ou seja, “definida pelo que ela não é ou pelo que ela *não tem*” (SILVA, 2007, p.4).

Compreendida como um espaço desprovido de organização, sem nenhuma “infra-estrutura urbana água, luz, esgoto, coleta de lixo, sem arruamento, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem regras, sem moral, enfim, expressão do caos” (SILVA, 2007, p.4). E, além de todos esses problemas que a compõem, aparecem frequentemente “na mídia como foco transmissor de violência e criminalidade” (FREIRE, 2008).

Sem Regras? Por vezes, ouço alunas e alunos dizerem a seguinte frase: “Tia, aqui o negócio é diferente. As regras são outras!”.

Por anos, ouvi dizer, e a definição de Silva (2007) quanto às regras está equivocada quanto à visão de alunas e alunos, de modo que existem regras nas favelas, ela não é uma terra de ninguém. A única diferença é que as regras que existem são estabelecidas pelos donos das favelas e pela cultura daquele grupo social. É claro que isso não é dito verbalmente, mas conseguimos entender no contato, nas leituras das entrelinhas, que temos com a comunidade.

Como a educação é uma fabulosa troca, pude aprender com essa juventude que, sim, na favela existem regras, mas que nem sempre são vistas como regras, ou aceitas pela sociedade, pelo asfalto, por causa do epistemicídio cultural ao qual estão expostos. De fato, a distorção na visão de o que seja uma favela esteja nas ideias preconcebidas de quem não é morador, que não conhece e não a vive, conhecendo-a pela televisão e acreditando no que dizem, uma visão, por vezes, distorcida.

Quando temos a visão de que o termo “comunidade” visa esconder as contradições existentes, homogeneizar, trazendo uma falsa sensação de que algo mudou e que todas as “comunidades” estão no mesmo patamar. Logo, o termo favela marca seu espaço, seu lugar social, na resistência por meio da cultura criada por seus moradores, onde eles se reconhecem e se entendem como “cria” daquele lugar, não só espacial, mas também social.

Na pesquisa “Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados”, de Freire (2008), observamos, por meio de entrevistas com moradores, que a concepção de favela como espaço estigmatizante faz com que nenhum deles se autodenomine como “favelado”, inclusive, uma das moradoras disse se portar de forma diferente dentro e fora da favela. A autora ainda cita Goffman (1982 apud FREIRE, 2008, p. 108), o qual afirma “que o estigma está relacionado com a existência de expectativas que norteiam as relações sociais”. Para um dos moradores, o que distingue a favela do bairro é o “poder aquisitivo dos habitantes” e “que o favelado já se vê diferentes do cara que mora no bairro”. Objetivando abrandar esse estigma da favela, surge a categoria “Comunidade”, que

aparenta “evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização uma alternativa simbólica viável” (Goffman, 1982 apud FREIRE, 2008, p. 109).

Em nossa visão, a palavra comunidade parece um “eufemismo”, o que agrava o fato e diminui o povo que mora na favela, explicitando que seja ruim morar na favela. Sabemos que esses “sobreviventes das fronteiras’ são atores que precisam cotidianamente se reinventarem e se reinscreverem na vida” (MONTEIRO, 2005, p. 11),<sup>41</sup> assim sobrevivendo e fazendo com que sua cultura resista apesar de tudo.

Significativo dizer que é inquestionável a segregação desse espaço e dos moradores, independentemente da categoria que se empregue, favela ou comunidade, devido à sua separação, mesmo que não seja espacial, da cidade como um todo. Percebe-se que o sentido como são empregadas as categorias anuncia mais que os próprios significados.

Em vez de considerar “favela” e “comunidade” como categorias estáticas, deve-se compreender a forma como são operacionalizadas pelos atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais. Foi assim que percebi, ao longo do trabalho de campo, que, entre os moradores, “comunidade carente” e “favela” são expressões que oscilam, frequentemente utilizadas para ressaltar aspectos negativos de Acari. No caso da primeira, quando se buscava acentuar a pobreza e uma carência generalizada (“Aqui falta tudo”), denunciando uma situação de “abandono” da localidade por parte do poder público. No caso da segunda, quando, além desses aspectos, se enfatizavam as diferentes formas de violência incitadas pela presença do tráfico de drogas armado nessas localidades, associando-as à noção de perigo (FREIRE, 2008, p.110).

A favela, ou a comunidade, continua sendo vista como um local de criminalidade, tráfico de drogas, prostituição, sujeira, desordem, etc. Logo, está ligada à questão de um risco social, favorecendo o ideário dos grupos hegemônicos<sup>42</sup> que estão imbricados com o Poder do Estado. É real que esses grupos da sociedade sempre operaram junto ao Estado, para que pudessem controlar com legitimidade os grupos subalternizados, por meio das instituições, como o sistema escolar e a igreja, a cultura, a ideologia, entre outros meios para entabular a supremacia. E esse “controle exercido pelo Estado sobre os grupos menos favorecidos é, em geral, expresso pela marca da violência com que são tratados os mais pobres,” tornando-se sistematicamente uma questão policial (CAMPOS, 2011, p. 64).

<sup>41</sup> 28.<sup>a</sup> Reunião Anual da Anped, Gt 06. Educação Popular. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/sobreviventes-das-fronteiras-cultura-violencia-e-valores-na-educacao>

<sup>42</sup> Para falar em grupos hegemônicos, recorreremos ao conceito de hegemonia de Gramsci (1891–1937).

Significativo dizer que algumas entrevistadas e alguns entrevistados, que serão apresentados mais à frente, quando se referem ao local onde moram, utilizam a palavra “comunidade”. Embora eu prefira “favela”, vou utilizar ora um, ora outro termo de acordo com as escrivências relatadas.

[...] para mim, favela, comunidade, para mim é tudo a mesma coisa, porque tudo vende droga. A única diferença que vai ter, porque algumas os meninos fica armado e outras não! Não fica demonstrando, fica armado mas, não fica demonstrando. Mas, para mim, comunidade ou favela é toda a mesma coisa. (RD – Ator/ ex-aluno).

A realidade de meus alunos e alunas ali apresentada aos meus olhos era um pouco mais dolorida do que eu imaginava. De dentro do carro, tirei as fotos, mesmo porque não tinha condições de caminhar pelas ruas, sem asfalto e sem saneamento básico. Apenas a rua principal tem paralelepípedos. Como mencionei anteriormente, trabalho no colégio desde 2011 e nunca tinha visitado o bairro de onde vem grande parte do público lá atendido.

Dentre as fotos de tantas casas, escolhi essas duas, pelo grau de consternação que me causaram. Ambas são feitas de restos.



**Figura 7:** Casa de chapa

Na Figura 7, a casa é feita de chapa de latão, telhas de zinco e táboas. Impossível imaginar a situação e as condições de vida dos moradores. O calor insuportável! Já, na Figura 8, a casa nem telha tem, o que faz o teto da casa são lonas e as paredes taboas.



**Figura 8:** Casa de táboas

Penso, junto a Leal (1988, p.64), que “o mundo da escola é o mundo dos murais, da televisão etc.; a favela é outro que deve ser rejeitado: é sujo, feio, descolorido”. Então, como estudar nesse mundo? Como estudar em casas nessas condições? Em tempos de pandemia, como participar de aulas *online*? Onde muitos não têm nem um espaço para dormir, ter computador, internet de boa qualidade, Wi-fi? Dentro dessa precariedade onde falta o básico, como vislumbrar um futuro diferente? Será que se conhecêssemos essa realidade, olharíamos diferente para essa juventude?



E as ruas? Sem asfalto, saneamento básico, água encanada, lugar para lazer?



Como viver com tantas ausências? O que esperar, apesar dessas ausências? Onde está o poder público? É certo que houve muitos investimentos em muitas áreas de Macaé, no entanto, na nossa comunidade, que tudo falta e nada é feito!

Essas perguntas e angústias permearam não apenas meu pensamento, mas também minha intenção de escrita.

### 3.1 Caminhos trilhados

Como metodologia, muita coisa foi pensada. Todavia, nesses caminhos e descaminhos da pesquisa, muita coisa aconteceu: nossa juventude entrou e saiu da escola; crianças se tornaram jovens nesses quatro anos de pesquisa; e eu amadureci e a pesquisa também, tomando novos rumos devido aos impasses encontrados no transcórre dos fatos.

Pretendíamos trazer as escrevivências da nossa juventude, dos líderes comunitários e dos professores e das professoras do Colégio Municipal Botafogo, por meio de entrevistas, situado no Bairro Botafogo, na Cidade de Macaé. Com a pandemia da Covid-19, decreto do estado do Rio de Janeiro pelo Governador à época, Wilson Witzel (PSC), as aulas foram suspensas, impossibilitando as entrevistas com aqueles. Nesse contexto, foram necessárias adaptações para que a pesquisa pudesse ser concluída. Não foi da forma que desejamos e projetamos, mas caminhamos.

Como medida paliativa e para darmos andamento à pesquisa, utilizamos o “Diário de Bordo” da pesquisadora/professora, com os diálogos com alunas e alunos; trabalhos dos alunos realizados o longo desses quatro anos de pesquisa e as entrevistas semiestruturadas por meio de um formulário<sup>43</sup> com as professoras e os professores do Colégio Municipal Botafogo; e entrevistas semiestruturadas, com roteiro predeterminado, com moradoras/funcionárias da escola e ex-alunas e ex-alunos que aceitaram conversar um pouco sobre o assunto e suas trajetórias. Para melhor encaminhamento da pesquisa, parte dos trabalhos desenvolvidos com os alunos foi mesclada com as respostas dos formulários de entrevista.

Para a análise das respostas do formulário, empregamos como procedimento metodológico a análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (1977), que é um instrumento metodológico bastante sutil e que se aplica a discursos extremamente diversificados,

desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extracção de estruturas traduzíveis em modelo – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do

---

<sup>43</sup> Formulário completo no Anexo C.

não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p. 9).

Nas palavras de Bandin (1977, p. 38), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Mas não apenas isso seria o suficiente para realizar-se uma boa análise do conteúdo. Torna-se necessário o olhar de um analista minucioso para descobrir nas entrelinhas as respostas necessárias para a pesquisa.

A análise utilizada nesta pesquisa é denominada análise categorial, isto é, aquela em que cabe ao analista o “trabalho de poda”, ou seja, de “delimitar as unidades de codificação ou as de registro. Estas, de acordo com o material ou código, podem ser: a palavra, a frase, o minuto, o centímetro quadrado” (Bandin, 1977). Sendo assim, utilizamos trechos das respostas e falas das anotações do Diário de Bordo da pesquisadora como citações, criando as categorias.

### **3.2 O formulário: alinhando falas e pensamentos à teoria**

O formulário foi preenchido no formato *online*, no período de 18 de junho a 20 de julho do ano de 2020, sendo que um professor deu o retorno em 23 de novembro de 2021, pelo fato de eu ter tido problemas para entrar em contato, visto que ele deixou o quadro de funcionários do colégio.

Foi enviado por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp no grupo do colégio e no particular por, no mínimo três vezes, com o auxílio da Orientadora Educacional Roselene Affonso do Nascimento, para professoras e professores do Colégio Municipal Botafogo. Sendo as respostas gravadas automaticamente no Formulário Google, gerando uma planilha no próprio Google Drive.

Do total de 68 professoras e professores, apenas com 33, sendo 20 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, não fizemos o debate de gênero por acharmos que, no momento, não cabia a questão. Responderam ao nosso formulário menos da metade, e 23 ficaram à disposição para uma segunda etapa da pesquisa, que traz os relatos dos profissionais sobre as situações de violência vivenciadas dentro do ambiente escolar. No formulário, não foi solicitada a identificação nominal, podendo, em alguns casos, serem identificados por seus e-mails, no entanto, na pesquisa, são identificados pelo código “Prof.”, seguido do número da ordem de preenchimento para facilitar a localização das respostas. Logo, temos do código Prof.1 ao Prof.33.

Iniciamos solicitando o preenchimento do e-mail. Em seguida, a idade e o tempo de serviço no magistério, salientando que não perguntamos o tempo em que leciona no C.M.B. nem se as agressões sofridas ocorreram nesse colégio e que algumas professoras e professores têm duas matrículas e/ou também trabalham em colégios particulares, bem como a disciplina, para que pudéssemos conhecer um pouco sobre a vida profissional delas e deles e arriscar possíveis observações em razão da diferença geracional.

Observei que temos, no quadro de funcionários do Colégio, digo funcionários, pois, pessoas da equipe gestora também participaram da pesquisa, uma grande diferença geracional entre esses profissionais. Encontramos desde os mais jovens, como o Prof. 20, com 28 anos de idade e 10 anos de magistério, a professores com 61 anos de idade e 20 anos de magistério, como o Prof. 9. Quanto à experiência profissional, encontramos professores menos experientes, com 8 anos lecionando e 43 anos de idade, como Prof.13, ao Prof.30, mais experiente, com 34 anos em sala de aula e 58 anos de vida, e professores de todas as disciplinas.

Para conhecer como tem sido a evolução da violência dentro da educação, no cenário que pesquisamos, perguntamos se viram a violência aumentar durante a trajetória profissional. Apenas um professor, Prof.28, que leciona há 10 anos, diz não ter visto.

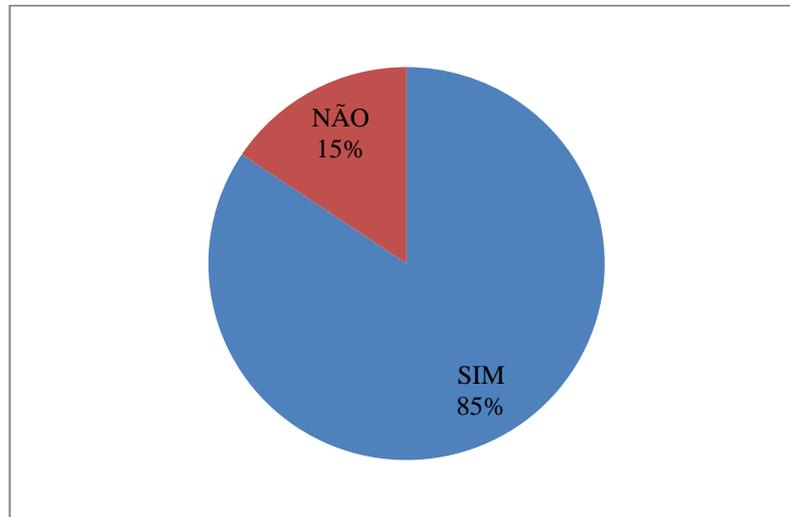
Temos conhecimento de que o número de ocorrências de violência dentro das escolas e, principalmente, contra educadores e educadoras tem aumentado. Infelizmente, no ano de 2018, o jornal *O Globo* publicou que “Macaé tem a terceira delegacia do Estado que mais registra casos de ameaças contra professor”, em que, do ano de 2014 a 2017, foram mais de 624 ameaças dentro das escolas, ou seja, um professor a cada três dias. “Com 15 registros, Macaé está em terceiro lugar entre as delegacias que mais registram esses casos”, perdendo para Duque de Caxias, em 1.º lugar, e Bonsucesso, em 2º lugar, isso em casos registrados (SINPRO, 2018). Importante dizer que essa violência não está direcionada ao professor, gênero masculino, mas, ainda segundo a pesquisa, 75% das vítimas são mulheres e apenas 25% dos autores são alunos. Quem são os outros 75% dos agressores? Isso o site não diz.

De acordo com Souza (2019), em 2019, 81% dos estudantes e 90% dos professores souberam de casos de violência em suas escolas estaduais no último ano. Ocorrências mais frequentes de violência nas escolas estaduais envolveram bullying, agressão verbal, agressão física e vandalismo. (BARBIERI, 2021).

Na nossa pesquisa, não foi diferente. A maior parte desse grupo já sofreu algum tipo de agressão dentro das escolas onde trabalham. O Gráfico 2 mostra que 85%, ou seja, 28 dos

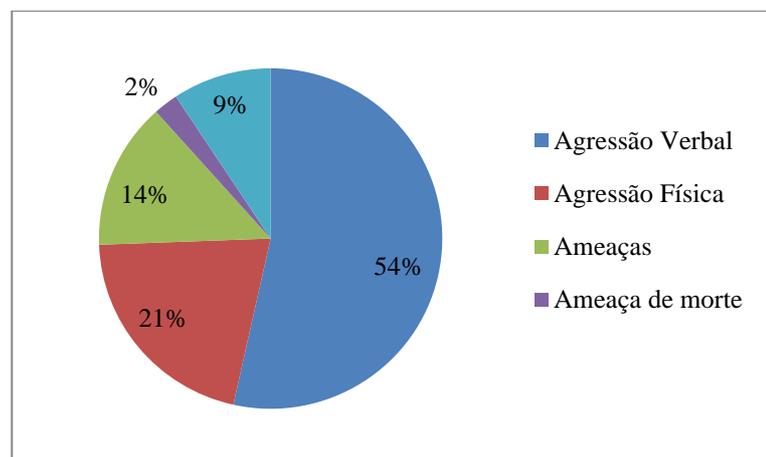
que responderam ao formulário, já sofreram algum tipo de agressão em sala de aula, e 5, 2 professoras (Prof.12 e Prof.27) e 3 professores (Prof. 16, Prof.24 e Prof.26), não sofreram.

**Gráfico 2:** Pergunta 6: Você já sofreu algum tipo de agressão dentro da sala de aula?



A pergunta 6.1, sendo um complemento da pergunta anterior, é posta para melhor elucidar as formas de agressão, caso a resposta anterior fosse afirmativa.

**Gráfico 3:** Pergunta 6.1: Em caso afirmativo, quais foram elas?



Fizemos agrupamentos das respostas que estão apresentadas no Gráfico 3, de modo que, algumas professoras e professores citaram mais de uma categoria: agressão verbal representa 54%, sendo citada 23 vezes; agressão física, 21%, citada 9 vezes; ameaças/intimidações aparecem 6 vezes, com 14%; ameaça de morte foi mencionada apenas uma vez pela Prof.2; e 4 (9%) profissionais não sofreram agressões diretamente, sendo 3

professoras (Prof.11, Prof.20 e Prof. 27) e 1 professor (Prof.16), mas, relataram ter recebido empurrões e socos quando foram apartar brigas.

Na pergunta 6.2, “Você prestou queixa ou tomou alguma providência pelo fato?”, deparamos com as seguintes respostas:

**Tabela 2:** Pergunta 6.2: Você prestou queixa ou tomou alguma providência pelo fato?

Direção da Escola/ equipe gestora/ orientação educacional	9
Sim	8
Registrei no livro de ocorrências na escola	4
Conversei com os responsáveis	2
Não prestei queixa... apenas conversei após o ocorrido	1
Apenas providências internas	1
Suspensão do aluno em questão	1
Resolvi em sala de aula	1
No caso de separar aluno, eu já testemunhei na delegacia	1
A providência foi me afastar por 3 meses de sala	1
Não	1

A Prof.11 foi a única a responder não ter tomado nenhuma providência. No entanto, deve-se considerar que, quando foi acometida, estava impedindo uma agressão, não especificando se foi durante a aula. Nove levaram o caso à Direção da Escola/ equipe gestora/ orientação educacional, não indicando a providência tomada pela equipe gestora do Colégio. Oito responderam apenas sim, uma resposta bastante vaga; quatro registraram no livro de ocorrências da escola; duas professoras conversaram com os responsáveis; as demais providências tiveram uma ocorrência cada.

Encaminhei as alunas para a orientação educacional e conversei com os responsáveis. (Prof.31).

O Prof.30, já mencionado pelos seus anos de experiência, relata ter sido afastado por três meses de sala. Em outras palavras, ele foi agredido e punido.

Se eu tivesse participado da pesquisa respondendo ao questionário, seria uma professora que diria ter sofrido agressões verbais, físicas e ameaças, ao longo desses 10 anos atuando na comunidade. Um aluno puxou meu cabelo, levei tapa separando briga, fizeram uma pichação no meu carro e ouvi essa frase:

Cuidado professora, seu carro pode perder o freio na volta pra casa, sua viagem é longa!

Quase não consegui voltar para casa nesse dia. Foram quase cinco horas de uma

viagem que não terminava nunca. Peguei um engarrafamento interminável, sem contar as paradas que fiz mais que o normal para me acalmar. Muitas vezes, ameaças como essa podem levar-nos a refletir sobre em que está errando, como agir repreendendo os alunos e alunas e não ficar tão vulnerável como eu fiquei.

Que providências tomei? No caso do aluno que puxou meu cabelo, fui com ele à direção da escola. A orientadora educacional me deu todo o suporte, entrando em contato com a responsável. Deixei claro que o aluno só voltaria a participar das minhas aulas se eu conversasse com algum responsável. Nunca tive o contato, logo, o aluno nunca mais apareceu na escola nos meus dias de aula. Ressalto que já estávamos no meio do 4.º bimestre. E todos os outros casos que relatei foram levados à direção. Até hoje, não sabemos quem pichou meu carro.

Na questão 6.3, procuramos saber a que sexo – não ingressamos na questão de gênero – o agressor pertencia. Na maioria dos casos, os agressores eram do sexo masculino, já que 14 responderam ter sofrido agressões de alunos do sexo masculino. No entanto, 14 responderam ambos os sexos, o que totalizou 28 ocorrências para o sexo masculino e 19 para o sexo feminino, acrescentando as 5 pessoas que disseram ter sofrido agressões apenas de pessoas do sexo feminino (Tabela 3).

**Tabela 3: Sexo dos agressores**

6.3. Os agressores foram de qual sexo?	Ocorrência
Feminino	5
Masculino	14
Ambos	14

Barbieri et al. (2021, p. 3) faz apontamentos determinantes sobre as razões da violência escolar, que são

reproduções de ambientes violentos, como, por exemplo: presença de discussões familiares, ausência dos pais ou responsáveis, falta de afeto, desemprego, pobreza, falta das políticas públicas, violência presente nos meios de comunicação (televisão, celular, filmes, desenhos, redes sociais e até mesmo nos videogames), violência sexual, falta de empatia, entre outros. São formas que encontram de manifestar, uma vez que as crianças reproduzem o que veem ou o que lhes é ensinado (Peçanha, 2013, p. 15): “o agressor por vezes vem de convívios familiares perturbados e/ou desestruturados, e é frequente que tenha sido submetido à violência doméstica, acaba reproduzindo na escola o uso de forças e da intimidação, sob a qual é sujeitado em seu meio familiar”.

Na questão 7, (Você saberia informar quais são os fatores que contribuem para a

existência de violência nas escolas?) procuramos saber a visão das entrevistadas e dos entrevistados e, segundo elas/eles, são esses os múltiplos fatores que contribuem para a existência da violência na escola.

**Tabela 4:** Fatores que contribuem para a existência da violência na escola

FATORES	OCORRÊNCIA
Por causa da família	20
Questões socioeconômicas	15
Por causa do meio	13
Abandono do Estado/ políticas públicas	8
Relacionados à escola	7
Banalização da violência	3
Influência de jogos de violência	1
Influência da mídia	1

Violências sofridas pelos alunos em suas vidas fora da escola, falta de referencial positivo em suas vidas, a escola que não dialoga mais com esses alunos e, por constantes reprovações, não se vêem inseridos mais na escola, falta de motivação [...] (Prof.4).

Abandono familiar, aumento da pobreza, professores que acreditam na reprovação como único meio de ensino, meritocracia, racismo estrutural, machismo, falta de investimento na educação pública, escolas não acolhedoras. (Prof.5).

Falta de apoio da família e do ESTADO, falta de políticas públicas e atividades escolares voltadas à discussão sobre o assunto. (Prof.20).

Desestrutura familiar, banalização da violência, perda de valor social tanto da escola quanto dos educadores, pouca afinidade entre os saberes valorizados e os saberes valorizados na comunidade em que vive o educando etc. (Prof.33).

A Família é a categoria que, segundo as entrevistas, é a maior responsável pelo surgimento da violência nas escolas, com 20 ocorrências, seguida pelas questões socioeconômicas; o meio em que vivem; o abandono do Estado/políticas públicas; fatores relacionados à escola; a banalização da violência; a influência de jogos de violência; e a influência da mídia.

Na categoria Família, surgiram respostas ligadas à violência familiar (2); ao abandono familiar, à falta de apoio, à falta de estrutura familiar, à falta de referencial positivo em suas vidas, à falta de educação familiar (13); à indisciplina ou falta de limites (3); e o fato de o relacionamento entre família e escola terem que caminhar juntos, buscando o sucesso do nosso alunado também foi mencionado (1); totalizando 20 ocorrências relacionadas à família.

Ausência familiar e falta de perspectiva de vida. (Prof.25).

Falta de estrutura familiar. (Prof. 17).

A Família, com certeza, é a parte mais importante quando tratamos de educação. Há uma máxima que sempre ouvi: “Educação vem de casa!”. E, de acordo com a autora Tereza Perez (2019), até o início do século XIX, a separação entre os papéis da Escola e da Família era muito nítida. A Família era responsável pela Educação, enquanto a Escola era responsável pela instrução. Onde a “instrução consistia na transmissão de parte do conhecimento científico adquirido pelo ser humano” e a “Educação era compreendida não apenas como o ensino de bons modos, mas também como formação ético-moral (LA TAILLE, 2016 apud PEREZ, 2019), a construção de valores e costumes e o desenvolvimento da personalidade”. Essa separação ainda perdura viva no nosso imaginário.

A autora, por meio de um breve histórico sobre a relação entre a Escola e a Família, faz-nos recordar que os acontecimentos históricos mundiais fizeram com que a escola se popularizasse e tivesse seus modelos educacionais reformulados, fazendo com que ela fosse “vista como um caminho para a ascensão social e profissional” e depositando “na Educação a esperança/expectativa de resolução dos problemas da sociedade (PEREZ, 2019)”.

No século XX, em nosso país, a Educação tem o intuito de “formar sujeitos dóceis e obedientes”, perpetuando “os modelos sociais baseados na divisão de classes”, o que não mudou muito em algumas escolas no século XXI, segundo meu ponto de vista. Nos anos 1930, com o estabelecimento constitucional do direito público e universal à Educação, “a legislação brasileira evoluiu no sentido de garantir às famílias o direito de acompanhar e participar da vida escolar dos filhos” (PEREZ, 2019 p.30). Sendo que a popularização do ingresso à escola no Brasil se intensificou mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970, mas ainda muito distante de atender a toda a população na faixa etária escolar (PEREZ, 2019).

Mesmo sendo uma escola para poucos, a sociedade tratava com muito respeito o professor. Dizia-se que nas cidades pequenas havia três autoridades: o juiz, o delegado e a professora. Dessa anedota se depreendem dois aspectos importantes sobre a relação da época: o primeiro sobre o cunho autoritário e legitimado do docente, que podia punir os estudantes impermeáveis às regras impostas; e o segundo, sobre o grande percentual de mulheres que escolhiam como profissão o magistério, considerando uma carreira facilmente conciliável com as tarefas domésticas. Alguns estudiosos situam nesse momento o início da desvalorização da profissão de professor. (PEREZ, 2019, p. 29).

Com o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, foi estabelecida a obrigatoriedade de a escola “articular-se com as famílias”, e essa conquista “o direito de acompanhar o processo pedagógico e participar da definição de propostas educacionais”. No entanto, Perez (2019) declara que a prática foi mais desafiadora, pois a maioria das escolas acha que basta convocar os responsáveis para as reuniões na unidade escolar, “para comunicar o aproveitamento” dos alunos e das alunas, criando-se uma linha única de comunicação, “na qual não há diálogo, e sim um processo de informação sobre os resultados de aprendizagem e o comportamento” (p.30). Ou seja, em algumas conjunturas, a única responsável pelas atitudes e pelo compromisso dos estudantes com a escola é a família. Não obstante, “uma vez que vivemos em sociedade, precisamos que valores como respeito, solidariedade e empatia, além de atitudes de diálogo e construção coletiva, sejam estruturantes para a Educação dentro e fora da escola” (p. 31), o que são compromissos assumidos pela Escola no decorrer dos anos.

Como pesquisadora, percebo que a categoria “questões socioeconômicas”; o meio em que vivem e o abandono do Estado/Políticas públicas estão intrinsecamente ligadas, categorias também estão interligadas nas falas dos entrevistados, em que as ausências do Estado, mediante efetivas políticas públicas para a comunidade, é o ponto-chave da questão.

A violência no entorno da escola, a falta de saneamento, saúde, lazer, biblioteca, quadras... abandono do poder público. ( Prof.2).

A categoria “questões socioeconômicas” teve 14 ocorrências, ficando em segundo lugar. Sendo que, agrupados em questões socioeconômicas, temos: desigualdade; diferenças sociais; exclusão social; diferenças culturais; miséria, fome e o aumento da pobreza.<sup>44</sup> Já a categoria “o meio em que vivem”, os estudantes foram 13 ocorrências. Tivemos: violência do meio em que vivem: 7; no local onde moram/ as vivências dos alunos nos ambientes fora da escola/ ausência de espaços mínimos de privacidade e convívio/ meio social em que vivem: 4; drogas/criminalidade: 2. Agora a categoria “Abandono do Estado/políticas públicas” aparece com 7 ocorrências apenas.

No início deste capítulo, coloquei algumas fotos da comunidade, casa e ruas, onde a situação socioeconômica de quem mora é muito afetada. São vidas ameaçadas e

---

<sup>44</sup> A pobreza também pode ser vista sob três perspectivas complementares: privação de renda, privação dos meios para satisfazer as necessidades básicas (como emprego e serviços de saúde e educação) e privação de capacidades. (MORESCHI, 2018, p. 29).

extermináveis, segundo Arroyo (2019), tendo em vista que a pobreza, o desemprego e o subemprego têm cor. Desde a colônia, a baixa renda tem a mesma cor. Mas, em alguns, perpetua-se a falsa impressão, em um país que ainda nega o racismo e os reflexos dele, de que a cor e a questão social não têm relação.

As questões culturais, valores invertidos apenas. Acho que a violência não está associada à cor, nem sexo, nem questão socioeconômica. ( Prof.15).

Arroyo (2019) ratifica que, para que exista um estado de privilegiados, torna-se necessário que haja um estado de exceção, pois, para que haja vidas privilegiadas, “é necessário decretar outras vidas ameaçadas, extermináveis. Relações de classe, étnicas, raciais, de gêneros estruturantes das funções do Estado, das políticas públicas, de proteção ou de extinção” (p.45).

Arelado a essas questões socioeconômicas está o meio em que nossa juventude se desenvolve, tornando-se necessário o empréstimo do pensamento da psicologia, com Vygotsky, que discorre sobre a importância do meio no desenvolvimento da criança. Nossa juventude que foi criança um dia e se desenvolveu em um meio violento, privados das necessidades básicas e com um currículo recheado de ausências provocadas por diversos fatores. O meio que agride é o mesmo que forma essa juventude, na qual uns são mais afetados por ele que outros, mas todos são afetados de alguma forma, pois os

elementos para solucionar a polêmica sobre o protagonismo no processo educativo: nem o meio, nem o professor ou a professora, e nem a criança considerados isoladamente, mas a unidade indivisível da relação que se estabelece entre eles é que se constitui na vivência. (MELLO, 2010 p.730).

O que falar dessa violência comunitária a que estão expostos? Segundo Guerra e Dierkhising (2011), “a exposição à violência comunitária está entre as experiências mais prejudiciais que as crianças podem ter, impactando sua forma de pensar, de sentir e de agir”. Eles enfatizam a máxima “Violência gera violência”, que sua pesquisa expõe e também é citada em nossa pesquisa pelo Prof.8, que as crianças que tiveram contato com situações violentas são propensas a serem vítimas de um ciclo de violência.

Uma sociedade violenta gera uma escola violenta. Além disso, a falta de discussão e a naturalidade da violência verbal contribuem para isso. (Prof.8).

Falando em ciclo de violência, trago uma conversa bastante calorosa com uma das turmas que tinha alunos mais velhos, os famosos alunos problema, com distorção série/idade (EJA).

### Diário de 06 de dezembro de 2018

As nossas conversas surgiam de diversas formas, e, dessa vez, foi por que estávamos falando do calor, e começaram a falar sobre onde queriam estar com esse calor todo. A aluna 1 me falou que preferia cachoeira, enquanto os outros alunos riam dizendo que ela nem sabia nadar. Ela riu dizendo não saber nadar mesmo, mas que ia para praia e ficava na beirada. Comentamos sobre a praia e o fato de a mais frequentada pelos turistas, Cavaleiro, ser uma praia pouco frequentada por eles. Uma das alunas comentou que seu namorado tem medo de ir ao Cavaleiro, pela rivalidade e o fato de lá ser uma facção rival e que eles se reconhecem e sabem de onde os moradores são. Uma das alunas fala de seu primo que trabalhava no mercado que ficava em uma comunidade de outra facção e que, por isso, “os garotos<sup>45</sup>” pegaram ele... Um dos alunos diz revoltado que quer entrar para a boca, que se perdesse de ano pediria para entrar... (Aluno bastante faltoso, não faz as atividades nem os trabalhos. Isso em todas as disciplinas). Eles relatam ter parentes na boca.

Aluno 2: Minha madrasta era gerente, meu pai era vapor [...]

Diz morar com sua mãe e o padrasto, que trabalha no mercado, lá no lado “dos alemão”.<sup>46</sup> Que para ele é errado mesmo trabalhar em mercado, não se deve trabalhar para alemão. Ele diz estar decidido a entrar para o tráfico.

Aluno 2: Eu que já sofri várias guerras, aí, com os menor da boca...

Eu: Você já sofreu guerra com os menores da boca?

Aluno 2: Ué, não?

Eu: Por quê? Você já foi da boca e já saiu?

Aluno 2: Eu não...

Eu: Então, como é que você sofreu? Não tô te entendendo não... não sofreu o que com eles?

Aluno 2: Pra sofrer uma guerra precisa ser da boca?

Eu: E como é que se sofre uma guerra?

Aluno 2: Ué, ficar aí no dia a dia, sofre o que eles sofre...

Eu: O que eles sofrem?

<sup>45</sup> Os garotos ou meninos: se referem a quem trabalha no tráfico.

<sup>46</sup> Facção rival.

Aluno 2: Um monte de coisa...

Aluna C: Correndo aí da polícia...

Aluno 2: Sair correndo... [pensativo]

Eu: Mas será que eles não procuram?

Aluno 2: Ué , procuraram o quê? Estão trabalhando...

Eu: Estão trabalhando... Então, você acha que é um trabalho correto?

Aluno 2: Não é correto, mas tá dando dinheiro, tá bom

Eu: Então o importante é dar dinheiro não importa fazendo o quê? [fica pensativo]. Então, o cara da boca fala assim, mata a Joanna, por causa disso, disso e disso. Aí você vai lá e mata porque tá dando dinheiro?

Aluno 2: Se errou tem que morrer...

Eu: Mas e se a Joanna não errou?

Aluna 3: Mas e se for tu que errar? [pergunta para o aluno W].

W: Eu vou morrer...

Eu: Você sabia que o errado ou o certo depende do ponto de vista? [ficou parado pensativo, cabeça baixa...]. Pra mim, é errado trabalhar na boca, mas pra você não é errado.

Outro aluno: Entra porque que quer... todo mundo sabe que é errado.

Aluno 2: É errado?!

Outro aluno: E não é não?

Aluna 4: Tia, cada um tem uma cabeça. Minha cabeça é totalmente diferente da dele... Ele tá falando absurdos aí, nada a ver o que ele tá falando... [eles discutem sobre o assunto].

Aluna 4: ... Com 15 anos ... querendo entrar pra boca... 200,00; 300 reais...

Aluno 1: Eu nasci assim, com mente de vilão.

Eu: Você tem mente de vilão?? Essa foi boa...Você sabia que até os vilões estão ficando bons??

Aluno 1: Tão nada...

[falamos um pouco sobre os vilões... Deadpool... sobre ele ter sido vilão e agora é um anti-herói...]

[...]

Eu: Aí você tem mente de vilão e quer entrar para vida...

Conversamos um pouco sobre ele fugir das aulas e ficar transitando pela escola, ao invés de estudar. Outros alunos e alunas introduziram na conversa sobre as condições dos presos, como é triste uma cadeia, por terem familiares lá dentro. O aluno1 não quer saber, já colocou na cabeça o que quer fazer para o futuro. Em uma conversa que começou sem pretensão nenhuma, abordamos muitos assuntos, e o aluno 1 também deixa a entender que ser da Boca traz *status* com as mulheres da favela.

Barbieri et al. (2021, p.1) mostram que, quando ocorre um cenário externo, no qual o estudante é vítima, “ele tem grandes chances de se tornar o agressor em uma próxima oportunidade, ao causar o mesmo sofrimento que lhe foi ocasionado. De qualquer forma, tudo afeta em grande escala o desenvolvimento do aluno”.

Os identificados como alvos/autores apresentam maior probabilidade de desenvolverem doença mental, devendo ser considerados como de maior risco. Manifestações como hiperatividade, déficit de atenção, desordem de conduta, depressão, dificuldades de aprendizado, agressividade, além de todas as demais já citadas, podem ser encontradas (NETO, 2005, p. 169, apud BARBIERI, 2021, p. 1).

O local onde vivem, com a presença constante de indivíduos armados, boca de fumo nas imediações de suas casas e lares, muitas vezes, violentos, faz com que os jovens não vislumbrem um futuro diferente do que eles veem na comunidade, como o caso que relatei do Aluno L, no início do capítulo.

### **Diário de 19 de março de 2020**

Em tempos de coronavírus, quase ninguém nas ruas, as facções criminosas resolvem aterrorizar a população mais carente. Após um tempo sem ouvir falar dessas violências na comunidade estudada, recebo, em grupo de WhatsApp de amigos de Macaé, fotos e relatos de páginas no Facebook que nos fazem novamente pensar: o que será de nossos alunos?



**Figura 9:** *Prints* de informações sobre a comunidade nas redes sociais

As pessoas envolvidas com a “Firma” são seus parentes e amigos diretos e, por essa proximidade, muitas vezes, são seus heróis. Alguns entram por vingança, contudo as histórias que conhecem de vitórias, dinheiro fácil, muitas mulheres e, principalmente, o respeito dentro da comunidade criam, no imaginário infantil, uma pessoa a ser admirada. Mas essa criança cresce e quer ser admirada também, quer ver as pessoas falando dela como alguém que venceu. Os exemplos diferentes desses são poucos, e o caminho da vitória nesses exemplos é de muito suor.

A situação de violência em que vivem já é tão banalizada que quase ninguém sabe o que acontece realmente, e assim vai-se vivendo.

#### **Diário de bordo: Dando aula *online* no dia 08 de setembro de 2021**

Quando acordo, vejo mensagem da diretora dizendo que não haverá aula presencial, apenas *online*, por que as linhas de ônibus que deixam próximo à escola foram suspensas. Posta um vídeo da situação do bairro das Malvinas, onde a maioria dos alunos mora.

Muito triste! Lixo queimando na ponte de acesso ao bairro das Malvinas. Muita fumaça! Os alunos não conseguiriam chegar à escola nem os professores que fossem de ônibus. Como dito antes, as Malvinas é o bairro ao lado do bairro da escola, inclusive, o muro da escola faz divisa com o bairro.

F8101:

Os alunos me perguntaram se teriam aula presencial com os professores que estão no presencial. Eu estou apenas *online*, por estar amparada pelos decretos sobre o estado de calamidade, pois tive filho durante a pandemia.

Respondo que não, que a diretora havia falado no grupo da escola. Mas que a orientadora tinha colocado no grupo deles a informação. Disseram que só queriam confirmar a informação.

Questiono o que aconteceu no bairro deles. E eles me respondem:

Aluno5: Professora, atiraram em uma criança.

Eu: Como assim? Está tendo confronto?

Aluno 6: Não, prof. Teve ontem. Na Nova Holanda.

[Obs.: Nova Holanda também faz divisa com a Malvina. É uma comunidade “irmã”<sup>47</sup>]

Eu: Mas, por que estão colocando fogo na ponte hoje?

Aluno 5: Porque atiraram em uma criança e 5 traficantes.

Aluno 6: Não, foi 1 criança, 5 moradores e 2 traficantes morreram.

O mais incrível disso tudo é que é como se nada tivesse acontecido. O acontecimento é tão corriqueiro que, aparentemente, eles nem parecem estar abalados. Falam do ocorrido das mortes com naturalidade. A barbárie já foi naturalizada. A violência não choca mais, e ficar sem ir à escola por causa desse tipo de fato também é normal. Faz um tempo que isso não acontecia. Pensei que teríamos mais comentários nas próximas aulas. Não tivemos. Nem os desdobramentos do ocorrido souberam informar nas semanas seguintes.

O Estado e as poucas políticas públicas pensadas para esse segmento ficam em último lugar. Não fomos educados a perceber as ausências do Estado como algo que pudesse causar violência. Fomos educados a culpabilizar quem muitas vezes é a vítima do sistema e envolvidos nessa trama cruel e nesse círculo vicioso. E é dessa forma que as facções articulam “o discurso e pavimentam o caminho para aqueles que se rebelam contra o sistema”. Assim, o crime se une, fortalece-se e, aí, “os inimigos são os policiais e o sistema” (MANSO; DIAS, 2018, p. 128).

Na procura de subsídios para minha pesquisa e respostas para minhas inquietações, livros não me bastaram. Então, recorri a cursos e palestras. Por meio do curso “Garantias legais em territórios instáveis: uma reflexão atual sobre reconhecimento de direitos em favela do RJ”, realizado pela Fundação Escola, Centro de Estudos Jurídicos e Ouvidoria da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, e do curso de extensão “Garantias legais em territórios instáveis: da Constituição à intervenção, 30 anos depois”, ministrado por essa mesma

---

<sup>47</sup>São dominadas pela mesma facção criminosa

instituição em parceria com o Departamento de Direito e administrado pela Coordenadoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pude ter contato com a temática violência, principalmente, ligada à juventude negra de periferia, pois foi o que me levou até esse curso de capacitação. No primeiro curso, tivemos 14 aulas, de agosto a dezembro de 2017, e, no segundo, 10 aulas, de outubro a dezembro de 2018.

Negro nem quando morre aos milhões gera comoção social. Isso no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Recife, em Ferguson, em Nairóbi, ou em qualquer lugar do mundo. Essa é uma das marcas do ideário racista da sociedade capitalista. Como diria Malcom X, “não há Capitalismo sem Racismo”. O filósofo e cientista político camaronês Achilles Mbembe afirma que o negro foi inventado como um jazigo, isto é, um símbolo de morte e destituído de qualquer humanidade. Assim, são seres para o trabalho braçal e que aguentam mais dor. Isso aconteceu no passado e ainda acontece intensamente no presente. Basta ver que mulheres negras recebem menos anestesia na hora do parto do que as mulheres brancas. Isso se deve às práticas racistas de médicos que acreditam que elas aguentam mais dor. (OLIVEIRA, 2016).

Infelizmente, como relatou o professor Denílson Araújo de Oliveira (2016), no curso citado, no “Brasil, mesmo após a morte, os corpos negros não são respeitados (vide os casos dos flagrantes forjados e as mudanças das cenas dos crimes praticados por policiais contra jovens negros em várias cidades brasileiras)”.

A Campanha da Anistia Internacional contra genocídio de negros completou três anos em 2017 (RBA, 2017), e a notícia sobre a campanha inicia relatando a quantidade de assassinatos no país e a cor das vítimas. Esses números, por si só, justificariam a necessidade de pesquisa sobre o tema. Segundo o Atlas da Violência de 2017, “a cada cem pessoas assassinadas no país, 71 são negras, evidência de ausência de políticas públicas que contemplem a população”. E continua:

São Paulo – Há três anos a Anistia Internacional lançava o manifesto da campanha “Jovem Negro Vivo”. Com mais de 60 mil assinaturas recolhidas, o texto exige das autoridades brasileiras políticas públicas integradas de segurança pública, educação, cultura, trabalho e a garantia de uma vida livre de discriminação e violência.

Importante dizer que a campanha foi crucial para transpassar a indiferença da sociedade diante do quadro de violência e das violações dos direitos humanos cometidos diariamente à população negra do país.

“A violência contra o jovem negro morador das favelas e periferias é alimentada pelo racismo que naturaliza a violência e torna esses jovens

‘matáveis’. As autoridades brasileiras, em âmbito federal e estadual, não atuam sobre essa realidade”, afirma Jurema Werneck, diretora executiva da Anistia Internacional.

Com o desenvolvimento da pesquisa, surgem novos dados com o passar desses anos. E, quanto à cor dos “matáveis” do Brasil, essa não muda, só é cada vez mais ratificada. Segundo os dados do Atlas da Violência 2021, no Brasil, em 2019, a violência foi a principal causa de morte dos jovens: dos 45.503 homicídios ocorridos, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos.

Com efeito, no Brasil, a violência é a principal causa de morte dos jovens. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. [...] São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país. Considerando a série histórica dos últimos onze anos (2009-2019), foram 333.330 jovens (15 a 29 anos) vítimas da violência letal no Brasil. São centenas de milhares de indivíduos que não tiveram a chance de concluir sua vida escolar, de construir um caminho profissional, de formar sua própria família ou de serem reconhecidos pelas suas conquistas no contexto social em que vivem. (CERQUEIRA et al, 2021, p. 27).

E, quando a cor do jovem é preta, os dados ficam da seguinte forma:

Em 2019, os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas), a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação à taxa de 2,5 para mulheres não negras. (CERQUEIRA, et al, 2021, p. 49).

A questão da violência no estado do Rio só faz aumentar. A professora doutora Jacqueline Muniz, que também foi palestrantes do curso, fala sobre as medidas que supostamente reduziriam a violência:

**“Estadão Notícias”: Exército não pode ser usado como sentinela de condomínio, afirma especialista em segurança pública**

Edição desta sexta-feira, 29, traz uma avaliação sobre a violência no Rio de Janeiro, e quais os motivos que levaram a cidade a passar por situações de caos na segurança. A ida das Forças Armadas para auxiliar o policiamento do Estado demonstra que o governo do Rio perdeu a capacidade de combater a violência? O ministro da Defesa Raul Jungmann já anunciou a saída das tropas nesta sexta-feira. A antropóloga e professora do Departamento de Segurança Pública da Universidade Federal Fluminense, Jacqueline Muniz, diz que há necessidade de um plano de ação operacional das forças de segurança do Rio para atuar em situações emergenciais e de risco. A especialista lembra ainda que projetos de combate à violência, como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), foram desmantelados por setores do Estado. (ALVES, 2017).

Para evidenciar um pouco mais sobre como nossos jovens negros são vistos e são mortos, trago uma pergunta muito importante de entrevista dada pela defensora pública do estado de São Paulo, Daniela Skromov (2016)<sup>48</sup>: “para ela, o Ministério Público tem como clientela ‘indesejada’ a população pobre” e “Alguns promotores apoiam o extermínio de ‘indesejáveis’”. Já ouviu centenas de vezes a mesma história, todas com o mesmo enredo do início ao fim, em que as vítimas e personagens não se alteram. Estamos falando dos autos de resistência, que denominam as mortes provocadas por policiais em serviço.

P. Como uma investigação precária prejudica o esclarecimento de um suposto auto de resistência?

R. Na maioria dos autos de resistência se diz que os bandidos atiraram primeiro. Não é nem sequer dito nem periciado onde esses tiros foram parar. É um nível baixo, inaceitável do ponto de vista objetivo, seguindo o Código Penal. Em alguns casos os policiais plantam arma na mão do morto, para embasar a versão de que houve confronto. Uma perícia datiloscópica [que verifica impressões digitais], te desafio a encontrar um processo que tem isso. Se fizesse isso nas supostas armas encontradas com bandidos, iria encontrar digitais de policiais. Não se preserva cena do crime... É algo que é arquivado basicamente com base no discurso dos policiais e na desconstrução das vítimas enquanto pessoas. Não existe objetividade e racionalidade, como se esperaria em uma investigação. (SKROMOV, 2016).<sup>49</sup>

Em relação à influência dos jogos violentos e da mídia, cada um citado apenas uma vez, tenho uma só conversa com nossa juventude, apesar do fato de ficarem jogando o tempo todo no celular ser algo que incomoda muito a todos nós professores. Inclusive, falar sobre jogos eletrônicos faz parte do nosso currículo de Educação física, no entanto, as alunas e os alunos gostam de jogos bastante violentos.

---

<sup>48</sup> Tive acesso ao conteúdo da entrevista no curso “Garantias legais em territórios instáveis: uma reflexão atual sobre reconhecimento de direitos em favela do RJ”, do Centro de Estudos Jurídicos e Ouvidoria da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, já citado anteriormente.

<sup>49</sup> A entrevista completa se encontra no Anexo D desta tese.

### Diário de 06 de dezembro de 2018

Estávamos falando sobre jogos, eu tentando trazer a atenção delas/deles para mim, últimos dias de aula, já tinham feito as atividades que passei. Geralmente negocio com os alunos, e hoje terminaram as atividades mais rápido que nunca para voltarem a jogar.

Eu: Mas vocês acham que esse tipo de jogo induz mais à violência?

Aluna 7: Uhh... não sei, eu gosto, eu jogo porque ganho, jogo por jogar mesmo...

Eu: Mas tem tiros... eles estão atirando, você ganha dinheiro para matar os outros...

Aluna 8: Induz, mas... Não é dinheiro, você pode jogar e ganhar em primeiro, segundo, até em último você ganha. Mesmo morrendo ou ganhando, você ganha dinheiro.

Eu: Aí você ganha dinheiro para comprar coisas no jogo?

Aluna 9: Isso, comprar coisas no jogo.

Eu: Ah... é como se fosse uma cidade o jogo... [nesse momento, um aluno me mostra o jogo]

[falas no fundo, dificuldades em ouvir as falas]

Dizem gostar de jogar. Questiono a violência do jogo. Dizem gostar mesmo assim.

Aluna 7: Xingamento, palavrão... eles xingam à beça, quando jogam *online*, eles xingam... vai p\*\$@\$@, vai c@&@lh\*, atira nesse v% @d\*...

Aluno 10: Eu odeio jogos com esses vocabulários.

Questionei a segurança deles jogando com estranhos.

Aluna 9: Eles não sabem quem você é, não sabem onde você mora.

Aluno 10: Todos os jogos têm segurança de privacidade agora.

[falamos sobre TV, celulares e Facebook, sobre a questão da privacidade]

Prosseguindo nas questões do formulário, tivemos 100% de sim nas respostas à pergunta n.º 8: “Na sua opinião, o *bullying* é uma forma de agressão?”. Uma pergunta aparentemente limitada, mas que já foi motivo de muitos trabalhos e debates com alunas e alunos, devido ao alto número de ocorrências de *bullying*, mexendo bastante com a autoestima das/dos jovens.

Pesquisas recentes mostram que, em razão das sucessivas violências sofridas e presenciadas, as vítimas de *bullying* concentram muita carga negativa, acarretando problemas emocionais capazes de levar à reclusão e, inclusive, ao suicídio (BARBIERI et al., 2021):

Um estudo [...] mostrou que 20% dos adolescentes corriam risco de suicídio, 15,2% tinham história de tentativa de suicídio, 35,3% tinham desejo passivo de morrer e 13,2% planejaram suicídio em algum momento da vida. A literatura revela que a prevalência de ideação suicida em adolescentes avaliados em uma unidade de emergência pediátrica é maior, chegando a 68,9%. O suicídio é uma das principais causas de morte na faixa etária entre 15 e 19 anos. O alto índice de suicídio em adolescentes justifica-se pela pressão psicológica por eles sofrida nesta fase. Muitos deles acreditam que tirar a vida é a única forma de aliviar o sofrimento (PIMENTEL; MEA; PATIAS, 2020, p. 212, apud BARBIERI et al., 2021, p.4).

No ano de 2019 – não tive informação de tantos casos nos anos anteriores –, tivemos o conhecimento de que muitas alunas e alunos, mas, principalmente, as meninas, vinham praticando automutilação: o ato de se cortar em alguma parte do corpo, com o intuito de ter um alívio da dor psíquica.

### **Diário de Bordo**

Durante uma aula prática, onde conseguia me aproximar mais dos alunos, conversei com a Aluna 11, uma aluna que já vinha atravessando problemas. Ela estava aparentemente mais melancólica que normalmente. Ela pediu minha ajuda para ir ao banheiro, estranhei, mas fui pensando que fosse questões menstruais. Chegando ao banheiro, ela me mostrou as coxas e barriga cortadas. Fiquei sem palavras, ela me pediu desculpas e voltou para a quadra. Fui atrás dela dizendo que ela precisava conversar, precisava de ajuda profissional, uma psicóloga. Ela disse que não queria e que não adiantava. Falei que precisaria relatar o caso à direção ou à orientadora. Ela chorou, desabafou um pouco, falou dos problemas familiares, da dificuldade de ter que esconder o que realmente é, do que sente, por causa da religião, e do *bullying* que sofria na escola. Depois de muito eu insistir, ela disse que eu poderia contar.

Sabia muito pouco do seu problema até aquele dia, mas, após o ocorrido, me aprofundi no caso, para tentar ajudar da melhor forma. Não formação para auxiliar nesse tipo de caso, mas acredito que o ouvir já ajudou muito. Fui informada que a aluna fazia acompanhamento psicológico, mas que, por algum motivo que a família não relatou, havia parado.

Na semana seguinte, conversei com ela. Era outra pessoa. Então fui à orientadora educacional saber do desenrolar da história. Fiquei sabendo que a aluna havia retornado aos tratamentos, inclusive, psiquiátrico com auxílio de medicação.

O relato sobre essa aluna é um entre muitos que poderíamos trazer. O momento difícil que muitos de nós passamos nesse processo de transição que acontece na juventude, como essa jovem de seus quase 15 anos de idade, tem-se agravado por muitas pressões na cabeça. O

não poder aceitar-se nem descobrir-se, de não poder fazer as “coisas do mundo”, como simplesmente cantar K-Pop, porque, senão não poderia mais ir à igreja de que também gosta, e não poder cantar no coral da Igreja por esses motivos. É uma sequência de violências sofridas e guardadas, que doem, e ela não sabe como expulsar do seu íntimo. Então, mutilava-se e, no fundo, nem ela sabia por que fazia isso. Apenas dizia que fazia, pois aliviava o que sentia.

Em maio de 2019, um grupo de alunas teve uma iniciativa, a qual levou à equipe gestora do colégio, sendo abraçada por esta. Elas fizeram um mural com frases motivacionais e um perfil no Instagram (rede social) para fazer trocas dessas mensagens. Pesquisando as frases colocadas no mural, encontrei algumas delas em sites motivacionais, algumas com autores desconhecidos, o que, com certeza, não causa demérito ao trabalho das alunas.

Dessas frases, observamos que três mensagens foram direcionadas ao público feminino, pois apresentavam o símbolo de Vênus, que tem sua origem na mitologia grega e que consiste em um círculo com uma cruz abaixo dele, representando o espelho da deusa Afrodite (Vênus, na mitologia romana). Essa figura representa o sexo feminino na zoologia e na botânica. Com o passar dos anos, o movimento feminista abraçou o símbolo que representa a força da mulher, “o poder feminino” (REIF<sup>50</sup>, 2019).

Falando em mitologia, é indispensável lembrar que na cultura Yorubá, a deusa do amor é representada pelo orixá Oxum, também considerada deusa da beleza, da fertilidade, do dinheiro, do ouro e das pedras preciosas.

No Movimento Negro de Mulheres, o símbolo é usado com um punho fechado no meio, representando as diversas lutas de movimentos de esquerda, como o dos direitos dos trabalhadores, também reconhecido como o gesto do Movimento Negro, mundialmente, por ter sido utilizado pelo Movimento dos Panteras Negras, que ganhou notoriedade em 1968 nas Olimpíadas realizadas no México, quando os atletas negros “Tommie Smith e John Carlos, protestaram no pódio contra a discriminação racial com os punhos fechados erguidos, cobertos com luvas pretas”, no ano em que Martin Luther King foi assassinado<sup>51</sup> (REIF, 2019).

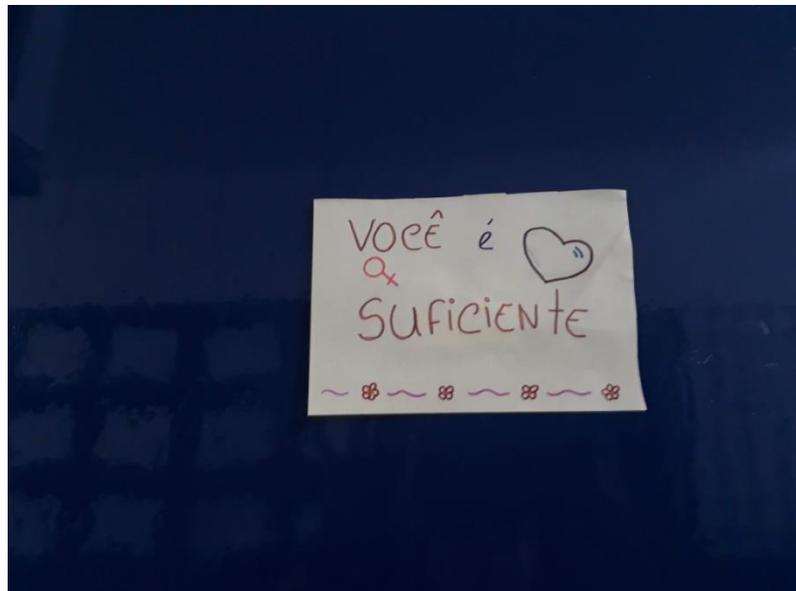
---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/>.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/>.



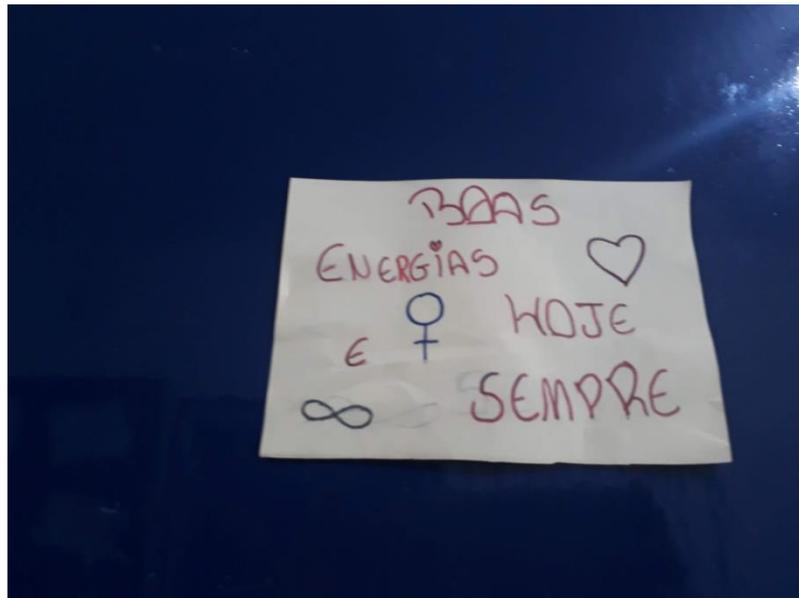
**Figura 10:** Símbolo do Movimento Negro de Mulheres



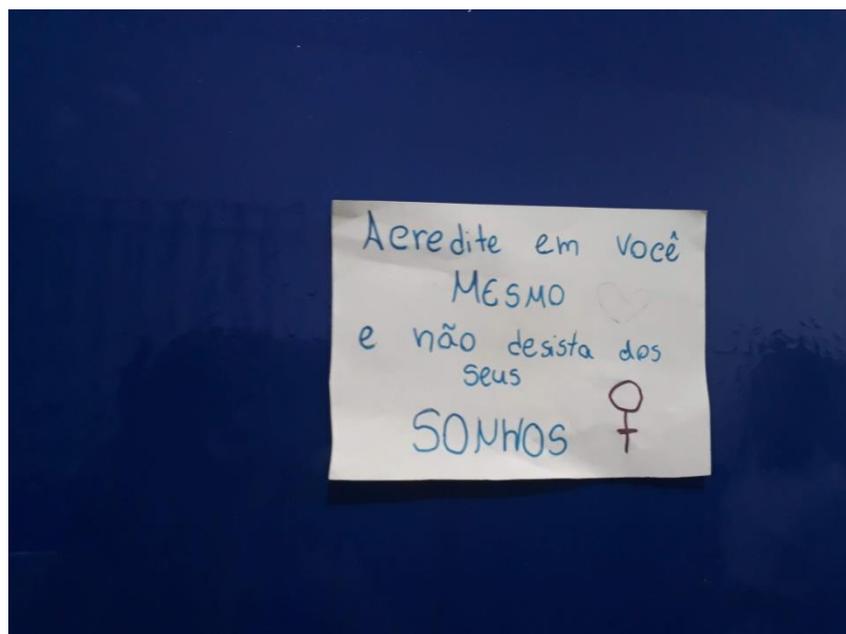
**Figura 11:** Frase 2: Você é suficiente

Encontramos a frase 2, “Você é Suficiente”, atribuída à autora Carla Rabetti no site pensador;<sup>52</sup> a frase 8, em vários sites que vendem quadros decorativos, sendo sua autoria desconhecida.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/Mjc4ODYwMA>.



**Figura 12:** Frase 8: Boas energias hoje e sempre



**Figura 13:** Frase 16: Acredite em você mesmo

Acredite em você, já é meio caminho andado.<sup>53</sup> (Frase 1).

Ei, você é lindo(a) tá? (Frase 3).

Cultive, cuide, queira bem, que o resto vem!<sup>54</sup> (Frase 4).

<sup>53</sup> "Acreditar que você pode já é meio caminho andado" (Theodore Roosevelt). Disponível em: <https://www.mensagenscomamor.com/mensagem/149185>.

<sup>54</sup> Autor: Caio Fernando Abreu. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzYxMjA2/>.

A frase 5, “Se eu pudesse lhe dar alguma coisa na vida, eu lhe daria a capacidade de ver a si mesmo através dos meus olhos. Só então você perceberia como é especial”, é atribuída à pintora Frida Kahlo por vários sites.

Ame-se  
Aceite-se  
Cuide-se  
Amor próprio em primeiro lugar.<sup>55</sup> (Frase 6).

Ame-se Garota (Frase7).

Nunca se compare a ninguém, as pessoas são diferentes e é isso que as torna únicas e especiais<sup>56</sup>. (Frase 9).

O medo protege a  
Alma,  
Mas a coragem a  
Liberta.<sup>57</sup>(Frase 10).

Se ame mais... (Frase 11).

Você é linda, não importa como seu cabelo está, sua roupa está curta, não é a roupa que torna indecente, você se veste como quer.  
Se ame (Frase 12).

A frase 12 foi inspirada em outras frases parecidas na internet e encontradas em vários sites, mas nenhuma igual.

Basta acreditar para tudo da sua vida melhorar. (Frase 13)<sup>58</sup>

A frase 14, “Acreditar é essencial, mas ter atitude é o que faz a diferença”, é atribuída ao autor Naah, encontrado no Blog de Daniel Azeredo, também citado em outros sites.<sup>59</sup> E a frase15, “A vida é curta demais para ficarmos ligando para a opinião alheia”, é semelhante à frase de Rafael Silveira encontrada no site <https://kdfrases.com/frase/112955>.

À época, conversei com uma das alunas que confeccionou as frases para o mural, e ela afirmou a importância que esse mural estava tendo para ela e para outras alunas e alunos,

<sup>55</sup> Disponível em: <https://mensagem.online/908644-amese>; <https://br.pinterest.com/pin/224405993917280098/>; <https://me.me/i/ame-se-aceite-se-cuide-se-amor-proprio-em-primero-lugar-%F0%9F%93%AB-super-10552062>.

<sup>56</sup> Autor desconhecido. Disponível em: <https://boasfrases.com.br/>; <https://www.frases.com.br/frase/9182/>; <https://bfrases.com/p/Mjk4Nw/>.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://twitter.com/recadosdepostit/status/826752258465529856>. Acesso em: 21 jan. 2022.

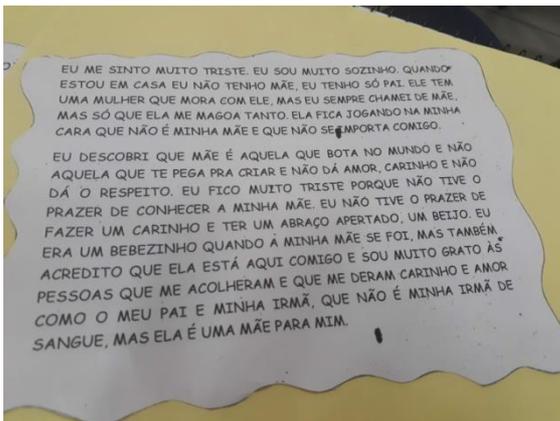
<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.frasestop.com/> também no site <https://osegredo.com.br/basta-acreditar-para-tudo-na-vida-melhorar/>.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/naah/> ; <https://www.danielazevedo.pt/blog/acreditar-e-essencial-mas-ter-atitude-e-que-faz-a-diferenca#:~:text=Acreditar%20%C3%A9%20essencial%2C%20mas%20ser%20%C3%A3o,cheiga%20pensar%2C%20%C3%A9%20preciso%20fazer.>

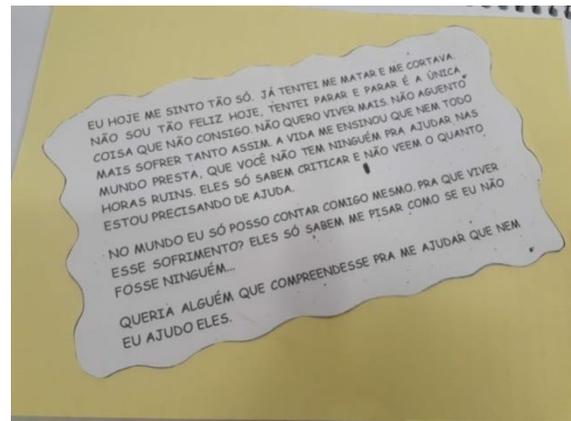
mesmo porque não é só colocar as frases no mural, tem que pesquisar e tentar expressar algo de importante por meio dessas frases.

Ainda no mesmo ano, 2019, a Prof.14 fez um trabalho com suas turmas sobre o “Setembro Amarelo”. Setembro é o mês de prevenção ao suicídio e, conversando com a professora, ela relatou que estava preocupada com o número de alunas e alunos se mutilando e resolveu fazer esse trabalho com eles. Apresentou-nos algumas falas no Horário de Atividades (HA).

Aqui, exponho duas fotos desse importante trabalho, pela carga emocional de ambas, devido ao grau de abandono, de solidão que têm. Na Figura 13, “Desabafo 1”, a pessoa relata a falta que sente da mãe, a necessidade de afeto e carinho e lamenta não a ter conhecido. Na Figura 14, “Desabafo 2”, a pessoa relata as automutilações, a desesperança e a falta de vontade de viver.



**Figura 14:** Desabafo1

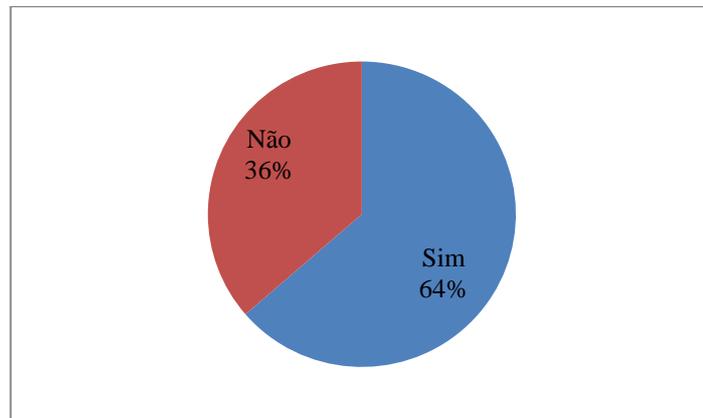


**Figura 15:** Desabafo 2

[Fonte: Trabalho realizado pela professora 14 em sala de aula]

Na questão 9, “Você acha que, hoje em dia, a escola, pode administrar problemas relacionados à violência?”, tivemos 12 respostas “Não” e 21 “Sim”, sendo assim, a maioria, 64% das entrevistadas e entrevistados, acredita que a escola pode administrar os problemas referentes à violência.

**Gráfico 4:** Questão 9: Você acha que, hoje em dia, a escola pode administrar problemas relacionados à violência?



Fonte: Desenvolvido pela Pesquisadora

Quanto às consequências da “Violência na escola”, o mais apontado na pesquisa é a dificuldade do aprendizado/o baixo rendimento escolar com 16 ocorrências, seguida pela Evasão escolar e desinteresse pela escola, categorias estas correlacionadas, visto que o desinteresse pela escola e a dificuldade de aprendizado levam à evasão escolar. No ano de 2021, tivemos como números na evasão escolar, apesar da Pandemia, 6 alunos/alunas, ou 0,7%, na EF regular, e 22, ou 10 %, na EJA.

**Tabela 5:** As consequências da violência na escola

Consequências da violência na escola	Ocorrências
Dificuldade de aprendizado para o aluno/ baixo rendimento escolar	16
Evasão escolar/ desinteresse por esta	14
Problemas psicossociais, transtornos emocionais	12
Professores adoecidos, desmotivação dos profissionais de educação; desvalorização do professor	10
Banalização da violência (violência gera violência)	5
Falta de disciplina/ falta de respeito	4
Deteriorização e desvalorização das escolas periféricas	4
O reforço das desigualdades	1
Insatisfação	1
Intolerância entre alunos	1
Distanciamento entre os atores escolares	1
Racismo contra periferias	1
Dificuldade para inserção no mundo do trabalho	1
Revoltas	1

Fonte: Desenvolvido pela Pesquisadora

Se unirmos o aparecimento de problemas psicossociais/transtornos emocionais, com 12 ocorrências, não tendo sido especificado quem é acometido, com professores adoecidos, desmotivação dos profissionais de educação, desvalorização do professor, citado 10 vezes, temos um total de 22 pessoas que falaram sobre a questão do adoecimento dentro das escolas.

Assim dizendo, assume o primeiro lugar, a principal consequência da violência dentro das escolas, o que nos mostra novamente a necessidade de um amparo psicológico aos corpos docente e discente das nossas instituições de ensino, para que se possa evitar maiores danos ao ensino e à vida destes, pois “a violência no âmbito escolar tem influência sobre todos, visto que tem se instalado de diversas formas, afetando a qualidade de vida pessoal e social, além de ocasionar males a saúde física e psicológica”. (BARBIERI, et al., 2021, p.4).

Na questão 11, “Você acha que as agressões são reflexos da educação que os alunos recebem em casa, como já vimos na questão 7 a família é vista como uma grande causadora da violência. Tivemos 31 respostas “Sim” e apenas 2 “Não”. Barbieri et al. (2021) elucida que o comportamento dos/das discentes é influenciado pela negligência dos responsáveis.

[...] uma vez que a família é a base da educação, e se não age paralelamente com a instituição de ensino, o aluno entende que seus atos não têm consequência real. Pais transferem para a escola a responsabilidade de educar e cuidar do indivíduo, tirando de si a obrigação de formar um cidadão para integrar o convívio social. De acordo com Pereira e Zuin (2019), pais que são excessivamente autoritários e violentos, e por outro lado, pais que não têm autoridade, sujeitam influenciar o desempenho do filho e o convívio escolar. (BARBIERI, et al. 2021, p. 1).

A questão 12, “Você acha que a violência interfere no aprendizado”, o “Sim” é unânime, mostrando-nos que, segundo as entrevistas, a violência interfere no aprendizado, como vem sendo ratificado não só na nossa pesquisa, mas também em trabalhos de pesquisadores renomados. E, se a violência interfere no aprendizado, 28 (84,84%) entrevistadas/entrevistados responderam (pergunta 13) que a pobreza, que já havia sido mencionada antes, interfere na violência escolar, e 5 disseram não interferir.

A violência também ocorre em escolas destinadas à elite, mas acaba sendo mais frequente nas situadas em ambientes carentes de segurança, saneamento e saúde – que não asseguram condições de vida digna –, fatores que contribuem para um quadro de violência geral (SPOSITO, 2001 apud PICCOLI; LENA; GONÇALVES, 2019, p. 178, apud BARBIERI, 2021, p. 2).

Quanto à existência de estratégias para prevenir a violência, na questão 14 (“Na escola em que você trabalha, existem estratégias de prevenção contra a violência?”), 27 responderam existir, e apenas 6 responderam que não. Perguntamos aos que responderam negativamente (14.1. Caso a resposta seja negativa, diga o que a escola deveria fazer para amenizar essa situação):

A instituição tem buscado formas de diminuir as agressões, mas é um trabalho difícil, pois falta apoio. (Prof.1).

Integração maior entre família e escola, projetos de arte e esportes no contraturno pra criar vínculos de identidade entre aluno e escola, infraestrutura melhor, apoio aos professores nas punições dos infratores, aulas de educação sexual com profissionais da saúde. (Prof.2).

Dialogar mais e formar um conselho de alunos para analisar os casos. (Prof.8).

Falta gente nos corredores e pátio... ( Prof.9).

Na verdade, a escola tenta estratégias que não são eficientes. Talvez porque as escolas não tenham muita autonomia, elas sofrem interferências externas que tiram a capacidade de usar medidas socioeducativas aos alunos com desvios de comportamento. As secretarias de educação e os conselhos tutelares não são parceiros das escolas. Fazem tudo para proteger alunos que causam conflitos e nada fazem para ajudar as vítimas desses conflitos, sejam alunos ou funcionários. (Prof.15).

Entender que dentro da escola a solução não é militar ou policial. Ampliar as propostas de diálogo. Melhorar a estrutura física e as opções de aprendizagem... (Prof. 19).

Difícil saber. O governo protege o menor agressor. Não há culpabilização da família. (Prof.23).

Nenhuma escola tem essa estratégia de enfrentamento claramente. (Prof.30).

A maioria das respostas, quanto à solução passar pelo professor/professora, (questão 15) tivemos: “Sim”, 17; “Sim mas não somente”, 11; “Em algumas situações/ em alguns casos sim”, 2; “Não”, 2; “Talvez”, 1. Logo, a importância da professora e do professor dentro do ambiente escolar para solucionar esses casos de violência é visto como necessária. Penso que nosso contato com os alunos seja muito pouco para conseguirmos influenciar, mas ainda temos o poder dessa influência. Veremos mais à frente a fala de um de nossos ex-alunos sobre essa importância na vida dele.

**Tabela 6:** Para você, a solução passa pelo papel do professor?

15. Para você, a solução passa pelo papel do professor?	Ocorrências
Sim	17
Sim, mas, não somente/ Também	11
Em algumas situações/ Em alguns casos sim	2
Não	1
Não muito	1
Talvez	1

Fonte: Desenvolvido pela Pesquisadora

Na questão 16, “E, quando não há condições estruturais, como salas devidamente aparelhadas ou segurança, por exemplo, o professor teria condições de interferir em situações de violência na escola?”, tivemos 13 “Não” e 20 “Sim”. Na questão 16.1, no caso de resposta afirmativa à anterior, perguntamos de que maneira e como categorias que mais apareceram foram: Diálogo e Aulas atrativas (por meio de eventos, mesas de debate, músicas etc).

Isso me fez lembrar de todas as reuniões das quais já participei, em que sempre ouvimos que o que falta são aulas mais atrativas. Questiono-me acerca do que seria aula atrativa em Educação Física. Elaboro aulas que a maioria nunca quer realizar, e, infelizmente, a mentalidade de muitos alunos, principalmente dos meninos, é de que Educação Física é escolinha de futebol. Com isso, travo longos debates quando proponho minhas aulas; sim, em todas as aulas, travo debates. Negócio: se fizerem minha aula, o que planejei, deixo jogarem bola no final e, se a aula não é na quadra, na próxima, deixo jogar mais tempo. Gosto de trabalhar com músicas e filmes, fazer debates e jogos sobre os questionamentos levantados, mas tenho encontrado entraves nessas supostas aulas atrativas. Digo supostas, pois eu as planejo para que sejam, mas não são recebidas desta forma.

Às vezes, por meio do diálogo, mas, em grande parte das vezes, isso é insuficiente. (Prof.28).

Com ações que permitam fomentar a educação e a convivência, mas o professor é só 10% do agir. É necessária uma estrutura global. (Prof.23).

Precisamos ter o cuidado de não desistir das nossas ações, sempre tendo em mente a importância que a figura da professora e do professor ainda tem. O diálogo, o acolhimento e o criar laços afetivos aparecem, em muitas respostas, como ainda sendo um meio para coibir a violência.<sup>60</sup>

A importância do diálogo tão anunciada por Freire (2018), “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Não qualquer diálogo, um diálogo arrogante, dono da razão, mas um diálogo para a prática da liberdade, baseado na fé, pois, “sem esta fé nos homens, o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista” (Freire, 2018, p. 109). E, sendo a fé nos homens “um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele”. Uma vez que “a confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais intenções”. Contudo, não existe “o diálogo sem a esperança”, que “não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar”. Mas, um mover-se na esperança enquanto

<sup>60</sup> Retornaremos a esse assunto mais à frente.

luta e, se lutar com esperança, espera instaurando (p. 113-114).

Com planejamento pautado no diálogo, no respeito e no conhecer e valorizar o seu aluno. Não há receita pronta, mas são as ações que vemos dando certo no chão da escola. (Prof.7).

Através do diálogo tudo pode ser compreendido. (Prof.11).

O professor tem que cativar o aluno de alguma maneira, seja com atividades diferenciadas e interessantes pra ele ou dialogando mais com esse aluno, usando sua linguagem. (Prof.13).

Conversando, estando junto dos alunos. (Prof.14).

O professor pode interferir com atitudes de acolhimento, com aulas bem planejadas, com atividades de sensibilização, com empatia e criando estratégias que reconheçam, de fato, as riquezas culturais dos alunos. Mas não é fácil, porque isso exige uma generosidade e ao mesmo tempo um distanciamento para compreender e atuar. Não há mágica nem milagre. É uma luta diária. (Prof.10).

Promovendo ações antirracistas, ouvindo a vivência dos alunos sem julgamento moral e assim criar laço afetivo. (Prof.5).

A categoria “ações antirracistas” aparece uma vez, e acredito que esteja ligada às aulas atrativas, pela forma como foi colocada pelo professor. Assim, em concordância com Freire (2018), as aulas atrativas devem “partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar no conteúdo programático da educação ou da ação política”.

Neste contexto a interferência será mínima, mas através de eventos e projetos específicos desenvolvidos com/para alunos, levando em consideração sua realidade sociocultural, pode-se conseguir resultados de maior integração de toda a comunidade escolar. Mas repito, nesse contexto o resultado pode ser muito modesto. (Prof.3).

Lembrando que, na questão, estamos falando das condições estruturais da escola. Aqui, quando o professor fala “nesse contexto”, está referindo-se a essa escola sem estrutura.

Talvez em aulas mais atrativas, “fugindo” da rigidez dos currículos que não dialogam com os alunos. (Prof.4).

Recursos como mesa de discussão... aproximação com as linguagens dos alunos como música, rede social, interesses comuns, buscando vínculos afetivos que permitam o professor ser ouvido e assim oferecer outras opções de aprendizagem. (Prof.19).

Não trará a solução total, porém podem ser realizadas conversas, mesas

redondas, seminários e projetos com os alunos. (Prof.21).

A categoria Mediador é mencionada duas vezes, no entanto, percebe-se essa figura de mediação do professor nas falas sobre o diálogo e nas aulas atrativas. Importante se torna a palavra “mediador”, pelo fato de que, por muito tempo, o professor era o possuidor da razão, o que tudo sabe e, por isso, ensina. Compreendemos que

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar, e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p.25).

E, nas palavras dos professores entrevistados, o professor tem esse papel de apaziguar e mediar, o que se estende aos casos de violência.

A nossa maior interferência é sempre o apaziguar a violência e tentar coibi-la quando vemos os menores sinais. (Prof.16).

O professor deve agir sempre como mediador. Em não conseguindo, deve procurar auxílio de outras autoridades. (Prof.24).

Como um mediador de conflitos, para assim construir uma paz para que toda a turma possa aprender o que é ensinado. (Prof.26).

Como fechamento dessa questão, trazemos a fala de um dos professores entrevistados, que reflete a realidade de muitos profissionais da educação.

Não há condições dignas de trabalho para os profissionais da educação em quase nenhuma rede pública do nosso país, e, ainda assim, os professores atuam, mesmo sem estrutura ou amparo dos outros agentes públicos. Mesmo sem condições adequadas, os professores não deixam de intervir nos casos de violência no ambiente escolar. (Prof. 33).

O reflexo do abandono da educação em nosso país perpassa muitas ausências existentes no chão da escola. Trabalhar sem condições dignas e com baixos salários faz com que muitos profissionais adoeçam e não tenham a quem recorrer. Cada dia mais cobrados, não só com a sobrecarga de trabalho e com a falta de tempo para poder se atualizar. São muitas demandas. Temos que estar atentos às diversidades, às/ aos alunas/alunos com necessidades especiais, às ausências que nossas alunas e alunos sofrem, seus medos, suas necessidades etc. Mas, quem está olhando essa professora, esse professor?

A quem cabe dar suporte a quem está no chão da escola? E, assim, continuamos esquecidos, abandonados à própria sorte.

Nessa semana (dia 14/05/22), mais uma amiga e colega de trabalho desistiu de trabalhar em nossa escola. Ela foi a professora que realizou o trabalho com as alunas e os alunos sobre o Setembro Amarelo. Escreveu o seguinte desabafo para a equipe gestora e, posteriormente, publicou em nosso grupo de Educação Física da escola:<sup>61</sup>

Quarta saí da escola mal (E não aconteceu nada muito grave) mas, com uma sensação de impotência e de pensar que posso aposentar no Botafogo e pra manter a saúde mental tenha que adaptar ao sistema (Certamente isso vai acontecer) hoje fico chateada porque as meninas do corredor perguntam se não vou descer, os colegas vivem de atestado... Mas, tenho certeza que dia mais ou dia menos, serei eu a ser essa pessoa. Que na quarta desistiu da aula e liberou a turma mais cedo.

E sinceramente, eu não quero me acostumar com o sistema. Eu não acho justo com as crianças (Mesmo sendo difíceis) não fazer diferença na vida delas.

Eu ontem não trabalhei no particular, acho até que pode ser dengue (E por isso pedi a folga de hoje).

Mas, ontem resolvi procurar uma vaga real numa escola de Educação Infantil, que é a área que mais amo e por pior que seja o lugar que a escola esteja inserida, sempre teremos o retorno amoroso das crianças.

Faço parte da equipe do Botafogo a 10 anos, desde que fui chamada pra prefeitura estou na escola.

Mas, mesmo que não adoeça trabalhando aí, “Deixando rolar” não acredito que eu consiga ser feliz assim. Eu amo minha profissão e não acho justo não conseguir trabalhar! E nem tô levando em consideração os perrengues pra estacionar, os tiros.

Escrevo tudo isso com lágrimas nos olhos e aperto no coração e peço desculpas por não conseguir falar isso pessoalmente pra vocês!

Enfim, queria pedir que vocês me liberassem para outra escola. (Prof.14).

### 3.3 Retalhos diários: as escrituras de cada dia

Neste momento da tese, trazemos o cotidiano e as falas desses que, para nós, são tão caros e que nos fizeram querer realizar esse valoroso trabalho, que só assim o é por essa juventude. Traremos as conversas com alunas e alunos por meio dos diários, entrevistas com funcionárias, moradoras e moradores e ex-alunas e ex-alunos de nossa escola.

Remexendo meus diários de bordo, encontrei diálogos com algumas alunas e alunos. Uma das que seriam entrevistadas denomino aqui como Aluna 12, além da Aluna 13, Aluna 14, Aluna 1, Aluna 11 e Aluna 15. Alguns podem questionar-me sobre o porquê de

---

<sup>61</sup> Pedi autorização para publicar. Ela é uma das professoras que responderam nosso formulário e havia aceitado participar da pesquisa se houvesse uma segunda parte com o corpo docente.

serem todas mulheres, e digo que, por causa da aproximação, elas tinham aceitado conceder-me entrevistas. Alguns meninos até falavam, mas, geralmente, em grupo, como podemos observar em algumas falas já transcritas nesta tese. Aqui, trago alguns relatos de três anos de pesquisa. São muitos, por esse fato, trago apenas alguns mais pontuais.

### A história da Aluna 12

Aluna com quem travamos muitas lutas durante esses anos de trabalho. Aluna difícil, como dizem todos os que trabalham com ela. Muitas vezes, perigosa, gosta de arrumar briga, muitas/os colegas têm medo dela e, com isso, ganha respeito de todos, fazem o que ela quer e, com isso, manipula e rege como será o andamento das aulas.

Posso dizer que ganhei o carinho dela. Ela me respeitava, claro, depois de um bom tempo, convivência e muita conversa. Falava que queria entrevistá-la, que a vida dela deveria ser estudada e que eu faria isso. Ela ria achando que era brincadeira. Conteí sobre meu doutorado, depois de explicar o que era um doutorado, falei sobre minha pesquisa e os estudiosos que eu lia. Ela achava mais graça por eu “perder”<sup>62</sup> meu tempo estudando violência e, o pior, perder meu tempo estudando na minha idade. Não entendia como uma mulher na minha idade, formada, com um emprego público, ainda precisava estudar. Sempre disse a ela que, na vida, alguns têm escolhas, e eu tinha, e que sentia privilegiada por isso. Mas que ela também tinha escolhas e que tudo dependia dela.

- Minha primeira aproximação: **Conversa do dia 19/10/18 - 7 ano**

Introduzi uma conversa; ela apenas balançava a cabeça e me respondia de forma monossilábica. Perguntei se não queria participar de nenhum jogo; ela disse que não. Perguntei se queria conversar; responde com a cabeça balançando, dizendo que sim, depois de várias tentativas de iniciar uma conversa. Perguntei o que gostava de fazer, e ela começou a contar um pouco da sua vida. Disse gostar de ir para a casa do pai em uma favela no Rio, de ajudá-lo. Falamos sobre sonhos, futuro; e disse não gostar de estudar e que não tem sonhos, mas acha importante ter um...

Aluna 12: Tem meu irmão menor também. Meu pai mora no Rio, como falei, ele é do tráfico, [...] hoje vou para lá, adoro ir para o Rio. Gosto de ir ficar com meu pai. [abre um sorriso, demonstra muita felicidade] Você nem imagina o que eu faço. Até troco bala com a polícia...

---

<sup>62</sup> Na fala dela.

Eu: E sua mãe sabe? Você não tem medo da violência? Eu fui assaltada no início do mês, fiquei apavorada com a arma...

[ela riu]

Aluna 12: Mas, na facção do meu pai, não pode assaltar não... eles arrancam a mão, começam tirando dedinho por dedinho da mão...É claro que minha mãe não sabe o que faço. Ela sabe que vou para lá, mas não o que faço. Hoje, vou pra lá de carro com os meninos.

Fala que seu pai tem 24 anos e sua mãe 25. Rimos da situação, pois ela vai fazer 13 anos, logo, eu tenho idade para ser avó dela...

Não podemos continuar a conversa, pois chegaram muitos alunos, e o assunto é muito delicado para conversar em meio a tantas pessoas.

- Registros de ocorrências

No ano de 2019 (ela estava no 8.º ano), tive acesso à pasta de ocorrências da aluna. Uma suspensão de dois dias, no mês de abril, por sair de sala e desrespeitar professor e colegas em sala. Uma Advertência<sup>63</sup> junto com mais duas colegas, por ameaçar “pegar lá fora” a aluna T. Três ocorrências nos meses de maio e junho. Uma das ocorrências, xingou professora, mandando-a “ir para o #@!\$@%&\*” e tomar no #”. “A mãe esteve na escola para saber do registro e argumentou que a filha falou ‘você está doida’, e não proferiu nenhum palavrão contra a professora, que iria fazer um BO.<sup>64</sup> por calúnia contra a filha”<sup>65</sup>.

Ela tem uma amiga inseparável, Aluna 16, juntas “matam” aula e arranjam brigas. Conversando comigo, falou que não usa drogas, mas essa sua amiga, que também é minha aluna, usa e já chegou diversas vezes transtornada em sala de aula. Às vezes, saem cedo pelo fato de essa amiga precisar usar.

Veio a pandemia, o que impossibilitou a continuação de nossas conversas e a entrevista mais aprofundada que ela me prometeu. Tive uma grata surpresa já no segundo semestre de 2021, quando fiquei sabendo por uma das gestoras da escola que ela tinha parado na frente da escola para perguntar por mim. A gestora disse que eu ainda estava em casa, trabalhando *online*, pois tinha tido bebê. A Aluna 12 ficou feliz por mim e pareceu bastante emocionada. Despediu-se e pediu que me mandasse um beijo e que estava com saudades.

Dia 16 de fevereiro de 2022, retornei às aulas presenciais, e quem encontro? Aluna 12. Ela estava passando de braços dados com um rapazinho. Eu buzinei, e ela abriu um

<sup>63</sup> Sem data. Ocorreu entre abril e maio, por conta da ordem das ocorrências.

<sup>64</sup> Boletim de Ocorrência.

<sup>65</sup> Retirado dos registros de ocorrências da escola.

grande sorriso. Estacionei. Ainda em pandemia de máscara, com medidas de distanciamento e tudo, não pude evitar, ela veio com os braços abertos em minha direção e me deu um abraço muito apertado. Fiquei bastante emocionada. Ela disse que estava indo levar a irmã para a escola, nossa escola, e que achava que a menina seria minha aluna. Pensei que a reencontraria novamente à frente da escola e que, em uma próxima oportunidade, pegaria seu contato para aprofundarmos nossa conversa com ela sobre a pesquisa. Mas, com os diversos acontecimentos, não a encontrei mais.

### A história das Alunas 15, 13 e 1

Sexta-feira, 22 de agosto de 2019, volta às aulas do recesso do meio do ano. Juntei três turmas, pois, com o retorno às aulas, tínhamos poucos alunos, e haviam faltado professores.

Por eu dar aulas de Educação Física, a maioria das meninas não quer fazer aula prática para não suar, alegando que “o sol tá forte”, é uma coisa que ouço, mas querem ir para a quadra para conversar e falar coisas inacreditáveis.

Tenho observado que as meninas andam mais violentas que os meninos, e isso já ocorre há algum tempo. Os relatos nos BOs em relação às brigas são, em sua maioria, com referência às meninas.

Aluna 13 (8.º ano): Quem nunca apanhou? Eu não tenho vergonha não, todo mundo já apanhou. Apanhar é normal.

No ano de 2018, eu e uma das diretoras adjuntas separamos uma briga em que essa aluna estava apanhando muito. A Aluna 16, já mencionada anteriormente, batia a cabeça dela no chão, entre a parede e a divisória de mármore do banheiro feminino, em um dos andares.

Em 2019, ela já se envolveu em duas brigas, ficou toda roxa, a quase três semanas sem aparecer na escola. Quando retornou, foi como se nada tivesse acontecido.

A última briga ocorreu com a Aluna 17, que só batia sua cabeça no asfalto. Os alunos me mostraram a gravação em vídeo – eles adoram mostrar esses vídeos. Neste, conseguia ouvir que os que estavam assistindo estimulavam a briga.

Aluna 18: Porque 17 só bate na cabeça. Ela faz luta, vou entrar também. Quero ver ela tirar onda.

Tentei dialogar, dizendo que fazer luta não é para brigar na rua e que exige disciplina. Além disso, quando fiz Karatê, meu professor avisava que, se soubesse que brigamos na rua, ia suspender-nos ou até perderíamos a faixa.

Aluna 15 (7.º ano): Tô mesmo é com vontade de “sarniar”<sup>66</sup>, preciso “fumar um”<sup>67</sup>.

Uma observação: a Aluna 15 está na mesma série/ano há dois ou três anos e é bastante faltosa. Ela disse ter fugido de casa, por isso, andou sumida. Certa vez, foi porque a mãe queria dar uma surra nela. Ficou sumida, sem dizer onde estava. Questionei: Mas você não contou onde estava? Sua mãe deve ter ficado preocupada.

Aluna 15: Ih tia, tá doida? Ela ia me pegar e acabar comigo.

Eu: Mas, também, o que você não deve ter aprontado, eh?

Aluna 15: Nem falo nada... [risos]

Ela ria, apesar de saber que estava muito errada. E digo que sabia estar errada pela forma como falava e pelos gestos que fazia. Seu olhar estava falando mais que sua boca.

A Aluna 15 abandonou a escola meses depois. Já tinha aprontado muitas, mas, dessa vez, superou-se: tentou matar um “menino”<sup>68</sup> da boca. Alguns dizem que ele era gerente/chefe de turno e que era namorada dele, mas queria que ele largasse a “fiel”<sup>69</sup> para ficar com ela. Isso, na fala de colegas de turma e de alguns funcionários que conhecem a história dela.

Ela seria uma das nossas entrevistadas em razão do seu histórico de violência, mas sumiu depois do atentado. Roubou drogas e arma, e dizem que uma quantia em dinheiro, fugiu para o Rio de Janeiro (capital), tendo em vista que está pedida de morte. Sua mãe já havia recebido o veredicto<sup>70</sup> do julgamento dela.

No início do ano de 2020, perguntei por ela, e, resumidamente, uma aluna falou:

Ela está na comunidade dos Alemão<sup>71</sup> aqui em Macaé, em razão de ser vista como uma pessoa de grande potencial. Não é qualquer pessoa que tem coragem de fazer o que ela fez. A vítima dela não morreu, mas ficou internado, lutando pela vida durante esses últimos meses.

---

<sup>66</sup> Fugir, ir embora.

<sup>67</sup> Fumar maconha.

<sup>68</sup> Como alguns se referem aos que trabalham na boca.

<sup>69</sup> Namorada ou mulher verdadeira. Na maioria das vezes, referem-se à namorada como mulher também, por isso, não sei se ele morava com essa dita fiel.

<sup>70</sup> O veredicto do tribunal do crime.

<sup>71</sup> Rivaís.

No tráfico, existe o que chamam de Tribunal do Crime. Eles fazem julgamentos e decidem punições para os deslizes não só para quem é do tráfico, mas também para todos da comunidade. Por exemplo, as brigas na escola ou na rua, quando vão ser resolvidas na boca, eles ouvem ambas as partes e os responsáveis se forem menores de idade. E, depois, definem a punição. No caso de meninas, a que for considerada culpada pode ter a cabeça raspada, uma das maiores humilhações para elas (segundo os próprios relatos das alunas).

Como o caso de uma de nossas alunas, a Aluna 1, aparentemente muito quietinha, quase ninguém puxava assunto com ela. Quase sempre sozinha ou com uma única amiga.

Aluna 19: Viu, professora, o que fizeram com o cabelo da 1? [comentando na frente dela]

Eu: Como assim fizeram? Tá bonita com o corte de cabelo novo... [fui interrompida com risos]

Aluna 19: Tia, cortaram o cabelo dela, era na cintura, porque ela tava “dando”<sup>72</sup> para homem casado!

Aluna 1: Não tava dando nada... só fiquei uma vez.

Eu: É verdade? [ela responde que sim com a cabeça]

Aluna 20: E só cortaram porque ela pediu desculpas e não sabia que ele era casado. Senão, teriam raspado a cabeça dela... [risos de todas. A Aluna 1 fica com vergonha e ri timidamente]

Eu: Mas ele era casado mesmo?

Aluna 19: Ué, tia, mora com uma mulher, é casado...

Eu: Ah, sim! Tem razão, tem que respeitar o relacionamento dos outros. Mas, e com ele, o que houve?

Aluna 19: [risos] Nada... né? tia, errada é ela de dar mole pra homem de outra... a mulher levou isso pra boca...

Aluna 20: Ela não pode fazer de novo, senão vai ser pior da próxima vez...

Aluna 1: É claro que não vou fazer...

A vida da mulher já é muito complicada em nossa sociedade machista. Agora, em uma favela, ela se torna mais complicada ainda. O homem trai, mas a mulher não pode. O homem é até mais respeitado por ter muitas mulheres. O comprometido era ele, mas não

---

<sup>72</sup> Tendo relações sexuais.

aconteceu nada com ele. Ela, no entanto, foi cobrada.

Quando entrei na escola, estava conversando com uma colega no corredor, e uma aluna ficou ouvindo a conversa. Falávamos sobre o assunto que eu tinha levado para a sala de aula, que era a violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha (11.340/06). A aluna ficou indignada com o que eu dizia.

Eu: Pois, homem não me bate... tá pra nascer um homem que tenha essa coragem.

Colega: Claro Joanna, bater em mulher é crime.

Aluna 21: O quê? Vocês nunca apanharam dos “macho” de vocês?

Eu e a colega com quem conversava ficamos pasmas com a naturalidade com que ela fez essa pergunta para nós. Respondemos que claro que não.

Aluna 21: Bem, para o homem continuar com a gente, a gente tem que aceitar, tia, senão a gente fica sozinha. Eles mandam e, às vezes, ainda temos que aceitar as outras que eles arranjam...

Eu poderia dizer que estava conversando com uma mulher adulta, mas, não, era apenas uma menina nos seus 13 anos de idade, submetendo-se à violência doméstica e a outras mulheres em sua relação. O pior estava por vir quando descobri que ela era “casada” com um homem com mais que o dobro de sua idade. Muitas delas saem de casa para terem suas próprias vidas, cuidarem de seus próprios filhos, no lugar de cuidarem dos filhos de suas mães. Muitas se orgulham por serem mães novas e têm o respeito das outras moças. São vistas como mulheres em seu meio.

Nesta tese, trabalhamos com a questão social da juventude, em que não se torna necessária a idade para ser jovem. Suas questões e situações as/os fazem jovens.

#### A história da Aluna 22 e dos Alunos 23 e 24

- **Conversa do dia 19/10/18 – 8.º ano (irmã do Aluno 25)**

Eu: E aí, gatinha, como está seu irmão?

Aluna 22: Tá bem prof... Mas, tomou uma surra...

Eu: Por quê?

Aluna 22: Porque ele tava devendo para o tráfico. Ele continua trabalhando para o tráfico.

Ela falou dessa forma, pois conversávamos muito sobre seu irmão. Tinha sido meu aluno por três anos na mesma série/ano. Um aluno muito quieto, falava apenas quando solicitado, bom nas aulas práticas, geralmente ficava retido na mesma série/ano por faltar muito, não fazia os trabalhos e nunca estava nos dias de prova.

Aluna 22: Minha mãe ora, professora. Teve um dia que a PM tava com ele no mangue, enforcando ele, aí ela orou com muita fé, na igreja. Quando saiu da igreja, foi lá no mangue, e ele estava com os PM, mas eles deixaram ele ir. Foi por isso que ele tomou um pau dos meninos.

Eu: Por que ele foi pego pela PM?

Aluna 22: É...

Porteiro: Você sabe quem é o namorado dela? Você conhece bem...

Eu disse que não sabia quem era o namorado dela.

Porteiro: O 24...

Eu: Que 24?

Porteiro: O 24... aquele... [risos]

Já tive problemas com o Aluno 24. Chamei os responsáveis por ele inúmeras vezes. Durante uma aula, ele pediu para beber água e voltou com uma caneca, dando água para todo mundo. Achei estranho que todos davam uma “bicada”<sup>73</sup> e passavam o copo para outra pessoa. Pedi a caneca e disse que queria água também. Ele me disse que não, sem graça, e que eu não ia gostar da água. Para minha surpresa, era cachaça. Questionei de onde tinha surgido a cachaça, e ele disse que estava no muro do lado de fora e que pegou quando foi buscar a bola que havia caído na rua. Depois, por meio dos próprios colegas, descobrimos que ele tinha levado uma garrafinha para a escola dentro da mochila.

Eu: Sério?

Aluna 22: É, professora, mas ele mudou. Tá até indo à igreja de vez em quando. Meu irmão também.

No momento em que conversávamos, estávamos no corredor que fica entre a rampa de acesso às salas de aula e o corredor que dá acesso à quadra, e passou um aluno que era muito

---

<sup>73</sup> Beber um pouco.

brincalhão e que gostava de fazer todas as atividades na aula teórica e na prática, mas que, agora, andava introvertido, e não queria mais fazer as aulas práticas.

Eu: O que houve com o 23...?

Aluna 22: Está envolvido... Vendendo pó e loló...

Eu: Agora entendi por que mudou tanto!

Aluna 22: Ele, antes, tentava convencer o 24 de sair, agora, é o contrário...

Eu: Mas você sabe por que ele entrou?

Aluna 22: Está com uma namorada.

Eu: De onde?

Aluna 22: Daqui mesmo, de outra sala. Ela quer roupas novas. Vive dizendo para ele que quer roupa, precisa e tal...

Eu: Ele entrou para dar o que ela quer?

Aluna 22: Isso. Ela vive pedindo as coisas a ele...

Estava falando, mais acima, como uma mulher sofre em uma sociedade machista, mas o homem também sofre. Ainda existe a ideia de homem provedor. E, com a dificuldade, muitas vezes, de conseguir um emprego e, principalmente, que pague bem, nossos meninos acabam entrando para a “boca” para realizar os desejos de suas namoradas/mulheres (como alguns dizem).

No ano seguinte (2019), não fiquei sabendo o que aconteceu com o Aluno 23, mas nossa querida Aluna 22 estava estudando no Ciclo (EJA) e ainda continuava namorando o Aluno 24. Ele estava gerenciando em outra cidade. Não tinha saído do tráfico, mas ela continuava com ele, acreditando que isso era passageiro e que ele iria largar. Nesse mesmo ano, ela engravidou do Aluno 24, e a família dele deu todo apoio a ela, principalmente pelo fato de ele estar em outra cidade e não poder dar suporte.

Os pais do Aluno 24 tinham boas condições financeiras para a localidade, eram evangélicos, e ninguém entendia as opções do aluno. Quando o conheci, ele tentava me afrontar, falando coisas que achava que me aterrorizariam: o quanto tinha usado drogas – a princípio, era só maconha; que estava de castigo, pois o pai o pegou fumando; e que tinha sido pego em uma rodinha e corrido da polícia – foi quando apareceu com a mão enfaixada e

disse que se machucou pulando um muro com caco para fugir dos “home”. Ele se orgulhava de seus feitos. Levei-o, muitas vezes, para a direção, fiz BO na escola e sempre ouvia que seus pais não sabiam mais o que fazer com ele, que sua irmã era um doce, comportada, não dava trabalho, muito inteligente, mas que o Aluno 24 também era muito inteligente quando queria. Ele ra o primeiro a terminar minhas atividades, trabalhos bem feitos, respondia às minhas perguntas quando eu explicava, mas, no meu ponto de vista, queria ir contra o “sistema”. Não gostava de ser mandado, de dar satisfação, de cumprir regras. Lembrava muito a história do Aluno 2, que dizia ter a mente de vilão. No entanto, o Aluno 24 não falava isso, ele agia assim. Queria afrontar autoridades, não interessava quais. Se eu era a autoridade do momento, seria afrontada. Mas, quando estava bem, era outra pessoa.

Ele era totalmente diferente da Aluna 22. E, agora, ela está ligada a ele para sempre com o laço de uma filha, que será criada com a ajuda da sua mãe e dos avós paternos. Ela levou a bebê um dia para conhecermos. Uma criança linda, que, possivelmente, não terá a presença do pai na sua vida.

### 3.3.1 Encontros e desencontros de 2022

Neste fechamento bastante movimentado em todos os sentidos, com entrevistas/encontros marcados, recheados de semanas intempestivas, com algumas invasões e muitas trocas de tiros, o que impossibilitou nossos encontros.

Dia 07 de abril de 2022, dia bastante difícil com as turmas. Turmas bastante agitadas, com aula prática na quadra, observando as atividades das alunas e dos alunos. Três alunos conversando próximo a mim, que aqui vou nomeá-los como Aluno 25, Aluno 26 e Aluno 27, gostam bastante de falar sobre a situação do bairro. Seriam possíveis entrevistados para esta pesquisa. Eles insinuam fazer parte do movimento, mas, ainda não consegui confirmar essa informação, já que ora deixam a entender que fazem parte, ora dizem ser brincadeira. Quando perceberam que eu conseguia ouvir a conversa, introduziram-me nela.

O Aluno 25 me perguntou por que eu estava prestando atenção na conversa deles. Eu respondi que não prestava atenção, mas que estava dando minha aula. Perguntei, então, por que eles não estavam participando. O Aluno26 insinuou que o Aluno27 estava cansado por causa do trabalho à noite, e um começou a brincar com o outro, usando gírias e termos que eu não entendia o que queriam dizer. Então, perguntei o que eles estavam querendo dizer com aquilo, pois não eram gírias da minha idade. Eles riram, dizendo que eu não era tão velha

assim. Disse que tinha feito 40 anos no dia 05 de abril. Eles não acreditaram e começaram a fazer insinuações comigo. Fingi não entender, mas eles tentaram ser mais explícitos:

Aluno 27: Pegava não, pegava não Aluno 26?

Aluno 26: Com certeza, nem parece essa idade toda. Você não é velha não professora, não aparenta essa idade toda...

No momento, interrompi, falando que tinha idade para ser mãe dele e que ele me respeitasse. O Aluno 25 falou:

Aluno 25: Mãe não... né, tia? mas quem sabe irmã.

Aluno 26: Irmã não, que irmã a gente não pega!

Interrompi novamente e pedi que me respeitasse. Até o momento, ainda não estava chateada com a conversa, embora achasse falta de respeito, mas as caras e a forma como estavam falando estava começando a me incomodar.

Eu: Que pega rapaz! Presta atenção! Tenho idade sim para ser sua mãe e quero o devido respeito. Vou levá-lo à direção.

Aluno 26: Ih, gente! A Joanna não quer brincadeira hoje não. Deve estar chateada. Além do mais, temos que ter cuidado com o que falamos perto dela, que ela é X9. Ela mora lá nos alemão<sup>74</sup>.

Eu: Meu filho, sou professora. Venho, dou minha aula e não me envolvo com nenhum movimento. Nem lá nem aqui!

Aluno 26: Tá bom, tia, vou fingir que acredito.

A aula terminou, peguei o material da aula e pedi para subirem. O Aluno 26 veio me pedir desculpas, dizendo que estava brincando e que gosta muito de mim.

Após as aulas, fui para a sala dos professores e recebi a visita de dois ex-alunos da escola, que auxiliam bastante com os alunos devido à influência que eles têm no bairro. Um deles faz parte da associação dos moradores – já foi citado anteriormente –, no auxílio aos moradores com cestas básicas. A diretora adjunta falou da minha pesquisa e do meu doutorado e me pediu para falar um pouco sobre meu trabalho para eles. Conversamos brevemente, e eles disseram:

---

<sup>74</sup> Eles sabem que moro em Nova Iguaçu e que a área é dominada por outra facção.

Ex-aluno1: Saudade, professora, daquele tempo que aqui na escola tinha judô, karatê. A senhora dava aula de balé pras crianças. Não tinha essa indisciplina toda que existe hoje!

Eu: Até tinha indisciplina, mas agora tá demais!

Ex-aluno2: Parece que tudo piorou com a pandemia.

Eu: Sim. Alguns voltaram sem limites

Eles aceitaram voltar na semana seguinte para me darem entrevista, por causa do adiantar da hora.

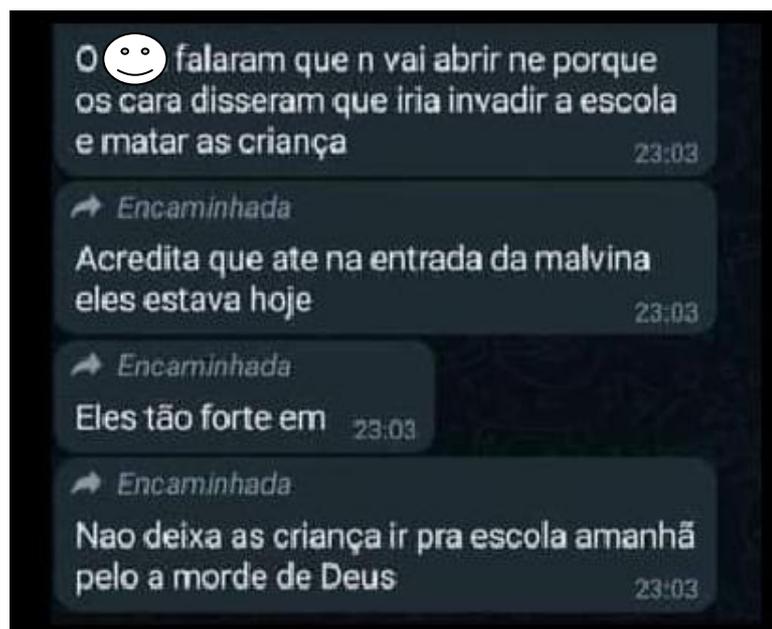
Dia 11 de abril de 2022, às 15h, em um dos grupos de WhatsApp, uma colega professora pediu para que se tomasse cuidado ao liberar as crianças, pois estavam esperando o ônibus, próximo à saída da escola, e estavam rolando tiros no ponto, a 300 metros da escola.

Dia 13 de abril de 2022, quarta-feira, véspera de Semana Santa, cheguei à escola, como de costume, mais ou menos às 6h45min. A frente da escola estava praticamente vazia. Um casal de mães deixando seus filhos e querendo saber a hora da saída. O clima estava bastante tenso. Dentro da escola, pouquíssimos alunos. Entrei na sala dos professores, e o coordenador, organizando a nossa entrada e horário nas turmas, já nos disse que sairíamos cedo: 8h40min, e que a situação no bairro estava difícil.

As mensagens de terror estavam em todos os grupos de WhatsApp. Não havia como ficar tranquila com mensagens como essas, que já estavam viralizando<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> Sendo compartilhado por muitas pessoas nas redes sociais e aplicativos de compartilhamento de mensagens.



**Figura 16:** Mensagem de terror

Fonte: Grupos de WhatsApp. Mensagem do dia 12/04/2022.<sup>76</sup>

Como já esperávamos, após as mensagens de tiros na tarde do dia 11, à noite, foram muitos tiros e que poucas crianças viriam para a escola. Mais professores foram chegando e a diretora adjunta veio nos contar a situação.

Estamos com uma história de sequestro de moradores, crianças, e isso tem deixado eles bem diferentes do que a gente está habituado. E, aí, o que acontece, apesar que tá todo mundo a fim de ir embora cedo. É feriado, a gente sempre tenta fechar dia letivo... Vou pedir um pouquinho mais de paciência e tolerância para vocês. São só dois tempos de aula. Mas por quê? Eu fico triste no sentido de que a gente já vem de uma pandemia, eles estão muito agitados, a gente está com dificuldades de estabelecer regras escolares novamente com eles, e, cada vez que a comunidade agita, agita eles novamente. E, aí, retomamos de novo. Então, tudo aquilo que a gente já, de repente, tinha avançado um pouquinho volta novamente... Então, gastem tempo conversando com eles, dialogando, ouvindo. O lugar que a gente trabalha pede isso. Não é uma escola em um bairro que não viva isso, então, é só pra entender que, às vezes, aquela revolta que está estourando ali, não necessariamente é pessoal com a gente, é com esse entorno aqui, que realmente, que não ajuda em nada. A gente, hoje, independentemente do horário, pega a bolsa e vai pra nossa casa. Eles têm que entrar nisso aqui e viver, aí, um feriadão pela frente, que não é de muita alegria.

Com a escola bastante agitada, apesar de poucos alunos, trabalhamos das 7h às 8h40min, posso falar por mim, com um nó na garganta. Embora esta tese fale sobre violência e a comunidade estudada seja a nossa, a da nossa escola, nunca me acostumo com essa

<sup>76</sup> Onde colocamos a carinha era o nome de outra escola que se localiza em outro bairro.

situação. É muito difícil pensar que retornarei para meu lar tranquilo e que meus alunos talvez nem durmam esta noite, com mais uma intensa troca de tiros.

Foram momentos de tensões relatados pelas alunas e pelos alunos, durante o pouco tempo que fiquei com eles. Conversei com a diretora adjunta sobre essa situação e que os ex-alunos que me dariam as entrevistas, um é mototaxista na comunidade e o outro é da associação de moradores, não poderiam ir até a escola. Nas palavras de um deles, ele precisava dar suporte na comunidade. No entanto, acredito estar evitando falar sobre o assunto em razão dos últimos acontecimentos. Ela me sugeriu conversar com as funcionárias que são moradoras, aqui denominadas como Moradora/Funcionária 1 (M/F1) e Moradora/Funcionária 2 (M/F2), as quais poderiam relatar melhor a situação. E assim eu fiz! Conversei com elas e, sinceramente, minha admiração por essas moradoras aumenta com o que ouço a cada dia.

Falei um pouco sobre a minha pesquisa, mas não segui nenhum roteiro específico. Comecei perguntando como era viver e trabalhar em uma comunidade com essas características:

Moradora/Funcionária<sup>77</sup> 1: Eu creio que mexe muito com o psicológico, com a mente... Primeiramente, com a mente, porque... eles já ficam assustados... né? Você entendeu? Porque, assim, tipo... eu tiro por mim mesmo, que eu não sou daqui. Eu moro aqui há 22 anos e, até hoje, não me acostumei! Com todo esse, sabe? Aí, eu vou falar, uma bagunça, que mexe, mexe com a minha mente, mexe com tudo, com emocional. Imagina a criança? Eu tenho também um exemplo do meu sobrinho, que ele tem 5 anos, ele não pode ouvir tiros, ele grita, entendeu? [...] Ele grita, mais ainda, ele chora! Fala: tia, o tiro! Eu falo: não é tiro, é fogos, se acalma! Então, eu acho que influencia em vários setores... né? Até mesmo no aprendizado deles.

Eles procuram refúgio. Eu creio que a escola ajuda muito. Quando eles vêm para cá, eles se sentem guardados aqui... né?! Porque, quando a gente, até os funcionário mesmo, por exemplo...

Eu, quando eu estou aqui, eu não tô com a minha mente preocupada lá fora. Eu sei onde minha filha tá. Mas muitas mães que estão no serviço nesse momento não têm, nem têm informação que é que tá acontecendo. Tá bem? Se o bairro tá bem. Não sabe se tá tendo operação. É muito preocupante essa situação... né?

Eu, por exemplo, eu, ontem, passei por uma situação, que minha filha não tava em casa, aí, começou os tiros, e comecei a mandar mensagem. Ela tava na academia, quando ela foi entrar no bairro, começou os tiros, aí, ela parou. Eu digo: fique aí porque, não vem não. Aí, ela ficou com dor de cabeça no momento dos tiros. Aí chegou em casa. Quando ela entrou na rua, um tiro bem próximo. Agora, não sei se foi atrás, se foi um final. [...] Já tava com dor de cabeça, situação piorou. Então, eles... Ah, eu não sei nem explicar, assim, em todo, como que ele se sente na cabecinha deles, mas mexe muito com eles. Assim como mexe com adulto... né? A criança que não suportaria

<sup>77</sup> Daqui por diante, referida como M/F.

coisas piores e tudo porque eles presenciam... né?! [...] Eu acho que eu não consigo nem falar, nem descrever o que passa pela cabeça de uma criança... né? Mas eu creio que é a escola. Ela... ela ajuda muito nesse processo. Ela... eles têm um apoio... né? Quando vem para escola, encontro dos professores que... Nem todos são... né? Claro, mas ele sempre escolhe, não porque foi aqueles professor, aquelas tia que... Eles encontram um apoio, aí, a gente, às vezes, nem tá bem no nosso emocional, mas a gente tem que dar o melhor de si para eles, para poder não deixar eles mais assustado... né?

Perguntei se acham que essa situação influencia a questão do desenvolvimento deles na escola, se essa questão da violência tem aumentado muito dentro da escola E se acham que eles trazem isso para dentro da escola:

M/F1: Eu creio que trazem, porque... é muito, ai.., não sei falar direito... Então, eu creio que eles trazem porque eles ficam revoltados com a situação. Não pode resolver. Talvez os pais também não têm condições de sair do bairro, têm que conviver com aquela situação, aí traz, aí sim, aí você transforma nas crianças revoltadas. É desobediente e tudo mais Quando ele vem para escola, eu creio que aqui eles... Eles encontram o que ele não encontra onde eles moram, entendeu? Segurança, uma segurança ou o apoio que eles necessita. Eu creio que a prima da minha filha, mesmo que a gente mora lá, tipo família no quintal, tudo separadinho. Você vai à escola? Ela falou: "Vou, só que a gente só vai sair vai sair cedo, tia". Tipo assim, ela queria estudar mais. Eu expliquei a situação para ela, mas ela falou que vem mesmo assim. A mãe dela trabalha, o irmão estuda ali no Wanderley Quinino. Nem sei se vão levar hoje. Voltei na hora do almoço, mas acho que não sei se teve aula, mas, se teve, ela falou: "Não eu vou eu vou sim, entendeu?". A gente vê o interesse deles, como se fosse uma fuga, uma fuga sair de casa, de ver essas coisas...

M/F2: Influencia sim! Por que influencia? Essa violência influencia na escola, não só na escola, como dentro do Lar. Pelo simples fato, estamos vivendo momentos muitos difíceis. E, a cada dia que se passa, tem ficado pior, e a gente que mora em comunidade assim é mais complicado, por quê? Porque, é... por onde a gente passa, a gente vê as agressividades de muitos jovem. Até jovem que os pais deram uma excelente educação, fizeram de tudo e hoje tá nessa vida, e muitos não entendem o porquê. E os jovens não têm muita oportunidade... né? De trabalho, de nada. A oportunidade que tem é o estudo, a escola, mas, mesmo assim, eles estão vindo muito vulneráveis, entendeu? E, com esse negócio da pandemia, com a pandemia, eu acho que piorou ainda mais, porque vieram mais agressíveis ainda, porque eles não aceita você falar, não aceita você colocar a mão para chamar atenção. O que aconteceu? Aconteceu algo comigo, que eu fui falar com menino. Ele faltou pouco me bater, porque... tá algo, assim, complicado, porque a gente como funcionário, como mãe, como morador, não pode chegar até a boca e falar: "Olha, Fulano fez isso comigo". Então, muitas coisas você tem que ser flexível, porque você acaba atingindo não só a criança ou o aluno, como também a família, ainda mais por todo mundo se conhecer: "Ela não podia fazer isso!". É igual aconteceu um ato que, um menino aqui puxou a vassoura da minha mão e, aí, eu fiquei preocupada de algum dos meninos vem chamar atenção dele e depois tem que ir para desenrolo e tal, e era só uma brincadeira, e depois eu falei assim: "Meu filho, não fica assim porque

tá acontecendo algo, entendeu? O mal que eu não quero para os meus eu não quero para você. Então, não faça mais isso na frente da escola comigo. Eu brinco com você”. Só que ele não entendeu e falou assim: “Então, tia, a partir de hoje, você não fala mais comigo, eu não falo com você, e você não brinca mais comigo nem eu com você!”. Eu falei assim: “Então tá bom? Eu falei para o seu bem, pelas coisas que tá acontecendo e, assim, tá algo muito agressor, muito agressor, então isso não sabe o que pode acontecer”. E, aí... né? Eu deixei. Só que, assim, os jovens se juntam com esses meninos que já faz parte do tráfico e começa a fazendo aviãozinho, e começa a fazendo isso, aquilo outro e, quando for ver, já tá dentro e, para tirar, é complicado. Então, assim, é igual o que tá acontecendo, essa história desse, desse tiroteio, é sequestro, tudo briga de facção, e a gente fica... de mão atada, sem saber o que fazer, no meio de tudo isso. Então, assim, isso mexe com nosso psicológico, mexe com nosso carnal, mexe com o nosso espiritual, mexe em todos os sentidos, entendeu? E a gente fica a mercê, sem saber o que fazer. É complicado! E a gente tem que ter muito cuidado, porque moramos numa comunidade que, com tudo, com tudo, é violenta. Eles vão muito pelo que o outro fala, mas não ouve a voz do outro lado, só de um lado só. Então, até você dizer que 19 não é 20, já aconteceu o pior.

Perguntei se ela achava que essa violência toda vinha para dentro da escola:

M/F2: é onde os alunos começam a ficar mais agressivo. Começa a não respeitar os funcionários em si. Mas, se você se toca no nome de um deles, “olha, fulano tá de olho em você!”, aí eles respeita! Eles respeitam mais os meninos do tráfico do que funcionário da escola e do que o papai a própria mãe!

Quando ela falou que respeitam mais os meninos do tráfico, perguntei se ela achava que era por medo. Ela espondeu que sim, balançando a cabeça.

Preciso fazer um parênteses aqui sobre essa questão do respeito ao tráfico, de forma que é muito explícito. Recentemente, tivemos mais um caso de aluna que teve a cabeça raspada. A que relatei antes teve apenas o cabelo cortado. O que chegou até mim é que se envolveu com meninos do tráfico, metendo-se em fofocas, e a própria família foi até eles para resolver o caso. Está afastada da escola e família já pediu transferência para tirá-la do bairro, para evitar novos transtornos. Sempre perguntava a ela por que não fazia aula prática, e sempre tinha uma desculpa diferente. Uma colega me contou que estava grávida e que a família não sabia, que queria tirar. Perguntei se já tinha ido ao médico. A amiga disse que não, que já estava com quase três meses e que precisava de ajuda. Ela sumiu das aulas. Essa amiga me relatou todos os acontecimentos e que ela não estava mais grávida, mas que não voltaria mais para a escola porque estava sendo vigiada e que não podia sair de casa. Uma menina de uns 15 anos, com tantas atribuições na vida. Uma vida que não teve muitas

escolhas. Sempre foi muito pobre, passou por muitas necessidades, mas agora cresceu e é muito bonita. A pobreza faz dela uma grande candidata a ter esse encaminhamento na vida.

Voltando às nossas entrevistadas. Perguntei sobre a pobreza, se a M/F1 acha que a pobreza, o fato de alguns viverem em lugares pobres, influencia também a questão da violência, no ponto de vista dela.

M/F1: Eu creio que sim, também Joanna... procurar outros meios... né? Que não vem benefícios... né? Bons para eles é isso... né? Que eu tô entendendo... que muitos querem um tênis bom, querem uma roupa de marca e, às vezes, o pai e a mãe trabalha, são assalariados ou são desempregados também, não podem dar daquilo e, aí, eles vão fazer a vida da forma que eles achar que tem que ser e acabou para ter o que eles querem. Eu já ouvi muito sobre isso. E acabam... né?... entrando nessa vida e têm um fim que, às vezes, têm, trágico... né?

Perguntei a ambas se achavam que a violência estava aumentando dentro da escola?

M/F2: Sim, sim, porque é o que que acontece: nós, como mães, temos que tá muito vigilante com o que nossos filhos têm feito, têm visto, aonde estão. Por que tá aumentando? Porque o filho engana muito os pais. Na nossa frente, eles são uma coisa, por trás, é outra, então, quando chega alguém falar, é porque o negócio tá feio. E, aí, muitos pais aceitam, outros não. Então, fica difícil porque você quer fazer o que é certo, e, muitas vezes, os pais impedem. “Não, meu filho tá certo!”. Por mais que tá errado. “Não, meu filho não faz!”. Mas é por causa de quê? Na frente dos pais, é uma coisa, fora, é outra!

M/F1: Na verdade, só deu um tempo... né, Joanna? Que a gente nunca sabe, tá... Tudo tranquilo, tudo calmo, mas, aí, a gente nunca sabe se vai permanecer. Entendeu? Tipo assim, ó, tá tudo silêncio no momento. Mas, de uma hora para outra, não se sabe se vai permanecer essa paz. Meu Deus, que permaneça... né? Aí, a gente tem a nossa vida social, tem que sair, tem que trabalhar. Eu, particularmente, depois daqui, eu vou na igreja logo. Tem culto 3h e tem à noite. Então, vou escolher 3h. Vou usar da sabedoria, porque... eu sei que fugiu um pouquinho do assunto, mas... vou usar da sabedoria, porque, à noite, eu não posso sair de casa. Entendeu? Se puder resolver de dia, é melhor ainda, porque, à noite, não tem ninguém... ninguém... Como é que fala?

Eu: Ninguém tem bola de cristal...

M/F1: É... Não vai acontecer não? Vai ter ordem de negócio.. Como é que fala? Toque de recolher... né? É, eu nem fiquei sabendo disso<sup>78</sup>... Então. Ninguém sabe... né? Aí, já para tudo... Morar nesses lugares ... (pausa) a palavra certa incerteza... né? Só ter fé em Deus porque, no ser humano ali, é incerteza da palavra. Entendeu? Mas a criança, eu creio que ela é prejudicada, Joanna, até no aprendizado.

<sup>78</sup> Que teve toque de recolher o dia anterior.

Eu: Também, deve ser difícil viver nessa situação. Deve pensar em sair do bairro... né? Mesmo gostando do bairro... né?

M/F1: E eu não gosto daqui não... Quando eu escuto um barulho, eu penso que é tiro. Minha filha fala que é fogos. Meu marido fala: “Gente, tudo para sua mulher é tiro!”. Quando a gente vive isso... Eu penso isso<sup>79</sup> aí, todo dia mesmo!

Eu: E até na questão da expectativa... né? Não são tantos, mas, assim, o pouco que eu converso com eles, não são muitos que têm expectativa de estudar... [me interrompeu].

M/F1: Ir para um lugar melhor... né? Sim, sim... Eu costumo dar o exemplo da minha filha, porque eu, sempre que eu converso com ela, agora eu tô sem tempo. Bem, uns tempos aí atrás, eu queria ter outro filho. Aí, ela falou: “Você já pensou se tivesse um filho homem?”. Eu digo: “Ué! qual é o problema?” Ela: “Mas o filho homem, ele não é caseiro. Do jeito que eu te conheço, você ia estar preocupada se ele saísse”. Eu me liguei e fui botar na balança, na balança... Realmente, não seria uma coisa boa, eu morando aí... Eu digo: “Não, mas daqui sai pessoas boas também, estudando, que tem um futuro e irão ter um futuro melhor”. [...] Mas, o lugar, as amizades, as coisas... Sabe? Só coisa para outro lado que não vai ter futuro também.

Eu: Não vou tentar fazer diferente, não, pelo contrário, eu acho que eu tenho que dar o meu melhor para o meu aluno, tentar fazer com que ele faça o melhor. É o que sempre falei para eles. Sabe? Que eles têm que ser o que eles quiserem ser, mas, que eles sejam felizes e que eles sejam realizados, entendeu? Independente da profissão. Independente de fazer um curso técnico, uma faculdade, mas que ele vá ou que ele faça o que ele realmente quer fazer, não que as pessoas dizem, que alguns são limitados...

Relatei um fato que aconteceu comigo, que, por me preocupar muito com os alunos e até querer o melhor deles, um aluno, um dia, disse-me: “É, a senhora quer mandar na gente como se fosse mãe”. E eu respondi a ele: “Então, o que eu sinto e faço por vocês é o que eu faria se fosse o meu filho. Entendeu? Me preocupo muito com vocês...”

M/F1: Porque, na cabecinha deles, de alguns também, eles devem estar assim. Ah, ela é só a professora. Ela só veio aqui para me ensinar isso e acabou, entendeu? É, assim mesmo, é até perdoável... né? A realidade da vida deles, não é essa...

Perguntei o que acham que poderia ser a solução para essa questão da violência, quando a violência vem para dentro da escola. O que a escola, professores e funcionários poderiam fazer em relação a isso para tentar ajudar. M/F1 ficou sem graça, como que não soubesse responder. Expliquei melhor a pergunta, dizendo a ela que queria entender o que

---

<sup>79</sup> Pensa em se mudar.

poderíamos fazer para tentar ajudar esse aluno que não tem suporte em casa, que não tem os responsáveis presentes.

Eu: Sua filha tem você, que é presente. Mas e esses que vivem numa comunidade violenta e não têm uma pessoa para dar um exemplo, para conversar, para orientar, entendeu? Que nós da escola poderíamos fazer? Tentar fazer para mudar isso?

M/F1: Em relação a isso... pode ser falar sobre projetos. Esses dias, eu tava falando com um primo da minha filha, meu sobrinho. Ele tá fazendo lá no ponto final... né? Aí, ele: “Poxa tia, eu troquei de faixa”. Ele tem que dizer... né? Estuda aqui à noite. Tá no EJA. E a mãe dele fica em cima dele para estudar... Aí, ele: “Ah, eu não quero estudar...”. Eu digo: “Tem que estudar. Vai para a escola”. Aí, ele: “Troquei de faixa tia!”. Eu dou ouvido, às vezes, nem entendo... né?! Mas eu dou ouvidos a ele. Digo: “Que bom que você tá fazendo um esporte. Não desiste não...”. Ele fala: “Tia, você sabe de onde veio o judô?”. Aí, então, isso aí ajudaria bastante as crianças. Não sei se é o governo ou se é o presidente tinha que investir mais neles...

Conversamos um pouco sobre a questão do governo o como não é interessante investir nessas crianças, na educação e no esporte para os mais pobres, de como, muitas vezes, somos apenas usados como massa de manobra dos políticos.

M/F1: Investir, às vezes, não tem retorno... Mas sempre fica algo, Joanna... Um retorno em relação a isso, mas sempre fica algo, com certeza...

Falou sobre a filha que não gosta de estudar, mas, quando se dedica a algo, é muito boa no que faz.

M/F1: [...] quando ela se dedica fazer algo, ela faz bem, ela faz de coração, não tem... Quando ela fazia balé, ela falava: “Não quero faltar, não posso faltar!”. Eu dizia: “Que é isso?!”. Teve uma apresentação<sup>80</sup> lá na praça. Eu fui com ela. Eu sempre fui uma mãe presente assim. Aí, ela: “Nossa você veio?”. Ela não tem o que reclamar de nada na vida... né? Quando eu tenho tempo... né? Muitas vezes, as mães não são presentes. Precisam trabalhar... né?

Falamos do meu assunto preferido no momento: filhos. Emociono-me bastante. Toda vez que perguntam pelo meu filho, a saudade bate. Ficar dois dias sem ele ainda é muito difícil para mim.

M/F1: Falar de filho é tão bom. Às vezes, eu até me ponho no lugar dessas mães, sabe? Que tem uns filhos assim, sabe eu escuto muito, mas também

<sup>80</sup> Eu era a professora do projeto de Dança. Realmente, era uma aluna muito dedicada, e a mãe também.

não prestava... Me ponho no lugar da mãe... Teve o filho, educou, criou, botou na escola, ele não quis... né? Ele não quis! Acabou. Deu para o lado que não era pra dar. Aí, acontece coisa. Eu fico pensando, mas ela é mãe. Entendeu? Sente... né?

Comentou sobre um de nossos ex-alunos que agora está trabalhando no tráfico e a dificuldade de aceitar esse destino.

M/F1: Ontem, eu passei com a minha colega de trabalho... né? A que nós encontramos agora. Você abraçou ela. Passamos por um que era estudante daqui de tarde. Ele tá lá, na rua principal. Ele até desviou o olhar da gente, tipo, não sei se é com vergonha, ele baixa a cabeça. Às vezes, eu quero até falar oi, mas até eu fico meio constrangida... né? De falar.

Eu: Como medo... né?

M/F1: Até que eu não tenho muito medo. Assim, eu passo, dou bom dia, dou boa noite para eles, uns respondem outros não... né? Entendeu? Que eles tão ali, mas ele também não vai ficar, passando as pessoas, não vão ficar mexendo, eles têm juízo... né?... Ela olhou, eu olhei, mas, ele olhou, mas não olhou, assim, diretamente... Ali não é o lugar deles. O lugar deles seria estudando... né? Seria na escola, seria dando orgulho também para os pais... né? Que isso aí não é orgulho... Às vezes, a gente não demonstra... né? Mas... [pensativa] mexe, mexe com a gente, se mexe com a gente...

Falou de outra funcionária, com quem não tenho contato neste ano, cujo filho também entrou para o tráfico, que fui professora dele também, que está sendo muito difícil, principalmente, por ela ser da evangélica. Ele trabalhava com festas e colocando som. No início, ele não era envolvido, mas acabou se envolvendo com o tráfico.

M/F1: Ele entrou. Meu Deus! Nossa, que tristeza! O pior, ele tá em casa e levar coisa para dentro de casa. [...] Tem gente que se acha. Tá?... Mas quem tem esclarecimento sabe que não é legal, não é legal, é verdade!

Pensei em entrar em contato com a colega, mas lutando contra o tempo e os prazos acabando, e ela trabalha em turno diferente do meu. Acredito que não conseguirei mais essa entrevista.

Retornando à última pergunta, agora com a resposta da M/F2 sobre o que acham que poderia ser a solução para essa questão da violência, quando a violência vem para dentro da escola:

M/F2: Muitos alunos são assim por não ter um afeto familiar. Não ter uma atenção, um carinho, um cuidado, um conversar. Eu falo isso porque, éééé... no ano de 2019, aonde tinha muitos alunos, eu pegava a vassoura, pegava a rodo, pegava pano, e aquele alvoroço e todo e tal. Uns eram abusados, eram

atrevidos, mas, aí, sempre teve aquela comunicação de botar na salinha, conversar: “Meu filho, não é por aí, não é assim...”. E, assim, eu acho que assim é você dar atenção, saber ouvir, deixar ele colocar pra fora o que ele tá sentindo, porque, assim, a segurança que ele não tem um pai e uma mãe porque vai chamar atenção, vai brigar, eles têm nos de fora, porque eles se abrem. Eu tive uma experiência que me marcou muito aqui. Foi quando uma menina tava namorando um jovem. Eu conversei muito com ela, para ela tomar cuidado, para ela ir no médico... né? Porque eu não poderia me responsabilizar de levar no médico, tomar remédio tal, que não era para ela tá arrumando um filho, por ela ser muito nova, e tudo. Quando ela saía com o rapazinho, ela falava comigo que teve relação, aquela coisa toda. Eu: “Cuidado. Usa camisinha e tal, toma injeção. Vê se alguém te leva, pra você não arrumar filho, porque filho é uma responsabilidade muito grande, um compromisso. Tá tudo muito difícil, uma roupa calçado, remédio”. E, aí, ela sempre conversando comigo. Quando eu menos esperei, ela chegou na sala, chorando, chorando, chorando. E eu: “O que tá acontecendo minha filha? O que está acontecendo?”. Ela falou: “Oh, M/F2, tudo que você conversou comigo tá acontecendo”. Eu falei assim: “Meu amor, eu ainda te falei. É dele? [...] E agora? Você não tem pai, mataram seu pai, sua mãe morreu, você vive com sua tia, com sua avó, uma situação complicada”. Ela só chorava e disse: “Eu não sei o que fazer!”. Então, assim, eu fiquei muito mexida, porque com tudo o que aconteceu, ela veio confirmar o que eu conversei com ela e veio se abrir [...] Mas sendo que, assim, se criou um vínculo. Você se preocupa, você fica assim, meio que perdido... E, quando você cria um elo, um vínculo com a criança, isso é bom, porque a criança te respeita, começa a tratar você diferente. Não é todos que você pode brincar, que você pode conversar. Porque, nem Deus agradou a todo mundo, nós também não vamos agradar... Mas, assim, o escutar, dar atenção, eu acho que vale muito. Eu acho que é, quando for fazer alguma coisa, vai pensar. É igual semana passada. Teve uma briga lá no outro bairro e, por fim, veio parar aqui, na escola, de frente da escola. Pareceu um menino da boca, e, aí, o menino que eu tinha falado antes, que tava na metido na confusão, não quis me ouvir. Quando chegou ontem, eu pedi desculpa a ele. Eu falei assim: “Meu filho, você tá novo. O que você quer pra sua vida? Porque o que você tá fazendo vai levar você para destruição!” E ele: “Não, tia, para me levar para destruição, eu tenho que beber, eu tenho que cheirar, tem que roubar, tenho que matar! Eu disse: “Não! Não precisa você fazer isso para você se destruir, para as pessoas tirar sua vida. Você tá arrumando confusão com pessoas, aonde gente do tráfico mandou você ir embora, mandou você parar, e você continua. Você acha que você vai chegar aonde? Você é um menino de 14 anos, que tem toda uma vida pela frente, tem muito que aprender com a escola da vida, mas você tá indo pelo caminho errado, só que eu te peço perdão, porque eu não tenho que me meter na sua vida. Eu não tenho que tá parando você, eu só fiz isso porque o mal que eu não quero para os meus eu não quero para você. Então, se você acha que não tá bom e acha que da forma que você tá levando é a melhor forma? Toma cuidado, porque eles podem te pegar e levar para o outro lado e aí? Cadê, perdeu a vida por causa de bobeira! Por causa dos outros. Tá arrumando confusão com as pessoas, uma coisa que você poderia estar em casa estudando, fazendo alguma coisa, mas não! Quer ficar de briga! Na frente de escola, de briga!”. Aí, ele falou: “Ah, tá bom, tia!”. Aí, eu pedi desculpa e saí! Então, assim, é uma coisa muito que preocupante... né?

Nesse momento, ela fez uma pausa, respirou e começou a falar de seu filho de forma bem comovida.

M/F2: Eu tenho o meu de 23... né? Que, infelizmente, tá<sup>81</sup>... foi aluno daqui... e mexe muito comigo. Tem o meu de 10, que é abençoado, estuda tudo direitinho, mas você fica assim... [uma pausa] E, com essa violência toda, o lugar que a gente mora, as crianças só aprendem o que não deve, que tá ali vendo, por mais que não tá no meio, mas tá vendo... Entendeu? Então, assim, é muito complicado, é muito difícil, é muito difícil... Quando você tem um filho que é envolvido, é mais complicado ainda. Eu, graças a Deus... É... Eu sentei, conversei, falei: “A escolha é sua, vou fazer meu papel de mãe, mas viver a sua vida? Não!”.

Questionei se eles tinham conversado sobre essa entrada dele, se ele havia falado para ela dessa decisão de entrar para o tráfico e o porquê.

M/F2: Ele não falou nada! Foi uma opção dele... né? Quando eu fui ver, ele já estava mais do que envolvido. Trabalhou no projeto Nova Vida<sup>82</sup> e tudo, trabalhou no fórum. Virou a cabeça e que tá aí até hoje. E hoje tá de frente aqui no sem-terra. Então, assim, para mim, é muito difícil, mas, assim, levo de boa, entendeu? Hoje, não mora comigo. Já tá de maior, não mora comigo, mas, se o telefone tocar, eu tenho que sair correndo para ver tal, aquela coisa toda e eu coloquei na mão de Deus.

Eu: Imagino a angústia!

M/F2: Não. Até que sou tranquila! Eu sou uma mãe que eu consigo dormir. Eu sou uma mãe que eu não fico ligando. Eu sou uma mãe que, assim, pergunto? Pergunto... e tal. Igual tava acontecendo essas coisas aí<sup>83</sup>, que, se chamar, tem que ir. Mas, assim, Ah... não... não... Porque assim, eu oro muito a Deus. “Deus me prepara! Uma cadeia ou para morte! Me prepara!”. E eu, assim, eu sentei com ele e conversei: “É isso que você quer? Se é isso que você quer, eu levo minhas mãos.”

Entrou por entrar, porque quis! Entendeu? [...] Entrou, se misturou, começou usar porcaria... né? Hoje, a única imundice que ele usa é a bebida... né? Se usa droga, não sei... né? Eu não sei, mas, aí, o que acontece: o que que eu posso fazer? Só orar! Entregar na mão de Deus e descansar. Entendeu? Então, assim, eu vejo muitas crianças, assim, e mexe comigo porque, assim, os pais não sabem o que eles estão fazendo, por onde eles estão andando. E, como eu convivo na comunidade, o que eu posso, assim, poder aconselhar, conversar, eu converso, aconselho, independente de qualquer coisa. Entendeu? Porque, assim, é muito triste você conviver com uma adolescente, daqui a pouco, saber que o adolescente tá morto, tá preso, tá... tá usando droga. Então, assim, é muito difícil! Sendo o que acontece?

É... Quando está vivo, é uma coisa, preso, é outra. E morto?

<sup>81</sup> Está no tráfico.

<sup>82</sup> O Nova Vida é um programa municipal que funciona há 21 anos em Macaé. Os adolescentes do programa passam um turno do dia trabalhando numa secretaria municipal e, no outro turno, são estudantes. Eles recebem meio salário mínimo.

<sup>83</sup> Referindo-se aos dias que tiveram invasões.

Perguntei se o filho dela já tinha filhos. Ela disse que não. A namorada tinha engravidado, mas tinha realizado um aborto com a gravidez já bem adiantada, pois ele não estava dando a atenção que ela achava que merecia. Narrou uma história muito triste que abalou toda a família e que esse bebê, que seria uma menina, seria um motivo para seu filho sair do tráfico.

M/F2: Não! Ia ter, mas, infelizmente, a abençoada tirou! [...] Botou o nome, até o nome de Valentinah, com H no final. E, aí, eu ia ser vó. Ela ia ter vó, bisavó, tataravó, a primeira de tudo... né? E primeira filha e tal, tudo primeira, mas, infelizmente, a mãe fez uma coisa horrível... né? [...] E, pra completar, teve o apoio da mãe, que hoje trabalha aqui! Eu tenho que tratar bem. E fala comigo como se nada tivesse acontecido, e eu a mesma coisa [...] Meu filho deu dinheiro pra fazer o enxoval. Ela só queria coisa cara. Ela gosta de ostentar, por ele ser da ser de onde ele é, entendeu? Um conversinha comigo... Ela: “Ah... Imagina, se a polícia invadir? Como é que eu vou fazer, eu, grávida? Que não sei o quê...”. Eu falei: “Ué! Você não escolheu? Você não sabia que ele era dessa vida? Então, agora, minha filha, você ‘tem que sustentar’”.<sup>84</sup>

[...] ele falou que, se ela nascesse, ele ia sair dessa vida. Nossa, tava tudo preparado, e ela acabou com a minha família. Minha mãe, minha irmã... Minha irmã, então, tem ele como filho. Minha mãe trata como um bebê! Se ele adoecer... “Meu bebê, tem que comprar um remédio para ele!”. E, assim! Eu que sou mais grossa, mais dura, porque tem coisas que eu não aceito, e eles acham que eu tenho que aceitar! E eu? Não! Eu bato o pé. Não é não e pronto e acabou!

Ficou um silêncio na sala, quase uns 10 segundos, e nossa entrevistada, com um olhar triste, continuou sua fala, relatando as coisas que haviam comprado e que tudo está guardado, que o berço está na sua antiga casa com seu ex-marido, que ainda não conseguiu dar absolutamente nada. Está tudo guardado com o nome daquela que seria sua netinha.

M/F2: Eu passei dias horríveis com isso tudo! Que meu filho se levantou comigo.<sup>85</sup>

Ele disse: “É mãe, você sabia, você sabia! Você era para tá aqui comigo, você tava lá em Rio das Ostras”<sup>86</sup>. Mas eu falei: “Mas eu não tô aqui? Mas eu falei o quê? Que ela ia fazer da sua vida um inferno? Oh, o que aconteceu? Você não quis me escutar! Você não quis me escutar! Agora o que que deu? Você tá aí sofrendo!”. Ele ... meu filho surtou! A gente ficava procurando ele, não achava ele... Ele se enfiou em um lugar, só chorando, chorando, chorando. Era a chance dele sair. [...] Ela ia tá fazendo 2 aninhos. Em outubro, vai fazer 2 aninhos. Só Deus, só Deus...

E continuou...

<sup>84</sup> Ter que sustentar é uma gíria. Quer dizer: “agora tem que aguentar”.

<sup>85</sup> A gíria “se levantou comigo” quer dizer, nesse caso, “ficou contra mim”, “se revoltou contra mim”.

<sup>86</sup> Estava trabalhando.

M/F2: Graças a Deus, Joanna, com tudo, com tudo, eu sofri, sofri muito, mas eu consegui dar a volta por cima, entendeu? É igual quando a polícia pega, tem que ir e tal, conversar. Converso de boa! Não tem esse negócio de fazer escândalo, chorar, gritar. Não! Do jeito que eu tô conversando com você aqui. Converso...

A polícia: “Não mãe! Seu filho só tem tamanho. Pega um pau, dá uma coça nele e conversa com ele”. Assim que eles falam comigo! A polícia: “Não, você faz sua parte, e eu faço a minha!”. Já andei dentro de viatura, já botei dentro de blazer. Já passei por tudo isso. E, vira e mexe, eu passo por alguma coisa, entendeu? Mas, assim, graças a Deus, eu me apego muito a Deus, porque, se eu não tivesse na presença, eu acho não suportaria, não daria porque, tipo assim, é um baque atrás do outro, entendeu? Então, assim, é muito difícil, muito complicado. É aonde eu me preocupo com o próximo, com os jovens, porque só eu sei o que eu passo. E, assim, tem mães que deixa de mão... Diz: “E tá perdido e tal!”. Mas filho é nossa herança, não adianta... não adianta... não adianta que não tem sentido, mas quem tem amor, sente!

Eu: E saiu de você... Não tem como abandonar, não tem como dizer...

M/F2: Podem falar mal dele, o que for, mas, eu falo: “É meu filho! Jamais eu vou abandonar ele...”. Às vezes, ele arruma confusão comigo, para de falar comigo e tal, entendeu? Mas, aí, eu, de boa, fico na minha, depois ele vem conversar e eu vou levando... E vida que segue! Você pode ver que você quase não me vê abatida, aquela coisa.

Continuou, relatando suas dificuldades e como ainda tem que administrar seu tempo entre o trabalho, os filhos, a mãe, que ficou viúva recentemente por causa da Covid-19, e seu pai, ambos com problemas de saúde.

M/F2: [...] me desdobrando e levando. Só não posso deixar me bater! O que dia que você ver eu triste, quietinha, é porque tá acontecendo alguma coisa. Fico um pouco meio baqueada, mas, daqui a pouco, melhoro e vou levando... E... já brinco, mexo um, mexo com o pessoal... É assim, desse jeito! E assim vou levando...

Falou do fato de ser reservada e de quase ninguém saber da sua história, de seu filho ser envolvido, não gosta disso. Para nós, que não vivemos essa realidade, pensaríamos que ela teria vergonha da vida de seu filho, mas, não, o caso na comunidade é outro.

M/F2: Eu também sou muito reservada em relação a isso, por causa de que, por mais que eu tenha um filho nessa vida, eu não tenho que trazer isso para o local do meu trabalho. Eu não tenho que falar. “Ah, eu sou...”. Batendo no peito... [fazendo gestos de uma pessoa se vangloriando] “Ah, eu tenho um filho...”. Não! Eu acho isso ridículo! Eu acho isso ridículo, acho isso feio. Por quê? Não me envolvo e não me permite se envolver em nada que tenha dedo dele, em nada! Porque eu vejo que muitas mães, quando têm um filho nessa vida, fica bajulando, fica paparicando. Aí, fica arrumando confusão

com outro, bate no peito. “Ah, meu filho vai fazer isso, isso, isso, com você! Que não sei o quê! Vou levar para o desenrolo<sup>87</sup>!”. É feio! Por quê? Hoje, ele tá vivo. E se matarem? E aí? Vão falar: “Alá... Viu? Oh, a mãe tirava tanta onda, fazia e acontecia...”. E agora? Quem vai se meter em confusão dela? Quem vai se meter em briga dela? Então, acho que não tem que ter isso, entendeu? É pessoas de mente muito fechada, aquele mundinho, entendeu? Aquela coisa. Não! Não pode ser assim, não! Assim, tem aluno que sabe que meu filho é [...] Teve uns que, até no ano de 2019, começaram a falar, e eu: “Para, para, para que aqui é meu local de trabalho. Não quero que vocês fiquem com essas brincadeiras assim comigo, falando sobre isso. Não quero, entendeu?”. E os de hoje não sabem, ou se sabe não fala nada, não aceito que falem também porque, é tipo: “Ah, que tem as costas quente”<sup>88</sup>. Não! Não, eu sou muito reservada! [...] Converso com quem tem que conversar, brinco com quem tem que brincar. Faço o que tenho que fazer, mas nada deeee, coisas da rua para dentro do meu setor de trabalho. Entendeu? Coisa que eles faz ou deixa de fazer para minha vida. Não, isso aí não! Não aceito! Porque eu não sei o que pode acontecer amanhã! Então tenho muito isso, também isso me resguarda também. [...] Teve gente que já chegou: “Ah, seu filho isso, isso...”. Eu falei: “Eu não quero saber! Ele é meu filho. Agora, o que ele faz ou deixa de fazer, não cabe a mim. Sabe por causa de quê? É que eu não tenho movimento, então não quero saber. Não me diz nada, quem tá lá é ele, não sou eu!”. Meu papel de mãe eu tenho que fazer, agora, isso aí não! Eu não aceito, por causa de quê? Desde o momento que você se permite, daqui a pouco, você tá envolvida, não vive. Entende? Você não vive! É igual quando eu tava fazendo faculdade, porque eu não consegui terminar a faculdade...

Perguntei por que ela não terminou. Ela era tão dedicada, gostava tanto.

M/F2: Não! Não consegui terminar, não... Ele sofreu um acidente, que quase perdeu a vida [...] Eu, faculdade, serviço, hospital, faculdade, serviço, hospital. Sozinha pra tudo! Passando uma luta com o pai dele. Pai desempregado, com a cara na bebida, e eu cuidando de casa, do meu pequeno, do mais velho, de trabalho, de faculdade. Surtei... Disse: “Não tem como!”.

Eu: Mas você nem trancou para voltar depois?

M/F2: Não, sendo que, assim, como a FAFIMA faliu, eles devolveram a nossa grade, o que tava faltando, pra gente fazer em outro lugar, entendeu? Mas, aí, eu vou pagar do meu bolso.

Eu: E lá você tinha desconto?

M/F2: Desconto não. Eles, a prefeitura pagava, mas, aí, a prefeitura... foi assim. Foi muito complicado para mim. Muito difícil que era, assim, muito puxado. Eu não tinha noção, e o que me dificultou muito foi por eu não ter leitura. Quando você não tem leitura, não, você não consegue entender... Ainda mais, eu, que botei português [...] Com essa correria toda. Mas acalmando um pouquinho, eu, saindo do aluguel em nome de Jesus, eu vou voltar para terminar, em nome de Jesus! Deus em todas as coisas! E, aonde é

<sup>87</sup> Resolver com os meninos do tráfico (boca).

<sup>88</sup> O fato de ter um parente no tráfico é ter proteção, ter costas quentes.

a faculdade, foi minha terapia, senão, acho que não aguentaria não. É por isso que eu fico muito ativa, fazendo uma coisa, fazendo outra, porque causa dessas coisas, entendeu? Por que distrai, não fica focado numa coisa só. Agora, tô dois dia sem ver ele. Tô doidinha... Não tem como falar com ele porque tá com telefone, telefone estragou, mas eu tô de boa, entendeu? A não ser que minha mãe ligue<sup>89</sup>, mas, fora disso, graças a Deus, entendeu? Eu tô bem!

Esse programa, Bolsa Servidor<sup>90</sup>, que a prefeitura tinha, ajudou a muitas funcionárias e muitos funcionários a conquistarem o ensino superior. Em nossa escola, muitas Assistentes de Assuntos Educacionais (ASEs) participaram desse programa.

No dia seguinte, 13/04/2022, os grupos de WhatsApp não paravam. Eram relatos de tentativa de sequestro por parte da facção rival, uma querendo se vingar da outra, descontando nos moradores.

Amiga, isso não é mentira não. Tá? Tentaram sequestrar filha de uma amiga minha, mas deram tanto nela, porque ela, ela engatou com ele feia. Ela tem 20 anos. Ela mordeu o cara. Ela tá com a boca toda arrebitada, que o cara só deu na boca dela para fazer desmaiar ela. Mas ela começou gritando guarda, viu. Saiu para socorrer ela primeiro, Deus, é claro, mas ela se machucou muito e foi na Aroeira no ponto da Aroeira, entendeu? E tá todo mundo falando aí, ó! Tem um cara no carro preto que tá tentando sequestrar para se vingar, com de um negócio que aconteceu... [relato em um dos grupos de WhatsApp].

Mais tarde, fiquei sabendo que o que desencadeou toda essa confusão seria novamente briga de traficantes de outra facção querendo tomar a comunidade.

O feriadão foi bastante tenso, dia 17/04/2022, Domingo de Páscoa, e as notícias não eram boas.

---

<sup>89</sup> Ligar para dar notícia dele.

<sup>90</sup> Foi aprovado na penúltima sessão de 2011 da Câmara Municipal de Macaé o programa Bolsa Servidor. O benefício será concedido a até 400 servidores matriculados em cursos de nível superior, que receberão uma bolsa de estudos mensal de até R\$ 500,00, paga no contracheque, sem qualquer desconto previdenciário ou fiscal. As inscrições para participação no programa podem ser feitas até o próximo dia 27. Esse benefício surge em um momento de grandes conquistas do servidor macaense. Com a aprovação do novo Plano de Cargos, Carreiras e Vencimentos, no qual um dos critérios para a progressão de níveis é justamente a qualificação, a Prefeitura, por meio da Secretaria de Administração, oferece uma importante oportunidade de capacitação, investindo no seu servidor. O objetivo é qualificar o servidor e estimular que o funcionário estude e, com isso, tenha progressão dentro do quadro administrativo. Os beneficiários dessa lei, como forma de contrapartida, cumprirão uma hora a mais na carga horária estabelecida para o cargo que exercem. O Programa Bolsa Servidor atende apenas os cursos de graduação, não se aplicando, portanto, a cursos técnicos, especializações, mestrados e doutorados. O servidor que abandonar ou trancar o curso deve comunicar imediatamente à Secretaria de Administração. Disponível em: <https://macae.rj.gov.br/semad/leitura/noticia/programa-bolsa-servidor-vai-estimular-graduacao-de-400-funcionarios-municipais>.

**\*PROTESTO TAMBÉM INTERDITA LINHA AZUL\***

Após interditarem a Rodovia Amaral Peixoto na altura da Nova Holanda, os moradores também interditaram a linha azul na tarde desse domingo em razão de um protesto. Segundo informações, as manifestações seriam em decorrência da interrupção pela PM de festas de páscoa que ocorreriam nos bairros.



**Figura 17:** Linhas de ônibus suspensas

Essa era a notícia, e os grupos de WhatsApp estavam cheios, com mensagens preocupadas com a situação, agora em quase toda a cidade. Nossos colegas, relatando a dificuldade de sair da cidade de ônibus, muitos deles com atraso, pois foi recomendado evitar algumas localidades.



**Figura 18:** Bairro da Glória  
**Fonte:** WhatsApp, dia 17/04/2022.

Os relatos continuam:

- As entradas de Macaé pela Aroeira também estão interditadas com incêndios; na rua da entrada do Botafogo, há pontos de incêndio nos dois sentidos. Ônibus estão retornando.
- Isso só serve para comprovar que quem manda na cidade é o tráfico, cadê o poder público? Cidadãos de bem sem poder ir e vir.

Enquanto isso, ficamos sabendo pelo próprio grupo que a SEMED, que tem contato com a Polícia e a Guarda Municipal, que estão agindo e que os protestos estão sendo dispersados. Só teremos a certeza da aula ou a suspensão desta ao amanhecer. Todavia, a preocupação do corpo docente em ir dar aula é bastante justificável, pois, se houvesse um novo confronto, todos ficariam presos na escola.

[17/04/2022, 21:30] Estão dizendo que vetaram festa da Páscoa na comunidade. A polícia vacilou, pegou o bombom da criançada e jogou no rio!

[17/04/2022, 21:39] Polícia na nova Holanda.

E, na segunda-feira (18/04/22), as mensagens eram estas, às 6 horas da manhã:

[18/04/2022, 06:10]: A princípio, maioria das linhas rodando. Mas algumas linhas, como A91 Malvinas e A52 Nova Holanda, só vão começar a operação a partir das 6 horas. As linhas que acessam as comunidades, Bosque Azul e Verdes Mares, já estão em operação, porém, por enquanto, saindo do terminal provisório CEHAB. 100% dos bairros estão sendo atendidos, inclusive as comunidades. O sistema está funcionando plenamente e sem percalços.



**Figura 19:** Frota de ônibus regularizada

No entanto, ao meio dia, tudo mudou novamente:

#### **Notícias Macaé<sup>91</sup>**

18 de abril, às 10:31

\*\*\* BOPE E BATALHÃO DE AÇÕES COM CÃES EM MACAÉ \*\*\*

Equipes do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e do Batalhão de Ações com Cães (BAC) vieram da capital e estão nas comunidades Malvinas e Nova Holanda, em Macaé, na manhã desta segunda-feira (18).

[18/04/2022, 12:18] Aulas da tarde suspensas.<sup>92</sup>

Mas, enfim, à noite, parece que a situação se normalizou e as aulas seguiram na terça-feira e na quarta-feira:

[18/04/2022, 20:00] E amanhã? Aula normal?

[18/04/2022, 20:04] Sim!!! Aparentemente, tudo normal!!! Fomos informados que a polícia já saiu do bairro e que as pessoas estão nas ruas normalmente. Crianças brincando e mototáxi fazendo as entregas de lanche normalmente.

<sup>91</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/?v=4982732171804805&extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN\\_GK0T-GK1C&ref=sharing](https://www.facebook.com/watch/?v=4982732171804805&extid=WA-UNK-UNK-UNK-AN_GK0T-GK1C&ref=sharing). Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>92</sup> Nas comunidades que estavam tendo confronto.

Tudo Normal! Normal? Normal para quem? Como essa violência toda está afetando nossa juventude?

Sabemos dos tristes reflexos trazidos pela violência a cada uma de nossas crianças e adolescentes. Nossa juventude cresce em meio a tudo isso e muitos não têm como sair desse ciclo de violência no qual estão inseridos.

Na semana do dia 18 de abril, não fui dar aula. Estava com meu filho adoentado. Na semana do dia 25 de abril, a comunidade e a escola estavam bastante tranquilas. Eu dei aula muito bem no dia 27 de abril, dei avaliações em sala no primeiro tempo de cada turma e fui para a quadra no segundo tempo. No dia 28 de abril, procedi da mesma forma, no entanto não tive um dia agradável, pois me indispus novamente com o Aluno 26.

Quase terminando a aula prática da turma dos Alunos 25, 26, 27 e 28, eu estava realmente evitando-os. O Aluno26 falou que eu não gostava deles e que tinha que ter cuidado comigo, pois eu era X9,<sup>93</sup> morava na área dos Alemão.

Aluno 25: Que isso cara?! Ela é maneira.

Aluno 26: É maneira sim, e muito...

Eu o interrompi e disse que já havia conversado sobre isso e que queria respeito, pois tenho idade de ser mãe dele. Sempre me sinto muito mal com essa brincadeira, que, para mim, não é brincadeira. Sinto-me invadida e, algumas vezes, amedrontada. Disse que, se continuasse, iríamos para a Direção. Ele disse que eu poderia levá-lo. Outros alunos chegaram para dar a presença e serem liberados, quando voltei a prestar atenção ao que falavam:

Aluno 26: Deixa ela. Ela tá segura aqui dentro. Mas, lá fora, o papo é outro. Ela vai ter que sair daqui.

Aluno 27: Que isso cara?! Ela sempre foi muito maneira com a gente...

Nesse momento, sentindo-me muito afrontada, virei-me e pedi para que ele repetisse o que tinha falado. Ele disse não estar falando de mim.

Eu: Que bom que não é de mim...

Aluno 26: E se fosse? O que você ia fazer?

Eu: Querido, isso já deixou de ser desrespeito, agora você está me ameaçando e isso é crime.

Aluno26: Você vai chamar os home pra mim?

---

<sup>93</sup> Já mencionamos esse termo antes. “X9” é quem entrega e fica de olho.

Nesse momento, o Aluno27, sorrindo e tentando quebrar o clima, interrompeu:

Aluno 27: É claro que ela ia chamar os home...

Eu: Podemos ir resolver isso na Direção se você quiser!

Aluno 26: Relaxa, professora, a senhora tá devendo, tá muito nervosinha, não pode mais falar nada, nem brincar que tudo leva a sério.

Nesse momento, tivemos a conversa interrompida por mais algumas alunas, e eles aproveitaram para ir embora. Não vou negar que fiquei bastante apreensiva, pois havíamos conversado sobre violência em sala no início do ano. Eles deixaram escapar coisas que tenho certeza de que queriam que eu ouvisse, como o fato de quererem trocar tiros com a polícia, e que polícia tem que morrer mesmo. Tenho sentido bastante receio, inclusive de conversar com os alunos sobre minha pesquisa e, por esse fato, não farei mais as entrevistas com os alunos neste ano. Acredito que o fato de ter conversado sobre minha pesquisa com eles no início do ano e perguntado se me dariam entrevista e, por saberem que o lugar onde eu moro é dominado por uma facção rival à facção do local onde moram, veem em mim um perigo, como se eu estivesse colhendo informações para levar para a facção rival. Incrivelmente, eu vim saber há pouco da facção que comanda o local onde moro, mas eles sabem de tudo isso, mesmo estando a tantos quilômetros de distância.

No dia 12 de maio, nossa aula foi mais tranquila. O Aluno26 estava sem seus amigos, conversando bastante com uma menina, a Aluna 29. Ambos não quiseram fazer aula prática, e eu fui perguntar por quê. A desculpa do Aluno 26 é sempre a mesma: está muito cansado. Perguntei por que está sempre cansado.

Aluno 26: Tô treinando professora.

Eu: Onde?

Aluno 26: Em um time de futebol lá na serra.

Ele estava bem mais calmo. A Aluna 29 falou que é porque ele quer ficar com uma menina, e o assunto, claro, seguiu esse caminho. Conversaram também sobre como andam as coisas no movimento. Embora não sejam do movimento, são amigos de muitos que fazem parte. Relataram muitas coisas, mas que, por hora, prefiro não relatar no trabalho. Citaram nomes e falaram coisas muito recentes que comprometem muitas pessoas.

Com a dificuldade de reencontrar algumas sujeitas e sujeitos importantes para nossa tese, foi necessário repensar a pesquisa e as sujeitas e os sujeitos que fariam parte dela.

Encontramos luz e muito carinho no percurso para a finalização de nossa tese. Pensamos em conversar com pessoas que fizeram e fazem parte de todo esse contexto, como moradores ou alunas e alunos da escola. Conversando com nossa diretora adjunta sobre os últimos acontecimentos, relatados anteriormente, ela contou sobre uma conversa com uma estagiária de Matemática da escola, KF, que ela havia relatado o como é vista com preconceito na universidade quando fala que é moradora da Malvina. Disse ver um grande potencial na possível conversa com ela e como poderia contribuir para minha pesquisa. Em um momento de orientação da tese, pensamos um roteiro de entrevista para tentarmos conhecer suas visões acerca do assunto.

Na semana seguinte, consegui o contato de KF, 28 anos, que aceitou prontamente me ajudar nessa empreitada. Demorou um pouco para retornar para nossa entrevista, pois, além da faculdade, ainda trabalha e tem os serviços do lar. Falou um pouco de sua experiência com os preconceitos vividos na universidade por causa de sua origem.

O ex-aluno da escola e morador AT, 24 anos – não cheguei a ser professora dele –, que havia prometido ajudar na pesquisa, em conversa com a diretora, finalmente respondeu à nossa solicitação em uma entrevista muito emocionante. Ele me havia informado seu contato no dia em que esteve visitando a escola. A entrevista foi concedida por meio de áudios, pelo aplicativo de mensagem WhatsApp, e conversamos bastante para além das perguntas pensadas inicialmente. Após nossa conversa, realizei as transcrições dos áudios e me emocionei novamente.

A minha ex-aluna e moradora MR, 19 anos, agora estudante de Engenharia da UFRJ, no *campus* de Macaé, também nos brindou com sua fala. Voltando para o apartamento onde pernoitei em Macaé, localizado no bairro Aroeira, encontrei-a. Eu havia tentado contato pelas redes sociais no dia anterior, mas, sem sucesso. Quis, então, o destino que nos encontrássemos. Ela me informou o número do seu telefone e ficou de pedir a uma amiga, que também havia sido minha aluna, AY, 19 anos, e agora faz Biologia. Ambas foram minhas alunas na mesma época, além da ex-aluna VT, hoje, aluna do Cap, que, segundo ela, está encontrando muita dificuldade de acompanhar as aulas, por conta dos dois anos de pandemia em que as aulas foram *on-line*. Em razão das nossas incompatibilidades de horários, enviei o roteiro para a entrevista, e elas me enviaram as respostas por escrito, em Word, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp.

Iniciamos a entrevista perguntando como se autodeclararam quanto à etnia/raça. KF, MR e AY se autodeclararam pardas, VT não soube responder, e nosso entrevistado AT não foi direto na sua resposta, mas deixou claras as marcas dos preconceitos já vividos na vida, voltando a ela algumas perguntas mais à frente.

Com relação a minha cor/etnia, autodeclaro hoje na sociedade, um pouco, não vou dizer de tanto também, vou ser bem sincero, um pouco preconceituosa, a pessoa que depois de um tempo conseguiu seu espaço... né? Nela! (AT).

Na questão 2, pergunto se já sofreram algum tipo de violência. As entrevistadas MR, AY e VT afirmam não terem sofrido, mas nosso entrevistado, um jovem negro, relata-nos uma típica abordagem que todo rapaz negro já experienciou, ou vai experienciar um dia, passeando em um shopping. KF fala sobre o tiro que tomou:

Já, já... diversas vezes! Uma vez foi... eu tava no shopping, mas, por eu ser da comunidade... né? Assim, sempre costuma andar de Kenner, bermudão, boné, e daí eu entrei numa loja lá no shopping, aqui em Macaé mesmo. Entrei numa loja, e comprei, acho que foi uma blusa e, se não me falha a memória, um boné e saí. Só que e eu percebi, tava eu e um amigo meu, percebi que o segurança tá olhando para gente um tempão e, quando a gente saiu da loja, ele foi e pegou no meu braço e perguntou: “O que que você pegou ali?”. Aí eu falei para ele: “Não peguei nada! Nada! A nota fiscal tá aqui. Sou trabalhador! Eu trabalho numa empresa. Sou jovem aprendiz. É a primeira vez que eu consigo fazer uma compra com meu dinheiro”. Daí, ele soltou do meu braço. Ele, da mesma cor que eu, negro! Soltou do meu braço, abaixou a cabeça e deu as costas. (AT).

Um momento que era pra ser de alegria, um momento único que estava experimentando, seu primeiro salário, o orgulho de fazer compras e poder pagar com seu dinheiro, fruto de seu trabalho, seu suor. E, quando ele enfatiza, “da minha cor, negro”, embora seja revoltante, sabemos que, em nossa sociedade preconceituosa, como ele mesmo disse na pergunta anterior, as pessoas, inclusive nós, negros, fomos educados com um olhar racista, e com esse mesmo olhar julgamos jovens negras e negros, e continuamos ratificando os erros do passado.

Eu já sofri violência doméstica e também a questão do tiro que eu também tiro... né? (KF).

Aproveitei e perguntei sobre o tiro, como foi e se foi bala perdida. Ela disse ter sido bala perdida sim e narrou os fatos com detalhes, no entanto, vou relatar alguns trechos.

Foi um domingo, em novembro, dia 6 de novembro de 2015. Eu cheguei, peguei um ônibus, que eu tinha chegado de Friburgo... né? Entrei no terminal, peguei o ônibus para Malvina [...] Eu descobri na terça-feira que eu tava grávida... né? Aí passou terça, na quinta-feira, o pai da minha filha desembarcou. A gente foi para Friburgo na sexta. Voltamos no domingo ainda... Entramos no ônibus da Malvina. Passamos pelo campo aqui... né? De futebol. Tava tendo futebol, tava tendo movimentozinho. Uma vizinha minha até subiu no ônibus, conversou comigo, tudo mais, aí eu peguei e falei com o pai da minha filha: “Eu tô com fome, mas eu tô muito cansada. Você compra um lanche para mim? Aí você desce no ponto seguinte, eu desço primeiro, depois você desce mais à frente, você compra o lanche, depois você vem para casa. Ele: “Ah, tá bom!”.

Aí, desci junto com a minha vizinha. De uma esquina para outra, fui conversando com ela. Quando eu abracei ela, porque ela já é uma senhora, eu fui, falei: “Tia, boa noite. Tá?”. Eu fui, dei um abraço nela, escutei um barulho e senti um peso. Foi muito rápido, muito rápido, mas, assim, foi muito perturbador. Eu só lembro de ter visto um paredão de policial e, do outro, lá uns três meninos... né? Bandidos... e muito barulho. Foi um barulho intenso, muito intenso. Aí, eu lembro, entrei para casa dessa minha vizinha. Eu senti que a minha perna tava pesada, mas eu não sei que eu podia ter levado um tiro. Porque eu moro aqui há 28 anos. Eu já vi tanta coisa, mas, quando a gente vê, a gente, se falar isso, nunca vai acontecer comigo! Então, quando eu entrei na casa dela, lá no piso branco, ela só botou a cadeira e disse assim: “Senta aqui, fica calma!”.

Eu olhei para o chão e vi vermelho e vi um buraco na minha perna. Por ela cuidar de criança, ela sempre vivia com uma fralda no pescoço. Eu peguei a fralda e tentei estancar o sangue. Quando eu olhei atrás da minha perna, tem um buraco de saída de bala enorme e, na hora, eu pensei assim: “Eu perdi minha perna!”. Segurei, pedi para ela ficar calma e tal [...]. Chamaram minha mãe e os meus pais. Foi uma correria. Meu irmão ficou desesperado e, nesse meio tempo, só a minha mãe sabia que eu tava grávida e o pai da minha filha. (KF).

Como ainda não morava com o pai de sua filha, ele passou de ônibus direto, o ônibus não parou para ele descer, então, disse para ele ir para a casa dele.

Com muito custo que o pessoal saiu de casa. Todo mundo saiu de casa. Os meninos fugiram e os moradores foram pra cima dos policiais, falando que eles tinham que me socorrer [...] Foi uma confusão danada [...] Meu pai me levou para o hospital e tal. Chegando no hospital, eu ainda tive que... Eu me senti meio que pressionada pelos policiais. Vieram vários policiais falarem comigo sozinha. Teve um policial que ficou tentando fazer com que eu falasse que foi os meninos. Só o que eu consegui responder: “Eu não sei da onde veio o tiro!”. Que eu realmente não sabia... né? (KF).

Disse ter ficado aliviada, que nada tinha acontecido à sua filha. Estava com quatro semanas de gestação e voltou a falar sobre o policial que a estava coagindo.

E, aí, ele pegou e ficou: “Eu quero que você fale!”. Eu falei: “Mas eu já tô te falando, eu não sei da onde foi o tiro, da onde veio o tiro!”. E ele falou bem assim: “Vamos fazer o seguinte: você alivia, pro seu lado e eu alívio pro

meu! Você vai falar isso, isso, isso, isso...”. Eu falei: “Olha, eu não vou falar!”.

Foi onde eu comecei a gritar no hospital que os policiais queriam que falasse uma coisa que eu não vi. Aí, eles me obrigaram a ir para delegacia e tudo mais... (KF).

Logo em seguida, fala do respeito dos meninos do tráfico com os moradores e, principalmente, com os mais antigos:

[...] Realmente, tinha sido um dos meninos. Eles vieram aqui em casa, pediram até desculpa porque eu sou moradora muito antiga, meu pai é um dos primeiros fundadores aqui da Malvina. Então, ele é bem respeitado pelos meninos, apesar da gente não ter envolvimento nenhum. Eles são muito respeitosos... né? Com as pessoas bem mais velhas... (KF).

Relata que ainda tem medo, que é uma sensação muito esquisita, que não consegue mais andar tranquila no bairro e que nem sua filha brinca na rua:

Eu tava no banco da frente do carro do meu pai. Ele parou em frente de casa para abrir o portão da garagem e, de frente, tava vindo um carro da polícia, e bateu um desespero. Parecia que meu coração ia sair pela boca. Eu fiquei desesperada. Eu fiquei com pavor de ficar na rua [...] Eu demorei muito tempo ainda para conseguir dormir. Eu fechava os olhos para dormir e eu escutava o barulho do tiro. Eu via, passava um filme na cabeça. Então, eu fiquei durante ainda alguns meses processando isso.

A minha filha só foi andar nessa reta da rua principal que o ônibus passa agora depois de ela ter cinco anos de idade. Eu ia pra supermercado em dia de domingo, aqui mesmo na rua, ela falava assim: “Ah, minha mãe, eu quero ir no supermercado com você!”. Eu tenho ainda um pouco de receio, mas, antigamente, eu tinha muito medo! Eu preferia ficar sem ir no mercado do que levar ela, porque eu tinha medo de: “A qualquer momento vai ter um tiroteio, a qualquer momento vão acertar”. Então, batia aquele desespero, durante muito tempo. [...] Eu não ando de fone de ouvido. Porque isso pode atrapalhar minha percepção do que tá acontecendo. Se eu vejo que os meninos estão andando de moto para cima e para baixo, muito alvoroçados, eu já aumento meu passo para chegar em casa. Então, isso tudo foi, tá sendo até hoje... né? Reflexo de uma violência que eu sofri dentro do meu bairro, que eu jamais esperava tomar um tiro, no lugar onde eu cresci e vivo até hoje. [...] E a minha filha fala comigo: “Ah, mãe, eu queria brincar na rua que nem as outras crianças. Eu não queria ficar escondida!”. Porque a minha filha via a rua através de uma janela. Porque eu tenho muito medo, eu sou muito medrosa, e o único lugar que ela pode ter contato com outras crianças, além da escola, é na serra. Lá, eu me sinto um pouco mais segura. Então, eu aluguei uma casa com os pais na serra, que é onde minha mãe vai com as crianças no final de semana, e elas podem brincar na rua, ter uma infância de verdade, que, infelizmente, o meu bairro não proporciona. (KF).

Ou seja, vivem com medo, são prisioneiras dentro de seus lares. A violência que viveu hoje reflete na criação de sua filha, pois não quer que ela passe pelo que passou, ou pior, perdê-la.

Na questão 3, pretendemos conhecer a opinião das entrevistadas e dos entrevistados sobre a percepção deles se violência dentro das escolas nos últimos tempos tem aumentado. E, se sim, devido a que isso tem acontecido.

Sim, devido às influências que ocorrem ao redor das escolas, trazendo para dentro das mesmas o reflexo do exterior. (MR).

Sim, sim, tem sim! Quantos na rede pública ou na particular, porque eu tenho uns relatos sobre isso, de algumas, que hoje, na verdade, são mães, da minha época, que têm filhos na escola particular também, que relataram basicamente a mesma coisa. Eu acredito muito que essa nova geração... né?! Essa geração que, que veio de... bom, botar, assim, de 2015 e 2014 para cá é uma geração mais fria, na geração que não tem tanta base, não tem tanta estrutura. Mas também um pouco pela falta de oportunidade dentro das escolas mesmo. Oportunidade porque, na minha época, eu tinha o judô, na escola onde eu estudava,<sup>94</sup> eu tinha, capoeira, eu tinha aula de música... né? Hoje, o governo não, parece que não aposta mais tanto nisso. Não acredito que a falta de uma coisa, e a violência tá vindo suprindo nessa falta dessa coisa... né? No caso. (AT).

No meu ponto de vista, está aumentando. São muitos fatores que proporcionam esse aumento da violência, mas acho que a ausência de afeto e pulso firme dos pais são os principais fatores. (KF).

Aqui, o AT fala dos projetos de judô, capoeira, música, que havia na escola, o de balé, que, para mim, foi tão caro e motivo de eu ir trabalhar na comunidade. Sua irmã foi minha aluna nesse projeto. MR fala da influência do meio, e KF fala da família, dessa falta de afeto e rigidez.

Na minha opinião, sempre ocorreu algum tipo de violência nas escolas, seja a violência mais escondida, que, no dia a dia, não seja caracterizado violência, até as mais visíveis, como a violência física. Podemos incluir vários fatores, pela vivência do aluno na sua casa, no seu bairro, com os seus amigos mais próximos, muitas coisas podem influenciar em um comportamento agressivo. (AY).

AY fala indiretamente sobre a violência simbólica, sobre essas violências sofridas, mas que poucas pessoas percebem, por serem veladas.

Bom, na minha escola, não tem nenhum tipo de violência, mas creio eu que, em outras escolas, devem ter, pois, na maioria das escolas públicas ou até

<sup>94</sup> Esse projeto já foi mencionado em nossa pesquisa anteriormente.

mesmo particulares, sempre tem aqueles que gostam de fazer violência com os outros, seja ela por diversão ou por outros motivos. Isso ocorre quando não há comunicação entre os colegas de classe, que pode acabar gerando um conflito entre eles. (VT).

Então, perguntamos sobre os tipos de violência que têm ocorrido. VT não soube responder à pergunta:

Violência física e homicídios. (MR).

Naturalmente, o que eu vejo muito, que eu escuto muito, na verdade, é violência com os professores... né, cara? Professores, porque eles são a linha de frente ali... né?! Eles que estão ali para poder educar, ajudar... né? Na verdade, a criança arrumar um norte... né? A ser alguém na verdade e, daí, a maior parte da violência tanto com professor, com ameaça, dizendo que “ah, sou primo de fulano. Posso fazer tudo ao seu filho de sicrano. Então, posso fazer tudo aí, eu conheço beltano, eu posso fazer tudo”, essa violência na ameaça ao professor, querer vandalizar a escola, querer tudo, achando que pode tudo, mas, na verdade, não pode nada. (AT).

Pode-se observar diversos tipos de violência entre os alunos, ou até mesmo entre professores e alunos, como a violência verbal direcionada aos discentes, violência verbal entre os próprios alunos ou, até mesmo, a física, em certas situações. (AY).

Violência verbal e física. (KF).

Quanto aos fatores que contribuem para a existência de violência nas escolas e o que fazer para amenizar a situação, tivemos como resposta para o que contribui para a violência a questão da criminalidade, o ambiente agressivo vivenciado, para amenizar o extermínio do tráfico, na visão das ex-alunas MR e AY, que moram na rua da escola:

Na situação do Colégio Municipal Botafogo, os fatores presentes se resumem à realidade de criminalidade vista ao redor da sociedade. Para amenizar a situação, seria a exterminação do tráfico presente na comunidade. (MR).

Bom, os fatores que podem contribuir para o comportamento agressivo de um aluno podem estar diretamente relacionados ao ambiente que eles cresceram e foram ensinados sobre as questões de ética, moral e respeito ao próximo. Muitas das vezes, as crianças crescem em um lar ou em um bairro violento, em que a maioria das coisas é resolvida, mesmo não sendo o correto, na forma da agressão, e, por isso, ela passa a praticar tais coisas. Percebe-se que, na maioria desses casos, não há uma participação tão eficaz da família, o que piora a situação da criança e adolescente. Nesse caso, a solução mais próxima para amenizar a situação seria a escola, com ações que tentem integrar a família dos alunos. (AY).

Podem existir vários tipos de fatores para ocorrer violência nas escolas, como, por exemplo, uma pequena discussão entre alunos ou professores

pode causar uma grande briga, ou, até mesmo, o próprio *bullying*. Quando o *bullying* é praticado, a vítima pode querer reagir ao *bullying* com violência, como uma forma de defesa. Para amenizar a situação, é importante ter um diálogo com os alunos, falar sobre ter empatia com os colegas e professores, mostrar que a violência não nos leva a lugar nenhum... (VT).

VT traz a violência como uma reação a outra violência, o *bullying*, muito vivenciado na escola e visto por poucos como uma violência. AT e KF, que já vivenciaram a violência na pele e conhecem de perto as questões internas da comunidade, trazem-nos esse ponto de vista:

Acredito muito que um projeto social, ele consegue, sim, mudar muito a mente de um jovem. Projeto social, que eu digo, assim, também fora da escola. Um exemplo é um projeto social fora da escola. Projeto social fora da escola, ele consegue caracterizar um norte para uma criança, para menino, o cara que tava hoje com vontade de ir para o tráfico porque não tinha dinheiro, não tinha nada, não tinha expectativa de vida, porque a mãe é uma drogada, o pai alcoólatra, ele vai olhar o projeto social como um norte. O projeto social vai dar para ele uma disciplina. Então, hoje eu acredito muito que, se tivesse ainda um governo... né?! Com um projeto social dentro e fora das escolas, acho que as coisas estariam melhor. (AT).

Atualmente, principalmente na cidade de Macaé, existe muita rinha por conta de facções de bairros. Muitos adolescentes acabam levando isso para a escola. Acho que, através de aulas em grupos, projetos que façam eles interagirem uns com os outros, amenize essa rivalidade. (KF).

Na 6.<sup>a</sup> questão, “Você acha que as agressões são reflexos da educação que os alunos recebem em casa?”, temo:

Sim. (MR).

Com certeza, com certeza. Com certeza, por que... a gente só... assim eu acredito, eu acredito muito nisso. A gente de comunidade, nossa comunidade, só faz o que a gente vê e até onde nosso braço alcança. A gente tem muito medo entendeu? Então, se a gente, hoje, por exemplo, se os jovens hoje ou crianças, enfim, responde muito professora, porque vê isso muito dentro de casa. A mulher responde o marido, o marido respondendo à mulher num tom agressivo... né? Ou a tia respondendo o tio. Ou o avô respondendo à avó num tom agressivo, no tom de superioridade. Então, acredito que é muito, que é por causa disso: vê muito dentro de casa. (AT).

Na grande maioria das vezes, na minha concepção, as agressões vêm mais do que é visto pelos alunos, seja dentro de casa ou seja no bairro onde esses alunos moram, do que um reflexo da educação que é ofertada pelos pais e familiares em casa. No meu ponto de vista, as crianças, principalmente, repetem o que observam no seu dia, na sua rotina, e se as agressões a ela são frequentes. Consequentemente, ela irá passar isso para frente em outras pessoas. (AY).

Sim e não, porque, quando a violência vem de casa, o aluno pode querer repetir isso na escola como um reflexo do que ele vê em casa. Isso vai depender de família. Se caso o aluno tiver problemas sérios com sua família, isso pode interferir na sua educação. (VT).

A grande maioria, sim, pois não podemos esquecer que a internet também ensina muitas coisas ruins. (KF).

Mais uma vez, a família é apontada como a grande responsável pelo surgimento de agressões dentro do âmbito escolar. Apenas KF apresenta como possibilidade a internet. O que ofertamos aos outros é apenas resultado do que temos, ou seja, nesse caso, do que recebemos. A VT, em sua resposta, já deixou claro que, em sua opinião, a violência interfere na educação dos alunos e das alunas.

A pergunta seguinte era exatamente sobre isso: “Quais são as consequências da violência na escola? Você acha que a violência interfere no aprendizado?”

Como dito na pergunta anterior, a criminalidade e a violência física se tornam espelhos e reflexos para os estudantes, tendo em vista de que eles estão introduzidos no meio dessa realidade, tendo a criminalidade como base de um futuro. Além das inúmeras aulas canceladas devido à troca de tiro, invasão criminal, toque de recolher e etc. (MR).

Com certeza! Digo a você que, particularmente, 95% vai interferir sim! Eu te digo isso com propriedade. Porque, na minha época de escola aí, que eu estudei, gente tinha um projeto social que era o judô, ao qual eu participava. Só que a gente tinha também muita violência, fora e dentro da escola. Já tava começando, mas era uma parada bem controlada, a galera da escola conseguir controlar isso. Hoje tá um pouco descontrolado, e, se eu não tivesse o projeto social, que era o judô, eu e como um monte de amigo meu, hoje, e trabalha, é pai de família, meninas também que a mãe de família, mães solteiras. Eu conheço muitas que teve aí no judô com a gente, e hoje é mãe solteira, tem uma mente saudável. Se a gente tivesse, ia dar ruim, ia dar ruim. Por isso que eu tô dizendo que 95%, foi o que salvou. Eu te falo isso com propriedade, de 100%, salvou os outros 95. O resto tá preso, tá morto. As meninas tudo perdida, tá difícil! (AT).

Interfere não só no aprendizado do aluno violento, mas também nos demais alunos. (KF).

Segundo AT, a educação salvou a ele e seus amigos, mas a violência levou 5% dessa parcela que ele conheceu. O viver em uma comunidade violenta é muito mais do que simplesmente a educação pode fazer por eles. Acredita nos projetos sociais como uma forma de salvar essa garotada, que fica solta pela comunidade.

Na minha opinião, sim! Afeta no aprendizado e atrapalha nas possíveis relações que os alunos poderiam criar. Pode afastar as crianças das escolas também, já que, de alguma forma, na maioria das vezes, as escolas veem

essas crianças como um problema. (AY).

As consequências da violência escolar são muitas e profundas. Para a vítima da violência, as consequências se notam em uma evidente baixa autoestima, atitudes passivas, transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, depressão, ansiedade, pensamentos suicidas. E, sim, a violência pode interferir muito no aprendizado. (VT).

VT vai além, falando sobre as questões psíquicas que podem surgir com a violência. Ela era aluna da nossa escola quando ocorreram os relatos que fiz sobre os grandes números de alunas com crises de ansiedade e tentativas de suicídio.

Quanto à pobreza, no ponto de vista de AT e AY, já que MR não respondeu a essa pergunta e VT disse ter dificuldades para responder, interfere na violência escolar?

Não, não! Não acredito nisso não! Porque eu vim de uma linhagem bem, bem, bem, bem classe baixa. Mas o que mais manda é a educação dentro de casa. A educação dentro de casa, ela vai te levar a lugares que pessoas que não são da mesma linhagem com você da classe baixa vai ficar surpreendido. E a disciplina que a escola aplica também ajuda muito. Então, a razão social sua, se você é rico ou pobre, eu acredito que eu não interfere muito de caráter, entendeu? (AT).

Na minha percepção, sim, já que nota-se uma diferença visível entre as escolas públicas e particulares, tanto na estrutura quanto nos alunos, no ensino. (AY).

Sim, com certeza, pois a violência está presente no cotidiano das crianças de comunidade e acabou se tornando algo normal. (KF).

Eu fiquei na dúvida porque tem lugar que pode ser violento e tem lugar que não pode ser violento. E também, éééé, tem a questão de que as pessoas mais ricas serem mais violentas do que aqueles que não, daqueles que, as pessoas pobres sabe? Aí, eu fiquei, tipo assim, meio sem saber o que colocar. (VT).

AT diz ter vindo de uma “linhagem”, palavra que ele usa, de classe baixa, bem baixa, ou seja, muito pobre, sendo que a disciplina e a educação de dentro de casa pode levar as pessoas a lugares que surpreendem algumas pessoas, que a violência é muito uma questão de caráter. VT também acha que a questão da pobreza não interfere por haver pessoas ricas violentas também. Mas AY, não sei suas condições financeiras, já acha que a pobreza interfere sim e cita a questão das diferenças estruturais entre as escolas públicas e privadas. Bem sabemos e até já falamos sobre o descaso dos governos com as escolas públicas.

Na pergunta 9, “Você acha que a escola, hoje, pode administrar a questão da violência?”:

Infelizmente, ainda não. Essa questão da violência depende de vários fatores, como disse em uma questão anterior, a presença da família na escola seria primordial para iniciar uma mudança. (KF).

Eu torno a dizer, a solução para a violência, eu acredito que seriam um projeto social, no meu ponto de vista. E se o professor tá relacionado a isso? Eu acredito que sempre esteve, só que, vai muito do caráter da criança, do jovem, do adolescente, se ele quiser mudar e ser alguém. Eu vou te dar um exemplo de mim: teve um tempo que eu olhava a escola como lugar de abrigo, olhava pra escola e falava: vou pra escola que lá tem meus amigos que aqui dentro de casa tá osso! O meu tio é um cara bravo, aí, a minha tia é uma pessoa que sempre está me dando conselho para não ser o que meu tio é. Que eu fui criado pelos meus tios. Eu não tenho mãe desde os 8 anos de idade. Meu pai abandonou minha mãe quando eu tinha um e meio. Então, eu acredito que a escola me ajudou muito. Entendeu? O professor, e eu também querer muito, mudar o ritmo de vida meu. (AT).

AT, mais uma vez, aparece como um grande defensor dos projetos sociais, visto que é fruto de projetos sociais que existiram na escola. O fato de o pai ter abandonado sua mãe com ele muito pequeno, e de ela ter morrido com ele muito novo, além de ter um tio envolvido com o tráfico, sempre enfatiza o que o projeto dentro da escola e o que a educação fez em sua vida.

Em certa parte, sim, precisa-se pensar que as crianças e os adolescentes passam a maior parte da sua vida no espaço escolar, e, de certa forma, é moldado por ele. Então, as escolas deveriam tentar intervir nessa relação de uma melhor maneira possível, da forma que os alunos se sintam mais acolhidos e não pensem que são um “problema”, como, na maioria das vezes, alunos mais agressivos são tratados. Pode-se partir de ações, palestras e até conversas, principalmente com o apoio psicológico, que também é raro nas escolas públicas. (AY).

Interessante AY abordar o fato de algumas alunas e alunos se acharem um problema, e de isso fazer deles mais agressivos. As entrevistas com as professoras e os professores também trouxeram como parte para solucionar esse problema as conversas, palestras, embora tenhamos bastante conversas sobre isso da escola, no entanto, poucas palestras. A prefeitura tem programas<sup>95</sup> que assistem alunas e alunos da prefeitura mediante encaminhamento, todavia, não tem uma cobertura ampla para todos ao mesmo tempo.

Sim, a escola tem e deve administrar a questão da violência. Se isso não acontecer, como a escola vai dar conta de outros fatores? A escola deve ter tudo controlado por suas mãos. Cada detalhe deve ser bem administrado com supervisões da prefeitura. (VT).

Quando questionamos se a solução passa pelo papel do professor?

Não. (MR).

Não, não! Infelizmente, não tem... Um exemplo, para você construir uma casa, você precisa de mão de obra, precisa do pedreiro, você precisa de cimento, pedra, areia e etc. É mesma coisa escola. Para você construir uma boa... um bom ensino ali pro aluno, para você tentar implantar isso na cabeça dele, ele já vem de uma doiderada, de uma maluquice da rua, de casa, pra você implantar isso, você tem que oferecer a ele coisas boas. Torno a dizer, você tem que ter um projeto dentro da escola, você tem que ter um ar-condicionado, uma coisa que ele não tem em casa, se ele é um menino de comunidade. Você está entendendo? Como pelo menos um ventilador. Muita gente não tem um ventilador dentro de casa. Você tem que ter um espaço numa quadra para poder jogar bola e se sentir confortável. Tem que ter um vestiário dentro da escola, para ele tomar um banho e ir para casa tranquilo. Então, quando você não tem isso, quando o governo, na verdade, não te propõe isso, você, como professor, pra poder passar para aquele aluno um conforto, uma confiança e amostrar para ele que vale a pena, Educação de nada vale, no meu ponto de vista. Você tá ali se esforçando. A culpa não é de vocês, professores. A culpa, acredito muito que é do governo, que não olha para vocês, que é o ponto chave ali... né? Para poder mudar um pouco a sociedade, no futuro. (AT).

Sim, professores podem ter um papel muito ativo nesses casos. Eles são vistos de forma diferente pelos alunos, com admiração, na maioria das vezes, e, por isso, eles podem servir como mediadores e participar ativamente de reuniões e conseguem estabelecer uma “conexão” mais próxima com os alunos. (AY).

Sim, o professor, nessa situação, pode ter o papel de querer amenizar a situação com cautela, buscando os melhores recursos para poder manter tudo em ordem. (VT).

---

<sup>95</sup> Cemeaes: Centro Municipal de Atendimento Especializado ao Escolar.

Eu acredito que o professor tem o dom de criar sonhos e mostrar que é possível realizá-los. O papel dele é mostrar outros horizontes e incentivar. (KF).

A MR e o AT acreditam que não passa pelo professor. AT vai além nessa questão. Já abordando a nossa próxima questão, fala sobre a importância da infraestrutura das escolas, sobre a necessidade de ter um conforto para que o aluno tenha um prazer, queira estar na escola. Ter na escola o que não tem em casa. Ter coisas básicas, como um ventilador, uma quadra, um vestiário.



**Figura 20:** Foto da quadra em 2018<sup>96</sup>

Nossa luta tem sido, desde sempre, na escola, por uma quadra com condições para que pudéssemos trabalhar. Durante a pandemia, alisaram o chão, mas não temos cobertura, logo as turmas que pegamos depois das 9 horas da manhã não aguentam ficar na quadra. O pior é depois voltarem para a sala de aula suados, e muitas salas estão com o ar-condicionado em péssimo estado. Nem nossas crianças e jovens aguentam nem os professores, pois voltam alvoroçados e suados e não conseguem prestar atenção à aula.

---

<sup>96</sup> Ela teve melhorias. AT já havia saído da escola.



**Figura 21:** Foto atual da quadra

Na questão 11, “E quando não há condições estruturais, como segurança na escola, salas devidamente preparadas e aparelhadas, por exemplo, a escola, os professores têm condições de superar a falta dessas condições?”, temos:

Um ambiente de qualidade e integralmente estruturado para o ensino devido, teria como consequência a melhoria do desempenho escolar dos alunos e professores. (MR).

Os professores podem, sim, se esforçar para tentar ensinar os alunos da melhor maneira possível, mesmo sem os recursos básicos, o que já se observa acontecer em muitas escolas públicas do país. Mas isso não garante que o aluno irá absorver nem que o professor conseguirá realizar isso, já que o mínimo que o estado poderia ofertar para uma educação de qualidade era um ambiente apropriado. (AY).

Nesse caso, vai depender muito do professor, pois, nessas condições, não tem como dar uma boa estrutura escolar para o aluno. Tem professor que consegue superar suas expectativas e consegue dar aula, mesmo com a escola não podendo oferecer o melhor. (VT).

É muito desafiador para o professor modificar uma realidade sem um pouco de ajuda da escola. (KF).

Na última questão, procuramos conhecer um pouco mais das entrevistadas e do entrevistado. Perguntamos: “Como você superou todos os entraves (dificuldades) em seu caminho? Fale um pouco sobre sua caminhada até aqui”:

Mesmo sendo prejudicada diversas vezes com a situação da criminalidade supracitada dentro da comunidade onde a escola está inserida e localizada, resolvi buscar o oposto de tudo aquilo que eu já vi e vivenciei estando naquele meio, ou seja, buscando sair dessa realidade, e não tornar ela um estilo de vida. Com base nessa motivação, fui atrás de livros, editais e ajuda

de professores para cursar o processo seletivo da escola federal presente no município de Macaé, que se encontra localizada distante das comunidades, tendo em vista que não seria tão prejudicada e teria um ensino de qualidade melhor. Passei para o ensino médio técnico do IFF, formei e dei continuidade aos estudos e entrei na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com isso, pude observar que o ensino das escolas dentro das comunidades é bom, porém é prejudicado pela precarização de necessidades básicas estruturais que poderiam torná-lo ainda melhor e a intervenção da criminalidade presente ao redor. (MR).

Eu estudei a minha vida toda em escola pública. Acho que, por isso, eu citei muitas coisas que foram vistas por mim, sobre a minha vivência. Desde os 15 anos, concilio estudos e trabalho, e, com isso, eu tenho que me desdobrar em algumas coisas, tentar conciliar o máximo os dois, tentar tirar notas boas, ser boa na minha área de trabalho e conseguir um tempo para descansar. A vida de um estudante de escola pública é muito difícil. Muitas das vezes, não se tem professor. Acontece uma defasagem de ensino com menos matérias, atrasos, e isso foram coisas que eu só consegui perceber num cursinho preparatório que eu entrei, onde algumas pessoas já sabiam muitas coisas há muito tempo ou coisas que nunca tinha visto. Esse abismo só cresce desde que entrei na faculdade. Mesmo estando em uma universidade pública, percebe-se que a própria, na maioria das vezes, não foi feita para alunos pobres nem para alunos que trabalham, o que só distancia ainda mais um aluno de ensino médio de uma escola pública a chegar a uma universidade. Sou a terceira pessoa da minha família a cursar o ensino superior e a primeira a cursar em uma universidade federal, o que também reflete, diz muita coisa, diz muito sobre as prioridades de pessoas que moram na favela e que são pobres. A prioridade sempre será o trabalho. Por isso, também, muitos desses alunos de instituição pública não chegam ao ensino superior. No momento, eu faço biologia na UFRJ, e minha maior inspiração para seguir nesse caminho foi um professor do ensino fundamental. Admiro muito essa profissão e admiro mais quem a exerce com amor. (AY).

No começo, foi difícil superar cada dificuldade minha. Eu sempre pensava em desistir, pois era muito difícil eu conseguir me levantar e continuar caminhando. Sempre tinha pedras no meio do caminho me atrapalhando a prosseguir, mas, com passar do tempo, fui aprendendo com meus erros e dificuldade e que a cada passo que eu dou é uma experiência nova para mim, e que, independente da dificuldade, eu tenho que continuar caminhando e desviando das pedras, e que vai ser com as minhas dificuldades que eu vou conseguir alcançar a perfeição. (VT).

VT é uma aluna já citada anteriormente, no início deste capítulo. Ela é a aluna que se interessou pela minha história de vida, que se emocionou e agradeceu o esclarecimento que dei quanto à minha vida acadêmica e profissional, dizendo que faria de tudo para seguir esses passos.

Então, vamos lá, me chama lá, me chamo AT, tenho 24 anos. Hoje, graças à escola... né?! E a Deus, primeiro lugar, eu fiz um curso no SENAI, que é o único curso que eu tenho, operador de computação, em base em administração e logística... né? Não tô cru da história toda, porque eu

consegui terminar no ensino fundamental, consegui terminar no ensino médio. Com muita dificuldade, não foi fácil. Tinha dias que a gente virava a noite lá em casa, que eu morava no alto do morro... né? Ali no Botafogo, no Lazaredo, com medo de bala pegar ali, porque bandido não atira para baixo, atira para cima, não tem controle de atirar. Eu estudava pela manhã. Chegava na escola cansado. Quando chegava na escola, não tinha professor. Porque não tinha professor para aquela matéria. A gente nunca entendeu muito o porquê que eu nunca tinha professor daquela matéria. Mas, hoje, a gente consegue entender por que o governo não propõem a você a estar ali naquela escola... né? (AT).

KF teve um carinho e um cuidado maior para responder a essa última pergunta, pois eu havia dito que, para mim, era a mais importante.

Então, a minha mãe, ela trabalhou numa casa de família durante 24 anos... né? Há dois anos atrás, a patroa dela faleceu. Essa patroa dela eu chamava de tia, mas ela era como se fosse uma avó, uma segunda mãe. Ela ajudou a me criar. Ela também tem um papel muito importante na minha vida, porque foi graças a ela que eu sempre tive esse desejo de estudar. Ela sempre alimentou muito isso em mim.

Relatou-nos um fato que ocorreu na casa dessa “segunda mãe” que a marcou profundamente, e ela tinha apenas 7 anos, e da importância que essa patroa de sua mãe teve em sua vida.

Ela<sup>97</sup> tava em casa, recebeu uma visita, uma prima. Ela perguntou, próximo à visita, o que eu queria ser quando eu crescer. Aí, eu virei e falei que eu queria ser veterinária. Coisa de criança. Peguei uma profissão, que eu gostava muito de bicho. Então, queria ser veterinária. Aí, a mulher respondeu, se eu conseguir terminar o ensino médio, eu já seria muito privilegiada. Porque eu era filha de doméstica, que eu não poderia sonhar que um dia fazer uma universidade. Porque isso não era para mim. E aquilo me magoou muito. Mesmo sendo criança, mexeu muito comigo... né? Lembro que eu chorei muito durante um tempo. E, na escola, a Professora sempre fazia muitas atividades de redação, na segunda série do fundamental 1 [...] Fazer redação. Escrever o que a gente queria ser. [...] Eu parei de escrever o que queria. Comecei a falar que não adiantava escolher uma profissão. A minha profissão já estava determinada, que eu coloquei aquilo na minha... Ela<sup>98</sup> conversou comigo, explicou que eu podia ir muito mais longe e tal. Ela sempre me dava livros. Ela era professora de alfabetização, aposentada, mas ela era... né? E, aí, ela se aposentou com tempo e foi trabalhar na Prefeitura de Macaé. Mas ela sempre teve esse papel fundamental na minha vida. Ela me ensinou a ler. Ela me ensinou a escrever. Tendo uma professora do meu lado que me incentivava. Eu consegui pegar. Eu tinha facilidade em pegar matéria, em aprender as coisas. Então, eu digo que ela foi primordial na minha vida e, graças a Deus!, eu também conheci vários professores que passaram na minha vida, professores ótimo,

<sup>97</sup> Está se referindo á patroa de sua mãe.

<sup>98</sup> A patroa da Mãe novamente.

excelente... né? Que eu carrego, assim, um carinho enorme. E eu, por isso, que essa parte de licenciatura fica tão assim para mim, tem um peso muito grande, que me fez escolher esse caminho... né? E, com tempo, fui... né? Querendo sempre saber mais. Fui aguçando mais a minha curiosidade, tudo mais. (KF).

KF também fala dos preconceitos que já sofreu, inclusive na faculdade, por morar na favela, e relata um acontecimento em um antigo trabalho:

Preconceito, a gente vai sofrer. Coisas do tipo, eu já ouvi, trabalhando em escritório: “Nossa, você é muito inteligente para uma pessoa que mora na favela”. Como se as pessoas da favela não tivesse condições de aprender nada, fosse burra. Eu tive um patrão que falou bem assim: “Desiste da faculdade. Você ganha, já tá muito bom. Você tem que se contentar com isso, porque uma pessoa que mora em comunidade não vai chegar em lugar nenhum!”. E muitas pessoas se deixam abater. Mas, não! Meus pais sempre conversaram comigo. Falaram: “Não, você não pode deixar se abater! Tem que provar para as pessoas que elas estão erradas, e servir de exemplo pra outras crianças, para outras pessoas, adolescentes, que acham que nunca vão conseguir”. Eu sempre, como eu falei, eu sempre tive muito, muitos professores bons, que alimentavam isso. Por isso que eu acho que, independente do bairro onde a criança more, o papel do professor é fundamental, em alimentar isso nos seus alunos...

Que importância seus pais tiveram para que hoje ela esteja terminando uma faculdade? Não a deixaram desistir. Quantas crianças não tem esse apoio dentro de casa, ficam satisfeitas com os destinos predeterminados por outros e endereçados a elas. A ex-aluna fala do papel importante do professor, mas também nos relatou mais uma situação de preconceito por parte de um professor.

E, com relação à dificuldade, eu acho que uma das piores que muitos jovens desistem dos estudos... né?

Tá indo à violência... Eu me lembro que, uma vez, no ensino médio, eu tinha um trabalho para apresentar. Preparei tudo direitinho na época. Até tinha e-mail. Tinha aquela coisa de levar impresso pra entregar para o professor. Aí, eu fiz o meu trabalho. No outro dia, por volta das 6 horas da manhã, escutei um barulho ensurdecedor, e os meus pais apavorados, trancando tudo. Eu perguntava o que tava acontecendo, e muito barulho. Parecia que a casa ia cair. Um tiroteio muito forte. Eu me lembro. Eu acho que a segunda vez que o BOPE entrou na comunidade... né? E eu fiquei desesperada, porque era um trabalho que vale uma nota, e eu precisava de ponto. Eu queria tirar uma nota boa, então eu corri, me arrumei e falei: “Não preciso ir para escola, preciso, preciso ir!”. Quando saí no portão, o policial virou, falou: “Não, você não pode sair! Não é seguro!”. No outro dia, eu cheguei, falei para o professor já tinha mandado o trabalho por e-mail. Expliquei tudo que tinha acontecido. No outro dia, eu levei o trabalho para o professor e ele falou bem assim: “Então pessoas como você... né? Sempre vão ter essa dificuldade. Eu

acho que essa escola não é para você. Você não tem compromisso com suas coisas por conta do seu bairro!”. (KF).

Termina dizendo que existem tipos de professores, e, graças a esse, ela descobriu qual ela não quer ser. E, mais uma vez, sofreu preconceito por causa do local em que ela mora, e a violência muito contribuiu para isso.

Existem professores e professores. Infelizmente, eu me deparei com um professor, infelizmente não... né? Felizmente, porque já sei o tipo de professor que eu não quero ser! Mas, tipo assim, eu fiz o trabalho dentro do prazo. Ele não aceitou, porque eu não podia sair de casa, porque tava tendo tiroteio. Tava tendo invasão policial, não foi para uma coisa que eu quis. Passou na televisão. Todo mundo sabia do que tava acontecendo, mas existe também esse preconceito, essa dificuldade... né? Na questão da violência. Muitas das vezes, a gente não pode sair de casa porque tá tendo tiroteio. As crianças acabam não podendo ir para escola. Isso também já aconteceu com meu sobrinho, com a minha filha. É tão complicado nessa questão até hoje, é bem desesperador! (KF).

As perguntas de nosso roteiro acabaram, porém a emoção estava só para começar. AT lembra, emocionado, do tratamento dado às alunas e aos alunos que passavam por necessidades em casa, que não eram esquecidos pela escola.

Mas, enfim, com relação à escola, eu ia muita das vezes para poder tomar café da manhã lá, porque, em casa, a situação é crítica. Então, ali, sempre tinha um café da manhã. Era bom para caramba. A diretora na escola, na época, viu que a situação estava difícil para muita gente. Eu não cheguei passando por isso, mas eu vi muitos, muitos, muitos amigos meus voltando na escola depois do horário nosso para tomar um lanche da tarde e tá liberado para jantar. Não sei se vocês têm noção disso! Liberado para jantar! A diretora liberava porque ela sabia, não muito, mas sabia como a gente sofria isso... né?... a falta de alimento. (AT).

Ele fala, ainda, de quando a escola tinha que fechar por causa do toque de recolher, como teve recentemente.

Teve algumas vezes que teve toque de recolher porque tava tendo, tipo, guerra de facção... né? Daí, mandava fechar tudo: “Fecha tudo que hoje não vai ter aula não!”. Para muitos amigos meus: “Ah, hoje a gente não vai para escola não. Tá de boa! Maneirão!”. Era legal, mas só que, pra gente, queria algo diferente, chegar em algum lugar, mudar a linha de raciocínio, era difícil! Então, foi por altos e baixos que, hoje, eu consegui construir o que eu tenho. Eu ainda trabalho, mas já consegui trabalhar para mim umas duas, três vezes, mas tudo isso com base na disciplina que eu tive dentro da escola, dentro do Colégio Municipal Botafogo. (AT).

Fala, mais uma vez emocionado, sobre os projetos que tínhamos na escola e como eles fizeram diferença em sua vida e como fazem falta para as crianças e jovens de hoje. Atualmente, estamos sem projetos na escola, mesmo com a equipe gestora tentando o retorno junto à Prefeitura.

Eu acredito muito que, se algumas crianças que estão ali tiver um pouquinho só de uma oportunidade que eu tive naquela época, pelo menos aquela galera dali, aqueles alunos ali, se destaca em alguma coisa como eu me destaquei no judô, como meus amigos também foi campeão regional... né? A gente conseguiu trazer os troféus ali pra escola. Teve amigo meu que trouxe troféu de xadrez. Osmar, se não falha a memória. A galera ali que já trouxe bastante troféu para escola, mas isso não digo por mérito nosso, eu digo por mérito dos professores da escola, dos diretores, das faxineiras, que todos eles, dos coordenadores de corretor, chamava assim, todos eles ajudaram muito, muito, muito, muito em relação ao nosso caráter, a gente ter princípio, e hoje eu sou muito grato a todos eles. Eu sou o homem que eu sou muito, muito mesmo por conta deles. (AT).

Ele me perguntou se conseguiu responder às minhas perguntas e perguntou um pouco mais sobre minha pesquisa. Expliquei a ele como é um doutorado, o passo a passo para chegar a ele, e como é difícil, às vezes, sentir como se não estivesse contribuindo positivamente na vida de nossas alunas e nossos alunos. Pedi desculpas pelo áudio longo e depois chorei com a fala dele:

Tá maluco... de dois minutos que tu falou... tá maluco... Você contribui, e muito, muito, muito! Tem um professor, tem uns professores que eu não esqueço. Tem o professor Juliano, Danúsia e o Felipe de História. Caraca, esses foram os três professores que marcaram a minha vida. Professor Juliano, ele, ele é, sei lá, ele é extraordinariamente compreensivo, sabe conversar! Danúsia, era uma professora que ela te mostrava o ponto de vista dela, te mostrava, tipo assim, me mostrar o meu ponto de vista e tentava unir os dois para tentar ser uma coisa só, tipo assim, não só a ideia dela que vale nem sua ideia, os dois valem professor. O Felipe de História, ele... ele pô... é sem palavras. Teve um tempo que eu tava indo para uma religião, daí, ele falou para mim que ele era ateu. Eu falei assim: “Não é possível que você é ateu, não é possível, não é possível...”. Ele falou assim: “AT, a questão não é a religião!”. Não esqueço disso! “A questão é você saber onde você quer chegar! Se aonde você quer chegar e sua religião te ajudar, então tá tudo certo!”. Ele quis passar isso para mim... né? Na verdade, com algumas outras palavras, mas eu entendi isso. Então, não se classifique como uma pessoa que está ali à toa, por favor, você está ali porque que você mereceu estar ali. Você está ali porque tem um propósito de você está ali. Eu acredito muito que você vai muito além disso tudo, pelo tom da sua voz, que você fala aqui comigo, pelas vezes que já vi você agindo. Não me recordo muitas vezes, mas é uma postura firme. É isso que o colégio ali precisa. Então, fique tranquila, você é uma excelente professora. (AT).

Agradei pelas palavras dele, e ele, mais uma vez, é carinhoso em suas palavras.

Fica tranquila, fica tranquila. Sensei<sup>99</sup> Aline ensinou uma parada para gente. Pô! Isso não esqueço de maneira nenhuma. Ela sempre falava que é melhor ouvir do que falar, mas, se for falar, fale alguma coisa útil. Então, aprende isso! Eu tô ouvindo. É melhor ouvir do que falar, no meu ponto de vista, mas você tá falando, tá falando algo útil, fique tranquila, continue falando. (AT).

Terminamos nossa conversa emocionante, pois me emocionei muito em diversas partes de nossa conversa, convidando-o para ir no CMB para fazermos uma roda de conversa com as alunas e os alunos, e ele aceitou prontamente. Espero conseguir essa roda de conversa em breve.

Fazer um bate-papo lá, deixar eles perguntarem o que eles tiverem com vontade, entendeu? Tipo, ele pode perguntar. Se eles perguntarem: “E, aí, vocês já fizeram bagunça?”. Vou dizer: “Já! Mas isso gerou tal consequência!”. E responder... e mostrar pra eles que não vale tanto a pena, entendeu?

### 3.4 Trabalho sobre o filme *Mãos talentosas*

*Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encampá-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.*

*Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explodindo os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros (FREIRE, 2014, p. 77).<sup>100</sup>*

Esse trabalho, que faz parte de nossa tese, foi apresentado, parcialmente, em um congresso de que participamos, e fomos convidados a publicá-lo como capítulo de um livro, com as apresentações de trabalho do Copene Sudeste, em setembro de 2019. Ele traz em seu interior as falas de jovens que passaram, e ainda passam, por situações de diversos tipos de racismo em suas vidas. As poucas “escrevivências” que trazemos dessa juventude enriquece nossa tese.

<sup>99</sup> Como chamavam a professora de Judô. “Sensei”: palavra japonesa que é utilizada para título honroso e para tratar com respeito um professor ou mestre. Sua tradução literal é: “aquele que nasceu antes”.

<sup>100</sup> Terceira carta: do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio Pataxó. Nessa carta, Paulo Freire aborda o triste assassinato do índio Pataxó por cinco adolescentes, em Brasília. “Tacaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade”.

O trabalho proposto às alunas e aos alunos foi o resultado de uma proposta feita a seis turmas de ensino fundamental II (do 6.º ao 9.º ano), no ano de 2017, em que apresentamos o trecho, pois, no tempo de aula, não daria para exibir todo o filme *Mãos talentosas*, tendo o retorno de 110 trabalhos dessas alunas e desses alunos.

O filme narra a história real do Dr. Benjamim Carson, um dos mais notáveis neurocirurgiões do mundo, que passou por diversos tipos de preconceitos, sendo negro, crescendo em um lar desfeito e em meio à pobreza, tirava notas baixas e tinha um temperamento difícil, bastante intumescido. Durante o filme, é mostrado o papel importante que sua mãe teve. Uma mulher analfabeta, porém muito inteligente, que o incentivou a expandir sua imaginação, sua inteligência nos estudos e, principalmente, a acreditar em si mesmo. Em 1987, ele ascendeu ao *status* internacional como neurocirurgião, ao realizar uma bem sucedida separação de dois gêmeos siameses, que estavam unidos pela parte posterior da cabeça, uma cirurgia muito melindrosa.

Discutimos um pouco sobre o que vem a ser preconceito e sobre o que eles pensavam e passavam. O motivo para exibir o filme foi o fato de perceber a dificuldade que alguns tinham em lidar e falar dos preconceitos que sofriam. Muitos, simplesmente, não sabiam a quem pedir ajuda. Além disso, a vida daquele que se tornou notável neurocirurgião era muito parecida com a vida da maioria. Ele era chamado de burro, gordo e também sofria racismo. Era um garoto pobre, que tinha que superar suas dificuldades, mas que não conseguia sozinho. Tinha uma mãe que, apesar de trabalhar muito, era presente e amorosa. Não sei se seria o caso das/dos que estavam assistindo.

Após a conversa, fiz algumas perguntas para saber se tinham entendido o trecho do filme assistido e se viam ligação com seu cotidiano. Utilizei apenas uma pergunta, que foi a que deu todo o encaminhamento ao debate:

Você já passou por algum preconceito? O que fez para superar?

Respostas: Não/nunca: 37; Não Lembro: 2; Não responderam: 4; Sim: 67.

Em um dos trabalhos, o da Aluna E – 7.º ano, disse não ter passado por preconceitos. Mas a amiguinha dela veio até mim no final da aula para dizer que sim, que a Aluna E sofria racismo, mas disse que não ia me falar. Perguntei se ela sabia por que a Aluna E não queria falar. Ela disse que não sabia, mas deveria ser porque dói muito!

Das 67 respostas afirmativas, no entanto, apenas 16 disseram pelo que passaram, como:

**Tabela 7:** Insultos/agressões

Insulto/Agressão	Ocorrências
Racismo	2
Chamada de macaca	1
Chamada de burra ou burro	3
Sofreu por não ser inteligente	1
Por ser pobre	1
Foi chamada de gordinha/gordo	2
Por causa do corpo	1
Por causa do seu cabelo	1
Foi chamado de cara de rato	1
Quatro olhos	1
Disse ter passado alguns/por vários	2

Por meio dessas respostas, podemos observar a aproximação das alunas e dos alunos com o Benjamim, do filme.

Como respostas de superação, tivemos três que não disseram qual tipo de preconceito sofreram. Mas, por meio das respostas de superação, podemos perceber que foram questionados quanto ao intelecto, coisa pela qual Benjamim também passava frequentemente.

Estudei!  
Eu acreditei e estudei muito!  
Mas estudei bastante!

Quanto a superar por ter ouvido que não era inteligente, burra ou burro, responderam:

Por não ser inteligente. Ignorei! (Aluna K – 6.º ano).

Chamada de burra. Superei, ignorando! (Aluna N – 7.º ano).

Por ser burra. Não dei confiança. (Aluna N – 8.º ano).

Quando se trata do corpo, percebemos que várias inseguranças já permeiam as cabecinhas desses jovens. E, se não são aceitos pelos outros, esse momento torna-se mais difícil de superar. É o cabelo, a pele, o rosto, se é muito magro ou acima do peso. Muitos dizem “não ligar”, mas não é o que percebemos no cotidiano. Ficam retraídos e têm dificuldades de fazer trabalhos em grupo com colegas e também não gostam de se espor nas aulas práticas de Educação Física, em que o corpo fica mais aparente.

Sofro preconceito por causa do meu corpo, mas não ligo! (Aluna L – 7.º ano).

Os meninos me chamavam de gordinha, aí, eu fingi que não escutava, aí eles pararam! (Aluna H – 7.º ano).

Me chamaram de cara de rato. Fui na secretaria e falei! (Aluna R – 9.º ano).

Fui chamada de quatro olhos por que uso óculos. (sem identificação).

Tive quando passei um alisante no cabelo e caiu. Eu ia para o colégio, os outros ficavam rindo e me zoando. Até que teve uma época que eu não queria mais ir para a escola. Tive que passar pela assistente social. Isso tudo só por causa do meu cabelo. Eu superei deixando eles rirem de mim. Faziam música para mim. Até que cansaram e viraram meus amigos. (Aluna V – não informou o ano).

Racismo. Segui em frente e não liguei. (sem identificação).

Racismo. Parei de pensar nisso. (sem identificação).

Já passei. Me chamaram de macaca. Eu não dei ideia para o que as pessoas falam de mim. Eu só apenas falei que eu tenho orgulho de ser negra! (sem identificação)

As situações descritas também foram vivenciadas por Benjamim. Sua aparência incomodava muito na nova escola em que estava, bem como seus saberes. A dor de ter que parar de pensar na dor que se sofre. O racismo, por exemplo, muitas vezes, não é percebido por nós professoras e professores em sala de aula, e isso ocorre em razão de inúmeros fatores, como turmas lotadas, cobrança pelo conteúdo que deve ser apresentado à turma, desânimo, turmas violentas e agitadas, e não nos sobra tempo para ouvir quem mais deveria importar na escola: nosso público, as alunas e os alunos.

Como o autor Emerson Rocha (2018, p. 385) relata em seu artigo “Cor e dor moral”, as sensações da personagem,

Uma das coisas que Lídia mais reparava em suas amigas e amigos brancos é que eles passavam a maior parte da vida desapercibidos do fato de possuírem uma cor. Já ela se via constantemente enfrentando essa realidade, e muitas vezes, quando estava totalmente distraída se divertindo com as pessoas, determinadas situações ou palavras faziam-na olhar para a cor dos próprios braços e se sentir como um algo um pouco fora do lugar. Um tipo de sofrimento bem íntimo, de sofrer-se calado.

Das alunas e dos alunos que falaram que já sofreram preconceitos, mas não descreveram quais foram os tipos, muitos aconselharam a “deixar para lá”, esquecer, e disseram “não ligar”. Respostas como:

### **Tabela 8:** Sofreram preconceito, mas não descreveram

Respostas	Ocorrências
Não liguei/Não ligava	9
Não dei ideia	3
Ignorei	10
Falei com um adulto	2
Fingi que não ouvi/não dei ouvido	3

Minha Mãe falava para mim ficar quieto, na minha! (sem identificação).

Minha mãe disse para mim não ligar por que ninguém é perfeito, eu superei! (sem identificação).

Eu fingi que não ouvi, mas doeu por dentro! (Aluna K – 7.º ano).

Evitei falar com eles! (sem identificação).

Não fiz nada, a pessoa me chamou de frouxa. A vida me ensinou a seguir em frente! (Aluna V – 7.º ano).

Entreguei na mão de Deus! (sem identificação).

Virei às costas! Não liguei, não dei ideia! (sem identificação)

Ficando quieto na minha! (Aluno L – não colocou turma).

Não liguei, porque se ligar com apelido, fica com apelido! (Aluno V – 8.º ano).

Fiquei na minha, porque o mundo dá voltas e não adianta discutir! (Aluna L – 8.º ano).

Provei ser melhor que aparento, tive orgulho de quem eu era e sou! (Aluna M – 7.º ano).

Eu passei a fingir que essa pessoa não existe. Disse que hoje ele faz comigo, mas amanhã farão isso com ele! (sem identificação).

Só fiquei triste e ignorei! (Aluna I – 7.º ano).

Levantar a cabeça e seguir em frente (Aluno L – 7.º ano).

Ainda utilizando o artigo de Emerson Rocha (2018), pois parece que está descrevendo a dor de minhas alunas e de meus alunos, a dor do ser invisível, ou, muitas vezes, o desejar estar invisível, a dor que acompanha a maioria.

Recobrava imagens muito vivas de como Débora andava pelo recreio toda acuada, querendo ser invisível, lutando para esconder-se por detrás de um véu de vergonha. Doía muito a Débora ser invisível, mas como todas ou quase todas as vezes em que aparecia era para sofrer deboches, passava a desejar essa invisibilidade, igualmente motivo de dor, mas de uma dor íntima, guardada para si, longe das troças vexatórias. (p. 386-387).

Durante nosso debate, foram ficando mais à vontade e começaram a contar situações do cotidiano. Essas/esses jovens não estão falando das dores de qualquer negro, mas das suas dores. Com essas falas, é possível perceber a dor. Não me parece estarem relatando algo que tenham visto acontecer com alguém, mas o que sentiram na pele.

Eu entendo que o preconceito, apesar de ter nascido há muito tempo, ele ainda influencia muitas pessoas a cometer esses atos, que eles se referem aos negros de maneira inadequada. Como: ladrão, macacos e outros... só porque somos negros, não quer dizer que não podemos ter direitos iguais aos brancos ou aos outros... (Fala da aluna S – 8.º ano).

O racismo é muito grande, professora. Quando você vê um negro correndo, pensa que é bandido, mas o branco, você pensa que está atrasado. (Fala do aluno P – 8.º ano).

Eu vejo que muitas pessoas por causa de ter uma cor da pele diferente não conseguem as coisas. E mesmo muitas pessoas dizendo que não são racistas, é só aparecer uma pessoa negra perto que ficam com olhar de desprezo, ou se aparecer um negro em sua loja ou querendo emprego, ou indo comprar alguma coisa, eles pensam que ou são ladrões ou mendigos, querendo esmolas, as pessoas tem que se tocar e perceber o quanto estão erradas. (O aluno não quis falar, mas depois me deu a fala dele escrita em um pedaço de folha do caderno – o aluno não se identificou – 7.º ano).

E, para fechar a fala dessa última aluna:

[...] No meio da aula, a professora falou para as meninas valorizarem seus cabelos que, aliás, são lindos. Tiro isso pelo cabelo da minha melhor amiga. Ela tem o cabelo lindo, lindo mesmo. Adoro mexer no cabelo dela. Hoje, eu vejo as mulheres negras com aqueles cabelos e penso: Como eu queria ter um cabelo assim! [...] Eu estava achando a aula chata, mas, quando minha amiga veio falar comigo sobre a aula, assim, fui me tocar. Hoje em dia, nesse mundo machista e preconceituoso, tem que ter mais negros na política, principalmente mulheres, que tem pouco. [...] Obrigada pela aula, por explicar que negros não são só escravos, eles também são seres humanos.<sup>101</sup> (Aluna KS – 7.º ano).

Essa sua fala demonstra-nos muitos contratempos na educação. Primeiramente, ela estava contrariada por estar em uma sala fazendo debate. Queria estar na nossa aula prática de Educação Física. Ela admira os cabelos da melhor amiga, mas, pelo que observamos por meio da escrita, ela só percebe a importância da aula por causa da amiga. O que mais impressiona é o final da fala: ela agradece “por explicar que negros não são só escravos”. Que visão da população negra é veiculada em sala de aula para esses alunos, em pleno século XXI? E fecha

<sup>101</sup> Por falta de tempo, pedi para que me entregassem na próxima aula, em folha separada, o que acharam da aula/debate.

falando que “eles também são seres humanos”. O que estamos fazendo? O que estamos ensinando para nossas crianças e jovens? Será que paramos para pensar nas nossas falas e nossas atitudes?

### 3.5 As escrevivências para além das ausências

Transcorrer apenas sobre as ausências encontradas durante este trabalho de pesquisa é pouco perto de tudo que vimos, ouvimos e vivemos durante nossa função. Faltava falar sobre o principal, as sobrevivências, e, entre as sobrevivências encontradas, temos manifestações culturais.

Chauí (2017, p. 97) nos alerta de que o termo cultura, em sua origem, significava “cuidado, amanho, cultivo”, contudo a sociedade burguesa restringiu o termo “a um conjunto determinado de conhecimentos cujo critério básico é a escolaridade”, dividindo a sociedade em cultos e incultos.

Tendo como resultados da divisão entre “cultos”<sup>102</sup> e “incultos”, “não somente a imposição ‘natural’ da subordinação dos segundos aos primeiros, mas sim a própria definição do que seja a incultura”. Essa forma de epistemicídio, “na verdade, não é um fato nem uma ideia, mas um processo: o de desqualificação do saber e dos conhecimentos possuídos pelas camadas populares” (CHAUÍ, 2017, p. 98).

Não obstante, “sobreviventes das fronteiras” que são, fazem dessa fronteira seu espaço de acolhimento (MONTEIRO, 2005, p. 11) e também de cultura. Nele, há vida que pulsa, cria e recria cotidianamente, de modo que esse mesmo povo que vive nas ausências não só sobrevive, como também resiste a essas ausências que tudo fazem para exterminá-lo.

Paradoxalmente, a fronteira é o espaço de acolhimento do outro, do diferente, do estranho. É um território de efervescência intensa. É ao mesmo tempo o local da dor profunda, da violência e da recriação da vida. Onde as diferenças necessariamente se tencionam e produzem o plural, o novo. Pois a fronteira é a confluência do que já foi, do que está sendo e do que pode ser. (MONTEIRO, 2005, p. 11).

Uma das formas de resistência de vida e de resistência cultural, fugindo da invisibilidade enquanto sujeitos sociais, mesmo sem saber, é aguardar quase que um ano para sair com o Boi Pintadinho<sup>103</sup> no período do carnaval, algumas semanas antes e depois.

<sup>102</sup> As aspas aqui colocadas em cultos e incultos foi por parte da autora da obra.

<sup>103</sup> Falamos um pouco sobre a história do Boi Pintadinho no capítulo 2, “Macaé: a Princesinha do Petróleo”.

Trabalhar na confecção do boi utilizando a criatividade e, depois, percorrer as ruas da cidade com os instrumentos, independentemente de haver ou não aula no dia seguinte.

Neste momento, traremos uma escrivivência a partir da *web-série* de que tivemos conhecimento há uns seis meses, no mês de setembro de 2021: *Realidade do Terra*. Uma *web-série* que conta a realidade nua e crua dos moradores/alunas e alunos dessa pesquisa. Por meio da dura realidade, criaram um canal no YouTube que hoje (08/02/2022) conta com 5,42 mil inscritos e com 76.946 visualizações (postado em 22 de julho de 2022) do primeiro episódio e um total de 206.705 visualizações de todos os episódios.

Nesse meio tempo, tiveram o canal raqueado e, assim, criaram o *Realidade do Terra 2*. Pararam de gravar por causa de diversos percalços, mas não desistiram.



**Figura 22:** Realidade do Terra

Procuramos os atores para contar um pouco sobre o canal. Com a correria, conseguimos alguns para falar conosco, mas apenas dois nos deram a entrevista. Para eles, utilizaremos os seus nomes usados na *web-série* pelo fato da natural identificação que haverá.

A atriz e ex-aluna Sorriso nos concedeu a entrevista por meio do Instagram, e o ator e ex-aluno RD nos concedeu a entrevista pelo aplicativo WhatsApp. Para eles, fizemos um roteiro de entrevista para não nos perdermos na conversa, tendo o *Realidade do Terra* como foco.

Nosso intuito é conhecer melhor o canal, bem como os seus reflexos na vida dos participantes desse projeto, como foi pensado, como foi criado. Como moradores de uma comunidade carente conseguiram esse sucesso repentino e quais os entraves encontrados no

caminho. Salientamos que fizemos as transcrições das falas exatamente como chegam a nós, de forma a conhecermos esse mundo mais profundamente por meio da linguagem coloquial utilizada pela entrevistada e pelo entrevistado.

Como pontapé inicial, perguntamos pela criação do canal:

O canal surgiu quando os nossos amigos tinham comentado sobre o canal do amassa RJ, e, aí, a gente, nos inspirando muito neles e discutindo, criamos um canal parecido aqui em Macaé, e conta a verdade dentro da comunidade. (Sorriso – atriz/ex-aluna).

Então, tia Joanna, quando exatamente, o dia, eu não me lembro, mas tudo começou que tava eu, o tico, o lasanha, depois chegou a sorriso, tava o WL que participou também com a gente conversando na barbearia sobre a série que tinha do amassa RJ do Rio de Janeiro. Aí, do nada, eu e o tico falou: “Pô, vão fazer um também Tico!”. Porque, na antiga, ele falava que eu era segurança dele por causa da nossa amizade, que vem desde pequenininho. Aí, começou naquele assunto brincando: “Vamos fazer, vamos fazer...”. Aí, eles falaram: “Pô, então, qual vai ser o nome?”. Aí, a gente ia botar vida real do sem Terra. Aí, eu falei: “Não! Vamos botar realidade do Terra”. Aí, eles falaram: “É mesmo realidade do Terra”. Aí, começamos aquilo naquela empolgação. No mesmo dia, o Tico falou que ia arrumar as madeira para ele fazer o fuzil para ele. Aí, no outro dia, quando eu cheguei na barbearia, o fuzil de Tico já tava já, aí que começou animação legal mesmo. A Sorriso apareceu, que o telefone foi fluindo... (RD – ator/ex-aluno).

Para compreendermos as reais necessidades do grupo que pensou o canal, perguntamos quais as dificuldades encontradas para o começo do canal?

A dificuldade foi quando ninguém ajudou nós, e fomos julgados pela sociedade e chamados de loucos. (Sorriso).

Então, a dificuldade que a gente tinha, porque a gente não tinha roteiro, a gente não tinha as pessoas certas pra gravar. Aí, a gente lá, a gente pensava na hora, tipo assim: Ah, vamos fazer uma cena, o RD saindo de dentro do rio igual aconteceu, a fala vai ser tal tal, não tinha isso! As fala vinha na hora. Eles falavam para mim, eu respondi o que vinha na minha mente, mas sempre com a criatividade na nossa mente mesmo. (RD).

Incrível ouvir falar em criatividade. Em razão de nossos preconceitos, sim, acredito que, apesar de tudo, ainda carregamos preconceitos, por não esperarmos que nasça a criatividade no meio de tantas adversidades.

As questões 3 e 4 que se complementam. Vêm na função de nos auxiliar a compreender os números de visualizações, ou seja, a audiência: Tinha audiência? A audiência foi crescendo?

Tínhamos sim! Foi, sim, do primeiro vídeo ao segundo. (Sorriso).

No comecinho, tia Jô, a audiência começou a vim, o primeiro vídeo que a gente botou estouro do nada, as visualizações, a gente ficou mais animado ainda. Aí, aonde a gente passava, tinha gente falando com a gente, já reconhecendo a gente. Aí, tinha criança, já queria nossos vídeos também... Teve pessoas que chamaram a gente para ir lá ver eles, para tirar foto, que foi na virgem santa. Aí, a gente como, só foi crescendo, mas, do nada, não sei o que aconteceu... (RD).

No final do episódio 8, “Será que Sorriso vai pular mesmo”, o Tico se identifica e fala um pouco sobre sua vida e o que estava acontecendo com os atores do canal. Pararam de gravar, pois estavam sendo confundidos com os meninos do tráfico.

## ALGUMAS PALAVRAS DO LUIZ MATHEUS MAIS CONHECIDO COM TICO

Fala rapaziadinha, sou eu mesmo, o ator Tico do *Realidade do Terra*. Então, tô aqui para falar um pouco de mim. Tá ligado? Meu nome é Luís Mateus, como muito sabe... né? E, tipo assim, mano, o que a gente faz não é induzindo ninguém, é um bagulho que a gente mostra a nossa realidade da favela. É... muitas coisas que acontece com a gente também, vai ter muitas coisas que vai acontecer também. É... como muitos sabem, eu sou barbeiro... né? Não sou bandido, e essas coisas que vocês vê, eu armado, essas coisas: “Ah, é bandido que paga ...Não!”. Eu trabalho para mim mesmo, por isso que eu sou doido assim, gravo todo dia se deixar, se a rapaziada me chamar eu gravo, mas é isso aí, eu sou barbeiro, não sou bandido rapaziada, por favor entenda! Não sou bandido, sou apenas um ator do YouTube, meu nome é Luiz Mateus, conhecido como Tico na série, éeeee... Pra vocês não entender errado, tipo assim, perdemos alguns amigos sim, que confundiram. Teve um momento que a gente parou, mas estamos tentando recrutar esses amigos que a gente perdeu, se Deus quiser, a gente vai conseguir e vai tá aqui conosco novamente, éééé... E assim vai... Vai continuar na vida, vou tentando, fazendo o que posso pra manter o *Realidade do Terra*. Tô muito feliz pela volta da gente, muito feliz pelos amigos que abraçou pra gente recomeçar do zero também, pelo motivo que aconteceu com a gente, sobre o canal que foi perdido, nosso canal... né? Que muitos aí, é... né? ficaram triste também, pela perda do nosso canal. Mas Deus tá aí pra ajudar a gente. Sem a gente postar vídeo no canal, o canal já tá crescendo sozinho. Fico muito satisfeito pela ajuda de todos vocês. Eu que que você se inscreve lá no canal, mete o dedo e compartilha pra geral, mano, que vocês vão estar ajudando a

gente muito, muito mesmo, tô muito feliz, aí, pela rapaziadinha, por geral, e é isso... (Fala do Luís Mateus, no 8 episódio (2,3 mil das visualizações — no dia 15/05/2022)).

Sabendo do ocorrido, pensamos nas questões 5 e 6 para o roteiro. Como se foi dando essa identificação com o tráfico?

Quando nós começamos a ver eles e fazer insinuação parecidas com a deles. (Sorriso).

Então, a gente ficou meio abatido. Ficamos com medo porque tinha um policial que eu não vou nem citar o nome porque eu não sei... né? Telefone, ele tinha nossas fotos de todo mundo que participa do *Realidade*. Ele é perigoso, porque ele não respeita nem mulher nem criança, nem ninguém... então, a gente ficamos com medo. Dia de plantão dele dentro da comunidade, sabe como é que é... né? Ele entra, assim, do nada, com a Ranger, já entra atirando de longe, vendo nossas armas, pensa que a gente realmente era o traficante da comunidade, sendo que a gente só tava gravando pro YouTube. A gente ficou umas... um tempo sem gravar. Aí, a gente foi lá e pediu para fazer um *banner*, uma placa grandona escrito que a gente fazia a gravação, e quando a gente... aí, a gente foi perdendo o medo, que, quando a gente ia gravar, ficava duas pessoa segurando aquela placa lá no retão, tipo que, como eles fosse entrar no sem-terra, eles ia ver a placa de longe. (RD).

6. Como vocês percebem que vocês estavam sendo identificados com o tráfico? Como as pessoas falavam? Vocês ouvem falar? Era o comportamento das pessoas? Tipo: Tudo bem e se afastando de vocês... como vocês tiveram certeza dessa identificação? Será que essa identificação foi gratuita?

Fomos ter essa identificação quando 2 da nossa tropa se envolveu. (Sorriso).

Eu: Então, o envolvimento deles atrapalhou o canal?

Sorriso: Não! Só fizeram que nós ficasse com uma imagem que nós tava influenciados as pessoas entra pra essa vida.

Eu: Tudo q vocês filmavam era o que vocês viam no dia a dia.

Sorriso: Sim e até alguns entraram nessa vida no passado e mostro um pouquinho do que viveu...

Mas sim, pô, muitos julgaram a gente por causa disso, por isso que estavam falando que a gente tava com associação ao tráfico, porque todo mundo que gravava o realidade do Terra, todos mora em favela, todos, todos, sem exceção de nenhum. Todos moram em favela. Aí, julgavam a gente por causa disso, e também, eu falo muito por mim, muitos falava: “Pô, você fala igualzinho bandido mesmo, você interpreta muito bem!”. Aí, eles achavam que isso a gente tava com, incentivando as crianças, que as crianças gostavam mesmo, gosta muito do realidade. (RD).

7. O que vocês acham que pode estar por trás dessa associação?

Elas botaram como se a gente tivesse fazendo associação ao tráfico, porque eu entendo, no começo, a gente, como não tinha ninguém para instruir, a gente foi, vamo botar assim, no embalo, já feliz, para fazer o primeiro vídeo, que a gente até excluiu depois que começaram falar isso. A gente gravamos as crianças jogando bola, depois, eles querendo entrar para o tráfico, querendo ter uma vida melhor... não tem? Se envolvendo assim... Isso sim, eles tiraram como associação ao tráfico, mas, não, a gente começou a fazer um vídeo para botar no começo, falando que a gente não tava associando o tráfico, e a gente também não tava contra o governo, só tá mostrando a realidade que acontece dentro de todas comunidades, dentro de todas as favelas, que, se ele não abrir porta de emprego para gente, automaticamente, a gente pode fazer isso. Pode entrar para o tráfico, automaticamente, para dar uma vida melhor para nossa mãe. A gente pode querer portar um fuzil, mas muito graças a Deus, que nem eu, agora tô correndo atrás de serviço, mas jamais a gente fez associação ao tráfico não! A gente nunca levantou bandeira de facção nenhuma. (RD).

Nos vídeos, eles postavam que as armas e as drogas da *web-série* não eram verdadeiras e, mesmo assim, tiveram suas imagens vinculadas ao tráfico.



Desse modo, perguntamos, na questão 8: “O que vocês fizeram para se desassociarem a essa imagem que criaram para vocês?”:

A gente parar um pouco para pensar, tiramos o vídeo que prejudicou a gente, montamos Instagram para falar para o pessoal, explicar um pouco e também começamos fazer ação social, a mostrar para ele que a gente não tá fazendo nada para incentivar ninguém, mas sim fazer diferença, ser diferente como todo jovem quer ser diferente, sem precisar pegar em qualquer arma, vender droga para ser feliz ou então ser infeliz, na verdade, que essa vida não é vida para ninguém. A gente começou a fazer ação social e a mostrar o nosso dia a dia no Instagram. Mostrava o Tico trabalhando. Falava: “Oh, realmente, a gente é assim. Trabalhador e correria nossa mesmo, ninguém aqui é do tráfico”. Portanto a gente comentava: “Quem entrar para o tráfico vai sair do *Realidade do Terra!* Vai ser excluído do time, da família *Realidade do Terra*, e foi isso que aconteceu. Por isso que, hoje em dia, a gente também

não grava que muitos entraram por tráfico. Deixou o poder subir para cabeça. (RD).

Pensamos que, talvez, todas essas associações poderiam mexer com o cronograma de gravações e fizemos a pergunta 9: “Vocês pararam o canal? Se sim, por quanto tempo? Voltaram ou estão pensando em voltar?”:

Demos um tempo, já tem um tempo, depois que postamos o ep., nós parô (Sorriso).

Pô, a gente deu um tempo de gravar porque o Tico começou a trabalhar de carteira assinada. Fica difícil para gravar agora. A gente tava com falta de telefone para gravar, mais, graças a Deus, também conseguimos. Então, isso não é desculpa, mas a gente também quer montar os cenários novos. Estamos pensando em atualizar, nós estamos pensando em voltar, mas para a gente voltar agora, a gente quer ir direto. Tem que ver o dia certo que Tico vai estar de folga, os outros pessoal também vai estar disponível, que a gente quer voltar com o elenco todinho. Portanto, esses dias, uma criança me parou para perguntar se a gente parou mesmo de vez ou vai voltar. Vai volta!

Conversamos mais sobre o assunto, e falei que também acho que eles têm que voltar a gravar mesmo, que estava torcendo muito por eles e que eu gostava muito da *web-série*.

É o que eu também desejo! Eu tô doido para voltar também! Que a gente agora tá correndo atrás também, eu falo por mim, tô correndo atrás de algumas coisas também, a gente poder voltar e voltar com firmeza. Voltar dando melhor entretenimento, melhor cenário, melhor coisa para todos que você que vê. E brigadão. Nosso dever é esse mesmo. Dar o melhor pras pessoas ver que não é associação ao tráfico e gostar porque a gente quer passar isso, para todo mundo de todas as idades, se um negócio livre para todas as idades do bebê ao idoso e, poxa, obrigado mesmo, e assistir tudo que você vai gostar mais ainda. (RD).

Já encontrei Sorriso com uniforme da escola estadual, inclusive à frente do CMB. Ela e mais uns ex-alunos foram almoçar no nosso colégio. Falaram sobre como é bom almoçar lá, que a comida é gostosa e o prato vem cheio. No colégio deles, do Estado, eles colocam pouca comida e não podem repetir. O RD já encontrei algumas vezes indo ao CMB entregar quentinhas. Então nossa 10.<sup>a</sup> e última pergunta foi: Abandonaram a escola?

Alguns, sim, outros trabalham, e alguns tão terminados. (Sorriso).

Então, tia Joanna, essa pergunta eu vou poder responder só por mim. Eu tô correndo atrás para voltar a estudar. Minha matrícula eu fiz no CIEP. A matrícula não, já reservei minha vaga, só falta ir lá fazer minha matrícula. Tô no primeiro ano. E os outros eu não sei, mas muitos estudam, e muitos também já pararam de estudar, uns terminar os estudo, como Sané já

terminou o estudo, que eu sei, que eu tenho intimidade com ele também, meu paizão. E os outros, eu não sei não, só perguntando eles mesmo.

Após essa fala do RD, veio a curiosidade sobre sua idade, e perguntei:

Eu tenho 19 anos de idade, nasci no ano de 2002, dia 12 do 06 de 2002. Eu faço 20 mês que vem, e os outros, também, alguns são de maiores e outros também. Tão chegando na faixa etária já de ficar de maior. O mínimo que tem lá é um de, acho que é de 15 anos ou 14 assim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que chamam lixo, pensamos em materiais recicláveis, com os quais, muito bem trabalhados, criam-se instrumentos e objetos de decoração. De trapos, fazem-se colchas de retalhos. Sim, ressignificar trapos e fazer deles uma linda colcha de *patchwork*<sup>104</sup> muito valorizada devido ao trabalho empregado. Foi o que fizemos aqui.

Criamos, a partir das ausências. De fato, nossa tese foi desenvolvida a partir das ausências não apenas de nossas entrevistadas e nossos entrevistados, mas também das que foram surgindo no decorrer da pesquisa. Da perda de quem daria as entrevistas, devido ao término do ensino fundamental destes; das ausências às aulas, pelo fator violência nas redondezas da escola; da gravidez e, posteriormente, de um filho lindo, mas que não dorme, desta pesquisadora. Foram essas ausências que nos fizeram chegar até aqui. As “ausências presentes” nesta tese são o que, em nosso ponto de vista, faz dela uma tese.

Os “nãos” no meio do caminhada e a escalada das pedras e barreiras transpassadas não apenas nesses anos de doutoramento, mas também nos anos vividos, fazem desse trabalho o mais importante da minha vida. Traz minhas angústias vividas, rememoradas e amplificadas com as angústias da juventude pesquisada.

As dificuldades nas leituras do campo das Ciências Sociais para esta professora de Educação Física, com a escrita nada rebuscada, que, durante sua vida, pouco visitou as literaturas canônicas abraçadas por esta academia, que desvaloriza nossos conhecimentos subalternizados, por meio do tão falado, em nosso trabalho, epistemicídio. Tais impasses fortaleceram a vontade de querer fazer algo, de mudar o cotidiano ou, ao menos, compreender para, assim, poder fortalecer as lutas diárias dessa juventude esquecida e invisibilizada.

Os dados que a realidade nos colocou levaram-nos à situação em que nos encontramos, porque, na realidade, gostaríamos de ter feito de outra forma. Muito foi pensado, mas acreditamos que o que foi apresentado, inclusive as dificuldades próprias dos diversos caminhos da pesquisa relatados na própria tese, demonstram, ou melhor, apontam uma direção, do grau de violência e das contradições do dia a dia daquela realidade.

Dessa forma, o que trazemos nesta tese é a certeza de que nossos jovens sociologicamente formados na comunidade, para uns, ou na favela, para outros, são os

---

<sup>104</sup> Técnica que une retalhos de tecidos para formar uma peça maior, ou seja, pode reaproveitar tecidos que sobraram de costuras antigas, evitando desperdício. Disponível em: [https://www.elo7.com.br/colcha-de-retalhos-da-vovo-tamanho-queen/dp/CD7F21?elo7\\_source=google\\_pmax&elo7\\_medium=cpc&elo7\\_campaign=google-performance-pmax-casa\\_e\\_decor&elo7\\_content=google-performance-pmax-casa\\_e\\_decor&elo7\\_term=&gclid=Cj0KCQjw1ZeUBhDyARIsAOzAqQLKgkLj2xXAumV37qV4LiUidRBbHZil1dpPljeiuso-hD5IatozvvsAAreFEALw\\_wcB](https://www.elo7.com.br/colcha-de-retalhos-da-vovo-tamanho-queen/dp/CD7F21?elo7_source=google_pmax&elo7_medium=cpc&elo7_campaign=google-performance-pmax-casa_e_decor&elo7_content=google-performance-pmax-casa_e_decor&elo7_term=&gclid=Cj0KCQjw1ZeUBhDyARIsAOzAqQLKgkLj2xXAumV37qV4LiUidRBbHZil1dpPljeiuso-hD5IatozvvsAAreFEALw_wcB).

mesmos jovens que dizem em rede nacional que são o futuro deste país. Apurar nossos olhares criticamente, abandonando o senso comum, para perceber o valor intrínseco existente nessa juventude, tornar o invisível em visível, percebê-los como sujeitos de direitos, cidadãos.

No primeiro capítulo, trouxemos a fundamentação teórica do trabalho com as cinco categorias centrais: desigualdade; decolonialidade; racismo; violência; e juventudes, para que pudéssemos desatar os nós encontrados nas tramas por meio das escrituras narradas pelas sujeitas e pelos sujeitos em processo de formação, atores de suas próprias histórias anteriormente descartadas, mas aqui permeadas de vivacidade.

Não foram eles que mudaram, mas, sim, o foco de nossa visão, que estava limitada ou até vendada pelos preconceitos socialmente carregados por nós e desmistificados pela pedagogia decolonial que nos entrelaçou academicamente, transformando nossa práxis.

Compelidos a um Estado de Exceção, por terem suas vidas decretadas ameaçadas, extermináveis, descartáveis, necessitam reinventar-se para continuarem existindo e resistindo a duras penas. Por não fazerem parte da realeza, por não darem retorno, como disse M/F1, aos governantes, escondem suas potencialidades, ratificando a exclusão a eles imposta e invisibilizando seus sonhos.

No segundo capítulo, trouxemos os encantos e desencantos de Macaé, atravessando os seus 1.216 quilômetros quadrados, por meio de sua história de formação, suas lendas, suas personalidades, reconhecendo sua beleza, seus esportes radicais e inteirando-nos da existência da Sociedade Musical Nova Aurora e da sua inspiração para a fundação da Lyra dos Conspiradores, que foi tão importante na missão de alforriar e acolher a população negra. Sua saída de uma cidade com aspecto rural para uma potência do petróleo, transformando-se na capital nacional do petróleo e, por isso, sendo o foco de muita mão de obra não especializada, acontecendo uma grande ocupação irregular e criando, assim, a comunidade aqui pesquisada.

No terceiro capítulo, que, em nossa perspectiva, é o mais encantador, trouxemos a visão do corpo docente não só sobre a educação, mas também sobre a violência encontrada no interior das escolas. Trouxemos algumas conversas da professora/pesquisadora com suas alunas e alunos, por meio das escrituras diárias. Trouxemos um trabalho recheado das impressões da juventude negra que sofre os racismos diários, mesmo dentro do ambiente escolar. Trouxemos no meio desse emaranhado de retalhos, subsídios para construir nossa linda colcha de *patchwork*, arrematada com as falas potentes e enriquecedoras, que, no entanto, eram proferidas de formas veladas, e, agora, pretendem alçar voos maiores, descortinando caminhos antes desconhecidos. Foram trocas engrandecedoras pautadas no respeito e na vontade de pulverizar essas vozes.

Entre essas vozes, trouxemos alguns de nossos orgulhos, os que conseguimos contactar no meio desses contratempos já relatados e ver nossas alunas e nossos alunos sonhando e conquistando.

A aluna VT, que sonhava em ser médica, hoje, encontra-se no ensino médio, em uma outra realidade, no Cap, atravessando dificuldades para entender as matérias, com um ensino muito forte, em seu ponto de vista, pois é o objetivo dessa instituição de ensino, com alunos com o mesmo objetivo. Está mais próxima de realizar o sonho, que, se não for mais o de ser médica, ao menos agora, possibilitada de ter mais sonhos. Seus sonhos não estão mais limitados apenas ao mundo que conhecia, pois só conhecia sua comunidade, como a maioria de nossas alunas e nossos alunos. Fala maduramente sobre a violência, sobre o fato de ser um reflexo do que se tem em casa, interferindo na educação, e que as marcas da violência escolar são muitas e profundas, deixando a vítima com a autoestima baixa, passível de problemas psicológicos, e podendo até levar ao suicídio. Ela não teve acesso ao nosso trabalho e não tem os dados das alunas e dos alunos que se automutilavam, mas sabia do que estava acontecendo na escola na época em que lá estudava. Pensa que a escola pode e deve administrar a questão da violência e que, sim, o professor pode amenizar essa questão com cautela.

Trouxemos, ainda, as falas das ex-alunas MR e AY, que estão alçando voos para fora da comunidade, em uma Universidade Federal. A ex-aluna MR, hoje, cursando Engenharia, acredita que, na questão do CMB, os fatores que levam à violência se resumem à realidade de criminalidade vista ao redor da sociedade e que se faz necessário o fim do tráfico para que esse problema seja solucionado, pois, em suas palavras, “a criminalidade e a violência física se tornam espelhos e reflexos para os estudantes”, fazendo com que estes tenham a criminalidade como base para a vida. Ela acredita também que haja uma educação deficiente, em razão das “inúmeras aulas canceladas devido às trocas de tiros, invasão criminal, toque de recolher e etc”.

A ex-aluna AY, cursando Biologia, considera que a escola deveria tentar intervir nessa relação entre as/os estudantes da melhor maneira possível, pois passam a maior parte da vida no espaço escolar, de forma que “não pensem que são um ‘problema’ como na maioria das vezes alunos mais agressivos são tratados”, mas que sejam acolhidos.

No meio de nossa conversa, tentei fazer uma provocação, perguntando se queria ser professora, e ela me surpreendeu, dizendo que seria um dos caminhos. Entrou pelo bacharelado, mas está se envolvendo bastante com as coisas que são da educação, e riu nesse momento, além de ter cursado disciplinas da Educação. Fiquei feliz em saber que ela pensa em contribuir para a educação, de modo que acredita que os professores têm um papel

importante, são vistos com admiração, na maioria das vezes, pelos alunos e, por isso, servem como mediadores e “conseguem estabelecer uma ‘conexão’ mais próxima com os alunos”.

Fala como a da KF, que, mesmo sofrendo a violência doméstica, não nos aprofundamos nessa dolorosa questão, e a violência da comunidade, por meio da bala perdida, hoje sofre o preconceito dentro da Universidade, cursando Matemática, de morar nessa comunidade, que é conhecida na cidade como sendo violenta, mas não desiste dos seus sonhos. Acorda cedo, cuida da filha de cinco anos, trabalha à tarde no shopping e ainda arranja forças para ir à universidade e, agora, para fazer o estágio obrigatório. A ex-aluna narrou-nos o passo a passo da angústia do dia que foi baleada, mas trouxemos apenas fragmentos da fala. Ela estava vivendo um momento mágico, pois acabara de descobrir que estava grávida. Foi um baque ser baleada pelos “meninos”, já que, como ela mesma diz, eles respeitam muito os moradores, principalmente os antigos. Fala sobre a existência, atualmente, das “rinchas das facções”, o que também nos impediu de dar prosseguimento às outras entrevistas, pois muitas moradoras e moradores estão com medo de falar. Têm medo de que cheguem “aos meninos” suas falas e de se comprometerem.

Ela vê com urgência a criação de projetos, que eles fariam as/os estudantes interagirem entre si, amenizando essa rivalidade. Para ela, existem tipos de professores. Houve um professor que passou por sua vida que a ensinou o tipo de professora que ela não quer ser, mas acredita que, de uma forma em geral, “o professor tem o dom de criar sonhos e mostrar que é possível realizá-los. O papel dele é mostrar outros horizontes e incentivar!”. A ex-aluna falou, também, da importância de uma segunda mãe, a patroa de sua mãe, em sua formação. Ela era professora, e isso fez KF ter um carinho especial pela profissão, escolhendo, assim, o caminho da licenciatura. Fala dos preconceitos encontrados no caminho por ser moradora de favela, que as pessoas diziam que deveria desistir da faculdade, pois pessoas como ela não chegam a lugar algum.

O ex-aluno AT, hoje um pai, ainda nutre muito carinho pela nossa escola. Uma gratidão presente em sua fala. Discursa sobre a violência endereçada aos professores que estão na linha de frente e, sempre que pode, retorna na importância dos projetos na vida de uma criança, como os projetos que existiram na escola foram importantes na sua formação, de modo que, sem eles, seu destino seria parecido com o do tio, que era envolvido com o tráfico, como foi o destino de muitos de seus amigos e amigas. O papel importante que alguns professores tiveram em sua vida, os bons exemplos, como a escola foi importante, inclusive, para a manutenção da vida de muitas crianças que não tinham nem o que comer em casa, e a escola dava esse suporte.

Carinhosamente fala da importância da minha pesquisa e que não devo desistir, que devo acreditar que sou importante para essa juventude. Só a visão de AT, nesta pesquisa, ratifica sua necessidade, mesmo sem termos seguido os caminhos que havíamos projetado no início, em 2017. Necessária foi a reformulação, mas as falas que a nós chegaram foram os presentes aguardados no decorrer desses cinco anos.

Pudemos, com essas modificações, trazer as dores de nossas moradoras e nossas funcionárias: a preocupação com as filhas, no caso de M/F1, e com os filhos, no caso de M/F2, convivendo diariamente com o tráfico. M/F2 relata a triste dor de ter um filho envolvido com o tráfico e a necessidade de permanecer distante para manter sua sanidade mental. Lutam, no cotidiano, para dar bons exemplos e interferir positivamente na vida das/dos estudantes, que sobrevivem na situação que nos foi apresentada no decorrer da tese.

Para finalizar, apresentamos a existência da *web-série Realidade do Terra*. Quando os conhecemos, falamos sobre nosso trabalho, e eles aceitaram contribuir para a pesquisa trazendo a experiência de pensar os seus dramas apresentados no YouTube por meio da série. Entretanto, conseguimos falas da atriz e ex-aluna Sorriso, mesmo que tenha sido uma breve interlocução, e do ator e ex-aluno RD. Remontam, para nossas telas, a vida. O que, para algumas pessoas, seriam marginais, para nós, representam os “sobreviventes das fronteiras”. Trazem as desumanizações e as necessidades vividas diariamente. Conseguimos acompanhar, no decorrer da *web-série*, as condições de vida dessa população esquecida pelo poder público. Sem saneamento básico e sem rua asfaltada, as ocorrências da juventude tentando sobreviver com a falta de emprego e tendo que se entregar aos serviços do tráfico.

Também houve contratempos, foram raqueados, não têm financiamento, precisam de trabalho, dinheiro, pagar as contas, mas está difícil encontrar, segundo o RD.

Contaram-nos como o canal surgiu, como pensaram nas armas e como são feitas as mercadorias para os episódios, sobre as dificuldades encontradas, a audiência que aumentou, o fato de serem reconhecidos na rua por causa do *Realidade do Terra*. Falaram, ainda, sobre a difícil realidade de serem confundidos com “os meninos do tráfico”. RD diz que, da parte dele, é muito por causa da forma como ele fala. Pararam por um tempo, mas pretendem voltar. Tiveram companheiros que se renderam ao tráfico, e isso foi muito ruim para a imagem deles. Ficamos, assim, na torcida para que essa juventude consiga retomar esse projeto em breve.

Por meio das escrivências narradas na pesquisa, percebemos a importância de continuarmos este trabalho, mesmo após os encaminhamentos para o final da tese. As falas potentes que a ela deram vida e enriqueceram justificam a nossa vinda e chegada até aqui.

Afirmamos que este trabalho e o contato com essa juventude teve um importante sentido não só para nossa formação, mas também pela contribuição que terá para os próximos pesquisadores que queiram pensar e pesquisar a violência e a juventude em Macaé.

Que este trabalho seja apenas uma contribuição inicial para essa comunidade. Fica então, como demanda futura, a ideia de continuidade. E assim finalizamos, com a certeza de um dever quase cumprido e uma expectativa de fazer com que essas vozes alcancem seus destinos sonhados.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. In: PINHEIRO, Diógenes *et al.* (org.). **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. p. 19-59.

ABRANTES, M. A cultura em Macaé. **Clique Diário**, 01 ago. 2016a. Disponível em: <https://cliquediario.com.br/caderno-d/a-cultura-em-macaee>. Acesso em: 10 abr. 2019.

ABRANTES, M. O símbolo de resistência musical de Macaé. **Clique Diário**, 24 jul. 2016b. Disponível em: <https://cliquediario.com.br/caderno-d/o-simbolo-da-resistencia-musical-de-macaee>. Acesso em: 28 fev. 2019.

ABRANTES, M. Fantasia e realidade também contam a história da Princesinha do Atlântico. **Clique Diário**, 20 ago. 2016c. Disponível em: <https://cliquediario.com.br/caderno-d/fantasia-e-realidade-tambem-contam-a-historia-da-princesinha-do-atlantico>. Acesso em: 10 set. 2019.

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. Tradução: Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004 [1942].

ALESSI, Gil. Alguns promotores apoiam o extermínio de “indesejáveis”. Entrevistada: Daniela Skromov. **El País**, Brasil, 09 fev. . Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/03/politica/1454499372\\_782305.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/03/politica/1454499372_782305.html). Acesso em: 08 dez. 2017.

ALVES, G. L. “Conexão Estadão”: Rio de Janeiro sitiado. **Estadão Podcasts**, 29 set. 2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/conexao-estadao-rio-de-janeiro-sitiado/>. Acesso em: 08 dez. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ARENDT, H. **Sobre a violência**. Tradução e ensaio crítico: André Duarte. 3. ed. São Paulo: Relume Dumará, 2001.

ARROYO, M. Ações oletivas e conhecimento: outras pedagogias? **Universidade Popular dos Movimentos Sociais**, 2012. Disponível em: <http://www.universidadepopular.org/site/pages/pt/documentos/leituras/leituras-sobre-a-upms.php>.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARROYO, M. **Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARBIERI, B.C; SANTOS, N.E; AVELINO, W.F. A violência escolar: uma percepção social. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 7, 02 mar. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Série Obras Escolhidas).

BORDALO, A. Macaé é berço de personalidades ilustres em 197 anos de existência.

**Prefeitura Municipal de Macaé**, 09 jul. 2010. Disponível em:

<http://www.macaee.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/macaee-berco-de-personalidades-ilustres-em-197-anos-de-existencia>. Acesso em: 10 set. 2019.

BORDALO, A. Solar dos Mellos resgata lendas macaenses. **Prefeitura Municipal de Macaé**, 29 maio 2012. Disponível em:

<http://www.macaee.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/solar-dos-mellos-resgata-lendas-macaenses>. Acesso em: 10 set. 2019.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Organização: M. A. Nogueira e A. Catani. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. **Lei n.º 11.645/2008**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm). Acesso em: 07 mar. 2019.

BRASIL. **Estatuto da Juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Macaé. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/macaee/panorama>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE MACAÉ. <http://www.cmmacaee.rj.gov.br/camara/historia/> Acesso em: 27 fev. 2019.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela**: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARVALHO, A. S. Violência e agressividade. In: MODENA, M.R. (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educ, 2016. p. 135-140.

CERQUEIRA, D; FERREIRA, H; BUENO, S. (coord.). **Atlas da Violência, 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CHAUÍ, M. **Sobre a violência**. Organização: Ericka Marie Itokazu e Luciana Chaui-Berlinck. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. v. 5. (Escritos de Marilena Chauí).

CHEMIN, P. (ed.). Conheça as belezas naturais de Macaé (RJ). **Qual Viagem**, 19 fev. 2016. Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/conheca-as-belezas-naturais-de-macaee-rj/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

COMPARATO, F. K. O princípio da igualdade e a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, jul. 1998.

COSTA, J. Macaé, RJ, completa 200 anos de história e hospitalidade: Fundada em 1813, a cidade continua recebendo migrantes e imigrantes. Da colônia de pescadores a potência na exploração petrolífera mundial. **G1 Região dos Lagos**, 29 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/regiao-dos-lagos/noticia/2013/07/macaee-rj-completa-200-anos-de-historia-e-hospitalidade.html>. Acesso em: 11 abr. 2019.

COSTA, R. C. R. **Exclusão social e desenvolvimento humano**: um mapeamento das desigualdades e do desenvolvimento sócio-econômico do Município de Macaé. Análise Sociológica da Pesquisa Domiciliar do Programa Macaé Cidadão 2001-2003. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé/Programa Macaé Cidadão, 2007.

EVARISTO, C. **Becos de memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, S. Boi Pintadinho: tradição centenária em Macaé. **Prefeitura Municipal de Macaé**, 19 jan. 2010. Disponível em: <http://www.macaee.rj.gov.br/noticias/leitura/noticia/boi-pintadinho-tradicao-centenaria-em-macaee>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FERREIRA, H.M.C.; OSWALD, M.L.M.B.; CHAVES, S.N.S. Juventude, pesquisa contemporaneidade: pensando com os jovens o rejuvenescimento do mundo. *In*: PEREIRA, R.M.R.; SANTOS, N.O.; LOPES, A.E.R.C. (org.). **Infância, juventude e educação**: práticas e pesquisas em diálogos. São Paulo: Nau Editora, 2015. p. 211-230.

FOUCAULT, M. O sujeito do poder. *In*: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREIRE, L. de L. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, n. 2, p.95-114, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação: Ana Maria Araújo Freire. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARDO, R.; OLIVEIRA, R.; AMAZONAS, R. Beija-Flor: do luxo ao lixo, brilha a comunidade da Baixada na avenida: a “Deusa da Passarela” se diz preparada para desfilar entre as campeãs de novo. **O Globo**, 29 jan. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2015/beija-flor-do-luxo-ao-lixo-brilhacomunidade-da-baixada-na-avenida-15172161#ixzz655ZEcVeYstest>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **Racismo Institucional**: uma abordagem conceitual. Coordenação: Geledés – Instituto da Mulher Negra e Cfemea – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Consultoria e Redação: Jurema Werneck. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf>.

GUEDES, A.A. (coord.). **Atlas socioterritorial de Macaé**: contribuição ao perfil territorial e demográfico. 1. ed. Macaé: Editora Funemac, 2015.

GUERRA, N.G.; DIERKHISING, C. Os efeitos da violência comunitária no desenvolvimento da criança. *In*: TREMBLAY, R.E. (ed.). **Tema Encyclopédie sur le développement des jeunes enfants**. [online]. <https://www.encyclopedia-crianca.com/violencia-social/segundo-especialistas/os-efeitos-da-violencia-comunitaria-no-desenvolvimento-da>. Acesso em: 10 nov. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Rio de Janeiro, 18 set. 2007.

LEAL, A. **Fala Maria Favela**: uma experiência criativa em alfabetização. 5. ed. Rio de Janeiro: KIZUMBA – Uzina de Cultura e Editora de Livros Ltda., 1988.

LE MOS, R.G. **Por uma pedagogia decolonial**: escritores indígenas e literatura indígena contemporânea na educação. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares-PPGEduc, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 168. 2017.

MACAÉ. Secretaria de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos e Acessibilidade. Prefeitura Municipal de Macaé. **Plano Municipal de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br/midia/conteudo/arquivos/1487693577.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MANSO, B.P.; DIAS, C.N. **A guerra**: A ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.

MARTINS FILHO, M.T.; NARVAI, P.C. O sujeito Implicado e a produção de conhecimento científico. **Revista Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 646-654, out./dez. 2013.

MELLO, S.A. A questão do meio na Pedagogia e suas implicações pedagógicas. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 727-739, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/XFdGdGZt9x5zzjf6TfryGcM/?format=pdf&lang=pt>.

MONTEIRO, A.J.J. Sobreviventes das fronteiras: cultura, violência e valores na Educação. Reunião Anual da Anped, 28. 2005. <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt061077int.pdf>.

MORESCHI, M.T. Violência contra crianças e adolescentes: análise de cenários e propostas de políticas públicas. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Documento eletrônico, 2018.

MOVIMENTO CULTURAL BOIS PINTADINHOS DE MACAÉ [Blog]. Disponível em: <http://boispintadinhosdemacaeblogspot.com/p/historia.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

NOGUEIRA, M.A; CATANI, A. (org.). **Pierre Bourdieu**: escritos de Educação. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVA, C.L. (ed.). 8 razões para visitar Macaé e se surpreender. **Qual Viagem**, 15 ago. 2017. Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/8-razoes-para-visitar-macae-e-se-surpreender/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

OLIVEIRA, D.A. O negro drama e revoltas nas mentalidades... **Geledés – Instituto da Mulher Negra**, 15 ago. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-negro-drama-e-revoltas-nas-mentalidades/> ou <https://afro21.com/2016/08/14/o-negro-drama-erevoltas-nas-mentalidades/>. Acesso em: 08 dez. 2017.

OLIVEIRA, L.F. de. **Exclusão étnico-racial**: um mapeamento das desigualdades étnico-raciais no município de Macaé. Análise sociológica da pesquisa domiciliar do programa Macaé Cidadão. Macaé: Prefeitura Municipal de Macaé/Programa Macaé Cidadão, 2005.

OLIVEIRA, L.F. de. Cultura Afro-Brasileira e indígena na Educação do Sesc: Possibilidades e desafio para o Educador. Aula com o Professor Luiz Fernandes de Oliveira (UFRRJ) e a professora Mailsa Passos (UERJ). Duração: 02:14:02. Edição: KFU; Direção: Marcos Maria; Versão: Master; Gravado em: 01 ago. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?list=PLe7HnIveeLK\\_WDtfO8MHDmEXCN5prmrcw&time\\_continue=456&v=9WhOzXWLMC8&fbclid=IwAR2m91\\_\\_DAxKfhjwN\\_Cuz7LzD6WX9wGQ-3yqFQgMYQUm6LVTXFGOWdst9kk](https://www.youtube.com/watch?list=PLe7HnIveeLK_WDtfO8MHDmEXCN5prmrcw&time_continue=456&v=9WhOzXWLMC8&fbclid=IwAR2m91__DAxKfhjwN_Cuz7LzD6WX9wGQ-3yqFQgMYQUm6LVTXFGOWdst9kk).

OLIVEIRA, L.F. de. **Educação e militância decolonial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Selo Novo, 2018.

OSWALD, M.L.M.B. Cidade, memória e pesquisa: um percurso com Benjamin. In: SOUZA, S. J.; KRAMER, S. (org.). **Política, cidade, educação**: itinerários de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio/Contraponto, 2009.

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2003.

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, M.R. (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educus, 2016. p. 8-20.

PENHA, A.L.N. **Nas águas do canal: política e poder na construção do canal Campos-Macaé (1835-1975)**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

PEREIRA, T.C. de S. **O outro lado do mundo dos mortos**: a Aroeira no processo de expansão da urbe macaense (primeira metade do século XIX). 2016. 53 f. Monografia apresentada ao curso de História – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé – FAFIMA, Macaé, 2016.

PEREZ, T. (org.). **Diálogo escola-família**: parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de criança, adolescentes e jovens. São Paulo: Moderna, 2019.

PORTO FILHO, R. Belezas naturais de Macaé ganham destaque nacional e internacional. **Clique Diário**, 7 jan. 2019. Disponível em: <https://cliquediario.com.br/cultura/belezas-naturais-de-macae-ganham-destaque-nacional-e-internacional>. Acesso em: 11 abr. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ. Crescimento Econômico. <http://www.macaerj.gov.br/conteudo/leitura/titulo/crescimento-economico>. Acesso em: 26 maio 2021.

Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Municipal Botafogo. 2018-2020. P. 69

RAMOS, P.C. Juventude negra e políticas públicas: uma análise sociológica do histórico das políticas públicas com recorte etário e racial. Disponível em: <https://iiiseminarioppgsufcar.files.wordpress.com/2012/04/ramos-paulo.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.

REIF, L. Símbolos do Feminismo: quais são e o que significam. [zmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/#:~:text=Espelho%20de%20Vênus&text=Consiste%20em%20um%20círculo%20com,do%20amor%20e%20da%20feminilidade](http://zmina.com.br/reportagens/simbolos-do-feminismo-quais-sao-e-o-que-significam/#:~:text=Espelho%20de%20Vênus&text=Consiste%20em%20um%20círculo%20com,do%20amor%20e%20da%20feminilidade). Publicado em 03 de outubro de 2019. Acesso em: fevereiro de 2021.

RBA – Redação Rede Brasil Atual. Campanha jovem negro vivo faz três anos de resistência e luta. **Rede Brasil Atual**, 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/11/campanha-jovem-negro-vivo-faz-tres-anos-de-resistencia-e-luta>. Acesso em: 08 dez. 2017.

RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Cultura. **Macaé – A Lyra dos Conspiradores**. Mapa de Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mgu0JXZ2Gvk>.

ROCHA, E. Cor e dor moral. In: Souza, J. **A rale brasileira**. 3. ed. São Paulo: Contracorrente, 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. Sociedade Musical Nova Aurora: patrimônio imaterial – Macaé. **Mapa de Cultura**, s.d. Disponível em: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/sociedade-musical-nova-aurora>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Brasília, set. 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/Prefeitura de Macaé. Disponível em: <http://www.macaerj.gov.br/cultura/conteudo/titulo/escola-municipal-de-artes-maria-jose-guedes-emart>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. de S. Um espaço em busca do seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: SANTOS, Milton *et al.* Territórios, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial. 3. ed. São Paulo: Lamparina Editora, 2007. p. 209-230.

SILVA JÚNIOR, H. da; SILVA, P.G. de S.; SOUZA, W. dos S. O Boi Pintadinho: possibilidades para a educação musical escolar no Norte Fluminense. **Revista África e**

**Africanidades**, Ano X, n. 25, out./dez. 2017. Disponível em: [www.africaeafricanidade.com.br](http://www.africaeafricanidade.com.br).

SILVÉRIO, V. Ação Afirmativa e combate DO RACISMO INSTITUCIONAL NO BRASIL. Palestra proferida no lançamento do III Concurso Negro e Educação, Departamento de Ciências Sociais – Ufscar, 04 abr. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>.

SINPRO Macaé e Região – Sindicato dos Professores de Macaé e Região. Macaé tem a terceira delegacia do Estado que mais registra casos de ameaças contra professor. **SINPRO Macaé**, 16 jul. 2018. Disponível em: <http://sinpromacae-regiao.blogspot.com/2018/07/levantamento-aponta-macae-como-3-cidade.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

ZALUAR, A. **Da revolta ao crime S.A.** São Paulo: Moderna, 1996.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência**: os jovens do Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: [www.juventude.gov.br/juventudeviva](http://www.juventude.gov.br/juventudeviva).

## ANEXOS

A – Educação em Macaé em números

B – Relatório de matriculados do CMB

C – Formulário do Corpo Docente

D – Entrevista com a defensora pública de São Paulo Daniela Skromov

E – Roteiro de entrevista para os atores da *web-série*

F – Roteiro de entrevista para os ex-alunos

## Anexo A – Educação em Macaé em números



Prefeitura Municipal  
de Macaé  
Secretaria Municipal  
de Educação  
Secretaria Municipal Adjunta de Educação  
Básica Coordenadoria da Supervisão de Ensino

### A Secretaria Municipal Adjunta de Educação Básica

Em resposta ao Ofício Digital ao Ofício Digital nQ 12.083/2021

EDUCAÇÃO INFANTIL	
Maternal I	422
Maternal II	3.134
Pre 1	3.175
Pre II	3.434
Total de alunos	10165

ENS/NO FUNDAMNETAL ( Anos Iniciais e Finais)	
12 Ano	3.444
22 Ano	3.340
32 Ano	3.291
42 Ano	3.110
52 Ano	3.073
6 <sup>2</sup> Ano	3.189
72 Ano	3.096
8 <sup>2</sup> Ano	2.849
92 Ano	2.552
Total de alunos	27.944

EJA - ( 12 ao 92 Ano)	
Etapa I	54
Etapa II	52
Etapa III	92
Etapa IV	75
Etapa V	91
Etapa VI	202
Etapa VII	334
Etapa VIII	407

Etapa IX	556
Total de alunos	1.863

EJA- Ensino Medio ( EJA)	
Fase I	79
Fase II	72
Fase III	18
Total de alunos	169

EJA- Ensino Medio ( REGULAR)	
1• Serie	212
1• Serie	269
1• Serie	207
Total de alunos	688

Total de alunos na Rede Municipal de Macaé - 40.829

Fonte:E – Cidade - Período da apurado: 01/08/21 até 06/08/2021.

Em 10/08/2021  
  
 Prefeitura Municipal de Macaé  
 Dilma Monteiro  
 Supervisora de Ensino  
 Matrícula 28515

## Anexo B – Relatório de matriculados do CMB

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ

0 - CM BOTAFOGO

ANTÔNIO BICHARA FILHO, 668 - BOTAFOGO

MACAÉ - RJ

27627578

COLEGIOTOTAFOGOMACAÉ@GMAIL.COM - <http://www.macaé.rj.gov.br>

RELATÓRIO DE ALUNOS MATRICULADOS  
Calendário: EJA - 2021 - 2º SEM  
Etapa : TODOS  
Filtro: Turmas

ENSINO FUNDAMENTAL - EJA									
Etapa: ETAPA II	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
AM301 - NOITE	8	0	0	0	0	0	8	35	22
<b>Total da Etapa: ETAPA II</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>35</b>	<b>22</b>
Etapa: ETAPA III	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
AM301 - NOITE	5	0	0	0	0	0	5	35	22
<b>Total da Etapa: ETAPA III</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Etapa: ETAPA IV	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
AM302 - NOITE	10	0	0	0	0	0	10	35	11
<b>Total da Etapa: ETAPA IV</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>35</b>	<b>11</b>
Etapa: ETAPA V	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
AM302 - NOITE	15	0	0	1	0	0	14	35	11
<b>Total da Etapa: ETAPA V</b>	<b>15</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Etapa: ETAPA VI	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
A6301 - NOITE	25	5	0	0	0	0	20	35	15
<b>Total da Etapa: ETAPA VI</b>	<b>25</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>20</b>	<b>35</b>	<b>15</b>
Etapa: ETAPA VII	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
A7301 - NOITE	39	6	0	0	0	0	33	60	27
<b>Total da Etapa: ETAPA VII</b>	<b>39</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>33</b>	<b>60</b>	<b>27</b>
Etapa: ETAPA VIII	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
A8301 - NOITE	56	11	0	1	0	0	44	60	16
<b>Total da Etapa: ETAPA VIII</b>	<b>56</b>	<b>11</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>44</b>	<b>60</b>	<b>16</b>
Etapa: ETAPA IX	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
A9301 - NOITE	62	0	0	0	0	0	62	70	8
<b>Total da Etapa: ETAPA IX</b>	<b>62</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>62</b>	<b>70</b>	<b>8</b>
<b>Total ENSINO FUNDAMENTAL - EJA</b>	<b>220</b>	<b>22</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>196</b>	<b>295</b>	<b>99</b>
TOTAL GERAL									
	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
Somas:	220	22	0	2	0	0	196	295	99
Percentuais:		10%	0%	0.91%	0%	0%	89.09%		33.56%

**PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAÉ**

**0 - CM BOTAFOGO**

ANTÔNIO BICHARA FILHO, 668 - BOTAFOGO

MACAÉ - RJ

27627578

COLEGIOTOTAFOGOMACAÉ@GMAIL.COM - <http://www.macaé.rj.gov.br>

RELATÓRIO DE ALUNOS MATRICULADOS  
Calendário: 2021  
Etapa : TODOS  
Filtro: Turmas

ENSINO FUNDAMENTAL 9 ANOS									
Etapa: 6º ANO	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
F6101 - MANHÃ	27	0	0	1	0	0	26	27	1
F6102 - MANHÃ	29	0	0	0	0	0	29	29	0
F6203 - TARDE	30	0	0	2	0	0	28	28	0
F6204 - TARDE	43	0	0	1	8	0	33	34	1
F6205 - TARDE	26	0	0	0	0	0	26	26	0
F6206 - TARDE	39	1	0	1	0	0	37	37	0
<b>Total da Etapa: 6º ANO</b>	<b>194</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>179</b>	<b>181</b>	<b>2</b>
Etapa: 7º ANO	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
F7101 - MANHÃ	33	0	0	1	0	0	31	32	1
F7102 - MANHÃ	29	0	0	4	0	0	24	27	3
F7103 - MANHÃ	38	2	0	3	5	0	28	35	7
F7204 - TARDE	37	0	0	1	0	0	34	36	2
F7205 - TARDE	35	1	0	3	0	0	30	35	5
F7206 - TARDE	36	0	0	3	0	0	32	35	3
<b>Total da Etapa: 7º ANO</b>	<b>208</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>15</b>	<b>5</b>	<b>0</b>	<b>179</b>	<b>200</b>	<b>21</b>
Etapa: 8º ANO	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
F8101 - MANHÃ	36	0	0	1	0	0	34	36	2
F8102 - MANHÃ	38	0	0	2	3	0	33	35	2
F8103 - MANHÃ	32	1	0	5	0	0	25	29	4
F8104 - MANHÃ	28	1	0	1	0	0	25	26	1
F8205 - TARDE	33	0	0	0	0	0	32	33	1
F8206 - TARDE	25	0	0	0	0	0	24	25	1
F8207 - TARDE	35	0	0	5	0	0	29	32	3
F8208 - TARDE	26	0	0	3	0	0	22	26	4
<b>Total da Etapa: 8º ANO</b>	<b>253</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>17</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>224</b>	<b>242</b>	<b>18</b>
Etapa: 9º ANO	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
F9101 - MANHÃ	36	0	0	2	0	0	34	36	2
F9102 - MANHÃ	35	0	0	2	0	0	33	35	2
F9103 - MANHÃ	32	0	0	0	0	0	31	34	3
F9104 - MANHÃ	26	0	0	1	0	0	25	26	1
F9205 - TARDE	39	0	0	1	0	0	38	38	0
F9206 - TARDE	39	0	0	4	0	0	35	37	2
<b>Total da Etapa: 9º ANO</b>	<b>207</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>196</b>	<b>206</b>	<b>10</b>
<b>Total ENSINO FUNDAMENTAL 9 ANOS</b>	<b>862</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>47</b>	<b>16</b>	<b>0</b>	<b>778</b>	<b>829</b>	<b>51</b>
TOTAL GERAL									
	Matr. Inic.	EVAD.	CANC.	TRANS.	PROGR.	ÓBITO	Matr. Efet.	Vagas	Vag. Disp.
<b>Somas:</b>	<b>862</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>47</b>	<b>16</b>	<b>0</b>	<b>778</b>	<b>829</b>	<b>51</b>
<b>Percentuais:</b>		<b>0.7%</b>	<b>0%</b>	<b>5.45%</b>	<b>1.86%</b>	<b>0%</b>	<b>90.26%</b>		<b>6.15%</b>

## Anexo C – Formulário do Corpo Docente

### Estudo sobre Violência e Juventude

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PESQUISADORA: JOANNA DE ÂNGELIS LIMA ROBERTO

O LUXO E O LIXO: JUVENTUDE NEGRA... ENTRE A COBIÇA, O SILENCIAMENTO E A  
VIOLÊNCIA

#### \*Obrigatório

Endereço de e-mail \*

---

1. Qual sua idade? \*

---

2. Há quantos anos leciona? \*

---

3. Sexo \*

*Marcar apenas uma oval.*

Feminino

Masculino

4. Qual disciplina você leciona e em qual segmento educacional? \*

---

---

---

---

---

5. Durante sua trajetória profissional, percebeu o aumento da violência dentro das escolas nos últimos tempos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

6. Você já sofreu algum tipo de agressão dentro da sala de aula? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

6.1 Em caso afirmativo, quais foram elas?

---

---

---

---

---

6.2 Você prestou queixa ou tomou alguma providência pelo fato?

---

---

---

---

---

6.3 Os agressores foram de qual sexo?\*

*Marcar apenas uma oval.*

Feminino

Masculino

Ambos

7. Você saberia informar quais são os fatores que contribuem para a existência de violência nas escolas? \*

---

---

---

---

---

8. Na sua opinião, o *bullying* é uma forma de agressão? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

9. Você acha que, hoje em dia, a escola pode administrar problemas relacionados à violência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

10. Quais são as consequências da violência na escola? \*

---

---

---

---

---

11. Você acha que as agressões são reflexos da educação que os alunos recebem em casa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12. Você acha que a violência interfere no aprendizado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

13. A pobreza interfere na violência escolar? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

14. Na escola em que você trabalha, existem estratégias de prevenção contra a violência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

14.1 Caso a resposta seja negativa, diga o que a escola deveria fazer para amenizar essa situação?

---

---

---

---

---

15. Para você, a solução passa pelo papel do professor? \*

---

---

---

---

---

16. E quando não há condições estruturais, como salas devidamente aparelhadas ou segurança, por exemplo, o professor teria condições de interferir em situações de violência na escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

16.1 Se for afirmativa, de que maneira?

---

---

---

---

---

Se quiser participar da segunda parte da pesquisa, peço que se identifique para que eu possa entrar em contato. Grata!

---

---

---

---

---

## **Anexo D – Entrevista com a defensora pública de São Paulo Daniela Skromov**

### **ENTREVISTA COM A DEFENSORA PÚBLICA DE SÃO PAULO DANIELA SKROMOV (2016)**

“Chegamos, fomos recebidos a tiros e obrigados a revidar. Atiramos, o suspeito foi a óbito, nenhum policial foi ferido e nenhuma viatura atingida”, lembra a coordenadora do Núcleo Especializado de Cidadania e Direitos Humanos da Defensoria Pública de São Paulo. Acostumada a ajudar as famílias das vítimas de abusos da polícia a buscar reparação do Estado, Daniela questiona o roteiro contado pelos PMs para justificar as mortes praticadas.

“Uma realidade tão complexa comportaria a mesma narrativa sempre? Nos outros crimes de homicídio existem mil dinâmicas: arranhão, crime passionai, jurou de morte...”, afirma a defensora. “Essa é sempre uma narrativa faroeste padrão que desafia a inteligência”. De acordo com ela, se os bandidos atiraram primeiro nesses casos, era natural que fossem bem sucedidos na maioria das vezes, já que têm o elemento surpresa a seu favor. “Mas não é o que ocorre. Ou a bandidagem é ruim de pontaria, de estratégia ou então a narrativa está errada”, diz. “Talvez todas as opções estejam corretas”.

Pergunta. Por que é aceitável socialmente que o morador de periferia tenha um tratamento injusto nas mãos do Estado?

Resposta. Tem uma coisa que é típica de democracias de baixa densidade, sem consolidação, comum em países muito desiguais e com forte herança autoritária, que é o caso do Brasil. Existe uma modulação da percepção de ilegalidade. Não é a violação em si que causa espanto à sociedade, é a qualidade da vítima. É mais ou menos assim: conforme a hierarquia social da vítima me causa mais ou menos espanto a violação do direito dela. Ou melhor, identifico como violação de direito na medida em que a pessoa tem uma posição social mais alta. Se ela tem uma posição social mais baixa, não identifico como uma violação de direito.

P. Como isso se reflete no Judiciário?

R. Essa modulação está presente na leitura dos aplicadores da lei e do sistema de Justiça como um todo: começa com a polícia e acaba com o Judiciário. É como se vários tipos de óculos fossem utilizados para enxergar e detectar se aquilo é uma violação de direitos ou não. Tome como exemplo crimes sexuais. Neles basta a palavra da vítima para condenar o acusado. Isso é muito comum. Costuma se dizer que este tipo de crime acontece na calada, por isso fica difícil ter testemunha. Logo basta a palavra da vítima, mesmo que seja criança, para ser aceita pelas autoridades. Agora veja como é em um caso de tortura de um suspeito, ou de alguém que não tenha a ficha limpa: pode existir um laudo dizendo que ele sofreu lesão, e a palavra dele afirmando que sofreu lesão. Aí o argumento do juiz é: ‘a palavra da vítima restou isolada nos autos’. São dois casos em que a palavra da vítima é encarada de forma diversa. Em um dos casos a palavra serve para condenar, e no outro ela não tem força suficiente nem para dar início a um processo criminal por tortura. Porque não só a vítima é uma pessoa considerada exterminável, alguém cuja palavra vale menos, como os acusados são agentes estatais.

P. Qual a relação que o Ministério Público tem com os suspeitos apresentados pela Polícia?

R. A cadeia é cheia de gente azarada e fisicamente débil. Porque eu digo isso: todo processo que gera uma cadeia é geralmente uma prisão em flagrante, que ocorre na rua ou no

barraco. É um vulnerável que é capturado, seja porque tropeçou, não tem amigos, está fraco fisicamente, ou porque mora em um barraco onde ninguém pede licença para entrar, é passível de invasão. É deste tipo de gente que a cadeia está cheia. Quem coloca elas lá é a polícia, e quem as mantém lá é o MP e o Judiciário. O MP vê nessas pessoas a grande criminalidade, e tem a necessidade de isolá-las do convívio social. Quando na verdade, na maior parte, essas pessoas fazem integram uma criminalidade banal, seja tráfico de pouca quantidade de drogas, sejam crimes sem violência. O MP em São Paulo tem como clientela indesejada - mas que ele detesta e vê como isolável - essa parcela da população, capturada pela polícia e pobre. E no final ele acaba agindo como o braço jurídico da PM. E o público que lota as prisões é em geral esse mesmo público que é morto pela polícia. E aí, me parece que o MP não consegue ter a isenção valorativa necessária para defender essas pessoas contra quem ele próprio estabelece uma cruzada.

P. O promotor Rogério Zaggalo, que em 2013 disse que se a Tropa de Choque matasse manifestantes ele arquivaria o processo, não é exceção?

R. Não. Com a diferença que ele tem menos freios inibitórios. Se bem que agora ele tem moderado suas declarações, talvez por ter sido punido. Mas ele continua sendo um símbolo de um órgão que não cumpre com seu papel fundamental, que seria realizar um controle externo sério, independente e imparcial da atividade da polícia. O que implicaria em assumir investigações.

P. Além de pedir o arquivamento do processo, de que outras maneiras um promotor colabora para inocentar policiais que matam?

R. Às vezes é normal denunciarem policiais para dar uma satisfação social, quando é um caso de muita pressão, e depois pedem a soltura ou fazem uma acusação de baixa qualidade em termos de veemência. É importante lembrar que o tribunal do júri é um pouco como um teatro. Já vi um promotor, durante os júris dos *highlanders*, [apelido dado a um grupo de extermínio da PM que agia na zona sul de São Paulo], que cortavam as mãos e cabeça da vítima, o promotor fazia a acusação lendo ‘bláblábláblá’, e os jurados dormindo. E aí chega o advogado de defesa e faz um espetáculo. No júri, o teatro é meio caminho andado, e às vezes é como se formalmente o promotor trabalhasse na acusação, mas materialmente trabalhasse na absolvição.

P. Os jurados que inocentam policiais mesmo com provas contundentes contra a tropa, o fazem por ideologia?

R. Acho que a resposta transita entre um apoio social, na crença de que essas pessoas [supostos bandidos] devem morrer, porque não valem nada, e o medo. Acho que esses advogados de defesa ganham os casos por instigar algo que é a síntese desses dois discursos. Eles falam para o júri: ‘E depois, quem vai salvar vocês? Quando o bandido chegar vocês vão chamar quem? O Batman?’. É um discurso alterado, inflamado em tom de voz. Os advogados despertam um medo profundo nas pessoas, o que é natural com qualquer um que lida com a polícia quando a polícia está no banco dos réus. Juízes, promotores, defensores... É normal lidar com esse medo, é humano. Você não está falando apenas com uma pessoa armada, mas sim com cem mil pessoas armadas. Existe um espírito de corpo fortíssimo na Polícia.

P. Os promotores têm medo de peitar a polícia?

R. Existem promotores e promotores. Tudo que dá errado é um caldeirão de variáveis, isso é um fenômeno complexo. Existe um apoio ideológico de alguns ao extermínio de indesejáveis. O Zaggalo externou isso. Ele é um símbolo de algo maior. Há uma mistura de apoio ideológico valorativo à cultura da matança, com o medo, com a cultura do compadrio,

com uma cultura burocrática, que é muito comum, de fazer o trabalho nos estritos termos que você dá o mínimo de satisfação social, mas você não toma aquilo para si como algo fundamental. Enfim, típica cultura do serviço público no pior sentido da palavra.

P. Você falou na cultura do compadrio...

R. Sim, ela existe no sistema de Justiça. Policiais militares fazem a escolta de juízes e promotores. Os promotores precisam da investigação da polícia para realizar o seu trabalho, porque ao contrário do que os cidadãos pensam, os promotores não investigam. Eles têm poder para isso, mas não investigam em São Paulo. Em oito anos nunca vi uma investigação autônoma do MP. Raríssimas vezes o juiz pede outro promotor quando discorda do pedido de arquivamento feito pelo MP. Juízes, promotores e defensores convivem diariamente entre si. Já ouvi de juízes: ‘nossa, tive uma briga com aquele promotor, agora não posso me indispor com ele, convivo todo dia com ele’. E pragmaticamente falando, isso acontece. Assim como já ouvi defensor falar: ‘Sei que o que o juiz faz é injusto, mas se eu levar a ferro e fogo todas as decisões dele, ele desconta nos meus réus, ele desconta em outros casos’. É algo pernicioso do hábito, da rotina.

P. As investigações são mal feitas?

R. Muito mal feitas, com muitas falhas. Não temos uma polícia investigativa estruturada, e isso não vale só para homicídios cometidos por policiais. Eu garanto que a imensa maioria dos presos é em flagrante, porque não existe investigação. Na maior parte dos casos que temos aqui, não tentaram nem ouvir testemunhas oculares dos crimes. Sabe aquela diligência de ir ao local e ouvir as pessoas? A imensa maioria dos casos é arquivado sem essa diligência. A maior parte é arquivado sem que se puxe a ficha do PM, sem que se veja em quantos casos com mortes ele já se envolveu. Estamos em uma média de 800 casos de auto de resistência por ano, e a maior parte arquivada sem a devida investigação. A Polícia Civil teria que entregar um produto mínimo, e o promotor, vendo que foi insatisfatório, teria que mandar de volta. Na maioria dos casos a Civil não faz e o MP não cobra nem investiga.

P. Qual o valor da palavra de um policial em um caso de tráfico ou em um auto de resistência?

R. Como não há investigação, a maioria das prisões são em flagrante, e a maioria dos condenados por tráfico são condenados tendo como base apenas a palavra dos policiais. Isso dá um poder de carta branca para os PMs, os juízes talvez não tenham a dimensão disso. Os policiais sabem que chegando lá no processo penal, eles têm o poder acima da lei, porque a palavra deles vale muito mais e vale por si. A maior parte dos autos de resistência é arquivado apenas com a palavra dos policiais como testemunhas, e pasmem, dos policiais envolvidos. Em mais de 90% dos casos isso acontece: o promotor pede arquivamento e o juiz aceita.

P. Como uma investigação precária prejudica o esclarecimento de um suposto auto de resistência?

R. Na maioria dos autos de resistência se diz que os bandidos atiraram primeiro. Não é nem sequer dito nem periciado onde esses tiros foram parar. É um nível baixo, inaceitável do ponto de vista objetivo, seguindo o Código Penal. Em alguns casos os policiais plantam arma na mão do morto, para embasar a versão de que houve confronto. Uma perícia datiloscópica [que verifica impressões digitais], te desafio a encontrar um processo que tem isso. Se fizesse isso nas supostas armas encontradas com bandidos, iria encontrar digitais de policiais. Não se preserva cena do crime... É algo que é arquivado basicamente com base no discurso dos policiais e na desconstrução das vítimas enquanto pessoas. Não existe objetividade e racionalidade, como se esperaria em uma investigação.

## **Anexo E – Roteiro de entrevista para os atores da *web-série***

### Roteiro de entrevista para os atores da *web-série*

#### Contar a história do canal

1. Como e quando começou o canal?
2. Quais as dificuldades que encontraram para o começo do canal?
3. Tinha audiência?
4. A audiência foi crescendo?
5. Depois que foram identificados com o tráfico, como foi? (O que tiveram de alternativa depois do que aconteceu?)
6. Será que essa identificação foi gratuita?
7. O que vocês acham que pode estar por trás dessa associação?
8. O que vocês fizeram para se desassociarem a essa imagem que criaram para vocês?
9. Vocês pararam o canal? Se sim, por quanto tempo? Voltaram ou estão pensando em voltar?
10. Abandonaram a escola?

## **Anexo F – Roteiro de entrevista para os ex-alunos**

### Roteiro de entrevista para os ex-alunos

1. Como você se autodeclara? (Quanto à etnia)
2. Você já sofreu algum tipo de violência?
3. Na sua opinião, está aumentando a violência dentro das escolas nos últimos tempos?  
Se sim, devido a que isso está acontecendo?
4. Que tipo de violência está ocorrendo?
5. Você já se perguntou quais fatores contribuem para a existência de violência nas escolas? O que fazer para amenizar a situação?
6. Você acha que as agressões são reflexos da educação que os alunos recebem em casa?
7. Quais são as consequências da violência na escola? Você acha que a violência interfere no aprendizado?
8. A pobreza interfere na violência escolar?
9. Você acha que a escola, hoje, pode administrar a questão da violência?
10. Para você, a solução passa pelo papel do professor?
11. E quando não há condições estruturais, como segurança na escola, salas devidamente preparadas e aparelhadas, por exemplo, os professores têm condições de superar a falta dessas condições?
12. Como você superou todos os entraves (dificuldades) em seu caminho? Fale um pouco sobre sua caminhada até aqui.